



KATHERINE LACCOM'T

TRILOGIA DONO DE MIM * LIVRO 1



DONO *de mim*



Dono de Mim é uma história de amor que nasce em meio a busca do prazer, em que Manuela, uma mulher forte e inteligente, acostumada a lidar com situações difíceis com todos os tipos de homens devido a sua profissão, encontra Rodrigo Alcântara e Castro que apenas com um olhar a deixa perdida.

Rodrigo é um dos solteiros mais cobiçados do país, um homem bem-sucedido com um império sólido aos seus pés. Dificilmente alguém chama a sua atenção, pois durante toda a sua vida só conheceu o interesse movido pela ganância. As mulheres jogam-se sobre ele, isso não é mais novidade. Até ela aparecer.

Ambos buscam prazer no BDSM. E, apesar de sua personalidade forte, Manuela é uma boa submissa, mas não acredita na expressão “Dono de mim”. Rodrigo, como todo bom Dominador, não abre mão de ser chamado de “Dono”. Entre dominação e submissão, eles serão tragados por um sentimento que desacreditavam... O Amor. Ambos são verdadeiras fortalezas e, nesse duelo de titãs entre jogos de sedução, alguém terá que ceder!

Uma mulher bonita não é aquela de quem se elogiam as pernas ou os braços, mas aquela cuja inteira aparência é de tal beleza que não deixa possibilidades para admirar as partes isoladas.

Sêneca

Prólogo



— Olha, olha, outra fã do Senhor Fodão? – uma voz sedutora dos infernos interrompe-me e aquela vontade de enfurecê-la sempre que posso volta. Encaro-a e respondo:

— Outra de muitas que tenho – aproximo-me dela, coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha e falo em seu ouvido: Você não faz ideia da minha capacidade de seduzir, Manuela. Isso que você viu foi só uma amostra do que posso fazer com uma mulher.

— Muito modesto – ela debocha.

Com o dedão, acaricio exatamente sobre a sua pulsação que, por sinal, está acelerada. Sorrio, sabendo que eu estou provocando isso nela e, para fechar com chave de ouro, mordo o lóbulo da sua orelha antes de falar:

— Mulheres arrogantes como você, Manuela, ajoelham-se e imploram para serem fodidas por mim. Muitas vezes, não preciso nem tocá-las, elas já ficam ofegantes. Sou um encantador de calcinhas, pequena. Jamais duvide da minha pervertida capacidade de sedução.

Afasto-me dela e assisto uma linda mulher ofegante e com olhos semicerrados umedecer os lábios. Sorrio com a certeza de que ela está molhada, excitada. Passo minha mão pela sua nuca e a puxo para perto de mim. Manuela vem sem esforço algum. Parece que, no final, acabei ganhando em seu jogo, não?

— Boa noite, senhorita Vasconcelos. Até amanhã – saio sem dar a oportunidade de ela responder. Respiro sentindo-me vitorioso. — Que os jogos comecem!

Capítulo 01 – Rodrigo



Olho o conglomerado à minha frente e sinto-me satisfeito. Apesar dos problemas, a Construtora Alcântara & Castro valeu todo meu esforço. Venho de uma família tradicional e rica, sobrenome de peso, coisas que não me ajudaram em nada! Ser um adolescente rebelde me rendeu um convite para sair de casa com uma pequena mala. Meus avós me acolheram e, com paciência, ensinaram não só a valorizar as coisas, mas a agregar valores à minha vida. Estudei, trabalhei muito para chegar onde cheguei. Hoje, aos trinta e oito anos, orgulho-me de quem me tornei e sou muito agradecido por onde estou.

Meus problemas na empresa começaram quando me dei conta de que, enquanto eu trabalhava como um cavalo, meu sócio recebia sem fazer nada. Bom, presenteava-se com aumentos de salário e bônus, acho que isso é fazer alguma coisa. Depois de muitos bate-bocas e de intermináveis dores de cabeça, comprei sua parte. Como sou engenheiro, prefiro ficar a cargo dos projetos e execuções, presenteei Arthur, meu irmão, com uma sociedade minoritária para administrar a empresa.

Gosto de colocar a mão na massa, fazer as coisas acontecerem, ver o velho se renovar e o novo surgir do nada. E, para resolver todos os problemas fiscais e financeiros, contratei uma empresa de consultoria de gestão para fazer uma auditoria, reorganizar e remanejar o conglomerado, para não correremos risco de sermos pegos de surpresa por ilegalidades que nem tínhamos conhecimento.

Meu celular toca trazendo-me para a realidade e sorrio ao olhar a tela. Bia é minha irmã postiça, apesar de não sermos irmãos de sangue, foi parceria à primeira vista. Nos encontramos em um momento delicado da vida dela, foi um verdadeiro inferno ver aquela menina com cara de boneca passar por uma doença tão cruel como é o câncer. Felizmente, ela está viva e alegrando a vida das pessoas ao seu redor. É difícil ficar triste com essa figura, seu humor é um pouco peculiar, meio negro, mas a risada é garantida.

— Alô.

— Credo! Que alô xoxo, bonitão. Precisa urgente de uma foda!

Essa menina não tem jeito.

— Vou providenciar isso. Como você está, Bia?

— Estou bem. Como está indo à auditoria na construtora?

— Por enquanto tudo certo, ainda não falei com o auditor responsável, mas Arthur disse que tudo está indo muito bem e que o consultor é muito competente.

— Quando tivemos problemas com o Fisco, eles foram “feras” em descobrir os problemas. Só queria que a Manu não estivesse de licença, ela é perita nisso. Ah, mudando de “saco para mala”, levarei uma amiga no jantar do Steban, então, quero sua carona só na volta.

— Ok. Eu a conheço, Bia?

— Ainda não. Lembra da amiga que conheci no Facebook? Aquela que veio do Rio Grande do Sul há poucos dias?

— Recordo alguma coisa – me preocupo com a Bia e, para ser sincero, tenho receio do mundo virtual. — Ela é como você imaginava?

— Você sabe que tenho poucos amigos, Rô. As pessoas não aceitam muito bem a maneira que sou, e ela é muito parecida comigo no jeito de ser, sem a boca suja, claro. Ela é daquelas certinhas, mulher de negócios. Resumindo, é como se fôssemos amigas desde sempre.

Sorrio com o seu entusiasmo.

— Fico muito feliz, querida.

— Deixe-me ir. Essa sua animação acaba comigo. Credo! Marca uma sessão urgente para se animar, faça esse favor a humanidade. Beijos, garanhão.

Despeço-me e, mesmo depois de desligar, continuo sorrindo. Oh garota desbocada! Então, me dou conta de que realmente estou muito parado. Mas tudo está certo e conforme o planejado, não há desafios e nem ansiedade por alguma coisa. Sinto falta de novidades, de aventuras. E uma sessão de BDSM é uma excelente ideia para relaxar.

Sou um Dominador há nove anos. O BDSM é uma parte importante da minha vida, onde exercito não só a minha dominação, mas também o meu autocontrole. Um processo regado de prazer para mim e, principalmente, para a menina que se submete a mim. O meu alvo é sempre o prazer mútuo, senão não há satisfação no jogo. Sou muito exigente com

quem me serve, gosto de mulheres que entendam exatamente seu lugar e que, quando estiverem em uma sessão, saibam se comportar. Por isso, prefiro as submissas experientes.

Esse é um jogo onde ambas as partes devem saber como jogar, o que esperar. Ninguém entra nesse mundo em busca de amor e, por regra geral, tem que se identificar com a dominação ou submissão, senão a coisa perde o sentido e se torna perigosa. Para servir, tem que estar disposto a servir alguém por desejo. Para dominar, deve o fazer por prazer. Ao contrário do que pensam, não saímos por aí com chicote no bolso e espancando todas que iludimos. É uma busca de prazer em que as pessoas sentem prazer ao se submeter e outras, em dominar naquele momento, naquela sessão. Nem sempre há tapas ou práticas com acessórios, às vezes é apenas saciar a necessidade de alguém, é gozar.

Alcanço o telefone novamente e procuro na agenda uma das meninas que sempre está disposta a me servir.

— Bom dia, Greice.

— Oi, meu senhor – a voz de Greice é sempre tão delicada. É um prazer ter uma boa menina sob meu comando.

— Como você está, menina?

— Bem. E você, mestre Rodrigo?

— Estou bem. Um pouco cansado, mas bem. Greice, está disponível para uma sessão hoje à noite?

— Sim, senhor, estou! – noto a empolgação que se apodera dela. Sei muito bem o efeito que tenho sobre essa mulher e sobre tantas outras.

— Vou buscá-la às oito. Jantaremos e depois iremos ao meu apartamento para uma sessão sem hora para terminar. Quero-a em um vestido discreto, lingerie preta e saltos altos.

— Sim, senhor. Muito obrigada por me procurar, mestre. É sempre uma honra servi-lo.

— A honra sempre é minha, pequena. Até mais tarde.

— Até mais, senhor.

Hoje o dia será longo, minha agenda está apertada com projetos para revisar e, para complicar, no final do dia, tenho uma reunião com o consultor. Sento em minha cadeira para comandar o meu império, algo

nada fácil, mas muito prazeroso, e volto a pensar na auditoria que acontece nesse momento logo abaixo de mim. Eles estão aqui há alguns dias e não há um setor que não elogie o responsável. Vi algumas pessoas reclamando que, às vezes, o “chefe” é muito arrogante. Mas, se não for assim, nada entra nos eixos.

Agradeço aos céus por ter salvado meu trabalho da lama antes que o pior acontecesse, volto a comandar meu conglomerado com mãos de ferro! Mas, agora, meus pensamentos estão na criação de uma cena para logo mais, à noite. Noite... essa, sim, será um espetáculo.

Capítulo 02 – Manuela



— Deus, diga-me para que esse calor infernal antes do verão? Não suporto o calor, sinto-me mal e um pouco assada...

O Rio de Janeiro é lindo! Um espetáculo da natureza, belas praias, pessoas lindas, mas um inferno de calor. Cheguei à cidade há pouco tempo, pois fui promovida a vice-presidente da *Ideal's Auditoria & Consultoria em Gestão Empresarial* e isso requeria a mudança para perto da matriz. Com a promoção, vieram os problemas da mudança, a dificuldade de adaptação e o estresse da cidade grande.

No momento, estou de licença, segundo o enxerido do médico, o estresse elevou minha pressão e o fato de ter quase infartado exigia um afastamento imediato. Então, parei de trabalhar, um pouquinho... bem pouquinho mesmo. Amo meu trabalho, sou louca pelo que faço! Cursei Direito, mas a vida me levou por outros caminhos. Fiz mestrado e doutorado em Gestão Empresarial e tenho dois *MBA's* em Administração e Relações Internacionais. Gosto de negociações difíceis, da correria em atender um prazo e a pressão para atingir um objetivo me faz ser melhor no que faço.

Ah, sim... sou boa no que faço e muito modesta também!

Como um de nossos auditores teve uma emergência familiar, assumi a consultoria em uma importante construtora do país. Clientes de grande porte exigem atenção extrema e minuciosa. E, depois de alguns dias passando um pente fino na empresa, minha equipe e eu chegamos à conclusão de que houve grandes retiradas por parte do sócio. Retiradas essas que não estavam contabilizadas onde deveriam, podendo, assim, dar algum problema em uma eventual fiscalização. Mas a empresa é sólida, o rombo não chegou a fazer cócegas no patrimônio e ela continua tão limpa como antes.

Olho para o relógio e espanto-me ao ver a hora.

— Caramba, Alberto! O dia passou voando – ajeito minhas coisas

para sair. — Daqui a pouco vou me encontrar com o presidente da empresa e apresentar os resultados da auditoria. Mas estou com tanta fome!

— Quer que eu traga algo para você? – Alberto se oferece educadamente. Ele é um dos contabilistas que compõem a equipe que participou desse projeto.

— Não, obrigada! Daqui já vou para casa – antes de sair, volto-me para ele que também já guarda suas coisas e falo: Você fez um ótimo trabalho. Bom, todos fizeram. Foram excelentes!

Ele sorri.

— Somos bons porque temos uma chefe ainda melhor – *puxa-saco!*

— Não é para tanto – respondo, tentando parecer séria e falho. — Mas seu elogio fez meu dia valer a pena.

Caminho pelos corredores, cumprimentando os colaboradores da construtora. Durante os dias que passei aqui, fiz bons amigos e aprendi mais que ensinei. Logo que cheguei, disseram-me que os irmãos Alcântara e Castro eram bonitos, acreditei até conhecer Arthur. Ele não é bonito, de jeito nenhum, o cara é um espetáculo. Simpático, educado e muito galinha! O tipo de qualquer uma... ou de quase qualquer uma. Suas palavras bonitas e belos olhos verdes não foram suficientes para me fazer cair em suas graças.

Agora, vamos conhecer o todo-poderoso, senhor de todas as falas arrastadas e suspiros das funcionárias dessa empresa. Segundo a menina do departamento pessoal, ele faz a calcinha de qualquer uma molhar só com um olhar. Sei e Papai Noel existe! Ando confiante para encontrar-me com quem paga!

Assim que chego à presidência, dou de cara com a secretária não muito simpática.

— Boa tarde, Márcia. Tenho uma reunião com o senhor Rodrigo.

— Só um momento – o que essa garota pensa da vida com essa cara de deboche? Ah, claro, deve ser o caso do chefe. Sente-se a rainha da cocada preta por deitar na cama ou na mesa do todo-poderoso.

— Obrigada, flor! – não sou falsa, só um pouco simpática demais com algumas pessoas.

Espero o momento que a senhorita “eu me acho” solicitou, olhando

meu celular e me divirto com as mensagens da minha amiga Bia. A garota é completamente maluca, tem um rosto de anjo e a boca mais suja que já vi na vida. Mas não há coração maior, um doce de menina que, às vezes, pode ser um pouco ácida, e só os fortes aguentam sua sinceridade. Descobri que ela é minha metade, ela é o que eu não sou... Na verdade, ela é o que eu gostaria de ser, um espírito livre que não mede palavras e, assim, nos completamos. Às vezes, tenho a nítida impressão de que somos amigas desde sempre.

A secretária com um péssimo senso de moda tira-me do devaneio:

— Senhorita Vasconcelos, acompanhe-me por aqui – ela caminha à minha frente e abre as portas duplas logo atrás de sua mesa. — Pode entrar, o senhor Castro a espera.

— Obrigada, Márcia. Você é um encanto – *e o senhor Castro vai ficar muito feliz em saber que a secretária dele não só era amante do ex-sócio mas também foi beneficiada com as retiradas.*

Entro em uma belíssima sala estilo *clean*. A cor preta mesclada com alumínio domina o ambiente. A parede que fica atrás da grande mesa chama a minha atenção. Ela é toda em vidro, fazendo com que o ambiente fique maior e mais claro. Também acredito que possa ver todo o conglomerado daqui. E, debruçado sobre a mesa, está um belo homem. Põe belo nisso: cabelos claros, pele dourada, braços longos e mãos... que mãos!

Concentra, criatura!

— Senhor Castro? – ele levanta a cabeça e... *PUTA QUE PARIU!* São os olhos mais azuis que já vi.

— Boa tarde, senhorita Vasconcelos.

O homem dá a volta em sua mesa e vem até mim com toda sua glória gostosa e aperta minha mão. *Oh, Senhor das mulheres em perigo!* A voz grave é de fazer qualquer uma imaginar o pecado.

— Como tem passado?

— Muito bem, senhor. Obrigada por perguntar – esforço-me para ser o mais profissional possível.

— Por favor, chame-me de Rodrigo – ele aponta a cadeira. — Sente-se.

— Obrigada. Se não for incômodo, prefiro que me chame de

Manuela.

— Claro! Lindo nome, por sinal. Então, senhorita Manuela, qual foi o resultado da auditoria? – seu olhar intenso puxa-me como se fosse um ímã.
— Manuela?

— Oh, sim! O valor é mais baixo que a sua estimativa inicial. Mas não é um valor insignificante a ponto de relevar – entrego-lhe alguns papéis. — Não ocasionou sérios prejuízos, só que, de agora em diante, requer mais atenção.

— Certo – ele fala distraidamente enquanto folheia as páginas.

Passamos horas discutindo todos os pontos, valores e soluções. E, por diversas vezes, peguei-me sentindo pena de que a minha parte tenha acabado hoje. Gostei dele, faríamos uma bela parceria profissional.

— Manuela, sei que sua parte termina aqui, mas eu gostaria de saber se é possível que você esteja à frente da reorganização da empresa – seu olhar e sua voz fazem com que eu me distraia novamente. — Você passa confiança, fala com propriedade e seriedade. Tudo isso indica que você é excelente no que faz e gosto disso, gostei de você.

Papai Noel existe!

— Olha, Rodrigo, seria um prazer...

Ele corta-me:

— Mas? – um sorriso surge no canto de seus lábios. *Senhor...*

— Não há um “mas”. Como estou de licença, posso dedicar boas horas para arrumar tudo em pouquíssimo tempo.

— Não nos preocuparemos com o tempo, terá o que for preciso. Sei que pago um valor fechado pelo serviço, agora teremos que negociar o novo valor. E, como você está de licença, merece que seu trabalho seja recompensado em dobro – abro a boca para dizer que não é necessário, mas ele levanta a sua mão e corta-me: — Faço questão e assunto encerrado.

Ok, bonitão! Quem sou eu para discutir.

Nesse momento, alguém entra como um furacão, falando alto e batendo a porta.

— Rô, qualquer hora dou uns tapas nessa sua secretária “protótipo de cruz credo”!

Logo que me recupero do susto, percebo quem é a visita inesperada.

— Bia?

— Manu! – ver aquela boneca de braços abertos me faz bem. Desde que cheguei aqui, ela e sua família tem sido minha tábua de salvação. Amo minha amiga. Só não suspeitava que ela era alguma coisa do *Senhor Fodão*. Ela solta-me e volta-se para ele: Rô, passei aqui para entregar um bolo que a mãe fez para você, cenoura com cobertura de chocolate.

Eles formam um lindo casal. E é melhor eu me retirar.

— Bom, já está na minha hora. Não vou mais atrapalhar – dou um passo à frente e estendo a minha mão. — Rodrigo, nos vemos...

— Não! – os dois falam em uníssono. *São tão sincronizados*.

Bia sorri e me puxa pela mão estendida.

— Manu, quero lhe apresentar o irmãozão que cuida de mim desde sempre, Rodrigo Alcântara e Castro. Rô, essa é a amiga que recentemente chegou do Sul, Manuela Vasconcelos.

Irmão? Oh, yeah, baby! Estamos de volta no jogo. Percebo a loucura que a minha cabeça começa a criar e recomponho-me.

— Fiquei feliz em vê-la, boneca, mas preciso ir. Tenho que passar no escritório antes de voltar para casa. Rodrigo, foi um prazer conhecê-lo e agradeço pela confiança – ele aperta minha mão e a segura por mais tempo que o necessário.

— O prazer foi todo meu, Manuela. Fiquei encantado em saber que você é a famosa amiga da Bia, ela fala muito de você. Muito bem, por sinal.

— Espera aí, Manu – ela vem até mim e olha fixamente para o meu pescoço. Coloco a mão na intenção de tirar sua atenção de mim, mas ela continua: Cadê sua coleira? – *morri!* Bia nota meu desconforto e acrescenta: — Rodrigo é um mestre Dominador. E, antes que o senhor fale algo, ela é uma submissa que há poucos dias tinha uma coleira...

Corto-a:

— Devolvi. Entre problemas e distância, o melhor era devolvê-la – volto para o lindo homem à minha frente. — Mais uma vez, obrigada, senhor Rodrigo. Até amanhã. Bia, nos falamos depois.

Saio sem graça e querendo matar aquela peste. Ela me paga!

Capítulo 03 – Manuela



Que dor de cabeça! Essa enxaqueca tem acabado comigo, nem mesmo o estímulo de ver o Senhor Fodão torna essa dor suportável. Com dificuldade, levanto da cama e me arrumo. Saio de casa e sou recebida pelo trânsito infernal para piorar minha indisposição. Depois de quase duas horas no tráfego, estaciono na garagem da construtora.

Após as dificuldades superadas para chegar aqui, tenho que enfrentar a secretária sem vontade, sem noção e, pelo jeito, sem espelho. Será que não disseram a ela que blush não deve ser usado dessa maneira? Aproximo-me da mesa.

— Bom dia, Márcia. Será que o Rodrigo pode me atender?

— Bom dia, senhorita Vasconcelos. Para falar com o SENHOR CASTRO, você deve agendar um horário, pois ele não atende fora da agenda.

Ela volta-se para o computador e ignora-me.

— Desculpe por insistir, mas o meu tempo é precioso, e eu realmente preciso falar com ele. Talvez você consiga um encaixe entre horários na agenda dele ainda pela manhã – insisto.

— Infelizmente, não poderei...

Juro por Deus que, se essa criatura continuar com isso, vou pular na garganta dela.

— Algum problema? – uma voz grave fala atrás de mim e, sem virar, já sei a quem pertence. Mas o mais interessante é que a secretária ranzinza de repente está mais iluminada do que o réveillon de Copacabana. Esse é o efeito que o príncipe das mulheres, Arthur Alcântara e Castro, causa quando aparece.

— A senhorita Vasconcelos está insistindo em falar com o senhor Castro, e eu estava explicando que não é possível sem...

Ele a corta:

— Por que não é possível? Acabei de encontrá-lo aqui na entrada – ele aproxima-se de mim e beija minha face. — Você está abatida, gatinha – sem tirar os olhos de mim, ele fala com a secretária. — Encontre-o e diga que a Manuela o esperará em minha sala. E enquanto isso, Márcia, traga-nos café e água.

Arthur coloca sua mão sob meu cotovelo e leva-me para sua sala. Como um cavalheiro que é, abre a porta e ajuda-me a sentar em uma das cadeiras em frente à sua mesa.

— Obrigada, Arthur, eu não estou muito bem hoje e aquela garota quase conseguiu me tirar do sério – falo com desânimo.

— Ela deve estar irada por causa do aviso prévio – Arthur fala.

— Então, o Rodrigo já a avisou.

— Sim, ontem mesmo. Logo depois que você saiu, ele a chamou para tirar toda a história a limpo e a mandou para o departamento pessoal em seguida – ele conta.

— Infelizmente, era a solução mais sensata – digo com pesar. — Ela pode estar com o Paulo ainda e é fácil tirar informações daqui para levar a ele. Infelizmente, temos que prevenir esse tipo de coisa.

— Verdade. Suas sugestões foram bem-vindas, sua ideia de realocação de funcionários é excelente – Arthur fala enquanto mexe nos papéis que entreguei ao seu irmão.

— Obrigada!

Com uma batida na porta, dona Sônia, a copeira, traz o café em uma bandeja linda e os seus famosos biscoitos amanteigados. Adorei conhecê-la. Ela é uma senhora guerreira que trata os colegas de trabalho como seus filhos e comigo não foi diferente. Estive aqui por pouco tempo, mas sempre foi atenta a mim e delicada.

Fico impressionada ao ver Arthur, um dos donos do império, ir até a mulher e abraçá-la. Esses homens são diferentes, bem-educados, tratam todos com muito respeito, não importa quem seja. Ao conhecê-los, podemos constatar o motivo de tantos elogios.

— Bom dia, dona Sônia. A senhora me mima com esses biscoitos – ele fala já tirando um do prato e jogando na boca.

— Bom dia, menino bonito.

Vindo em minha direção, levanto-me e a recebo de braços abertos. Acho que é carência, longe de casa, longe da família, acabo me apegando a pessoas que me tratam com tanto apreço.

— Bom dia, mulher chique! – ela fala, sorrindo. — Estava me perguntando de você. Está tudo bem? Parece pálida, você tem se alimentado? Você é danada, esquece de comer quando está trabalhando.

Sorrio ante sua preocupação.

— Bom dia, dona Sônia. Estou bem, sim, só o que me faltava era o seu café!

De repente, o ar da sala muda. E a voz melodicamente grave do Senhor Fodão transpassa e faz-me arrepiar.

— Ah, eu também quero um cafezinho, dona Sônia – ele diz e dá um beijo no topo da cabeça da mulher. Tocante.

— Bom dia, meu filho. Como você está?

Ela pergunta com verdadeira preocupação de mãe, e ele abre um lindo sorriso, respondendo com carinho.

— Estou bem. E a senhora?

— Estou bem, também – ela coloca suas mãos no rosto do homem e o vira de um lado para o outro. — Hum... pelo visto, a noite foi boa.

— Foi... boa – Rodrigo fala com hesitação. Pelo jeito, não foi tão boa assim, não é, gostosão?

— Vou buscar seu café e um pãozinho para a menina Manu. Essa aí, se deixar, toma esses remédios fortes sem comer.

Fico de boca aberta enquanto a tiazinha sai. Rodrigo volta-se para mim e, encarando-me, pergunta:

— Bom dia, Manuela. Está tudo bem?

Balanço a cabeça e respondo:

— Bom dia. Não, só uma dorzinha de cabeça chata, nada de mais.

— Se você não estiver bem, podemos marcar outra hora – fala.

Receber atenção de um bonitão desse não é bom. Nada, nada bom!

— Se eu ficar em casa, vou explodir. Prefiro gastar minhas energias em algo que gosto.

— Certo. Mas, se você se sentir mal, irá para casa. E isso é uma ordem.

— Sim, senhor. Obrigada pela preocupação.

Arthur, que eu tinha esquecido a presença, fala:

— Eu faço questão de levá-la para casa, gatinha – nessas horas que percebo porque o chamam de príncipe das mulheres, o cara é quase irresistível. O seu sorriso é deslumbrante.

— Obrigada pelo gatinha e pela carona. Lembrarei com carinho.

Rodrigo parece incomodado quando fala:

— Se eu estiver atrapalhando, posso me retirar.

Sem perder a chance de provocar o irmão, Arthur dá a volta na mesa e beija minha mão.

— Fique tranquilo. Manu é imune aos meus encantos.

Não perco a virada de olhos de Rodrigo antes dele se virar e sair em direção à porta.

— Vamos para minha sala, Manuela. Arthur, peça a dona Sônia para levar o café para lá.

Sem dar chance a ninguém para responder depois de sua ordem, Rodrigo sai, tendo-me em seu encalço. De longe, aceno para Arthur, que fica rindo como um lunático. Homens! Passando pela secretária, ele nem se dá ao trabalho de olhá-la quando fala:

— Márcia, estarei em reunião com a Manuela pelas próximas horas. Não quero ser incomodado por nada e nem ninguém!

Assim que chegamos à sua sala, ele abre a porta e espera que eu passe. Sento-me na primeira cadeira em frente a ele e logo retiro minhas anotações para começarmos a bendita reunião. Todo o afeto que o homem demonstrou com a senhorinha acabou. E seu olhar gélido faz um calafrio percorrer meu corpo. Balanço a cabeça para desfazer a luxúria e disparo meu canhão de palavras.

— Ontem, ao final de nossa conversa, você encarregou-me de contratar uma nova secretária para a presidência – ele assente. — Antes de

sair daqui, liguei para uma agência, solicitando pessoas com um perfil adequado aos propósitos. Eles enviarão seis candidatas hoje no período da tarde para a entrevista. E, como chefe, acredito que você queira participar desse processo.

Ele recosta-se na cadeira e abre seu terno. Daqui, enxergo um espetáculo de homem sentado em seu trono, sabendo exatamente o efeito que causa nas mulheres tontas como eu. Eu daria para ele sem remorso algum... naquela cadeira... sem roupa...

— Manuela? – olho-o assustada. Eu não falei isso em voz alta, falei? Antes que eu abra a boca, ele continua: — Gosto da sua agilidade. Você é das minhas, as coisas são para ontem.

Você não faz ideia, bonito! Limpo a garganta.

— Há algo que eu quero conversar com você.

Ele encara-me como se pudesse ler a minha alma:

— Você deve me falar tudo o que pensa, sempre. Pois, por algum motivo, eu desejo saber o que se passa nessa cabeça brilhante.

Oi? Devo ter perdido algum capítulo dessa novela...

— Sim... certo... então... a nova secretária... – *se concentre e fique longe desse homem, Manuela. Palavras bonitas e frases de efeito não nos comove! Ookkaayy... só um pouquinho talvez...* — Não costumo indicar pessoas para trabalhar, mas há alguém que, a meu ver, será perfeita para o cargo de secretária. Tenho certeza que ela dará conta tranquilamente dos dois.

— Indicação vinda de você é importante. E quem é?

— O nome dela é Maria Eduarda. A Bia pode ser sua referência, pois são amigas e foi quem me apresentou a ela. Sei que a Duda está procurando um emprego e está um pouco ansiosa para isso. Pelo pouco que a conheço, acredito ser uma boa opção – digo com veemência.

— Acredito que também já a vi, mas nunca conversamos. Chame-a, se você tiver certeza que ela será boa para ocupar a vaga, pode contratá-la. E prefiro que você se encarregue totalmente dessas entrevistas, só quero que diga quem é a finalista quando terminar. Mais uma coisa, Manuela, a nova secretária deve ser imune ao Arthur, quero alguém que eu não precise me preocupar se vai pular na cama dele ou tentar deitar na minha – ele faz

uma careta. — Parece arrogância da minha parte, mas já passamos por isso e a experiência não foi boa em nenhuma das vezes. Quero evitar aborrecimentos o máximo possível. E não menos importante, preciso que ela seja leal a nós.

— Entendo perfeitamente, não se preocupe. Vou entrar em contato com a Maria Eduarda e marcar com ela para hoje junto com as outras meninas.

Faço algumas anotações em meu caderno até que Rodrigo rompe o silêncio.

— Sua dor de cabeça melhorou? – *se ele continuar a me olhar assim, não dará certo.*

— Sim – guardo minhas coisas rapidamente e levanto. — Até mais tarde, senhor Rodrigo.

— Somente Rodrigo – um sorriso de canto desponta naquela boca. — Quero que me chame pelo meu primeiro nome, Manuela.

— É melhor que seja assim, senhor Rodrigo. Quanto mais profissionais, melhor! – *eu preciso que seja assim, pois minha cabeça está me traindo.*

Ele bate na mesa com as pontas dos dedos como se não ligasse para aquela interação. Sem calor algum em sua voz, ele solta:

— Se é assim que deseja, assim será! Até mais tarde, senhorita Vasconcelos.

Um tapa na cara da realidade é sempre uma boa pedida quando a cabeça está pensando em decolar para as nuvens.

Capítulo 04 – Rodrigo



Assisto a consultora sair da minha sala sem conseguir desviar os olhos do seu andar. *Deus!* Como a mulher é estranha, toda certinha e meio arrogante. Essas executivas me irritam, pois são mulheres que vivem somente para o trabalho, que não sabem o valor de um tratamento ameno. A tal da senhorita Vasconcelos é a verdadeira Rainha do Gelo.

Eu não sei porque cargas d'água fiquei irritado com o jeito dela, mas aquele "quanto mais profissional, melhor..." tirou-me do sério. Eu sou um profissional do caralho. Em nenhum momento faltei com respeito. Acho que eu deveria ensinar uma lição a ela. Amarrá-la na cama e fazê-la gozar até que não tivesse forças para gritar mais.

Respire fundo... expire... certo... conte até dez... um, dois, três... eu a ataria e estimularia até ela implorar como uma louca para ser penetrada... quatro... ela deve ser uma delícia... sete... a saia justa salientava sua bunda... dez... Ah, esquece!

Ontem a sessão foi... boa. Greice é uma boa menina, faz de tudo para me agradar, só que não foi do jeito que eu esperava. Aliás, há muito venho sentido falta de algo, só não sei dizer o quê. Tenho tudo, o que me falta? Não sei. Talvez eu precise de algo que me surpreenda, que me tire da zona de conforto, já que está demasiadamente cômodo.

Volto minha atenção ao projeto à minha frente. Foco naquilo que realmente é importante, naquilo em que sou bom, o meu trabalho. E, assim, passo o dia, entre traços e números, sem me dar conta de que as horas voaram. Nem saí para almoçar, precisava adiantar isso. Olho para fora, vejo o sol brilhando e preparo-me para ir embora, quem sabe correr na praia, dar um mergulho e...

Quando estou de pé para sair, Márcia entra e anuncia Manuela. *Merda!*

— Assim que eu a despachar, também irei embora, Márcia. Se ficou algo pendente para ser resolvido, terá que ser amanhã. Mande-a entrar.

— Sim, senhor.

Minutos depois, Manuela entra em minha sala. Ela é muito elegante

e muito bonita. Mulher decidida, de passos firmes, sabe onde vai e aonde quer chegar. Sua pele negra da cor do pecado e seu corpo exuberante fazem o mais santo dos homens pecar. Eu não sou admirador de cabelos curtos em mulheres, prefiro mechas longas em que eu possa enrolar a mão, mas esse corte pelos ombros com as pontas para fora combinou bem com ela, a deixa mais...

Agora fodeu de vez! Comecei a poetizar a Rainha do Gelo.

— Então, senhorita Vasconcelos, em que posso ajudá-la?

Percebi que, de vez em quando, ela levanta a sobrancelha esquerda, acredito que faça isso sem nem ao menos perceber e o gesto a torna sexy pra caralho! Enquanto ela ajeita-se na cadeira, dou a volta em minha mesa e escoro-me no móvel, de frente para a mulher que não tira seus olhos de mim.

— Passei a tarde entrevistando várias meninas e algumas foram descartadas antes mesmo de abrir a boca. Mas, como já havia lhe dito, a Maria Eduarda será perfeita para a vaga – ela informa sua decisão. — Acabei de conversar com ela e, como você ainda está aqui, achei importante acertar alguns detalhes com ela em sua presença, já que a moça trabalhará diretamente com você.

— Será rápido? – Manuela não para de balançar seu pé esquerdo, o que me diz que está incomodada. Será a minha presença? Bom, não será hoje que descobrirei. Estou cansado e quero terminar isso de uma vez. — Tenho um compromisso logo que sair daqui e você sabe, não é elegante deixar ninguém esperando.

— Em um piscar de olhos, o senhor voará para seu compromisso. Eu lhe garanto! – ela fala secamente.

— Ok. Então, chame-a – volto para a minha cadeira e recosto-me confortavelmente.

Cara, duvido que essa mulher seja submissa, não há nada de submisso nela. O coitado do homem que jogava com ela deve ter cortado um dobrado em sua mão. Manuela volta acompanhada por uma mulher tão deslumbrante quanto ela. Alta, cabelos com grandes ondas e olhos verdes brilhantes. O problema não será segurá-la em relação ao Arthur, e sim segurar o homem.

A senhorita Vasconcelos faz as apresentações e segue acertando os

detalhes da contratação da Maria Eduarda ou Duda, como prefere ser chamada. Minha atenção volta-se para a presença forte de Manuela, ela é bem articulada e, pelo pouco que conversamos, é muito inteligente e perspicaz. Gosto disso, é um bálsamo quando se vive em torno de mulheres que acreditam que aparentar fragilidade é uma arma eficiente para conquistar um homem.

Como seria ter uma mulher dessas aos meus pés? Volte para realidade, camarada! Nós não queremos nada com ela, pois sabemos que ali as coisas nunca seriam simples.

— Quando começo? – a pergunta da nova funcionária traz-me à realidade novamente.

Manuela sorri e, dessa vez, sou eu que desvio o olhar daquela mulher. Bato na mesa chamando a atenção das duas e falo:

— Pode começar imediatamente! Manuela, leve a Maria Eduarda ao departamento pessoal e providencie a contratação imediata. Os documentos faltantes ela poderá trazer amanhã. Assim, teremos tudo pronto e regularizado até segunda-feira. Seja bem-vinda, Maria Eduarda.

— Obrigada, senhor.

Maria abraça Manuela, que demonstra afeto recíproco. Pelo jeito, há pessoas que conseguem derreter o gelo do coração da rainha. Manuela volta-se para mim com um sorriso indecente.

— Até mais, senhor Castro. Tenha uma excelente noite.

Dou meu melhor sorriso descarado.

— Terei uma noite deliciosa. Pode ter certeza, senhorita Vasconcelos.

Nesse jogo, dois podem jogar tranquilamente, gostosa!

* * *

— Boa noite, cara. Fico feliz que tenha chegado – Steban, o anfitrião da festa que também é o meu melhor amigo, cumprimenta-me.

— Boa noite, Steban. Vejo que estava com saudades de mim – provoco-o.

— Faz tempo que não nos falamos, idiota. Só isso – ele faz uma careta enquanto fala.

— Todos já chegaram? – pergunto.

— Não. Bia não chegou ainda – se eu não o conhecesse Steban quase a minha vida inteira, não teria percebido a mudança na entonação de voz ao falar o nome daquela desbocada da Bia. Ainda pergunto-me porque não estão juntos novamente. O que os impede?

Um garçom passa com uma bandeja, e eu pego uma taça de vinho. Eu não bebo, mas algo me diz que precisarei dessa dose de álcool.

— A tal amiga é a Manuela Vasconcelos? – pergunto.

— Você a conhece?

— O mundo é pequeno. A mulher é a consultora que está na empresa para auditoria.

— Pelo modo que você falou dela, não é um admirador – Steban analisa-me. E é a minha vez de fazer uma careta.

— Executivas, sabe como é – falo sem emoção e viro o restante da bebida na boca.

— Executiva tipo Dilma Roussef ou Cristina Kischner? – olho-o com curiosidade, esperando a explicação para aquela pergunta. — Tipo homem de saia como a Dilma ou tipo uma linda testa de ferro como Cristina?

— Tipo uma mulher arrogante. O inferno de uma linda mulher arrogante. Respondido? – o silêncio do meu amigo chama a minha atenção e vejo que está encarando-me com um sorriso debochado. — Mulheres assim não fazem meu tipo, você sabe muito bem disso. Ela só me irrita – *e eu nem sei o porquê*. Mas isso eu não posso dizer a ele.

— Não faz seu tipo... interessante.

— Vá se foder, Steban! – quanto mais falo, mais ele ri. *Imbecil*.

E com um *timing* perfeito, quem aparece? Sim, ela! A Rainha do Gelo em pessoa juntamente com Bia que, assim que nos enxerga, vem em nossa direção com os braços abertos. Essa pequena desmiolada é meu orgulho.

— Rô, que bom que já chegou. Estava falando para a Manu que ela não precisa se preocupar porque, além de mim, tem você como conhecido.

— Boa noite, Bia – falo enquanto beijo seu rosto.

Bia vira para Steban e abre um sorriso que só é dirigido a ele.

— Boa noite, bonitão – desde que se deixaram, já tentaram relacionamentos com outras pessoas, mas nenhum deu certo. Também, só ele para dar um jeito nessa garota.

— Boa noite, menina Bia – eles se beijam no rosto. Mas o beijo é demorado demais. Limpo a garganta, então Steban vira-se para a senhorita Vasconcelos e alcança a sua mão. — Você deve ser a famosa Manuela. Fico feliz em conhecê-la depois de tanta propaganda. E, devo confessar, nenhuma delas fez jus a você.

Afinal, em que time esse infeliz está jogando? Como toda boa moça, ela abre um sorriso e o cumprimenta com demasiada simpatia.

— O prazer é todo meu, Steban – ela o cumprimenta e, por algum motivo inexplicável, tenho o impulso de tirar aquele sorriso dos lábios dela.

— Mestre. Ele é mestre Steban, senhorita Vasconcelos.

— Steban, é um prazer conhecê-lo e muito obrigada por ter estendido o convite até mim – ela volta-se para mim com ira, faiscando como fogo em seu olhar. — Boa noite para você também, senhor Castro. E, no que diz respeito a nomenclatura dos senhores, sinto decepcioná-lo, porque hoje, aqui, estamos como amigos e, até onde eu sei, nenhum dos dois detém posse da minha submissão.

— Achei que vocês tinham se tornado amigos – Bia fala desnecessariamente. — Eram Rodrigo e Manuela e agora estão se tratando assim, por senhor e senhora?

— O senhor Castro e eu achamos melhor nos tratarmos com todo o profissionalismo possível – ela me olha com aquela sobrancelha arqueada. *A Rainha do Gelo quer jogar? Então, vamos jogar!*

— A senhorita Vasconcelos estava começando a me achar encantador de um modo não profissional. Então, ela decidiu que devíamos voltar às formalidades. Como se fosse possível fugir de mim – pisco para ela e sorrio.

Eu também sei jogar.

— Ah, senhor Castro. Você é sempre tão gentil e modesto, combinação perfeita para um príncipe. Uma pena que eu não acredite em contos de fadas! Sua legião de fãs deve adorar isso, não?

Ela se afasta, deixando Bia e Steban boquiabertos olhando para mim.

— O quê? – questiono irritado.

— Não sei o que foi isso, cara. A única coisa que digo é: sou fã dela. Vou perguntar se Manuela quer algo – Steban sorri. — Tenho sua permissão, Rodrigo?

— Vão achar o que fazer! Não há nada entre mim e a Rainha do Gelo, se não fosse pela empresa, estava correndo léguas dela.

— Temos um sorteado, menina Bia?

— Sim, senhor Steban. E, pelo jeito, o prêmio é um coração apaixonado.

Sem nenhuma paciência para brincadeira, aponto para os dois.

— Vão se foder, os dois! Jamais me envolveria com o tipo dela. As executivas são frias e na cama são um horror. Tenho dificuldade em acreditar que ela seja submissa. E se for, tenho dó do coitado que tentar domá-la. É capaz dela colocá-lo de quatro e chicoteá-lo – eles riem incontrolavelmente. — Posso saber por que estão rindo?

— Nada! – ambos respondem.

Mostro o dedo do meio para ambos, viro as costas e saio. Ando entre os convidados que são amigos ou só conhecidos; dominadores, dominatrix, submissos, submissas e poucos baunilhas. Somos um grupo fechado, muitos, como eu, têm sobrenomes conhecidos, tradicionais, sofremos com fotógrafos, site de fofocas, colunas sociais detestáveis... todos que estão aqui fogem disso, já que não podemos fugir de quem somos e dos sobrenomes que carregamos.

Assim que sento para jantar, encontro à minha frente aquele par de olhos negros que vem irritando-me. *Dou um milhão de reais para quem adivinhar quem é a pessoa. Alguém? Plim, plim, plim.... Sim, ela mesma, a Rainha do Gelo!* Durante a refeição, converso com quem está ao meu lado. Mas não deixo de notar os idiotas que não param de babar sobre ela. Coitados! Não fazem ideia do que os espera.

Após o jantar, vou até a varanda para respirar o ar que vem do mar. O cheiro renova minhas forças e som das ondas desperta meu desejo de um mergulho.

— Senhor Rodrigo? – volto-me para ver Paula, uma bela menina que

já foi minha submissa. Por que terminei mesmo?

— Boa noite, Paula. Como está? Faz tempo que não a vejo.

— Estou bem, mestre. Estava no lugar de sempre, à sua espera... q-quer dizer, à espera de uma chamada sua – ela corrige-se.

Agora lembrei por que terminamos. Ela queria namorar sério, com aliança de compromisso e promessa de casamento. Eu não estou disponível para esse tipo de relação, aliás, estou fugindo disso. O que posso oferecer é a relação Dom/sub com um belo contrato, orgasmos múltiplos e um “até a próxima”.

— Ando muito ocupado, a empresa tem tomado todo o meu tempo – respondo. — Com licença, Paula. Vou me despedir de Steban porque estou partindo.

— Boa noite, Mestre.

— Boa noi...

— Olha, olha, outra fã do Senhor Fodão? – uma voz sedutora dos infernos interrompe-me e aquela vontade de enfurecê-la sempre que posso volta. Encaro-a e respondo:

— Outra de muitas que tenho – aproximo-me dela, coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha e falo em seu ouvido: — Você não faz ideia da minha capacidade de seduzir, Manuela. Isso que você viu, foi só uma amostra do que posso fazer com uma mulher.

— Muito modesto – ela debocha.

Com o dedão, acaricio exatamente sobre a sua pulsação que, por sinal, está acelerada. Sorrio sabendo que eu estou provocando isso nela e, para fechar com chave de ouro, mordo o lóbulo da sua orelha antes de falar:

— Mulheres arrogantes como você, Manuela, ajoelham-se e imploram para serem fodidas por mim. Muitas vezes, não preciso nem tocá-las, elas já ficam ofegantes. Sou um encantador de calcinhas, pequena. Jamais duvide da minha pervertida capacidade de sedução.

Afasto-me dela e assisto uma linda mulher ofegante e com olhos semicerrados umedecer os lábios. Sorrio com a certeza de que ela está molhada, excitada. Passo minha mão pela sua nuca e a puxo para perto de mim. Manuela vem sem esforço algum. Parece que, no final, acabei ganhando em seu joguete, não?

— Boa noite, senhorita Vasconcelos. Até amanhã – saio sem dar a oportunidade de ela responder. Respiro sentindo-me vitorioso. — Que os jogos comecem!

Capítulo 05 – Manuela



Passei o resto da semana fugindo daquele metido a sedutor. Que ódio! Pior não foi ter que ouvir aquilo ou sentir aquele perfume delicioso, o ruim era que ele estava certo, eu estava completamente envolvida em seu encantamento e muito, muito molhada. Não sei o que acontece comigo quando estou próxima àquele homem, sua implicância deixa-me mais excitada.

Maldito encantador de calcinhas!

Bem... hoje é segunda, dia de trabalhar e fazer as coisas acontecerem. Vou para frente do espelho e analiso minha figura. Não sou uma mulher linda, no máximo sou “pegável”. Entendam, a beleza não é minha característica mais proeminente, mas considero-me uma pessoa inteligente e bem-humorada. Pacote completo!

Não abro mão de vestir-me bem, particularmente, tenho bom senso de moda. Não tenho um corpo escultural, sou cheinha. Já me incomodei muito com minha aparência, já fiz loucuras para ser magra e nunca nenhuma delas deu certo. Hoje não estou muito preocupada, meu trabalho consome toda minha energia e tempo. *Tudo bem, miss universo, está na hora de se vestir e ter uma conversa de mulher para espelho.* Após colocar a roupa escolhida para o dia, maquio-me e encaro o espelho:

— Muito bem, dona Manuela Patrícia Vasconcelos, estamos indo para a construtora agora. E, por mais que gostemos de fugir do Senhor Fodão, não podemos, pois é ele quem nos paga. Você é forte, menina! Resista à tentação, até porque aquele Deus carioca não se envolve com mulheres como nós. Combinado, garota! Foco, fé e força na peruca. Não esqueça de ficar longe daquele olhar e daquelas mãos... e daquela boca. Ótimo! Estou a um passo da camisa de força.

Balanço a cabeça e saio para o trânsito infernal do Rio de Janeiro. Durante o caminho, tento focar no que é importante. Ligo o som e canto com a Shakira, mesmo sabendo que não posso atender o telefone enquanto

dirijo, eu faço. Depois de algum bom tempo, estaciono na construtora e inicio mais um dia de trabalho.

— Bom dia, meninas. Maria Eduarda, boa sorte no seu primeiro dia.

— Bom dia, senhorita Vasconcelos – Márcia responde sem emoção.

— Bom dia, Manu. Obrigada por me ajudar – ela entrega uma folha de papel para mim. — O senhor Rodrigo deixou algumas anotações para você e disse para usar a sala dele.

— Tudo bem. Obrigada.

Caminho até a sala do chefe e desfilo como se fosse dona da coisa toda. O escritório é absurdamente lindo, o lugar é uma obra de arte da decoração contemporânea. A parede que fica atrás da mesa é toda de vidro, basta virar para contemplar todo seu império daqui. O piso é branquíssimo e a mesa é enorme, em “L”, preta. A estante que também é preta contém livros e objetos de decoração minimalista. As poltronas e as cadeiras são de couro preto e detalhes em alumínio. Na parede oposta, há uma televisão embutida, os sofás logo à frente são escuros, contrastando com o tapete vermelho sangue. O espetáculo está por conta da iluminação, o teto todo trabalhado impecavelmente em gesso, com lâmpadas de led azuis e brancas.

Concentro-me nas minhas tarefas e dou uma olhada nas anotações do Senhor Fodão. Distraída, pego-me sentindo seu perfume e meus pensamentos voam. Ele é incrivelmente bonito, alto e deve ser muito forte, pele bronzeada e cabelos claros. O corte de cabelo estilo executivo e aqueles olhos azuis exalam sofisticação e poder. É difícil deixar de olhar, difícil deixar de desejar... *Droga, Manu... Concentre-se!*

“Cara senhorita Vasconcelos, coloco sob sua responsabilidade:

Deixar Maria Eduarda a par das suas funções e sobre nossas regras. Tenho certeza que a Márcia não repassará as coisas a ela;

Se puder, deixe o organograma da produção sobre a minha mesa, por favor;

A nova contadora está chegando no final da manhã, oriente-a sobre nossas políticas e o que esperamos dela;

Reserve seu horário de almoço, você tem um compromisso.

*Tenha uma boa manhã,
Rodrigo.”*

Pelo jeito, sou a mais nova escrava do *Shrek*. Não, ele é muito bonito para ser um ogro apesar de ser forte, grande... Será que ele é grande em tudo? Sou um caso perdido, eu sei, acho que estou carente demais e frustrada sexualmente. Tento ligar para a copa na esperança de um café, mas falho vergonhosamente e Duda toma essa difícil tarefa para si. Volto às minhas tarefas, mas a dor de cabeça que surge não permite minha dedicação total. Essas dores deixam-me frustrada. Sei que é a consequência da vida profissional que levo, mas, mesmo assim, é complicado.

Alguns dias depois, alguém bate à porta e entra.

— Venho ver um homem feio e encontro uma linda mulher. Essa empresa está ficando cada vez melhor – Arthur fala enquanto senta à minha frente. — Bom dia, princesa.

— Bom dia, Arthur – respondo com desânimo.

— O que se passa, Manu?

Passo a mão pela minha testa para tentar aliviar a dor ou a frustração de demonstrar fraqueza em frente a alguém.

— Nada, estou bem.

Ele analisa-me por algum tempo e depois quebra o silêncio:

— Sei que você está de licença, pode me falar por quê?

— Complicações devido ao estresse e o estresse é devido ao excesso de trabalho, segundo os médicos. Tenho dores de cabeça constantes e picos hipertensivos. Há dias que é insuportável.

— Você deve se cuidar, é muito nova para esse...

Nesse momento, Maria Eduarda entra, tirando a capacidade de falar de Arthur. O olhar dele para ela é desavergonhado e faminto. Ela pede desculpas por interromper, coloca o café sobre a mesa e, antes que tenha a oportunidade de sair, o príncipe das mulheres se levanta e a intercepta.

— Pelo jeito, hoje é meu dia de sorte. Encontrando com belas mulheres inesperadamente – ele abre um sorriso que é capaz de fazer qualquer uma se derreter. Outro encantador de calcinhas. Isso deve ser

genético nessa família.

— Duda, este é o Arthur Alcântara e Castro. Arthur, esta é sua nova secretária e assistente, Maria Eduarda – apresento-os.

— Prazer, senhor Arthur.

— O prazer é todo meu, Maria Eduarda – ele alcança a mão dela e a beija.

Por que estou achando que isso não vai dar certo? Ela não demonstrou reação nenhuma, mas sobre o garanhão ali já não posso dizer o mesmo. Talvez meu sexto sentido tenha quebrado, ainda assim...

— Bom, vou deixar as meninas trabalharem. Manu, se não estiver bem, basta chamar-me e a levarei para a casa.

— Obrigada, Arthur. Sempre um gentleman – agradeço. Ele sai deixando-nos sozinhas. Aponto a cadeira para a Duda, que senta.

— Algum problema, Manu? Você está pálida, desanimada.

— Só um mal-estar. Vou para casa mais cedo, só preciso descansar. Duda, o Rodrigo me pediu para repassar suas funções, porque, por algum motivo, a Márcia não irá fazer isso – começo a reforçar o que já havia dito a ela antes sobre as suas funções e, por fim, mas não menos importante, sobre o mister sorriso que acaba de sair. — Mais uma coisa, eles têm um certo problema. Pelo que entendi, a maioria das mulheres que ocupa essa vaga tenta cair em suas camas. Eu confio em você sobre isso, mas não confio no Arthur em relação a você.

Duda ajeita-se na cadeira e fala com firmeza:

— Tenho um relacionamento que prezo muito, honro o dono de mim e sua casa.

A expressão “dono de mim” no BDSM é algo muito importante. Para alguns dominadores, é imprescindível que suas parceiras os tratem assim, principalmente em cenas. A mim, Manuela, causa calafrio de terror. Não encontrei alguém que seja bom para tal coisa.

— Fico muito satisfeita em saber disso, Duda – falo já riscando esse item das anotações que o Rodrigo deixou.

— Você os conhece há muito tempo? Acho legal essa relação de vocês, todos amigos – ela pergunta.

— Conheço Arthur desde que comecei a auditoria e o Rodrigo foi dias depois. E essa relação de amizade se deve ao fato desses meninos serem extremamente cordiais. Eles gostam que o ambiente seja sempre agradável.

— Entendo. Desculpe pela inconveniência, Manu.

— Imagina, Duda. Sabe se o Rodrigo vem para empresa agora pela manhã? – a curiosidade me vence.

— Ele disse que estará de volta para um compromisso com você – ela responde.

Compromisso comigo? Como assim?

— Tudo bem. Obrigada – tento parecer neutra. Mas, por dentro, estou dando pulinhos. Eu sei que não deveria me sentir assim... Eu nem sei como sinto. Voltando ao trabalho, tenho muitos e-mails para responder.

Logo que organizo meus e-mails, a nova contadora chega e saímos em excursão pelo complexo. Conversamos sobre o que vem acontecendo e o que esperam dela. Peço para lembrar-se sempre de que será cobrada mais que o normal, pois quem ocupava sua cadeira antes havia feito muita besteira. Apesar de terem uma grande empresa de contabilidade que presta serviço a eles, o Rodrigo contou-me que gosta de ter um departamento paralelo aqui dentro, trabalhando diretamente com o administrativo.

Volto para a sala em que eu estava e finalizo a lista que foi designada a mim. Concentrada, não dou conta que alguém entra.

— Bom dia, senhorita Vasconcelos.

Coloco a mão no peito.

— Que susto! Cristo! A minha cabeça está latejando. Bom dia, senhor Rodrigo. Pode me informar a hora?

— É exatamente a hora do nosso almoço – ele pergunta com preocupação: — Já tomou algum remédio? Quer que eu envie alguém para comprar?

Balanço a cabeça em negação.

— Não é necessário – tiro o remédio da minha bolsa e tomo com a água que alguém deixou para mim mais cedo. — O senhor deixou anotado que teremos um compromisso na hora do almoço, posso saber do que se trata?

Elegantemente, ele arruma seu terno impecável e se curva sobre a sua mesa, encarando-me:

— Um almoço, você e eu.

Será que ele não sabe convidar? Tudo tem que ser uma ordem?

— Vou aceitar porque estou com fome – respondo.

Ele ri.

— Não foi um convite, pequena.

Deus do céu! Isso está ficando cada vez pior. Minha cabeça já está produzindo cenas eróticas sem limites.

— Então, é o quê, uma ordem? Costuma sair por aí ordenando coisas aos desconhecidos?

Enquanto falo, ele dá a volta na mesa, caminhando em minha direção lentamente, como um leão vindo em direção à sua presa. Caio na besteira de olhar para seus olhos e há algo neles que me hipnotiza... o azul... a intensidade... *Droga, mulher, resista!* Mas acho que eu não quero resistir. Ele vira a cadeira em que estou e se debruça sobre mim, ficando rosto a rosto, separados apenas por um fio. O perfume dele é inebriante. *Resista, Manuela!*

Seu tom de voz é baixo e sua voz é grave, combinação perfeita para o pecado.

— Isso é uma ordem e você não é uma desconhecida. Almoçaremos, conversaremos para conhecermos mais um do outro. Depois, eu voltarei para a empresa e você irá para casa descansar.

Sim! Sim! Sim para tudo! Mas a louca que há mim quer brincar com o perigo.

— Você não manda em mim, senhor Castro. Ninguém manda!

Ele sorri perversamente.

— Isso é o que veremos.

Acho que gozei.

Capítulo 06 – Rodrigo



— Esse é o melhor restaurante de frutos do mar da cidade, espero que goste – puxo a cadeira para Manuela se acomodar, afinal, ainda sou um cavalheiro. — Então, senhorita Manuela, o que está achando da cidade maravilhosa?

— O Rio é uma cidade incomparável, uma verdadeira obra de arte da natureza – ela responde com um sorriso lindo.

— Concordo com você, só lamento pelo trânsito, está ficando cada dia mais complicado.

— Sei bem do que fala, acredito que muitas das minhas dores de cabeça são devido a isso – ela é belíssima quando está de guarda baixa.

O garçom se aproxima e, como sou um frequentador antigo, logo puxo papo. Ademir trabalha aqui há muito tempo, é normal que estabeleça algum nível de contato com seus clientes. Depois que os apresento e ele sai, deixando-nos com o cardápio, percebo o olhar analítico de Manuela sobre mim.

— Admirando-me, senhorita Manuela?

— Não a sua pessoa, mas a sua educação. Tenho observado como vocês tratam seus funcionários. Arthur não é diferente de você nisso, e eu acho simplesmente incrível. Não é à toa que seus colaboradores os adoram. Parabéns, vocês devem ser o orgulho dos seus pais.

Penso antes de responder a sua afirmação.

— Das poucas coisas que meus pais nos ensinaram, a educação e o respeito foram o de mais valor. Meu avô sempre falava: “Trate as pessoas como você gostaria de ser tratado e lembre-se que o mundo dá voltas. Hoje, você está por cima, amanhã poderá estar por baixo e será nessa hora que colherá parte do que plantou”. Humilhar um funcionário ou ser autoritário não fará de mim um chefe respeitado. Sou educado e tento tratar as pessoas com atenção, pois ao se sentirem valorizados, consequentemente, minha empresa o será também. Essas sutilezas aprendi com o meu avô, o meu pai não é nenhum exemplo de empatia, mas sempre cobrou educação porque é uma questão de dignidade.

— Interessante – mais uma vez nos encaramos. Pude observar cada nuance de seu rosto e pude ver o brilho do desejo em seus olhos. Isso desperta-me. Na verdade, a cada encontro, eu fico mais ligado.

O garçom se aproxima novamente e rompo o silêncio:

— Pronta para pedir?

— Sim. Eu quero salmão ao molho de laranja e uma Coca-Cola.

— Coca-Cola? Isso faz mal! – volto-me para Ademir, que aguarda o meu pedido pacientemente. Assim que termino de fazê-lo, questiono-a novamente: — Essa bebida é um veneno para a sua saúde.

Ela dá de ombros.

— Comer doces em excesso também faz, mas nem por isso as pessoas deixam de consumir – ela pisca e abre um lindo sorriso. Se as mulheres soubessem o quanto um sorriso transmite feminilidade, o quanto as deixa sexy, não usariam tanta maquiagem.

Conversamos muito durante a refeição, falamos sobre negócios, sobre a vida, família e percebi o quanto ela é determinada e resistente, tem um senso de humor aguçado que combina muito com o da Bia. Gostei do que ouvi, gostei do que vi e gostei ainda mais de sua companhia. Quando estávamos prestes a pedir a sobremesa, fomos interrompidos:

— Boa tarde, mestre – viro-me na direção da voz e vejo Greice, uma menina que jogava comigo nas cenas de BDSM.

— Boa tarde, Greice. Como está? – levanto e a beijo em sua face.

— Estou bem, senhor.

Ela não desvia o olhar de Manuela e sinto-me compelido a apresentá-las, mesmo algo me dizendo que eu deveria somente tirar Greice daqui.

— Manuela, esta é Greice. Greice, esta é Manuela Vasconcelos, uma das mais prestigiadas executivas que conheço.

— Prazer, Greice – ela estende a mão a garota, que é recíproca.

— O prazer é meu, senhora – Manuela levanta aquela sobrancelha, encarando-me.

— Sente-se conosco, Greice. Já almoçou? – Manuela aponta para uma cadeira ao meu lado, que é ocupada imediatamente.

— Ainda não, senhora. Estava indo embora da casa de uma amiga e sei que o “meu senhor” frequenta esse restaurante, então me arrisquei a ver se ele estava por aqui.

A ênfase na expressão “meu senhor” não passa despercebida por Manuela, que fica olhando entre mim e Greice.

— Estou atrapalhando alguma reunião importante, mestre Rodrigo?
– Greice pergunta com fingida inocência. E lá vai Manuela novamente.

— Não mesmo, querida. Estávamos em um almoço de negócios. Presto consultoria para o escritório do senhor Rodrigo e como hoje é meu último dia, ele resolveu trazer-me para almoçar. Porque, como sabemos, ele é um *gentleman*.

Como assim, último dia? Quem disse que ela está saindo? Então, como se não bastasse mais nada, Greice solta a bomba.

— Verdade, senhora. Por isso, sou apaixonada por ele.

— Greice... – tento interrompê-la, mas Manuela corta-me.

— Não, Rodrigo. Deixe-a se expressar.

Não sei se foi impressão, mas notei algo no jeito de Manuela. Ela não olha mais em meus olhos e levanta já alcançando sua bolsa. Será que ela ficou chateada pelo que Greice disse? Antes que eu possa fazer alguma coisa, Manuela se despede:

— Greice, foi um prazer conhecê-la. Senhor Rodrigo, todos os pareceres estarão em sua mesa assim que voltar do almoço. Agradeço pela confiança dada a nós para solucionarmos os problemas de sua empresa, foi um prazer trabalhar com você.

— Manuela – eu a chamo, mas ela ignora e sai rapidamente do restaurante. Eu deveria ir atrás dela. Droga! A mulher não deveria sair assim, estava se sentindo mal até agora pouco. E somos amigos... não, no máximo, colegas. E com esse pensamento, a deixo ir para longe.

Depois de colocar Greice em um táxi, volto à empresa. Durante o trajeto para cá, quase bati o carro, provavelmente levei uma multa e xinguei todos que não sabem dirigir. Estou incomodado, só não sei o motivo. Caminho pelo andar da presidência e, quando passo pela mesa das secretárias, ordeno:

— Márcia, diga a Manuela que estou a esperando no meu escritório,

agora!

Antes que eu possa entrar em minha sala, Maria Eduarda fala:

— Senhor Rodrigo, a Manuela não está.

— Como não está? Ela saiu do restaurante antes que eu, já deveria ter chegado – estou cada vez mais irritado.

— Ela esteve aqui e deixou alguns papéis sobre a sua mesa. Em seguida, se despediu e foi embora dizendo que a consultoria terminou.

— Merda! – olho para as duas secretárias assustadas e chuto-me mentalmente por permitir esse desliz de autocontrole. Mas é que aquela mulher tem o poder de me deixar irado. — Desculpem-me, estou um pouco nervoso. Encontrem-na nem que seja no inferno e passem a ligação para mim.

Entro em minha sala batendo todas as portas possíveis. Minha vontade é sair daqui agora e encontrar aquela teimosa dos infernos, colocá-la sobre o meu joelho e...

— Posso saber o motivo de tanto nervosismo, Rodrigo? – Arthur entra em meu escritório sem ao menos bater antes. — Saí da minha sala para ver quem estava demolindo o prédio.

— Arthur, agora não.

— O que houve?

— Nada.

Ele bufa com deboche.

— Certo, nada. Porque quando não há nada a gente sai batendo tudo por aí. Qual é o seu problema, irmão? – ele se senta. Isso vai mais longe do que eu gostaria.

— Saí para o almoço com Manuela e...

— Ah, Manuela. Certo – ele interrompe-me e o fio de paciência que eu tinha é rompido.

— Se sabe, por que perguntou, idiota? E pode ir parando com esses pensamentos que o estão fazendo sorrir dessa maneira – respiro fundo e recomponho-me. — Estava no almoço com a Manuela quando a Greice chegou. Então Manuela saiu em disparada, como se tivesse visto um fantasma. Fiquei incomodado por Greice falar o que não deveria e por

Manuela ter saído daquela maneira, sendo que há pouco estava com fortes dores de cabeça.

— Irmão, não adianta marcar o piso andando de um lado para outro. Quer uma água, um café? – Arthur já está com o telefone a postos. — Maria Eduarda, traga um café para o Rodrigo, por favor – ele fica em silêncio na esperança de que eu continue a falar. Mas falar não é comigo, ainda mais sobre algo que não sei nem o que é.

— Só estou me sentindo incomodado.

— Poderia ser algo mais – olho-o desejando socar seu rosto.

— Mas não é! Você, mais do que ninguém, sabe que não acontecerá nada entre mim e ela. Nunca daria certo.

— Calma. Talvez seja só preocupação, Rodrigo. Sabemos que ela não está bem e fomos educados para sermos cavalheiros que resgatam as damas. Sendo assim, o seu senso de proteção pode ter sido despertado por ela.

— É isso. Preocupação por uma amiga. Isso! – por mais que eu tente me convencer de que é somente preocupação e amizade, mais certeza tenho de que estou longe da verdade.

A nova secretária entra na sala.

— Senhor Rodrigo, seu café – ela deposita a bandeja à minha frente e volta a falar: — A Manuela está na linha dois. Senhor Arthur, tenho o Régis do setor de compras à sua procura. Com licença, senhores.

Arthur levanta e caminha em direção à porta.

— Estou indo falar com tapado do Régis. Se precisar, chama-me, irmão.

— Obrigado – assim que a porta se fecha, alcanço o telefone e o seguro com mais força do que gostaria. *Deus! O que acontece comigo quando se trata dessa mulher? Preciso controlar-me.* — Manuela.

— Em que posso ser útil, senhor Castro? – às vezes, esqueço o quão irritante ela é.

— Liguei para saber como está. Saiu do restaurante rapidamente e, quando voltei à empresa, soube por terceiros que seu trabalho terminou.

Ouçó seu respirar. Pelo pouco que conheço do seu tipo, deve estar

controlando aquela língua maldita.

— Estou bem. Obrigada pela preocupação. Deixei o relatório final sobre a sua mesa com algumas anotações. Achei que o convite para o almoço era justamente pelo término do nosso contrato.

— Nosso contrato ainda não terminou, mas discutiremos em outro momento. Já está em casa?

— Sim.

Seu tom exasperado e o conhecimento de sua saúde instável preocupam-me por algum motivo desconhecido.

— Você realmente está bem? Seja sincera, por favor.

— Rodrigo, eu estou bem. O que está acontecendo?

— Você não parecia bem – respondo usando um tom mais suave.

— Eu estou bem, não se preocupe – sua voz torna-se apenas um sussurro. — Saí para que pudesse ficar mais à vontade com a sua menina.

— Ela não é minha menina – nesse momento, percebo que respondi rápido demais.

Manuela respira fundo mais uma vez antes de voltar a falar:

— Ela disse que está apaixonada por você, Rodrigo. O chamou de meu Mestre...

Corto-a:

— Você é praticante como eu, sabe como é fácil os sentimentos se confundirem e as pessoas se apegarem por ser uma relação mais íntima. Não tenho nenhum interesse em relacionamentos, prefiro as sessões avulsas. Não posso oferecer mais que isso a ninguém, Manuela.

— Você deve ser um bom dominador. Habilidade rara nos dias de hoje.

Bufo em deboche.

— Não sou bom, sou o melhor! Pegar mulheres indomadas e colocá-las aos meus pés como doces meninas, fazendo-as gozar incontáveis vezes é a minha especialidade, pequena – percebo que sua respiração acelera. — Você está bem, Manuela?

Após alguns segundos de silêncio, ela responde:

— S-sim... estou. Bom para você e para suas meninas. Agora, pare de me chamar de pequena, isso não combina comigo. Era só isso, senhor?

Ela recupera rápido sua altivez.

— Sim, era somente para saber como estava. Nos vemos semana que vem no mesmo restaurante e no mesmo horário. Até mais, pequena! – desligo sem dar chance para argumentos. Porque ela tem, ela sempre tem!

E foi assim que nossos almoços se tornaram um ritual.

* * *

Entregar esse condomínio já tinha virado um caso de honra para mim e ajustar todos os detalhes para fazer o lançamento consumiu toda a minha energia. Agora, só tenho que ver com o Arthur como andam as vendas das unidades restantes. Viro minha cadeira e contemplo o complexo construtor. Alegro-me ao ver o ostentoso empreendimento que possuo, mas nada disso foi de graça, nada veio fácil. Mesmo satisfeito por mais uma obra entregue como o previsto, o cansaço vem em igual intensidade.

Antigamente, gerir todos os passos até o coquetel de lançamento era simples, hoje em dia, não posso nem acompanhar os arranjos. Gostaria que a Manuela estivesse aqui, assim eu não me preocuparia com a assessoria de imprensa ou com a organização do evento. Sim, sei que sou um imbecil. Bastaram poucos dias para ficar dependente do auxílio da Manuela e mal-acostumado a ter a competência em pessoa por perto.

Manuela e eu almoçamos juntos uma vez por semana,, e esse ritual segue-se por quase dois meses ininterruptos. Bem, até agora. Dias atrás fui avisado pela Bia que a Rainha do Gelo viajou para o Ceará a trabalho. A mulher não teve o cuidado de me avisar, o que só reforça minha tese: as executivas são frias, importam-se somente com o seu trabalho. Não gosto de mulheres do tipo chiclete, mas a Manuela esnoba suas amizades de tal forma, que me aborrece.

Ela está fora há mais de vinte dias e nos comunicamos muito pouco. Cheguei a fazer um perfil em uma rede social para termos mais contato e, definitivamente, não gostei do que vi. Um bando de babões no perfil dela tecendo elogios toscos, alguns tão ignorantes a ponto de nem se preocuparem em como escrevem. Não estou incomodado com isso, é que... Ok, estou incomodado. Irritado para cacete!

Arthur entra em minha sala interrompendo minha divagação.

— O organizador disse que tudo está correndo conforme o planejado, os convites enviados e algumas autoridades já confirmadas.

— Falei com a Manuela e ela disse que virá nem que seja somente para o lançamento.

Encaro meu irmão que está à minha frente.

— Você tem contato com a Manuela? – não gostei de saber que o Arthur tem contato com ela. Todos na merda dessa cidade sabem que o cara é um conquistador barato. — Desde quando vocês têm contato, Arthur?

— Sim, nos falamos sempre que possível.

Meu irmão olha-me intrigado. E é nesse momento que me dou conta de que estou agindo como um louco. Manuela e eu somos amigos, é natural o instinto de proteção vir à tona. Ainda assim... Engulo em seco e mudo de assunto.

— Vai ao coquetel acompanhado, Arthur?

Ele faz uma careta.

— Sim. Convidei a Louise.

— Achei que tinha terminado com ela – pergunto curioso.

— Terminei. Mas quem eu realmente quero levar já tem acompanhante – olho-o com descrença. Arthur não conseguir agarrar sua presa? Isso é novidade. Espero em silêncio uma explicação que não vem. Por fim, ele pergunta: — E você?

— Convidei a Bia, mas ela vai com alguém. Talvez eu convide a Manuela.

— Manuela vai acompanhada e não é com você – ele fala com um meio sorriso que tenho vontade tirar a socos.

O que diabos acontece que eu não sei de nada que se passa com essa mulher? Por que tenho que saber coisas suas somente pelos outros? Nos falamos sempre, porque caralho ela simplesmente não diz para mim? Como ela vai no meu evento com outro? Quem ela pensa que é? E por que infernos estou irritado? Desvio o olhar para a tela do computador e pergunto.

— Sabe com quem?

— Não. O que sei é que ela sai com ele há algum tempo e as meninas

estão torcendo para que dê certo. Dizem que a Manu é solitária demais.

Mantenho-me olhando fixamente para a tela sem ver o que há nela. Por que essas meninas não vão torcer para o Botafogo voltar à série A? Ou torcer para que caia chuva? Não, elas têm que torcer para um idiota ficar com a amiga arrogante delas.

— É perigoso, Arthur. Ela é nova na cidade e esse cara pode muito bem ser um imbecil tentando se aproveitar dela.

Arthur começa a rir desesperadamente enquanto assisto seu showzinho.

— Aproveitar de quem, Rodrigo? Da Manu? Daquela Manu? Meu parceiro, devemos ficar preocupado com o bem-estar do cara. Manu é uma predadora, ataca de uma maneira que a vítima nem sabe o que aconteceu. A general deve ser um furacão na cama. Aquela carinha dela não nega. Loucura, loucura, loucura!

— General. Essa é boa – mesmo com a conversa, não consigo parar de me perguntar: *Quem é o idiota que irá com ela?*

Batem à porta e logo Maria Eduarda entra.

— Com licença, senhor Rodrigo. Pode assinar alguns papéis que o pessoal da contabilidade enviou? Eles disseram que o senhor já sabe do que se trata.

Percebo que o Arthur está mais atento a ela do que deveria. Fico observando e se estabelece um silêncio. *Tsc-tsc-tsc*. Isso não dará certo. Enquanto olho os papéis para assinar, questiono Maria Eduarda.

— Maria, eu soube que a Manuela irá ao coquetel acompanhada. Como amigo, tenho que zelar pela segurança dela. Então, me diga quem é o acompanhante dela, por favor.

— Não o conheço, só o vi uma vez. O nome dele é Bernhardt Franz, ele é um engenheiro alemão.

Lógico que tinha que ser um europeu. Os idiotas saem de lá para vir ao Brasil caçar mulheres. Agradeço a minha secretária e a dispenso com a documentação. O olhar do meu irmãozinho para a moça não foi nada discreto. Recosto em minha cadeira e cruzo os braços.

— É impressão minha ou você estava observando demais a Duda?

— Impressão – respondeu rápido demais para não ser nada. Encaro-

o seriamente, e ele remexe-se incomodado na cadeira. — Não é nada, Rodrigo.

— Então, deixe-me esclarecer algumas coisas. Duda tem dono, isso no meio BDSM é sério e deve ser respeitado. E tem mais, o cão de guarda chamado Manuela, se desconfiar do seu interesse, vai arrancar suas bolas com as mãos sem direito a anestesia. A Maria é doce, uma excelente funcionária, a melhor por sinal e muito confiável. Só não fode tudo, certo? Caso contrário, eu mesmo quebro sua cara. Estamos entendidos, Arthur?

Ele dá um pulo da cadeira e fala irritado:

— Não aconteceu nada e nem vai acontecer, ok? Estou indo para casa, o dia foi cheio e estou cansado – ele caminha em direção à porta, e eu continuo a observá-lo.

— Arthur? Você não respondeu se entendeu ou não as minhas recomendações.

Ele olha-me com raiva.

— Entendi – antes de fechar a porta, o ouço: Vai se foder, sabe-tudo!

Tenho a impressão de que isso, seja lá o que for entre os dois, só está começando. Manuela volta aos meus pensamentos e forço-me a tirá-la, tentando focar no trabalho. Logo, a ideia de uma sessão intensa me cai bem e decido ter duas meninas dessa vez. Talvez elas consigam drenar-me até aliviar minhas tensões. Quem sabe...

Capítulo 07 – Manuela



De frente para o espelho, analiso minha roupa para o coquetel de lançamento do novo condomínio da construtora Alcântara e Castro, empolgadíssima com *Rolling in the Deep* da Adele ao fundo. Cheguei de viagem ontem tarde da noite. Estou cansada, mas jamais faltaria ao evento. Sinto falta dos amigos.

Escolhi um vestido de crepe evasê na cor marfim, um pouco abaixo dos joelhos para dar uma alongada na pessoa que não é muito dotada de altura. O corpete transpassado até a cintura é simples, mas elegante. O charme ficou no decote que vai até o meio das costas, nada muito sexy, mas, para uma noite de verão no Rio, é uma boa opção. Nos pés, uma sandália dourada de salto altíssimo com tiras transpassadas na frente e fechada atrás com um laço. Brincos de ouro adornados com pérola e uma pulseira delicada de ouro compõem meu visual. Nos olhos, lápis e rímel; na boca, um gloss e cabelos soltos. Viro-me para ver se há algo destoando. Nada de ser “cheguei”.

— Lembre-se, gata, “menos é mais”! – pisco para a minha imagem no espelho e sorrio. *Doida de pedra!* O interfone toca, tirando-me do devaneio modal.

— Sim?

— Boa noite, dona Manuela. Há um senhor chamado Bernardo Franz aguardando a senhora na portaria.

— Obrigada, seu Ricardo. Diga-lhe que já estou descendo.

Para finalizar, passo o perfume e alcanço minha *clutch* azul-cobalto chiquérrima. Volto ao espelho para uma última conferida e falo para mim mesma:

— Manu, hoje estamos pegáveis, comestíveis e doidas da cabeça. Prontas para a camisa de força – balanço a cabeça. — *Gentem!* Tenho que parar de falar comigo mesma. Isso é loucura. Sou uma executiva, uma séria

mulher de negócios. Tenho que parar de fazer papel de maluca. Então, bora dar uns “pegas” no alemão.

Desço rindo por estar cada vez mais fora da casinha. Chegando à portaria, encontro um homem lindo de terno *slim* grafite e camisa branca esperando-me. Bernhardt Franz é um engenheiro de Berlim e está no Brasil há um ano. Ele é um pedaço de mal caminho! Tem mais ou menos um metro e oitenta de altura, porte de gente grande e deliciosamente cheiroso. Seu cabelo é loiro claríssimo, cortado até os ombros e seus olhos são de um tom diferente de verde. Se a natureza foi generosa com ele em todas as partes do corpo assim como foi com os seus pés, teremos uma ótima noite. Se é que me entendem.

— Boa noite, Franz – cumprimento ao me aproximar.

Ele beija meu rosto.

— Você conseguiu ficar mais linda do que já é – o beijo do outro lado rosto é mais demorado, e ele fala perto do meu ouvido: — Estava com saudades de você.

É hoje que caio em tentação!

— Eu também, bonitão. Vamos?

Ele coloca sua mão nas minhas costas e leva-me até o carro, abrindo a porta para que eu entre. Com o meu melhor olhar de gata assanhada, agradeço-o:

— *Vielen dank* – eu não sei falar alemão. Apreendi o “obrigada” somente para agradar o gostosão.

Chegando ao local do evento, fico cada vez mais apreensiva. Não sei o porquê, afinal, estou em casa com amigos que amo e com o Rodrigo... que também é meu amigo, não é? Que também amo... como amigo, é claro. Que desejo... Ah, sim, eu desejo aquele corpo...

Concentre-se, mulher!

Bia apresenta-me seu acompanhante ainda na entrada. A menina agarrou seu professor de inglês que se chama Marcos. Apresento-os a Franz e logo entramos para nos juntarmos à comemoração. Cumprimento alguns conhecidos e os funcionários da construtora, até ver Arthur vindo em minha direção com os braços abertos. Já falei que ele é gostosão? Pois é, ele é! E a tiracolo vem uma... uma... Estou tentando achar uma definição

cabível... Sim! Uma Barbie loira, esguia, artificial...

— Minha general, que saudade! – ele aperta-me em um abraço de urso. São nesses momentos de afeto que percebo o quanto gosto de alguém. Emocionada, retribuo seu abraço. *Cristo! Como senti falta de todos eles.*

— Oi, príncipe. Também estava morrendo de saudades. Como está? – pergunto enquanto aliso a lapela de seu terno.

— Estou bem. Melhor agora com você aqui – ele pisca, lembrando-me o porquê das mulheres se jogarem a sua cama.

A Barbie dá uns puxões nele, interrompendo nossa interação. Não precisava ser muito inteligente para ler o ciúme nos olhos da “peguete”.

— Manu, deixa eu lhe apresentar minha amiga Louise – ok, agora vi fúria nos olhos da garota. Tem gente doida para ficar sem a cabeça essa noite. — Louise, essa é a Manuela, minha amiga e seu acompanhante, o...

— Bernhardt Franz – o alemão estende a mão para cumprimentar Arthur, que retribui o gesto.

— Prazer, Arthur Alcântara e Castro.

Em um impulso, viro-me na direção do homem que, com certeza, é o homem mais bonito do lugar. Rodrigo caminha com sua conhecida elegância, aproximando-se do grupo. Por mais que eu tente, não consigo desviar meus olhos. Ele está com um terno *slim* azul-marinho com risca de giz e camisa branca, tudo muito ajustado ao corpo. *Nossa senhora das mulheres em perigo, me ajude!* Ao seu lado, acabando com a minha excitação, está Paula. Ela é uma submissa que tem sessões avulsas com o Senhor Fodão. Assim que chegam até nós, Rodrigo afasta-se dela e abraça-me. Para acabar comigo de vez, ele fala em meu ouvido:

— Senti saudades de você.

Um estremecimento percorre meu corpo.

— Também senti saudades, Rodrigo. Como você está?

Ele afasta-se de mim e sorri.

— Muito bem. E você? – lógico que está bem, olha essa mulher ao lado. Uma beldade.

— Estou bem. Quero lhe apresentar o meu acompanhante. Franz, esses são Rodrigo e Paula.

— Muito prazer, Rodrigo – *Blá-blá-blá*. Todos trocam cumprimentos, e eu estou irritada sem saber o motivo.

Inesperadamente, Rodrigo coloca a mão nas minhas costas.

— Franz, você me empresta Manuela por um momento? Gostaria de apresentar algumas pessoas a ela – já nos afastando do grupo em questão, ele volta-se para a sua acompanhante: Paula, faça companhia para Franz até voltarmos, por favor.

Sem dar a chance de qualquer um falar, ele tira-me dali. Com a boca encostada em meu ouvido, ele pergunta:

— Como foi a viagem, pequena?

Isso está mexendo comigo! A falta de sexo é tão grande que afetou o meu bom senso.

— Foi produtiva.

Chegando ao bar que foi montado para a ocasião, ele fica ainda mais próximo a mim.

— Você quer alguma coisa, Manuela? – *ah, eu quero. Quero que me amarre na cama e me chame de cachorra*. Deus do céu! Esse perfume... Não! Preciso de um exorcismo, isso, sim. Minha cabeça está a mil, mil e uma posições... Percebo que ele me olha sério e fala comigo: Manuela?

— Oi? – respondo sem jeito.

— Está se sentindo bem?

— S-sim... – *sim, meu gostosão. Vixi! Baixou a pomba gira! Acabe com a palhaçada, Manuela!*

Ele continua a olhar-me com atenção e pergunta:

— Você quer alguma coisa?

— Coca-Cola.

— Certo – ele vira para o garçom fazendo nosso pedido e volta a olhar para mim com aqueles olhos intensos. — Senti sua falta. Não quero que você saia mais daqui.

Meu coração para por um segundo com aquele sorriso de canto. Será que ele sente alguma coisa por mim? Aqueles nossos almoços nos aproximaram tanto que tenho dificuldade de pensar perto desse homem. Não, ele é ele, não faço seu tipo.

— Gostaria que você fosse ao escritório, preciso de suas soluções.

Já deveria ter imaginado que eram negócios. *Bem-vinda à realidade, gata.*

— Irei na segunda-feira – respondo chateada.

Ele olha-me sério.

— Não pode ser amanhã ou sexta-feira?

— Não posso. Estarei disponível só na segunda-feira.

O garçom nos interrompe e entrega nosso pedido. Pela demora, achei que tinha ido fabricar o refrigerante.

— Sua Coca-Cola.

E, com isso, viro as costas e saio à procura de Franz. Minha vontade é de ir para casa, mas tenho que fazer meu papel social, afinal, a *high society* carioca está toda aqui. Políticos, atores, cantores e um monte de socialites desocupadas. De longe, avisto Duda com uma carinha chateada e vou em sua direção. Não gostei de vê-la daquela maneira. Maria Eduarda é uma moça muito bonita, pele clarinha, olhos castanhos esverdeados, lindos cabelos cacheados até o meio das costas e mais ou menos da minha altura.

Quando me aproximo dela, meu sexto sentido diz que há algo de errado no paraíso.

— Aconteceu alguma coisa, Duda? – ela tenta disfarçar, mas falha vergonhosamente. — Vou reformular minha pergunta, pois eu sei que está acontecendo alguma coisa. O que é?

Ela olha para todos os lugares menos para mim, e seu rosto ruboriza:

— Não é nada demais, Manu. Só estou chateada porque o Dom Miguel não veio.

Suspiro em exasperação.

— Olha, Duda, não vou insistir. Pelo menos, não agora. Quer ir para casa? Você tem toda liberdade para isso. Só não quero vê-la assim, chateada.

Arthur passa por nós e percebo que ambos trocam olhares cúmplices. Juro que castro esse homem! Ela é minha amiga e trabalha para ele, o que nos leva à proibição. Homens são cansativos!

— Vou pegar um táxi para casa. Quero ver se converso com Dom Miguel ainda hoje. E acordo cedo amanhã.

— Ok. Topa um café amanhã depois de sair do escritório? Papo de meninas. Só não quero que ninguém... – aponto para Rodrigo. — saiba.

Ela sorri.

— Fique tranquila. Amanhã, depois do serviço no shopping, combinado?

— Combinado! – respondo com entusiasmo. — Vá com Deus e cuide-se.

— Boa noite, amiga. Obrigada por se preocupar comigo.

Fiquei ali, parada, olhando Duda ir. O que anda acontecendo com essa menina? Bom, não precisa ser um gênio para saber que algo ocorre entre ela e Arthur. Mas, se eu sonhar que o príncipe das mulheres tem algo a ver com a sua tristeza, aí, sim, teremos problemas no paraíso.

Distraída com a tristeza de Duda, não me dou conta da aproximação de Paula.

— Franz é um bom rapaz, Manuela.

Sem olhá-la, respondo:

— Sim, é.

— Dá para acreditar que o Mestre Rodrigo me convidou para me apresentar à sociedade? Nem acreditei quando ligou. Acho que, dessa vez, temos tudo para sermos felizes... juntos – vejo o veneno escorrer pelo canto da boca da mulher. — Já pensou em ter alguém, Manuela? Parar de ficar procurando por aí o homem de outra?

A tensão em mim logo passa.

— Paula, está vendo aquele homem lindo ali? – aponto para o alemão.

— Franz...

— Sim, Franz. Eu tenho aquele homem louco para tirar minha roupa e me foder até perder os sentidos. Acha mesmo que estou procurando algo? – sorrio com deboche. — Boa noite, querida. Ah, sim, fala para o Rodrigo que, devido ao garanhão ali, só terei horário na segunda-feira à tarde. Tchauzinho.

Aproximo-me de Franz, o olho com carinha de gatinha manhosa e falo:

— *Vamos, baby?* – isso bastou para o alemão dançar a minha música.

Capítulo 08 – Rodrigo



Esse final de semana foi complicado, uma inquietação sem motivo. Fazia tempo que não passava o fim de semana dormindo. Geralmente, estou trabalhando, ou nos encontros do grupo de BDSM, ou com a família. Mesmo com mil coisas para me ocupar, a inquietação não me deixou. Não gosto quando as coisas são desconhecidas, preciso manter tudo em ordem para melhor controlá-las. Mas controlar algo desconhecido é impossível!

Chego no escritório já fazendo uma lista dos meus afazeres. O dia nem começou e já está cheio, acompanhado de irritação. Passo pela mesa da Maria Eduarda e pergunto do meu irmão. Ela responde que ele está vistoriando uma das nossas obras em execução. Assinto e continuo meu caminho. Vou para a minha sala. Hoje, minha paciência está mais curta do que de costume. Assim que entro, meu celular toca e vejo que é minha mãe.

Dai-me forças, Deus! Boa coisa não é. Ela nunca liga e hoje está ligando a essa hora da manhã. Vem bomba por aí!

— Oi, mãe.

— Bom dia, Rodrigo. Como vai, meu filho?

— Bom dia. Estou bem. E a senhora?

— Apesar dos problemas. Estou bem – minha mãe sofre de vitimização crônica e meu pai, um arrogante de berço, apoia isso. Um completa o outro. — Tenho dois filhos que não querem saber de seus pais, não ligam, não procuram...

Começou.

— Mãe, almoçamos juntos semana passada, nos vimos no coquetel e nos falamos praticamente todos os dias pelo telefone.

— Você está namorando com aquela moça que foi no coquetel como sua acompanhante? – sabia que aí tinha coisa.

— Não. Não estou namorando ninguém. Não tenho tempo...

Ela me interrompe.

— Bárbara ainda fala muito de você e é boa moça, de família

tradicional, seria uma excelente esposa. Você e seu irmão já passaram da hora de se casar. Precisam de alguém que saiba se portar, que saia bonita em fotos, afinal, vocês são Alcântara e Castro...

— Mãe – corto-a. — Recado anotado. Como está meu pai?

— Está bem, não graças a vocês. Viajaremos amanhã e, quando voltarmos na semana que vem, jantaremos todos juntos.

— Combinado, mãe. Boa viagem. Manda um abraço para o pai. Cuidem-se.

— Beijos, Rodrigo.

Pelo menos uma vez por semana, Arthur e eu temos que ouvir o sermão do bom casamento, do tipo de mulher que temos que tomar como esposa e todas essas bobagens. Alguém bate à porta.

— Entre, Duda – falo.

— Bom dia, Rodrigo – no instante que ouço a voz, levanto o olhar. — Não é a Duda, mas trouxe seu café. Logo que eu sair, ela entrará para repassar a agenda.

Manuela caminha até mim e coloca a bandeja do café à minha frente. Recosto-me para trás e admiro-a. Ela está linda e seu sorriso é deslumbrante, o que me faz lembrar do coquetel e daquele alemão imbecil.

— Bom dia, Manuela. Conseguiu tirar o alemão da sua cama? – pergunto com escancarada ironia. — Pelo recado que deixou para mim, achei que não iria vê-la tão cedo.

Ela ergue o queixo e responde desafiadoramente:

— Foi difícil, mas ele entendeu que tenho compromissos. O que deseja de mim, senhor Castro? – *quero você na minha cama*. Opa, de onde saiu isso?

— Quero que você acompanhe toda a movimentação da produção, vamos começar a remanejar o setor. Como o nosso último acordo rege que teríamos seu auxílio sempre que precisássemos, eu a solicito nesse momento.

Vejo um brilho não identificado atravessar seu olhar.

— Tudo bem. Vamos seguir o plano inicial?

— Sim – curioso, pergunto: — Como foi seu final de semana?

— Foi excelente, assim como deve ter sido o seu. Paula disse que você a levou para apresentá-la à *high society* – o sarcasmo não passou despercebido nem o ciúme. — Parabéns! Até que enfim o príncipe das calcinhas molhadas achou sua alma gêmea.

Levanto da minha cadeira, dou a volta na mesa chegando até ela.

— Não estou com a Paula, nem com ninguém.

— Não foi o que ela disse...

— É o que eu digo, Manuela. Quem eu queria como acompanhante não estava disponível, levei Paula porque, no momento, era a melhor saída – sinto que estou perdendo a paciência. Ela é irritante!

Ela dá um passo à frente, encarando-me de igual para igual.

— Ah, esqueci que ninguém é suficiente para o Senhor Fodão!

— Me diz uma coisa, Manuela: você o amarra antes de chicoteá-lo? Porque, venhamos e convenhamos, fria como você é duvido que ele tenha conseguido mais que dormir de conchinha – ela olha-me fixamente. Assisto a força que ela faz para não ser mal-educada. Ela não é do tipo barraqueira, mas as ondas de hostilidade saem em níveis alarmantes de seu corpo.

Manuela fala entre os dentes:

— Resolveu fazer papel de idiota logo na segunda de manhã? Quem você pensa que é para falar assim comigo? Se acha o Mestre Dominador e quer que todas caiam aos seus pés? Para mim, você não passa de um arrogante.

Dou mais um passo, ficando bem perto da sua boca. Estamos separados apenas por uma respiração.

— Um arrogante que faz você molhar a calcinha. Um arrogante que você pensa na hora que está se tocando.

— Imbecil!

Em um impulso primitivo, puxo-a para mim, beijando-a como se nossa vida dependesse disso. Ela tenta resistir, mas logo entrega-se nesse duelo de desejo. Sua boca quente, seus lábios deliciosos... Inferno! Eu quero mais... quero ela! A mulher responde minha luxúria com a mesma intensidade e o único pensamento que passa por mim é: MINHA!

Ela rompe o beijo, ofegante como eu. Logo, lágrimas brotam em seus

olhos. Não, não era essa a reação que eu esperava.

— Satisfeito, idiota? – ela fala alto: Provou o seu ponto sobre mim? Constatou que respondo a você como aquelas idiotas? Pois saiba de uma coisa, foi uma resposta puramente biológica e não pense você que é melhor do que Franz ou qualquer outro.

Arthur escolhe esse momento para entrar.

— O que está acontecendo aqui? Enlouqueceram? Dá para ouvir os gritos da minha sala que é no final do corredor – ele vê o estado de Manuela. — Por que você está chorando?

Eu ainda estava atordoado. Não planejei beijá-la e jamais imaginei que ela teria uma reação dessas. Definitivamente, mulheres são loucas! Ela seca suas lágrimas e recompõe-se.

— Nada, Arthur. Eu perdi a paciência com o Rodrigo por uma bobagem.

Agora ela conseguiu elevar minha raiva.

— Bobagem? – falo entre os dentes.

— Sim, bobagem. Se me derem licença, vou para o departamento pessoal fazer os remanejamentos.

Ela vira-se para sair. Mas não vai mesmo!

— Manuela! – minha voz sai mais alta do que o esperado. Ela sai e eu fico parado em frente ao meu irmão, com cara de idiota.

* * *

Quando estamos com trabalho acumulado e pressionados para cumprir prazos, trabalhamos como loucos, sem perceber a velocidade em que os dias passam. Hoje em dia, as coisas acontecem em um tempo mínimo, quase insano. Passo pela mesa da Duda e peço café. Quando ela entra em minha sala para entregar-me, vejo que está pálida.

— O que foi, Duda? Não está se sentindo bem?

Ela balança a cabeça com olhar distante.

— Não. É que hoje acordei com um pressentimento. Deixe para lá, coisas de mulher. Então, amanhã pela manhã, vocês terão uma reunião com o prefeito de Itaboraí sobre o novo empreendimento.

Bia resolve me ligar nesse momento, mas deixo a ligação cair na

caixa postal. Ela sabe que, se não atendo, é porque estou ocupado. Manuela cruza meus pensamentos. Estamos há dias sem nos falar. Ela tomou todas as providências para não cruzar comigo nos corredores da empresa. Por mim, tudo bem. Decidi que não vale a pena correr atrás de malucas. Volto a afirmar: mulheres como ela são complicadas, são frias demais, chatas demais.

— Sabe alguma coisa sobre a Manuela?

Maria Eduarda responde:

— Ela não veio essa manhã, também não deu notícias e o celular está desligado.

— Provavelmente desligou para descansar – comento. Meu telefone volta a tocar e vejo que é a Bia. Um lampejo de preocupação emerge, alguma coisa séria aconteceu para ela insistir na ligação. Levanto um dedo para Duda, pedindo um minuto. — Bia...

— Rodrigo, graças a Deus você atendeu... – seu desespero põe-me alerta. — Preciso de você, pelo amor de Deus...

Enquanto falo com ela, levanto, preparando-me para sair.

— Calma, pequena. Respire fundo e me fale o que está acontecendo.

— A M-Manu foi assaltada e f-foi agredida... – sinto todo o sangue do meu rosto ser drenado. — Está no hospital aí de Copacabana. Vá lá, por favor. E-estou presa aqui em Campo Grande. Pelo amor de Deus, ajude-a.

— Não se preocupe, estou indo para lá agora para cuidar dela. Você vai respirar fundo e virá com calma, ok?

Desligo o telefone e volto-me para Duda, que está aflita.

— Encontre o Arthur agora e peça para ele me encontrar no meu carro. A Manu foi assaltada e está aqui no hospital.

— Ai, meu Deus! – ela coloca as mãos na boca e lágrimas umedecem seus olhos. — Vou atrás dele. Depois me dê notícias, por favor.

Duda sai apressada. Alcanço meu terno que está no encosto da cadeira e saio correndo. Não espero pelo elevador, desço rapidamente pelas escadas. Arthur já estava esperando-me ao lado do carro com a expressão aflita. Ele adora Manuela tanto quanto eu. Certo, talvez ele a adore um pouco menos que eu. Ficamos boa parte do trajeto em silêncio, até que o meu irmão pergunta:

— O que houve com Manuela?

— Segundo a Bia, ela foi assaltada e agredida – respondo e ele amaldiçoa.

A questão é: por que tanta violência? Todos culpamos o Estado pela falta de segurança, a família por não ter estrutura. Mas ninguém pensa que o ódio e a raiva, vêm de dentro. O ser humano está se deixando consumir pelo mal. Essa é a grande verdade! Olho para Arthur que assim como eu, está com medo da cena que encontraremos.

Deus, por favor, que ela esteja bem!

Capítulo 09 – Rodrigo



Chegando ao hospital, saímos em disparada para encontrá-la. Abri a porta do quarto indicado pela recepcionista e a vi. Não era a mulher forte que estamos acostumados, ali está apenas uma menina de olhar perdido e boca machucada. Meu coração aperta e meu instinto protetor surge. Em dois passos, chego muito perto dela, tenho receio que Manuela se assuste com uma aproximação brusca. Controlo todo o meu gênio antes de abrir a boca.

— Manu? – ela levanta os olhos e neles leio tudo o que se passa com ela. Medo, cansaço e fragilidade. Por mais que ela esteja abatida, sua força não permite que desmorone. Passo meus braços por seus ombros, enlaçando-a em um abraço. — Está tudo bem, pequena. Estou... estamos aqui com você.

— O-obrigada – seu tom de voz é baixo, desprovido de alegria. Forma-se um nó em minha garganta e afasto-me, dando o lugar ao Arthur para abraçá-la. A polícia resolve entrar nesse exato momento.

Um dos policiais se adianta para ver como ela está.

— A senhora está bem, dona Manuela? Acha que consegue nos contar em detalhes o que aconteceu? Como nós vimos os bandidos, já passamos a descrição...

— Viram e não prenderam? – questiono.

O policial encara-nos com a expressão severa de quem não gostou. Não me importo, nós também não gostamos do modo que levam o caso.

— Senhor, tínhamos duas opções: socorríamos a moça ou correríamos atrás deles. Preferimos ela.

Arthur e eu abrimos a boca para falar, mas Manuela se adianta.

— Eu estou bem. Já pedi várias vezes para me deixarem ir embora – ela respira fundo e faz uma careta. — Posso contar agora, assim falo uma vez só.

Coloco-me à frente dela.

— Você está frágil, acabou de passar por uma situação traumática – meu protecionismo é enorme em relação a ela. De agora em diante, para chegar nela, terão que passar por mim. Seja quem for! — Se não quiser depor agora, eles voltarão em outro momento.

— Vamos acabar com isso, tudo bem? Bom, o motorista da concessionária me deixou a uma quadra da construtora. Assim que ele saiu, dois homens me abordaram e me arrastaram enquanto me ameaçavam. Eles queriam que eu fosse a um caixa eletrônico, até que um deles abriu minha carteira e viu o pouco dinheiro que tinha, além de um cartão e minha habilitação. Então, e-ele me xingou, me bateu no r-rostto...

Sua fragilidade mexe comigo. Saber que a submeteram a tal brutalidade faz meu mundo parar. Volto minha atenção a ela, que continua:

— De repente, ouvi alguém gritar “polícia”, foi aí que me empurraram e caí. Quando tentei levantar, chutaram-me no estômago e bati com a boca no chão. Vocês chegaram e eles correram. Foi isso.

Enquanto Manuela responde a algumas perguntas, envio Arthur para procurar o médico e trazê-lo. Assim que ela termina com os policiais, o médico a examina e faz suas recomendações:

— Ela deve descansar bastante, repouso absoluto por, pelo menos, dois dias. Alimentar-se bem, tomar os medicamentos que estão na receita. Você ficará bem dolorida, Manuela. É normal, assim como os hematomas, mas não se preocupe, logo tudo desaparecerá. Não aconselho que fique sozinha, as primeiras noites são sempre as mais complicadas – ele volta-se para mim. — É importante que, de vez em quando, dê uma olhada nela durante a noite. Alguém pode me acompanhar para pegar a receita e a papelada da alta?

Adianto-me.

— Eu vou. Arthur, não saia do lado dela. Vou pegar uma cadeira de rodas para levar a Manuela até o carro.

Saio atrás do médico para tomar conhecimento dos cuidados que devemos ter. Agora, não sei se a admiro mais ou grito com ela por tentar ser forte mesmo em um momento que tem muitos para ampará-la. Ela não está bem, ninguém estaria bem e tranquilo nesse momento. Eu não estou! Depois de apanhar a papelada com o médico e tirar algumas dúvidas, pego uma cadeira e volto para o quarto. Abro a porta e Bia está lá, chorando, e Manuela a consolando.

Quando uma situação assim acontece perto da gente, começamos a pensar “e se”. E se ela tivesse mais ferida? E se ela tivesse morta? E se? Sempre que assistimos ou lemos os jornais, nos perguntamos a mesma coisa: Para que tanta violência? Para que submeter pessoas inocentes a cruéis perdas e sofrimentos?

Interrompo a lamentação de Beatriz, e Manuela se ajeita da melhor maneira para sair do hospital. Chegando ao carro, Bia pergunta:

— Para onde vão levar a Manu?

— Para minha casa! – Manuela responde veementemente. Eu já estava com a boca aberta pronto a dizer que não, quando ela continuou: — Depois desse dia infeliz, não vão querer me tirar da minha casa. Tudo o que eu não preciso nesse momento é dormir em uma cama estranha.

Ela começa a se levantar da cadeira e continua falando:

— Olhem para mim, eu realmente estou bem. Quero a minha casa, minha cama e ninguém para me vigiar – ela encara-nos. — Vão me levar para a minha casa ou vou chamar um táxi?

— Vamos levá-la, general!

Arthur e eu entramos no carro logo depois de acomodá-la. Apenas concordamos com a loucura de deixá-la sozinha porque não queremos que ela se altere. Mas essa batalha ainda não está perdida. Fizemos quase todo o trajeto em silêncio, salvo por uma pergunta ou outra de Arthur para mim. Assim que estaciono em frente ao seu prédio, desço e abro a porta, ajudando-a a sair do carro.

— Obrigada por tudo – ela agradece.

Aproximo-me dela e acaricio o seu braço.

— Me liga assim que acordar. Só vou me sentir melhor quando ouvir sua voz e constatar que está bem. Nos permita cuidar de você, Manuela. Precisamos disso para ficarmos despreocupados.

— Prometo que farei, Rodrigo – ela volta a me abraçar, me dá um beijo no rosto. Forte como uma muralha, tão frágil quanto uma rosa.

Arthur, que está tão pesaroso quanto eu, a toma em seus braços.

— Se cuida, gatinha. Qualquer coisa que precisar, independente da hora, me ligue, estarei a postos para socorrê-la.

Assistimos Manuela tomar o elevador para seu apartamento. Voltando para o carro, Arthur desabafa:

— Não acredito que estamos a deixando sozinha, Rodrigo. Puta que pariu, cara! A mulher acabou de ter uma experiência traumática e quer ficar sozinha? Agora quem não dorme sou eu!

Entrando no carro, digo:

— Quando ela acordar, Dona Sônia estará em sua porta, pronta para cuidar dela. Sobre isso, não aceitarei discussão.

— Amém! – Arthur debocha.

* * *

Quatro dias se passaram desde aquele assalto. Temos acompanhado Manuela de perto e constatamos que algo não vai bem. Segundo as meninas, Manuela está sem dormir e não come direito. Duda e Bia estão revezando as noites, disseram que, às vezes, ela nem deita, passa as noites trabalhando no computador. Dona Sônia disse que ela passa o dia fazendo coisas, mas também não dorme. Minha paciência está esgotando, estou fazendo o melhor para não ir lá e colocar aquela teimosa no meu colo, dar uns tapas naquela bunda. Tenho certeza que, depois disso, teria um sono de anjo! Manuela não entende que o seu bem-estar é importante para mim... para todos os seus amigos.

Alcanço o celular e ligo para a dona Sônia.

— Boa tarde, dona Sônia. Como está a nossa menina?

— Ela está bem, seu Rodrigo, mas está muito abatida, tadinha. Acho que é porque não dorme. E não sei mais o que fazer, ela até come bem, só que parece uma alma penada andando pelo apartamento.

O último fio de paciência se rompe.

— Dona Sônia, faça um café bem gostoso e prepare uma mesa bonita. Estou saindo do escritório agora e, quando eu chegar, a senhora estará dispensada. Poderá ir para casa descansar um pouco. Hoje eu cuidarei dela pessoalmente, vamos ver se ela vai dormir ou não.

— Certo, meu filho. Estou lhe esperando.

Tão logo desligo, pego as minhas coisas para sair e, no caminho, falo com Maria Eduarda:

— Quem dormiria com Manuela essa noite?

Ela olha-me com curiosidade.

— Eu. Por quê?

Sorrio ao falar:

— Terá sua noite de folga, Maria Eduarda. Estou indo ao apartamento de Manuela porque, ao que parece, ela não é boa em seguir recomendações médicas. Quem sabe as minhas ordens a mulher resolva ouvir? – Duda dá uma risadinha que a deixou com jeito de menina. — Ela dormirá por bem ou por mal! Desmarque todos os meus compromissos de hoje, pois não tenho a intenção de voltar. Envie um carro para buscar a dona Sônia.

— Tudo bem.

Dou dois passos e volto-me para ela.

— Não é da minha conta, Duda, mas você e o Arthur andam discutindo demais pelos corredores da empresa e os funcionários já estão comentando. E acho que vocês deveriam falar com a general antes que ela escute os tais comentários. Caso contrário, vocês terão um sério problema nas mãos – Duda fica mais vermelha que um pimentão, dando-me a resposta de que o que falam realmente é verdade. E não faço questão nenhuma de saber o que é!

Saio do escritório e caio no trânsito do Rio de Janeiro, fazendo o trajeto até o Recreio. Passo pela portaria que, por já me conhecer, permite que passe sem anunciar. O condomínio é tranquilo e seguro, Manuela deveria desfrutar mais disso do que trabalhar enfurnada dentro daquele apartamento. Aperto a campainha e logo dona Sônia me recebe.

— Boa tarde, meu filho. Manuela está em uma ligação.

Entro já tirando o meu terno para ficar confortável.

— A senhora já está pronta para ir ou ainda falta fazer mais alguma coisa?

— Estou pronta – ela responde com um brilho de astúcia em seu olhar. — Ela é uma boa moça e merece ser feliz, assim como você.

Ela é interrompida pelo interfone, a portaria avisa que o carro da empresa chegou para levar a senhora até a sua residência. Despeço-me dela sem perguntar o motivo de tal afirmação interessante sobre Manuela,

felicidade e eu. Tiro o meu celular do bolso e sento-me à espera dela.

Poucos minutos depois, Manuela aparece distraída, olhando em seu telefone.

— Boa tarde, Manuela.

Ela grita e coloca a mão no peito.

— Que susto, Rodrigo! Não pode assustar alguém assim – ela respira fundo e se acalma. — Está tudo bem? Não há quem tire você da empresa a essa hora e está aqui assim... – ela aponta para mim. — Assim...

— Relaxado? – ela assente. Levanto e aproximo-me. — Estou aqui por sua causa. Sei que você não se alimenta direito e não está dormindo, então achei melhor me certificar do seu bem-estar. Você está tomando o remédio que o médico passou para dormir?

— Não, não. O remédio me deixa sonolenta – ela responde sem desviar os olhos dos meus. E, assim, posso constatar o seu abatimento.

Mulher teimosa!

— Então, vá pegar o remédio. Quero que o tome agora – ordeno.

— Como é? – ela pergunta indignada.

— Isso mesmo, tome o remédio! Depois, você tomará um banho e colocará uma roupa confortável – ela se prepara para rebater minha ordem, mas, de imediato, reconhece quem está no comando. — Sem “mas”, Manuela. Vá de uma vez, antes que eu a pegue à força, coloque debaixo daquele chuveiro e faça você engolir o remédio!

Manuela coloca as mãos na cintura.

— Você não seria capaz de fazer isso.

Dou um passo à frente, diminuindo a distância entre nós e a encaro.

— Você sabe que eu faria, não sabe?

Com isso, Manuela sai em disparada em direção à cozinha. Observo-a tomar o medicamento e ir para o banheiro. Enquanto ela relaxa o corpo sob a ducha, fecho as cortinas de seu quarto e tento arrumar a cama para que durma assim que sair do banho. Perambulo pelo seu aposento observando cada objeto para saber mais sobre essa mulher. O que mais achei interessante? A calcinha de renda branca. Manuela sai do banheiro enrolada em seu roupão e vai direto para a cama. O remédio está fazendo

efeito.

Vou para sala abrindo alguns botões da camisa, pego um café que dona Sônia deixou pronto. Caminho pelo apartamento amplo e muito bonito, os móveis amadeirados em tom de cinza e marrom. A decoração é delicada e deixa o ambiente mais aconchegante. Percebe-se que ela é detalhista e organizada. A sacada é grande para uma mesa e duas cadeiras que estão de frente para uma praça bem arborizada. Andando por seu apartamento, passo pelo escritório e pego o computador. Volto para a sala e trabalho dali mesmo.

O dia passou e Manuela levantou apenas uma vez para tomar água e voltou para a cama. Seu corpo e sua mente se renderam, e a deixo dormir tranquila. O sono restaurará suas forças novamente. Antes de deitar, vou ao seu quarto e contemplo-a dormir pacificamente. O que anda passando nessa cabeça, pequena? Eu daria tudo para saber. Com isso, beijo seu rosto e saio. Ajeito-me no quarto de hóspedes e entrego-me ao cansaço.

Acordo com os primeiros raios do dia e apronto-me para ir embora. Passo em seu quarto e, ao ver que ainda dorme, beijo-a em despedida. Eu gostaria de ficar e vê-la despertar, mas acredito que não seja uma boa ideia. Somos apenas amigos e, ultimamente, as coisas entre nós andam por um caminho desconhecido. Sinto que estamos em uma linha tênue entre a amizade e o desejo, no momento em que a ultrapassarmos, não terá volta.

Volto para a sala e deixo um bilhete:

Espero que o seu dia seja bom. Cuide-se!

Beijos, R.

E, com isso, faço meu caminho até a porta, deixando-a contra a minha vontade. Mas, nesse momento, é o melhor a se fazer. Não sou fraco, só não sou forte o suficiente para negar meus instintos.

Capítulo 10 – Manuela



Graças a Deus! Resolveram me deixar em paz e retornaram à rotina normalmente. Eu os amo, mas estavam me sufocando com tanto cuidado desde o assalto. Bia é a mais preocupada de todos, me liga vinte vezes ao dia. Duda é outra, aparece sempre com a desculpa de que estava por perto para ficar comigo e tomar sorvete.

Arthur aparece para jantar comigo sempre que possível. Sim, eu cozinho! E nossa parceria funciona bem, eu adoro cozinhar, e ele adora comer. Rodrigo, por outro lado, não apareceu mais desde o dia em que me colocou para dormir. Parece que o Senhor Fodão está me evitando. Tudo bem, assumo que não sou fácil. Às vezes, é difícil me suportar, em outras, sou tão chata que nem mesmo eu me suporto, mas tenho meus momentos de legalzinha.

Eu não sou uma adepta aos banhos de banheiras, mas, nesse repouso por livre e espontânea pressão, pude constatar os benefícios que um banho desses pode trazer. É relaxante e revigorante! Entretanto, estar tão relaxada e revigorada leva-me para outros lugares e sinto outras sensações. Nos últimos dias, tenho sentido muito tesão... sim, tesão! Coisa muito normal para a minha idade, eu acho. Gosto de sexo, a dinâmica da coisa faz com que eu me sinta viva! Mas esses últimos dias têm sido mais intensos... não sei. E o príncipe das calcinhas molhadas tem participado das minhas fantasias.

Deitada nessa banheira, a água morna acaricia meu corpo, e ele invade meus pensamentos. Minhas mãos percorrem meu corpo, despertando cada ponto erógeno. Estou tão envolvida com as minhas fantasias eróticas que posso ouvir a voz de Rodrigo dando ordens para que eu cumpra.

“Não sou bom, sou o melhor! Pegar mulheres indomadas e colocá-las aos meus pés como doces meninas, fazendo-as gozar incontáveis vezes, é a minha especialidade, pequena...” Céus! Esse homem é demais.

Desço as mãos pelo meu pescoço, aperto meus seios e... Oh, sim! Começo a ondular meu corpo na água e a imaginá-lo aqui, sentado à minha frente, conduzindo o meu prazer.

— *Acaricie seus seios, Manuela. Belisque seus mamilos até sentir uma picada de dor. Eu sei que você gosta. Gema para mim, menina. Isso, desça sua mão pelo seu corpo, alcance seu clitóris, aperte-o. Boa menina. Quem manda, Manuela? Não ouvi sua resposta. QUEM MANDA?*

— *Você. Você manda. Oh, por favor...*

— *Por favor o quê, garota?*

— *P-por favor, s-senhor. Permita-me gozar.*

— *Enfie dois dedos e continue a massagear seu clitóris, menina. Isso. Agora três dedos.*

— *Sim. Oh, sim!*

— *Vamos, Manuela! Goze! Agora você pertence a mim.*

Tenho um orgasmo arrebatador que faz minhas vistas nublarem até o momento em que me dou conta da expressão: “Agora você pertence a mim”.

Não! Isso está errado. Sim... não. A ideia de pertencer àquele homem não é tão ruim quanto eu queria que fosse. Na verdade, é até atrativa demais... demais. Há dias, venho fantasiando com ele e... JESUS CRISTO! Os vizinhos devem ter ouvido os meus gemidos. Devem pensar que a louca do oitavo andar está morrendo com um ataque cardíaco. Balanço a cabeça e saio da banheira. Depois dessa loucura toda, está na hora de voltar ao normal.

Rapidamente, me arrumo e me jogo no trânsito da cidade com o humor renovado. Resolvi ignorar aquele delírio accidental e o guardei em um lugar remoto do meu cérebro. Enquanto faço o meu caminho para o conglomerado da construtora, depois de alguns dias de folga, fico divagando sobre a minha vida. Não me lembro quando passei a trabalhar em duas empresas simultaneamente e ainda estar de licença saúde em uma delas. Acho que estou levando essa coisa de amar o que faço muito ao pé da letra.

Assim que entro na construtora, as pessoas me cumprimentaram e deram boas-vindas. Chegando à presidência, Duda dá um pulo de sua

cadeira e vem me abraçar.

— Ai, meu Deus! Nem acredito que você voltou.

— Não via a hora de sair daquele apartamento e voltar à rotina normal. Os meninos já chegaram? – pergunto.

— Chegaram, sim. Ambos estão na sala do Rodrigo. Pode ir em frente, tenho certeza que ficarão muito felizes em vê-la – minha amiga fala com um lindo sorriso.

— Obrigada, Duda – respondo com carinho. — Nosso jantar ainda está de pé?

— Hum... não. Desculpe-me. Eu ia ligar para jantarmos amanhã, tenho um compromisso que não posso desmarcar. Tudo bem? – Maria Eduarda pergunta apreensiva.

— Perdoo você porque esse sorriso está lindo, está muito iluminada para o meu gosto – vou em direção à sala do todo-poderoso enquanto falo: se você está feliz, eu estou feliz.

Bato à porta antes de entrar na sala.

— Oi? Estou atrapalhando? – pergunto já entrando.

Ambos me olham e sorriem. Arthur vem me encontrar no meio do caminho, segurando-me em um abraço apertado.

— Boa tarde, general. Como se sente?

— Estou bem, soldado bonitão! – não há como olhar para Arthur e não sorrir.

— Como vai, senhorita Vasconcelos? Faz tempo que não nos vemos – Rodrigo dá a volta em sua mesa e me abraça amigavelmente. Naquele momento, tive a certeza de que somos só amigos.

Espere aí, não é o que queremos? Sim... não... sim, é. Pare com essas loucuras, Manuela. Resista!

— Estou bem, obrigada. Muito trabalho? Posso fazer alguma coisa? – pergunto.

Arthur se vira para nós e solta a brilhante ideia:

— Vamos ao shopping tomar alguma coisa? – alegro-me de ver aquele sorriso novamente.

— Sim! — respondemos juntos.

Quem diria que, um dia, os irmãos Alcântara e Castro estariam em um shopping em plena tarde de um dia útil. Inacreditável! Ficamos entretidos por algum tempo com a conversa boa, a companhia agradável uns dos outros, e eu cheguei à conclusão de que deveria fazer isso mais vezes.

Em um segundo, as coisas mudam, quando surge uma *Barbie*. Que, pelo jeito, está muito chocada com a visão.

— Olha quem está aqui – viramos na direção da voz. — Arthur, Rodrigo, nossa, vocês em um shopping às quatro da tarde em um dia de semana? – *quem é essa?* Deve ser uma das amigas da *high society*. Em nenhum momento, ela olha para mim, detém-se apenas nos belos homens. Mas, também, por que olharia, não é? O foco dela é Arthur. — Vou ligar para a Bárbara, ela vai adorar saber que você está aqui, Rodrigo. Acabei de encontrar com ela.

Volto minha atenção a ele e vejo que ambos se entreolham. Provavelmente, traçando um plano de fuga telepaticamente. *Não...* ninguém foge de mulher bonita. Rodrigo se levanta, seguido de Arthur para cumprimentá-la.

— Érica, como está? Faz tempo que não nos vemos. Quero lhe apresentar Manuela, uma amiga – ele aponta para mim. — Manuela, esta é Érica. Ela é ex-namorada do Arthur.

Isso explica a cara dele.

— Prazer, Érica – digo com educação.

Pelo jeito que ela me olha, não arrisco a dizer mais nada. Ela apenas acena com a cabeça e mostra um sorriso amarelo. Quero distância de gente assim. É do tipo que só tolera as pessoas de sua classe. Sento-me e fico mais quieta que Arthur, o que é quase impossível. Em seguida, chega outra mulher, linda, loira, olhos verdes, corpo tipo atriz de Hollywood. Realmente parece uma modelo.

— Rodrigo – Jesus! Que voz estridente. — Como vão, rapazes? Faz muito tempo que não nos vemos.

Depois de todos os cumprimentos e caras feias, os dois protótipos de *Barbie Sereia* se sentam sem serem convidadas. Os quatro embarcam em uma conversa sobre o mundo da alta sociedade, o qual eu não faço parte.

Fico calada, apenas os observando. Todos são lindos e formam lindos casais dignos de revista. Não faço parte e nem quero fazer. Uma vida de futilidades não combina comigo, gosto de ação, de emoção, da luta diária, ganhar pelo meu esforço e ser reconhecida pelo meu empenho. Não sirvo para ser socialite, uma esposa modelo, que cuida da casa, dos filhos e fica à espera do marido lindo executivo chegar. Não, eu sou do tipo: bora trabalhar, vamos, garanhão...

Vou sair daqui. Levanto e me despeço:

— Meninos, obrigada pelo suco e pela companhia. Vou indo.

— Manuela... – Rodrigo tenta interferir, mas o corto.

— Não. Aproveitem a companhia das lindas moças e divirtam-se.

Bye!

Ando o mais rápido que posso para longe dali. Minha vontade era de sair correndo sem olhar para trás. Meu coração aperta com a realidade. Vamos ser francos, elas são perfeitas para eles. Por que iriam querer alguém que não participe do seu mundo? Parece clichê, mas é a verdade. Talvez a realidade seja um clichê, vai saber! Com passos largos, pensamentos confusos e sentimentos conflitantes, não me dou conta de que voltei para escritório.

Só percebo o tamanho da minha distração, quando ouço Maria Eduarda.

— Manu?

— Que susto, Duda! Estava distraída – desculpo-me.

— Cadê os rapazes?

Olho-a e vejo expectativas em seus lindos olhos. Mas é melhor falar a verdade, não?

— Eles encontraram suas ex-namoradas que parecem modelos de passarela, e eu estava sobrando. Então, voltei.

Duda arregala os olhos.

— É-Érica?

— Sim – nesse momento vejo uma bela rosa murchar à minha frente. Puxo-a para sentar em um dos sofás.

— O que houve, Duda? E nem venha com historinhas para me

enrolar. Abra o jogo, o que anda se passando entre você e o Arthur?

— E-eu achei... achei... Meu Deus, como sou idiota! Eu achei que ele estava realmente interessado em mim. Ele... e-ele me convidou para jantar novamente e acreditei que também estava gostando de mim – ela encara-me com remorso. — Desculpe-me, Manu. Eu sei que você não queria envolvimento, mas foi maior que eu.

Aperto a sua mão e sorrio envergonhada.

— Pode não acreditar, mas eu sei como é. Vou dar um conselho a você, minha flor. Eles são os donos disso aqui, filhos de família rica, frequentadores da alta sociedade. Acha mesmo que a família permitiria um caso com uma funcionária? Tenho certeza que você já ouviu que seus pais já têm esposas escolhidas para seus herdeiros. Elas, aquelas que estão com eles nesse exato momento, são as escolhidas. Afaste-se, preserve seu coração. Só você tem a perder!

Duda está me olhando com sofrimento estampado em seus olhos. Mal sabe ela que essas palavras são mais para mim do que para ela. *Mas que tipo de amiga sou eu?* Abraço-a bem forte.

— Me desculpe, não quis ser realista demais. Me perdoe, Duda – *isso que acabei de falar é para o meu coração, amiga...* — Não escolhemos quem gostar. Eu sou uma grossa que só quer que você seja feliz.

— Eu sei – ela se levanta e limpa o rosto decidida. — Meu horário terminou. Vamos ao cinema?

Dou um pulo da poltrona e bato continência.

— *Simbora*, mulher bonita.

Capítulo 11 – Rodrigo



Arthur vai dar uma daquelas festas para comemorar alguma coisa, pode ser por um grande negócio concretizado ou por seu cachorro ter aprendido algum truque novo. Ele faz festa por tudo! Olhando entre os convidados, encontro amigos de infância, amigos do clã praticante do BDSM, pessoas que não foram convidadas, há de tudo um pouco. Gente bem-humorada, bonita, grandes parcerias. Apesar de ser reservado, gosto de estar entre amigos.

— Rodrigo, meu velho, cadê as garotas da festa? – Steban vem sorrindo em minha direção. Como “cadê as garotas da festa”? Aqui, basicamente, são só mulheres.

— Está cheia de mulheres, Steban. Vai dizer que agora está cego? Apesar de que, com sua idade, a visão já começa a abandonar – rio com um dos meus melhores amigos. Com ele, aprendi muito sobre como ser um Dominador no BDSM e foi através dele que me descobri.

— Estou falando da Bia, Manu, Duda.

Boa pergunta.

— Não sabia que a Manuela viria – falo surpreso.

Não nos vemos há quase um mês. Nos falamos muito pouco por telefone e, quando isso acontece, é somente sobre negócios. Assim que ela terminou suas tarefas na empresa, rapidamente se desligou e me evitou. Será bom vê-la novamente, ela é uma boa amiga.

Steban olha para mim fixamente e fala sério.

— Acreditava que você a tomaria como submissa, cara. Mas eu soube que ela está conversando com alguém, não sei se já estão negociando. Achei que era você.

Isso é novidade. Depois de absorver a péssima notícia, digo:

— Não. Não falo com ela há um bom tempo.

Nesse momento, ouvimos as risadas das meninas. Olhamos em direção à porta e vimos as três juntas. Ninguém dá conta desse trio. Elas

vêm em nossa direção. E logo estou concentrado somente em Manuela. Saúdo-as.

— Boa noite, meninas. Chegaram animadas – olho para Manuela e a pego encarando-me com afeto. Será que ela sentiu saudades como senti dela? — Como está, Manuela?

Ela sorri.

— Estou bem. E você?

— Muito bem.

Ficamos nos olhando fixamente, tentando desvendar o que se passa na cabeça do outro. Nesse momento, Greice resolve aparecer e, como sempre, no momento impróprio.

— Mestre Rodrigo, pode me dar um minuto de seu tempo?

Forço-me a virar para ela.

— Claro – volto para os meus amigos. — Com licença – jamais negarei tempo a quem me serviu ou me serve. É muito importante valorizar uma mulher. Sendo submissa, merece ainda mais atenção.

Enquanto nos afastamos do grupo, penso no quanto Greice anda estranha. Quando sinto algo assim, evito sessões porque não se deve entrar no jogo se não está focado nele. Isso é para todos os lados. Minhas sessões com Greice passaram de esporádicas a nenhuma. Mesmo não sendo minha submissa fixa, todo cuidado a quem me cede seu controle é importante. Greice começa a falar sobre tudo e sobre nada, e eu sem entender nem uma palavra.

Enquanto ela fala, acompanho Manuela andando entre os convidados. Ela tem uma belíssima postura, sua elegância é natural. Não são as roupas ou sapatos, e sim a sua postura. O desejo de todo dominador é ter uma mulher tão forte quanto ela dobrada aos seus pés, lhe servindo. Pois, segundo a crença, são essas que se entregam com paixão instintiva. Volto minha atenção a Greice, que não chega a lugar nenhum com essa conversa. Enfadado, peço licença e caminho para a varanda para tomar um ar.

Não ingiro bebidas alcoólicas, para mim é sempre água. Então, meu copo com água e eu saímos para tomar um ar. Por coincidência, Manuela está lá, provocantemente sexy. Vestida com um curto short branco que

deixa suas pernas amostra, uma blusa florida rosa e sapatos de salto alto. Engraçado, ela é uma das maiores contradições que já encontrei: é insegura com sua aparência, mas é autoconfiante com sua inteligência. Sabe que é boa no que faz, mas acredita que não é bonita. Tola! Não faz ideia do que pode fazer a um homem.

Há alguns dias, tenho pensando nela, em como seria tê-la. Venho amadurecendo uma ideia que pode ser boa para nós dois. Me aproximo dela e contemplo a cidade iluminada, a praia... Depois de um longo minuto, corto o silêncio.

— Pagaria qualquer coisa para saber o que se passa nessa cabeça, pequena.

Ela olha para mim e sorri.

— Estou pensando em como a vida pode dar voltas. Jamais imaginei que um dia seria uma executiva, moraria no Rio de Janeiro e teria amigos tão leais – ela levanta seu inseparável copo de com refrigerante e o leva à boca. Ela precisa parar de tomar isso — E você, príncipe. Está pensando em quê?

— Estou pensando em você – continuo encarando-a para ver a sua reação. Aproveitando a sua surpresa, volto a falar: Como seria tê-la ajoelhada perante mim, amarrada, gemendo, essas coisas que se passam na cabeça de qualquer um.

Ela ri da minha afirmação irônica e sinto-me satisfeito ao ouvir seu riso gostoso.

— Já tinha esquecido de como você é direto. Mesmo assim, bom saber – ela volta a olhar a praia e o silêncio persiste até ela falar: Eu também gostaria de saber como seria servir o Senhor Fodão.

Essa é a minha oportunidade.

— Podemos tentar, nada nos impede.

Manuela olha-me e assisto emoções passarem por seus olhos brilhantes.

— Verdade, nada nos impede.

Meus pensamentos correm para se ordenar, para conquistar essa mulher para o jogo. Desde que me tornei um dominador, não tive que conquistar parceira nenhuma. Sempre houve fila de espera. Com Manuela

as coisas são diferentes porque ela é experiente e jamais se entregaria a alguém que não tenha confiança ou que seja mais forte que ela.

— Gostaria de jantar comigo amanhã? Faz tempo que não temos mais nossos encontros semanais – a convidado.

Depois do silêncio agonizante, ela responde:

— Adoraria, Rodrigo.

— Eu a pegarei às oito. Pode ser?

Aproximo-me dela para tocá-la. Tenho necessidade de sentir seu cheiro, seu gosto... Até que um infeliz resolve aparecer. Arthur, como sempre, dá as caras nas horas mais impróprias.

— Manu, a Duda não está bem. Eu queria levá-la para casa, mas ela não aceita. Diz que veio com você e voltará com você. Por favor, faça com que ela fique aqui mais um pouco.

Enquanto Arthur está com cara de cachorro que foi abandonado, Manuela fecha a cara. Pelo jeito, haverá mortes. O tom de voz de Manuela não deixa dúvidas sobre o seu desagrado.

— Eu vou levá-la para casa. Seja o que for que tenha acontecido, você está envolvido, então não pode ser boa coisa – ela fala com decepção. O que é estranho, visto que sempre se deram muito bem. Manu beija o meu rosto e diz: Até amanhã. Boa noite, Senhor Fodão – ela se vira e fala para o Arthur antes de sair: Boa noite, “Senhor Fodinha” e cuide-se. A castração ainda não saiu da minha lista de vingança.

Olho para Arthur e tenho uma crise de riso. Eu sabia que isso não ia dar certo. Manuela é muito leal às amigas e, se fizer alguma coisa para machucar alguma delas, a leoa destroça sem dó! Não sei por que, mas a fera me excita.

— Eu avisei, animal. O que você fez? – questiono o meu irmão.

— Nada, juro que não fiz nada. As mulheres são loucas! – ele passa a mão pelos cabelos, um pouco nervoso. Depois de respirar fundo, volta-se para mim. — Ouvi que vocês vão sair amanhã. Fico feliz por você, mas, pelo jeito, minha aula foi cancelada, hein? – assinto. — Me responde uma coisa?

— Sempre.

— Seja sincero comigo, eu levo jeito para ser dominador? Porque eu sinto que nasci para isso. Isso me excita, às vezes, chega a ser avassalador o

tesão. Mas tenho dúvidas – ele desvia o olhar. Se eu não conhecesse bem o meu irmão, diria que ele está envergonhado. — Eu só o procurei para me ensinar porque queria alguém que está no BDSM. Mas, no meio do caminho, algo mudou, é como se eu tivesse...

— Descoberto algo que existia, mas só se deu conta quando o experimentou – complemento.

— Isso!

— Você é um dominador nato, como poucos. Dúvidas são normais e esse questionamento só mostra sua maturidade. Ainda assim, aconselho, só entre nisso se realmente lhe der tesão. Se o fizer somente para impressionar alguém, você só terá a perder. Fará disso uma coisa ruim para você e para quem estiver sob seu domínio.

Ele me dá um abraço. Somos apenas dois irmãos e o fato dos meus pais não serem muito sentimentais fez com que fossemos ainda mais unidos. Afinal, era ele por mim e eu por ele. Me afasto para dizer:

— Como não haverá lição amanhã, trouxe um chicote de nove tiras para você treinar como lhe ensinei. Está em seu quarto. Cara, nem esse chicote vai livrá-lo de ser capado pela general quando ela souber que você quer a Duda. Aconselho a comprar um caixão.

Rindo, viro-me para sair e ouço:

— Não seja babaca! Se você contar a Manuela sobre a Duda, eu mesmo vou capá-lo!

Retirei-me da festa cedo, dei uma volta pela cidade adormecida e fui para casa. Passei parte da noite pensando sobre o jantar com Manuela, pesando os prós e contras de termos algo. Mas, por mais contras que possam existir, o interesse em possuí-la faz com que qualquer contra se transforme em pró. Eu não sei se é o desafio de jogar com alguém forte ou se é genuíno interesse, a única coisa que é incontestável é a forte atração que temos um pelo outro.

* * *

Depois de levantar bem-disposto e correr na praia, passo o dia resolvendo algumas coisas fora da empresa. Com três empreendimentos de porte grande sendo finalizados e dois em lançamento, os dias têm sido curtos, fazendo-nos correr contra o tempo. No final da tarde, volto para o escritório somente para assinar alguns documentos. Como a minha visita é

rápida, Maria Eduarda e sua eficiência vêm em meu encalço, repassando as tarefas a serem reagendadas.

— Duda, tenho mais alguma coisa para olhar? – pergunto cansado.

— Não, senhor.

— Faça uma reserva para hoje à noite no Le Pré Catelan, para duas pessoas às oito e meia – pego as minhas coisas e já vou saindo da sala. — Estou indo para casa agora, não esqueça de me ligar assim que a reserva for feita.

— Sim, senhor!

— Até mais, Duda. E cuide-se! – sorrio e pisco para ela que cora. Duda é uma boa menina, muito dedicada e fiel a nós. E se aquele filho da puta do Arthur pisar na bola com ela, eu mesmo me encarrego de esganá-lo.

Vou para casa descansar e me arrumar para o encontro. Sob a ducha, escolho com cuidado o que direi a Manuela caso ela não aceite se render a mim. Eu não consigo desvendar o motivo do fascínio que tenho por ela. E ontem percebi que estava com saudades assim que a vi. Nenhuma outra mulher despertou tanto desejo em mim, deixando-me curioso em saber como são os seus gemidos e sua resposta aos meus comandos.

Inferno! Eu nem sei se a mulher é capaz de obedecer a alguém. Depois de tanto tempo sem novidades, Manuela é um refresco cítrico. E se nada der certo... Dou risada comigo mesmo. Não existe “não dar certo” comigo, eu sou do tipo que faz acontecer! As horas voam, e eu corro mais uma vez, mas, nesse momento, é para encontrar-me com a mulher que tem tirado o meu sono.

Impaciente no hall de entrada de seu condomínio, espero Manuela descer. Por mim, já pularia esse jantar e iria direto para a sobremesa. Então, me perco em pensamentos eróticos envolvendo um corpo de pele morena...

— Boa noite, Rodrigo – sou tirado do meu delírio sexual assim que ouço a voz dela.

Manuela está deslumbrante como sempre, veste uma calça branca de cintura alta e camisa de seda rosa. Seu estilo clássico é elegante, o que me atrai ainda mais nela. A cor de sua pele também é um dos seus pontos fortes ou sou eu que tenho uma queda por mulheres negras. Não sei... Alcanço sua mão e a beijo.

— Boa noite, linda menina. Podemos ir?

— Sim, senhor! – ela não faz ideia de como isso me afeta. Minha cabeça trabalha montando a cena em que eu a possuo e ela repete sem parar: *Sim Senhor!*

A partir de agora, tenho uma missão, fazê-la minha. Caso ela não queira, o que é impossível, porque todas querem, eu a farei querer. Tenho meus métodos e, claro, o meu charme.

Nossa viagem segue tranquila até o restaurante, minha *playlist* nos acompanhava. Pelo que percebi, temos um gosto musical muito semelhante e gostei de ouvi-la cantarolando algumas músicas. Todos os fatos relevantes da minha vida têm uma trilha sonora. Algumas letras parecem ser a nossa história em versos; outras, parecem orações. E ainda há aquelas, que dão a impressão de que foram feitas para o momento, como *Comme un fils* que toca nesse instante.

(...) Dê-me tudo, mesmo quando não há mais nada. Embriague-me de você, quando nada está bem. Faça amanhã, quando o hoje é terrível e eu farei da mesma forma. Leia minhas penas antes que eu as diga. Esqueça as minhas vergonhas sem que eu peça. Esconda-me se um dia você me amar, porque eu farei da mesma forma (...) – Corneille.

Gosto de boa música, boa comida e boa companhia. Na minha tosca concepção, não adianta ser um restaurante caro se não oferecer boa comida. Prefiro ir na Rocinha comer a feijoada da Dona Cida, isso sim que é comida de verdade, a comer *escargot*, que, para mim, nem é comida, muito menos símbolo de riqueza. Lesma encontro no quintal de casa.

Já no restaurante, sentados à mesa reservada a nós, conversamos sobre negócios e amenidades do dia a dia enquanto nossos pedidos não vêm. Bom, acho que esse é o momento de ir ao que interessa.

— Fico feliz que tenha aceitado o meu convite. Eu realmente senti sua falta – alcanço a sua mão sobre a mesa. — Falta de estar com você!

Encaro-a querendo trazê-la a mim para que veja a verdade de minhas palavras. Quero que ela leia em meus olhos o que sinto, o que quero. Acariciando seus dedos, volto a falar:

— Gosto muito de você, talvez até mais do que deveria. E gostaria de fazer uma proposta a você, Manuela.

— Sou toda ouvidos, querido. Diga-me – Manuela me desconcerta

com o seu sorriso. Gosto de mulheres com senso de humor, a vida fica mais fácil e mais leve assim.

— Quero propor uma relação Dom/sub, com um contrato, sessões uma vez por semana e duração de um mês. Saiba que eu realmente quero tê-la sob meu domínio, sob mim – sinto a mulher estremecer e mantenho-me firme, mas satisfeito com a sua reação. — No momento, é o que posso lhe oferecer, uma relação puramente D/s. Mas garanto que você será minha preciosidade, Manuela.

Espero que ela fale alguma coisa, mas apenas encara-me com rosto inexpressivo, o que me deixa tenso. Sorrio sem jeito.

— Desculpe por ser tão direto, mas é que... Inferno, Manuela! Só em pensar nisso já me excito.

Ela fecha os olhos e balança a cabeça. Ao abri-los, contemplo desejo. Manuela solta a sua mão da minha e brinca com os meus dedos.

— Desde quando nós dois fazemos rodeios para falar o que pensamos? Talvez até seja isso que nos atraia. Bom, eu não estou procurando um relacionamento, Rodrigo. Estou em um momento da minha vida em que o amor não tem lugar, minha vida é o meu trabalho. Também não estou aberta a relacionamentos homem/mulher, pois não quero compromisso. Mas sinto-me lisonjeada com a sua proposta... – ela entrelaça nossos dedos e olha-me. — Essa proposta, vinda de você, é um privilégio que não pretendo descartar. E há muito venho imaginando como seria estar sob você.

Jesus Cristo! Sua afirmação e seu olhar fazem fogo correr pelas minhas veias. Fico surpreso com a reação do meu corpo a suas palavras. Manuela mexe mais comigo do que eu esperava. Nesse momento, os garçons nos servem, me dando a desculpa perfeita para me afastar de seu toque. Preciso erguer as minhas defesas quando se trata de Manuela Vasconcelos.

— Será perfeito! Faremos uma grande parceria – assim que me sinto no controle de minhas emoções novamente, inicio a negociação. — Você já teve dono, então conhece as nuances de uma negociação. O meu contrato é bem básico, constará nossos limites e as exceções, o número de sessões acordado, sua palavra de segurança e nossas assinaturas. Para redigi-lo, preciso saber quais são os seus limites e o que você está disposta a tentar.

— Não faço, em hipótese alguma, *bloodplay*, que é a prática que

envolve sangue, e nem *scat*, *pissing* ou afim, que são coisas que envolvem algo da fisiologia humana – com pura confiança, ela coloca as coisas do seu modo. É muito fácil negociar com alguém experiente. — Os meus limites estão aí para serem quebrados. Cada dominador tem o seu jeito e suas peculiaridades, sendo assim, prefiro que você teste cada um e molde-me conforme seus desejos.

— Ótimo! Manuela, nas sessões, quero você por completo, seu corpo, sua cabeça e sua devoção. Quero tudo. Também não abro mão de toda a liturgia e ritos que cercam uma sessão. Posso contar com isso? – pergunto.

— Claro que sim. Mas há algo que não falarei. Sei que a expressão correta para tratamento de um dono é “dono de mim”, isso eu não falo. Meu repertório tem Senhor, Senhor meu, meu Mestre, Mestre Rodrigo. Mas “dono de mim”, não. Tudo isso apenas quando estivermos somente você e eu. Porque, para mim, Rodrigo, o BDSM é algo para a minha satisfação e não para que os outros rotulem ou discriminem.

Sinto-me muito satisfeito com as suas palavras e com a firmeza que são ditas.

— Posso conviver com isso – concordo. — Mais alguma coisa?

— Sim. Não quero que ninguém saiba. Se não der certo, isso estará só entre nós dois. Temos o mesmo círculo de amigos, se eles tomarem conhecimento, podemos imaginar como reagirão.

— Quero deixar claro que, por mim, não há problema algum de saberem. Mas, se você faz questão, que assim seja. Fiz exames semana passada que constatarem que eu estou bem, depois mostrarei todos eles a você. Há algo sobre sua saúde que eu deva ter cuidado?

Tenho ciência das fragilidades que a afastaram do trabalho, mas preciso saber se há mais coisas para que as nossas sessões não passem dos limites.

— Meus exames são recentes e estou bem também. Não há nada que você deva se preocupar. Faz, mais ou menos, quatro ou cinco meses que não tenho relações sexuais – meu pau reage no mesmo instante. Isso não deveria acontecer, mas estou sedento por essa mulher. — Os exames que tenho talvez sejam suficientes para você.

— Sim, tenho certeza que são. Vou redigir o contrato e enviarei para

você assinar ainda essa semana. Nossa primeira sessão pode ser quarta-feira que vem? – eu queria que fosse agora mesmo.

— Esperarei ansiosa – fico preso em seu olhar.

Eu também, menina bonita... eu também.

— Obrigado por confiar em mim, Manuela. Garanto que você não irá se arrepender.

O *maître* nos traz a carta de sobremesas, mas Manuela dispensa, assim como eu. Tomamos uma taça de vinho para fechar o nosso acordo e, depois de pagar a conta, saímos do restaurante. Assim que chegamos no carro, pressiono-a contra a porta com o meu corpo e coloco as mãos no carro, aprisionando Manuela entre os meus braços. Aproximo-me de seu ouvido e falo:

— Não vejo a hora de despir você, amarrá-la e fodê-la até não aguentar mais. Vou saborear cada parte sua, minha língua explorará cada pedacinho do seu corpo e vou fazer você gemer, gritar o meu nome e implorar por mais.

Sinto a sua respiração acelerada quando me aproximo para beijá-la. Tomo sua boca em beijo devorador que é correspondido com a mesma intensidade. Enlaço sua cintura e levo a outra mão até sua nuca, para controlar o seu ritmo. Manuela acaricia o meu corpo, fazendo-me sentir o calor de suas mãos mesmo por cima da roupa. Tiro minha boca da sua, só para afirmar minha posse.

— Você é minha, toda minha! – agarro-a novamente e só a solto quando não temos mais como respirar. Faço uma trilha de pequenos beijos em seu pescoço e mordo o lóbulo da sua orelha. É impossível parar... Quero mais...

Colo o meu corpo no seu para que sinta o que faz comigo. Tenho que me controlar, senão a tomarei aqui mesmo.

— Sente o que faz comigo? – sua resposta é um gemido que me faz beijá-la mais uma vez. — Lembre-se bem, você é minha!

Antes que eu rasgasse sua roupa e a fodesse sobre capô, correndo o risco de ser pego por atentado ao pudor, ajudo-a entrar no carro. Quando se trata de Manuela, meu corpo ruge de necessidade. Algo me diz que um mês com essa mulher será muito pouco.

Capítulo 12 – Manuela



Esperei ansiosamente por esse dia. contei as horas para a minha primeira sessão com o Rodrigo... Mestre Rodrigo. Tenho que lembrar-me disso, já que ele leva a liturgia tão a sério. Durante esses dias, tive muitos questionamentos e a insegurança não me deixou em paz. Cabeça de mulher é um negócio esquisito. Perguntas como: será que ele gostará de mim? Será que estou fazendo certo? E se ele não gostar? A insegurança sobre meu corpo tem pesado muito, porque, querendo ou não, isso pesa, literalmente!

Meu telefone toca, tirando-me da divagação. Procuro-o entre as roupas que joguei sobre a minha cama... Onde essa porcaria está? Aqui!

— Oi.

— Manuela, quero você no Copacabana Palace em duas horas. A recepção já sabe como proceder, basta dizer-lhes o meu nome e a conduzirão até a suíte reservada – seu tom de voz fica mais baixo. — Assim que entrar, você será minha por completo, eu não aceitarei distrações. Desligará o telefone e deixará as suas coisas na antessala, onde terá uma coleira de couro à sua espera, coloque-a. Até aqui tudo bem?

Jesus, Maria e José... com a excitação que estou, nem sei se serei capaz de lembrar de tudo isso.

— S-sim, senhor.

— Quero você vestida como se fosse para uma reunião de negócios, mas de saia. Não tire nada até eu mandar. Depois que colocar a coleira, vá para o quarto, coloque-se na posição devida e me espere. Entendido?

— Sim, senhor – esse jeito dele me faz molhar a calcinha. Só de imaginar que vou servi-lo... Misericórdia! Meu corpo já se agita. Sou capaz de gozar só com ele me olhando.

— Qual é a posição, Manuela? – ele pergunta, trazendo-me para a realidade.

— Ajoelhada, cabeça baixa e mãos sobre as coxas.

— Isso mesmo. Não se atrase! – ele desliga sem se despedir. O homem já está no modo “dom”, e eu já estou ovulando.

Bom... ele não falou nada de específico sobre a roupa íntima e, como sou uma boa menina, muito boa por sinal, vou escolher algo para abalar Bangu. Depois, vou até o meu armário para escolher a roupa. *Por que roupa de negócios?* Vai entender a loucura dos homens! Escolho uma camisa branca que me deixa elegante e uma saia lápis preta que me deixa mais alta. Agora, vou para lingerie.

Pego um *corselet* branco de cetim e renda, desses que deixam a gente gostosa. O quê? Fico gostosa para caralho com isso! Pego uma calcinha fio dental branca. Se estão pensando que vou colocar meia calça e cinta liga nesse calor infernal, podem esquecer! Escolho um dos meus sapatos preferidos, um *peep toe* branco com laço preto. Cabelos soltos, maquiagem leve, muito perfumada e todas as partes depiladas. Por um momento, me bate a insegurança, e se não der certo?

Se não der certo, maluca, pelo menos você deu!

Balanço a cabeça para as loucuras que penso. Falta de sexo deve fazer isso com a pessoa, só pode. Olho para o relógio e vejo que já estou ficando atrasada para sair. O trânsito a essa hora é mais tranquilo e quanto mais perto do hotel chego, mais a ansiedade aperta.

Falando em hotel, Copacabana Palace, chique, hein? Vou bater foto e compartilhar... Sério, como vou postar para a minha galera ver: *em sessão com o meu senhor gostoso no Copacabana Palace*. Meu pai me deserda e minha mãe, coitada, morre do coração. Mas a questão é: o que levou o homem a escolher ter uma sessão lá?

Ansiosa... Nervosa... Excitada...

Assim que paro o carro em frente ao hotel, um manobrista gentil o leva, e sigo até a recepção, onde uma menina mais que sorridente me atende. Sou só eu ou vocês também se incomodam com um sorriso desse tamanho? É meio assustador, tipo o gato do País das Maravilhas.

— Boa noite, senhora. Em que posso ajudá-la?

— Boa noite. Vim encontrar com o Rodrigo Alcântara e Castro - como em um passe de mágica, a criatura conseguiu sorrir ainda mais.

— Ah, sim, um momento, por favor. Alguém vai acompanhá-la até o quarto.

— Obrigada.

Agora meu estômago está cheio de borboletas, minhas pernas tremem e me abano para tentar não suar em pânico. *Pelo amor de Deus, Manuela. Não vamos perder a pose, barriga para dentro, peito para fora, empina a bunda e vamos!* Empinar a bunda é exagero, eu sei.

Um dos funcionários leva-me até a suíte e abre a porta, indicando para que eu entre. Assim que o faço, assusto-me com o barulho da porta sendo fechada. Nervosismo à flor da pele. Respiro fundo na tentativa de me acalmar, então olho ao redor contemplando o lugar em que acontecerá a sessão. Deparo-me com uma sala linda, muitas flores acompanhadas por cartões. Passeio entre elas, lendo cada um:

“Seja bem-vinda, menina bonita.”

“Essa noite será inesquecível.”

“Você é minha, nada, nem ninguém pode mudar isso, só eu. Mas, no momento, não pretendo mudar nada. A única coisa que pretendo fazer é possuí-la!”

Meu Deus, o cara é demais! Deixo a minha bolsa de lado e alcanço a coleira de couro preta com uma grande argola em prata. Coloco-a e encaminho-me ao quarto que está iluminado por velas. A música que ouço ao fundo é facilmente reconhecida por mim, pois é uma das canções mais deliciosas que já ouvi – (...) *Rouba o meu coração com cada nota que você toca. Eu rezo para você me notar e me ter em seu coração algum dia. Eu queria ser a pessoa que você acaricia com suavidade, mas você nem sabe que eu existo (...)*

Vejo uma rosa vermelha no tapete em frente à cama, provavelmente é ali que devo tomar posição. E assim o faço. Prendo meu cabelo em um coque frouxo, abaixo minha cabeça e o espero. Mil coisas passam pela minha cabeça, e meu coração parece que sairá do meu peito. Respirar... eu tenho que respirar. Então concentro-me em Spanish Guitar que ainda soa pelo ambiente – (...) *Eu queria estar em seus braços como aquele violão espanhol para me tocares a noite toda até o amanhecer. Eu queria que você*

me tivesse em seus braços como aquele violão espanhol toda a noite e eu seria a sua música(...)

Não sei quanto tempo passou, mas assim que a minha pele arrepia, sei que ele chegou. A expectativa mexe comigo e, sem motivo aparente, começo a ofegar. Ao sentir o seu perfume, fecho os olhos para apreciá-lo e, quando os abro, seus pés entram em meu campo de visão. Rodrigo abaixa-se, coloca seu dedo sob o meu queixo e levanta até que eu encontre seus olhos... Aqueles olhos que tem o poder de me manter cativa. Com voz baixa e sexy, ele fala:

— Boa noite, menina bonita. Você não faz ideia de que ajoelhada fica ainda mais bela – ele desce a sua mão pelo meu pescoço até a abertura da minha camisa. — Você tem permissão para falar, Manuela. Quero ouvir seus gemidos, seus ofegos e seus pedidos de mais.

Sem desviar meus olhos do seu, mantenho-me focada em meu papel.

— Boa noite, mestre.

O caminho que sua mão trilha deixa a minha pele em chamas. Quando se trata de Rodrigo, não acredito que eu tenha salvação, estou completamente perdida. Ele me beija de forma carnal, mordendo o meu lábio e o chupando em seguida. Sua boca gananciosa exige tudo o que tenho, e eu me rendo. Rodrigo finaliza o beijo e encosta sua testa na minha.

— Quero sua cabeça aqui comigo, Manuela. Você não tem permissão para pensar em nada que não seja eu. Sua permissão é só para sentir. Me sentir, entendeu, pequena?

— S-sim, senhor – minha voz encontra dificuldade para sair.

— Você, com toda essa pompa de executiva, ajoelhada para mim, faz-me ficar duro. Você não faz ideia do quanto estou me segurando para não fodê-la aqui mesmo, no chão – Rodrigo acaricia o meu rosto. — Olhe para mim, Manuela. Qual é a sua palavra segura?

Isso é hora de perguntar alguma coisa? Eu nem sei quem é Manuela, cacete!

— Manuela, qual é a sua *safeword*? – enfim cai a minha ficha. Eu sou a Manuela!

— Vermelho, senhor – respondo.

— Boa menina – ele se levanta, dando-me a oportunidade de olhá-lo.

Ele é alto, observo o peitoral largo retratado em uma camiseta preta bem justa e calça jeans escura. Colírio é eufemismo para essa miragem. Ele volta com um tecido nas mãos e fala: Agora vou vendá-la para aguçar seus sentidos – seus olhos encontram os meus. — Você confia em mim, Manuela?

— Sim, senhor. Eu confio – respondo sem pestanejar.

— Boa menina, você será recompensada – ele caminha para algum lugar às minhas costas e me venda. Sinto sua respiração em meu pescoço e o ouço enquanto abre os botões da minha camisa. — A quem você pertence, menina bonita?

— A-a você, meu senhor – vendada, todos os outros sentidos ficam mais eficazes. Seu toque em minha pele é quente como fogo e sua voz é pura lascívia. Ele me fará gozar apenas dando ordens.

— Se eu a possuo, é meu direito usar seu corpo da maneira que quiser. Não é verdade?

— Sim, senhor... – estou a um passo de gritar: me coma de uma vez!

— Boa menina.

Ao abrir a minha camisa por completo, ouço seus elogios à minha pele. Rodrigo baixa as taças do meu *corselet* e segura os meus seios nas mãos como se estivessem pesando. Rodrigo aperta, massageia e beija, acordando o meu corpo e fazendo com que as sensações fiquem intensas. Quero mais... Ele belisca cada mamilo e os chupa com força.

— Você tem belos seios, menina. São deliciosos e quero melhorar isso – sinto algo frio encostar na minha pele. — Estou adornando seu corpo com um prendedor de mamilo... – ofego ao sentir a pressão. — Vou ajudá-la a levantar e, ao ficar em pé, quero que tire o restante da sua roupa, mantendo a calcinha e o sapato. Enquanto isso, assistirei a esse show sentado – balanço a cabeça em consentimento. Se eu abrir a boca, tenho certeza que só sairão gemidos.

Rodrigo ajuda-me a levantar e tento ter uma boa desenvoltura ao tirar a saia. Ouço outra exclamação de admiração e isso excita-me ainda mais. Tenho consciência de que o meu corpo não é perfeito, longe disso, mas o mestre faz com que eu me sinta bonita, desejável, e me apego a isso para continuar. Guardo toda minha inibição e apenas aproveito. Sempre fui meio sem vergonha quando se trata de sexo e, por agora, quero aproveitar.

— Sabia que você é linda? – ele me conduz até a cama e ajuda-me a deitar. Rodrigo me manuseia como uma boneca. — Colocarei restrições em seus pulsos...

Deitada somente de calcinha e sapatos, ele prende-me. Nesse momento, não sinto medo, apenas tesão e ansiedade.

— Tão doce... – ao sentir aquela pressão dolorida nos seios, gemidos incoerentes saem da minha boca. — Tão responsiva.

Assusto-me com a frieza que desliza pela minha pele e logo me dou conta de que é gelo. Ah, sim... Gelado e, em seguida, quente: a sua boca. Nesse momento, me dou conta de que esses sons provêm de mim, estou gemendo como uma gata no cio. Todo o meu corpo está em chamas, eu o quero dentro de mim, forte e logo. Dessa maneira, ele me matará de desejo. Tesão mata? Se for assim, adeus mundo cruel... Ahhhhh!

Rodrigo acaricia entre as minhas pernas, fazendo-me molhar ainda mais. Ao achar o meu clitóris, ele pressiona, e eu grito de prazer. Daí em diante, sinto esse homem por todos os lugares do meu corpo. Mãos, boca, língua, ah... Eu não vou suportar. Assim que ele morde meu mamilo, eu gozo.

— Você é um espetáculo quando está gozando, menina. Eu quero mais! – sem me dar tempo para assimilar suas palavras, ele tira minha calcinha e sinto sua boca em mim. Puta que pariu! Quando estou prestes a gozar novamente, Rodrigo para tudo. — Muito cedo para gozar, querida.

Quando penso em responder, ele volta a me chupar e faz isso com maestria. Intercala seus dedos com a língua, enquanto chupa, penetra-me com dois dedos... três... dentro... fora... dentro... fora... chupa... dentro... chupa... fora... dentro... Cristo!

— Goze para mim, Manuela! – não precisou terminar a frase, um orgasmo devastador estoura em mim como o *réveillon* de Copacabana.

Que loucura! Acho que estou voando...

—Tudo bem, minha gatinha? Você está bem? – isso é hora de perguntar alguma coisa?

— S-sim... sim, senhor – consigo balbuciar.

— Muito bem, qual a sua palavra de segurança?

— Vermelho, mestre – eu acho.

Rodrigo me vira de bruços, empina minha bunda e continua a roçar meu clitóris. Assim não há cristão que resista... Ele passa a mão pelas minhas costas, acalmando-me.

— Você é uma bela visão assim.

Sinto a picada do *flogger* que, provavelmente, tem várias tiras. Na primeira, assustei-me. Na segunda, ardeu. E na terceira, eu molhei. Ele me chicoteia e me penetra com os seus dedos em um ritmo que não consigo acompanhar. Isso foi crescendo... crescendo... e, quando não suportei mais, gritei e gozei descontroladamente. Não tenho mais controle do meu corpo e minha mente está em branco.

Quando volto a mim, não estou mais de bruços e nem com restrições. A que horas isso aconteceu? Lembro-me das chicotadas e todo meu corpo arrepia. É um sentimento inexplicável, um misto de satisfação com ansiedade. Difícil de explicar. Sinto a carícia do homem que acabou com a minha sanidade. Sorrio e me aconchoo mais em seus braços.

— Voltou, menina bonita? É até um pecado tirar esses prendedores – olho para ele e meu coração para. Preciso sair daqui, agora! Se eu continuar a olhá-lo, não terá mais volta.

Tento desvencilhar-me, mas ele não me dá chance de sair. Rodrigo aperta os seus braços a minha volta, segura o meu cabelo e beija-me. Já estou molhada e desejosa. Em minha cabeça, recito o mantra: *quero mais... quero mais*. Seus beijos são cruelmente deliciosos. Cega de desejo e sem medir as consequências por tomar o controle do dono da situação, subo nele e beijo o seu pescoço e desço, fazendo uma trilha úmida por seu peito e estômago até chegar em seu membro, que é grande.

Na hora do sexo não raciocinamos, apenas fazemos e sentimentos. Olho-o esperando consentimento para fazer o que quero. Com um aceno, ele me dá permissão, e eu o tomo na boca. Bem, tomo tudo o que posso. Seus gemidos tiram o resto da minha lucidez. *Vocês já ouviram um homem gemer quando vocês o tocam? É droga pura!* Deslizo a minha língua como se estivesse saboreando um delicioso picolé enquanto o masturbo. Rodrigo se retira da minha boca, e eu reclamo por acabar com a minha diversão.

As coisas estão tão loucas que não o vi colocar o preservativo, só sei que está lá. Abro as pernas e ele entra em mim, forte e rápido, do jeito que o desejei desde que o conheci. Ele penetra fundo, suga os meus mamilos, beija-me... Troca de posições sempre falando coisas depravadas em meu

ouvido. Isso me leva ao cume de outro orgasmo. Eu não aguento mais... Esse homem está acabando comigo.

— Goze para mim, Manuela – não precisou de mais nada, ouço seu gemido e meu mundo apaga.

Não sei se dormi ou desmaiei, não sei se passaram horas ou minutos, eu só queria a paz que estava ali. Logo me dou conta de que estou nos braços do Rodrigo, me sinto no paraíso. Sua mão acariciando o meu braço, fazendo com que eu deseje ficar aqui para sempre. Opa! Está na hora de voltar à realidade e ir embora. Tento levantar para ir ao banheiro, mas ele me segura. Não, inferno!

— Qual é o problema, Manuela?

Eu não consigo olhar em seus olhos... Eu não posso olhar...

— Nenhum problema. Só preciso ir ao banheiro, senhor – ele me solta e saio em disparada, trancando-me longe dele.

Tento me lavar da melhor maneira possível, tirar aquela nuvem de luxúria da minha cabeça e me recompor. Tento ser a Manuela novamente, e não a menina bonita do mestre Rodrigo. Porque esta última só existe uma vez por semana durante um mês e, se eu for por esse caminho, meu coração estará despedaçado antes disso.

Depois de algum tempo no banheiro, saio enrolada na toalha, com a convicção de saber quem sou e onde estou, restaurada. Encontro o belo homem de olhos azuis e corpo escultural deitado, perdido em pensamentos.

— Tudo bem, mestre? – chamo sua atenção para mim.

— Tudo certo, linda menina. Acredito que por hoje seja suficiente, mas, nas próximas sessões, exigirei mais de você – Exigir mais? Posso até imaginar as manchetes dos jornais: *A vice-presidente da Ideals morre depois de uma noite de orgasmos. Infelizmente seu coração não aguentou...* — Manuela, posso fazer uma pergunta?

— Sim, senhor – enquanto ele fala, vou procurando minhas roupas. Que linda posição a minha, de quatro, no chão, procurando uma calcinha quando ele surge com uma pergunta inesperada.

— Por que você não aceitou o *aftercare*?

Fodeu! Como vou explicar isso agora? Levanto-me do chão e começo

a me vestir.

— Desculpe, os cuidados após a sessão são um limite rígido para mim.

Já tive outras sessões, mas não assim... não tão intensas. Como vou falar que, se eu aceitar os seus cuidados, posso me apaixonar por ele? E se eu me apaixonar? Rodrigo levanta e se aproxima.

— Certo. Deixarei isso passar por hoje, mas, futuramente, entraremos em um acordo sobre isso – não mesmo!

— Mestre Rodrigo, eu não acho...

As palavras se perdem ao vê-lo nu. *Gentem*, que homem é esse? Essa masculinidade toda faz qualquer uma entrar em ebulição. A vontade de dizer “possua-me novamente” é grande. Sim, me julguem por eu estar tarando isso tudo. Oh, delícia de homem!

— Não haverá discussão, Manuela. Eu cedo a isso quando as sessões não forem tão exigentes. Quando for mais forte, você terá o *aftercare*. Depois de uma sessão intensa, ninguém está em seu juízo perfeito para sair por aí. Não adianta levantar essa sobancelha, assunto encerrado! – ele me dá um tapa na bunda e um beijo na boca. — Mais uma coisa, temos reserva no restaurante aqui do hotel. Arrume-se – o infeliz vira as costas e vai para o banheiro.

Acho que gozei novamente. Como ele consegue fazer isso? No restaurante sem calcinha? Pois é, definitivamente, não vou para o céu!

* * *

Sexta-feira, no horário em que todos estão indo para casa, lá vou eu resolver pepinos de última hora na construtora. Segundo Arthur, algumas pessoas estão mal-acostumadas a negociar só comigo. Vamos lembrar que não trabalho na construtora. Cheguei lá para fazer uma auditoria, de lá para cá venho executando cada vez mais funções. Estou de licença da Ideals, mas ainda dou meu expediente online. Gosto de estar na construtora, me sinto útil.

Assim que chego à empresa, vou diretamente para a reunião. Conversamos, resolvemos todas as pendências referente a esse projeto, tomamos cafezinho, faço sala, dou belos sorrisos, rio de piadas sem graça. Espero que o Rodrigo e o Arthur tenham o bolso bem fundo para me pagar, pois cobrarei caro. Acredito que as coisas fluem comigo porque sou concisa

e simples. Quem não gosta da maneira que lido, paciência, pegue a fila para reclamar. Finalizo a reunião e despeço-me dos novos clientes da construtora Alcântara & Castro.

— Quer um refrigerante, Manu? – Duda oferece-me assim que ficamos sozinhas na recepção.

— Você me conhece tão bem – dou um abraço nela. — Então, vai para a minha casa hoje? Fala que sim. A Bia vai também, passaremos o final de semana aturando umas às outras – falo sorrindo.

— Vou sim.

A porta da sala do Rodrigo abre e sai o argentino mais gente boa que tive o prazer de conhecer, Hernan Cuesto. Ele é sócio de vários restaurantes e casas noturnas da cidade. Se é um negócio de sucesso, pode crer que Hernan está envolvido. Nos conhecemos quando Rodrigo estava ajudando-o com a reforma do seu último empreendimento, ele tinha algumas dificuldades e foi aí que nos tornamos bons amigos.

— *Mis chicas*, como estão? – ele nos abraça. É difícil não gostar dessa pessoa. — Tenho um convite para as duas e *la niña* Bia.

— Pelo jeito, é coisa boa – Duda fala mais empolgada que eu.

O portunhol dele é demais. Ele tem paixão pelo Brasil e, óbvio, pelas brasileiras.

— Amanhã à noite farei uma degustação, o chefe fará os pratos e vamos escolher os melhores para o novo cardápio. Será para poucos amigos, mais ou menos vinte pessoas. Por isso, vocês são obrigadas a ir, até porque a Bia é a única que vai ser sincera se a comida for ruim.

Sabemos que a Bia, com toda a sua sutileza, vai falar realmente o que pensa. Ela não tem filtros e isso já nos rendeu vergonhas e um monte de risadas. Passo meu braço pelos seus ombros e falo:

— Estaremos lá, *bonitón*..

Ele faz careta e ri:

— Manu, *su español es horrible!* Nos vemos amanhã, *chicas* – antes de sair, Hernan vira e diz: — Manuzita, se tiveres interessada em aprender espanhol, sabes onde me achar – o argentino bonito vira as costas e sai. Duda e eu ficamos rindo.

Assim que entramos no restaurante, somos recebidas pelo chef que tem como carro-chefe a comida nordestina. É hoje que morro de tanto comer. Amo comida nordestina: baião de dois, tapioca, cuscuz, vatapá, ai... ai! E no meio das minhas divagações culinárias, Hernan aparece e nos recebe de abraços. Adoro-o.

— *Chicas*, só faltavam vocês!

Entre cumprimentos e piadas, Bia vira-se para Hernan e fala:

— Tsc-tsc-tsc. Esse seu restaurante nem abriu e já é mal frequentado – não entendemos a sutileza da Bia até que ela aponta para a mesa.

A grande mesa foi montada no centro do salão e todos os outros convidados já estavam sentados. Entre eles, Arthur e Érica, que está quase sentada no colo dele. Steban acompanhado por uma morena tirada das trevas, vestida de preto e vermelho. Há outras pessoas que não faço a menor ideia de quem são e, por fim, Rodrigo e Bárbara. Bom, não precisa ser gênio para saber que todos eles estão em casais.

Achei que a Bia correria até Rodrigo para abraçá-lo, porque sempre é assim, mas dessa vez não foi. Duda demorou um minuto a mais para ver quem era, assim que percebeu, fechou a cara. Quanto a mim, reafirmei várias vezes em minha cabeça que serão apenas quatro dias durante um mês e nada mais. Hernan não poderia ter nos colocado em um lugar pior, tivemos a sorte de sentarmos umas ao lado das outras, mas, do outro lado da mesa, a coisa complicou. Sentei de frente para Bárbara; Bia acomodou-se em direção a Steban, que está ao lado da *Elvira Rainha das Trevas*. *Isso não vai dar certo*. Por fim, a Duda ficou em frente a Rodrigo.

Posso concluir que essa degustação será amarga para alguns e muito doce para outros. Experimentaremos vários pratos, todos típicos do norte e nordeste em fantásticas releituras, tudo muito bonito e delicioso. A equipe que vai comandar o bistrô é fantástica! Em meio a tantas conversas, Bárbara nos olha e fala:

— Então, meninas, como é frequentar o mesmo lugar que os chefes? – se fosse uma novela, não seria tão engraçada. A câmera pegaria a reação de cada um: Rodrigo endurece a postura Arthur balança a cabeça; Érica sorri; Bia engasga e Duda cerra os olhos pronta para pular no pescoço de um. Essa noite, tem gente doida para perder a peruca loira. Respondo sua tosca pergunta com o maior prazer.

— Olha, é a mesma coisa que ir aos lugares que outras pessoas frequentam. Nada de mais.

— Mariana, acho legal você trabalhar em um negócio tão masculino. Porque o mundo dos negócios é cruel, as mulheres esquecem de si mesmas e vão pegando jeito de homem – Bárbara tenta me provocar.

Rodrigo a corrige:

— O nome dela é Manuela, não Mariana.

Respondo com toda a minha classe, porque isso eu tenho. Você não precisa ser rico para ser elegante, elegância vem do modo como você se porta. Tem muitos riquinhos que não tem classe alguma, gostam tanto de um barraco que só Jesus na causa.

— *Barbie*, desculpe-me, Bárbara – nesse momento, ouço algumas tossidas e risadinhas. Encaro-a enquanto arrumo o guardanapo em meu colo, escolhendo bem as palavras para não ferir o coração da *Barbie Sereia* — Tudo é muito relativo, sabe. Você é formada em quê?

— História da Arte – ela responde.

Sorrio como se ela me desse um presente. E, bem, deu mesmo!

— Já imaginava. Então, linda Bárbara, acredito que tudo é relativo. Você acha que ser uma executiva deixa as mulheres masculinizadas, em contrapartida, acredito que a licenciatura em História da Arte só serve para uma pessoa pedir cela especial quando for presa – só para deixar claro, tenho muita admiração por quem cursa História da Arte, mas eu realmente não poderia ficar por baixo.

Nesse momento, ouço risadas, chiados, assobios e alguém praguejando. Se eu continuar aqui, essa conversa vai longe e, no fim, terei Bia pulando em alguém. Levanto, despeço-me de todos e as meninas me acompanham. Arthur cai na besteira de perguntar aonde vamos, e Bia responde:

— A noite está só começando e o circuito de casas noturnas do Rio é longo.

Rodrigo vem em minha direção e sua expressão aparenta não estar nada feliz.

— Aonde você pensa que vai?

Estou muito chocada para responder na lata. Olho-o sem reação até

que aparece uma mão cheia de dedos em seu ombro e me tira do choque.

— Rodrigo, nada de falar de trabalho, amor. Você me prometeu – algo dentro de mim retorce. — Não vou passar todo o final de semana ouvindo sobre negócios. Amanhã sei que será assim na casa dos seus pais...

Oh, uau! Agora, sim, a rasteira foi grande. Me recupero, abro um sorriso e respondo:

— Não se preocupe, Roberta.

— Bárbara – ela corrige-me.

Olho para Rodrigo com a maior cara lavada.

— Nosso contrato não abrange mais que um dia na semana e, quando ele não está em vigência, trabalho é a última coisa que vem à minha cabeça. Boa noite, crianças. Juízo.

Bia passa por mim e Rodrigo a para.

— Bia, vamos almoçar na casa dos meus pais amanhã? Leve as meninas...

Já falei que amo a Bia? Ela nem espera ele terminar a frase e o corta:

— Na casa dos seus pais? Nem pensar! Ainda mais se as *Barbies Loiras* e a de *Halloween* estiverem lá e mais, — ela sorri enquanto acaricia o rosto dele — vamos cair na gandaia hoje. Sabe-se lá que horas chegaremos em casa. Boa noite, Rô.

Ele segura meu braço e diz:

— Se você for a algum lugar, eu vou puni-la. Começaremos com dez canes.

— Você não pode fazer isso. É injusto! – tento tirar meu braço das garras dele.

— Eu posso, sou o seu dono.

Respondo entredentes:

— Uma vez por semana, e hoje não é esse dia.

Rodrigo solta-me rápido, como se minha pele o queimasse. Vou mentir se disser que não estou interessada nele. Depois da sessão, isso só ficou mais claro. Amor? Não. É uma queda. Poxa, ele é lindo e tem... tem aqueles olhos que hipnotizam. Ele é todo sério, é sexy pra caramba. Cara, o

Rodrigo é melhor que o Grey porque é real! Penso em suas mãos em mim, sua boca na...

— Manu? – Bia tira-me do delírio.

— Oi?

Então a garota resolve me colocar contra a parede.

— Manu, abre o jogo. O que há entre você e o Rô?

Solto um longo suspiro.

— Nada.

Duda perde a grande oportunidade de ficar calada.

— Que há alguma coisa, isso é fato. O seu nome na boca dele é doce. Arthur também já percebeu.

Preparo-me para a reação de ambas e solto a bomba:

— Estamos tendo sessões – mais cedo ou mais tarde, teria que abrir o jogo. Afinal, elas são minhas melhores amigas. As bocas abertas são um chute no meu ego. Será que é tão improvável um homem como ele queira jogar com uma mulher como eu? — Nossa primeira sessão foi na quarta. Antes que façam qualquer pergunta, é um contrato de um mês, com uma sessão por semana, mais nada.

Depois de um longo silêncio, Bia resolve falar:

— Por que não nos contou? Somos tão filhas da puta inconfiáveis assim?

Viro-me para elas.

— Não contei porque, se algo der errado, continuaríamos como se nada tivesse acontecido. Não quero que vocês tenham que escolher um lado caso as coisas não saiam conforme o planejado. Bia, com você é ainda pior porque se consideram como irmãos e...

— Mas você também é minha irmã, caralho! Aviso: se um foder com o outro, vou tomar as dores do coração mais partido.

— Ah, mas nós literalmente fodemos – respondo com o meu melhor sorriso. Duda tem uma crise de riso, amo-as demais! Tento desviar o assunto de mim, levando-o direto a Maria Eduarda. — E você, Duda?

— Eu, o quê?

— Como vão as coisas com Arthur? – pergunto.

Ela faz uma careta.

— Nunca tive nada com ele e agora estou mais decidida do que nunca a não ter. Para mim existe só o senhor Arthur.

Por todo o trajeto até o meu apartamento, rimos e brincamos umas com as outras. Falamos mal dos convidados do Hernan e minhas amigas insistiram em fazer perguntas indiscretas. Assim que descemos do carro, encurralamos Bia na porta.

— Achou mesmo que escaparia do interrogatório? – Duda a questiona.

— Vimos o ódio estampado em seus olhos quando viu a *Elvira Rainha das Trevas* quase sentando no colo do Steban – falo.

Bia faz uma careta e sua voz sai estridente, nos dando a certeza de que aquilo mexeu com ela.

— Não achei que aquele idiota voltaria com a puta gótica. Eles já moraram juntos há muitos anos. Rodrigo me contou que ela é completamente louca, dava escândalos e é prima da Érica.

— Vixi! Clãzinho do mal aquele, hein? – falo com desgosto. — Não íamos ao circuito de casas noturnas pela cidade?

— Não nessa vida, Manu. Já passei da idade – Bia, no auge dos seus vinte e nove anos, fala. Muito bem, agora me sinto uma vovó.

Apresento outra proposta.

— Que tal sorvete e filmes?

Duda ainda rindo, fala:

— Isso já é final de carreira!

Capítulo 13 – Rodrigo



Volto do almoço cansado, com a cabeça cheia a ponto de doer. Muita coisa para fazer, mas a minha vontade é deitar e esquecer de tudo.

— Duda, cancele todos os meus compromissos. O que for urgente repasse para o Arthur, também não quero que me passe nenhuma ligação. E, por favor, arrume um remédio para dor de cabeça e água.

Minha sala foi projetada com todo conforto possível, afinal, passo mais tempo aqui do que em casa. A parede envidraçada traz bastante claridade para trabalhar, por isso, coloquei cortinas automatizadas, assim que acionadas no controle remoto, elas descem, deixando minha sala em um breu total. Tiro a camisa e deito no sofá enquanto a minha cabeça vai longe.

Começando pela insistência da minha mãe em ter Bárbara por perto, ela está encarando como missão de vida casar-me com alguém que não gosto simplesmente porque a mulher fotografa bem ou qualquer coisa do tipo. Arthur é o próximo. Coitado! Ela tem convidado Bárbara e Érica para tudo, crente que pediremos ambas em casamento. Nem em outra vida vou casar com um tipo como Bárbara, elas não me atraem. Aliás, casamentos não me atraem, o amor não atrai, sou e pretendo continuar sendo um solteiro convicto.

Nesse instante, Maria Eduarda entra e entrega-me o remédio. Assim que ela se retira, minha cabeça vai direto até Manuela. Ontem tivemos uma sessão intensa e boa demais. Mas há algo que não vai bem. Primeiro, não quis que o encontro fosse em meu apartamento, insistiu que fosse em um lugar neutro. E os cuidados pós-sessão que todo bom dominador preza ela simplesmente negou, dizendo que não havia necessidade. Como não?

O *aftercare* ou pós-sessão são denominações para os cuidados que o dominador deve ter com sua menina após cada sessão. Esses cuidados são necessários quando exigimos demais e dependendo das práticas, a pessoa se sobrecarrega emocionalmente e fisicamente devido à grande liberação de endorfina. Os cuidados podem ser um simples abraço com palavras de carinho até a pessoa relaxar ou dar um banho relaxante, sempre exaltando suas qualidades, o orgulho por sua posse.

Manuela não aceita isso. Concordo que o *aftercare* deixa tudo mais íntimo, mas, ainda assim, eu gostaria de estar lá por ela. Olhando-a, não dá para imaginar o quanto é doce quando está servindo, uma boa menina de verdade, mesmo que toda a sua constituição não tenha nada de submissa. O sexo para ela é livre, não tem frescuras, pode-se ver a lascívia em seus olhos e isso me impulsiona mais. Ver o prazer carnal nos olhos de uma mulher é fascinante!

Ontem fui exigente. Montei toda uma cena, a iluminação do quarto estava à meia-luz; de fundo, uma *playlist* especial. Ordenei que dançasse para mim, pois gosto de tirar minhas meninas da zona de conforto. O único problema é que eu não esperava a intensidade com a qual as nossas sessões se realizam. Quando Manuela se entrega a mim, automaticamente entrego-me a ela, como se fossemos duas partes de um todo, que se completam. Quando ela entrou no clima com a música *Sexy Love* do Ne-Yo, fiquei hipnotizado – (...) *Ela faz os pelos das minhas costas se arrepiarem apenas com um toque e eu entro em erupção. Como um vulcão eu a cubro com meu amor. Minha doce menina você me faz dizer: Wow! (...)*

Manuela balançava ao ritmo da música, subia e descia rebolando enquanto suas mãos percorriam o seu corpo – (...) *Baby o que estamos fazendo faz o sol nascer. Continue me amando até que ele se ponha, pois não sei o que eu faria se perdesse o seu toque. E esse é o motivo pelo qual eu sempre a deixo por aqui, meu amor sexy (...)*. Só de lembrar, meu pau já endurece. Levantei e me coloquei atrás dela, acompanhando seu rebolado. E, a cada passo, eu a alisava, estimulava beijando o seu pescoço, seus seios – (...) *Garota, as coisas que você faz, oh, baby. Você me deixa louco e faz-me correr para você. Eu amo fazer amor com você. Garota, você sabe que é minha (...)*.

Coloquei restrição em seus pulsos e os coloquei para trás. Manuela estava somente de cinta liga, meias e salto. Seus seios empinados como se estivessem sendo oferecidos a mim, não perdi a oportunidade de chupá-los. Ela estava muito molhada, gemia de prazer como uma gatinha no cio. A mão em seu clitóris, rodando e pressionando, penetrei-a com um dedo.

— Olhe para mim, sub. Tenha seus olhos sempre em mim, quero ver como você reage ao meu toque – eu exigia, e ela respondia com seu olhar de puro tesão. Inferno! Só de lembrar o seu olhar, sua boca pedindo mais... Se continuar assim, terei minhas bolas azuis.

Puxei o seu cabelo e trouxe sua boca de encontro à minha e assim

veio o primeiro tapa naquela bunda macia. Ainda segurando em seu cabelo, a curvei sobre a cama até que sua bunda estivesse na altura certa. Em um ritmo cadenciado, iniciei os tapas, alternando com dois dedos em sua boceta. Um tapa, alisei. Outro tapa, penetrei-a com três dedos. Tapa, outro tapa, alisei... penetrei-a como se estivesse compondo o ritmo de uma música até que ela gozasse forte em meus dedos.

MINHA!

A todo tempo, isso não parava de sair da minha boca. Pressionei-a contra a parede, peguei o cabo do *flogger* e esfreguei em sua excitação.

— *Abra a boca, menina, sinta seu gosto. Você é deliciosamente doce.*

O gosto dela é como droga, e eu corro o sério risco de viciar. Aí, meu amigo, estarei completamente perdido. Ela não está interessada em mim, Manuela se interessa pelo que eu posso dar, dominação e sexo. Com essa amarga constatação, meu pau perde vida e todas as lembranças da noite passada nublam. Começo uma autoanálise: quando se trata de Manuela, sou possessivo, protetor, mesmo sabendo que ela não quer isso. E, por mais que tente ser frio, não consigo controlar os meus instintos.

Entre pensamentos divergentes, vem uma ideia que pode ser boa: vou levá-la a Petrópolis para um final de semana de sexo. Além de ser um bom passeio, posso levar alguns acessórios para tornar tudo mais gostoso. Ah, Rainha do Gelo, não tem como fugir de mim. Alcanço o celular e ligo para ela, que me atende no terceiro toque.

— Alô – sua voz me faz lembrar dos seus gemidos enquanto eu a fodia.

— Oi, pequena. Como está?

— Bem. E você? – estou duro! Minha vontade era responder assim, mas caso o fizesse, meu final de semana correria o risco de não acontecer.

— Melhor agora ao ouvir sua voz. Tenho um convite para você.

— Isso soa promissor – posso perceber que ela sorri. — Sou toda ouvidos.

— Quer ir a Petrópolis comigo? – se ela disser que não, sou capaz de ir pegá-la à força. — Um final de semana, só você e eu. O que acha?

Ela demora mais tempo do que eu gostaria para responder.

— Eu adoraria, Rodrigo.

— Pegarei você sábado pela manhã, entre dez e onze horas, para almoçarmos lá. Combinado?

— Sim – ela fica em silêncio e, quando penso em me despedir, Manuela volta a falar. — Rodrigo?

— Sim.

— Obrigada.

Sorrio como um adolescente que acabou de ganhar um beijo no rosto da garota que está a fim.

— O prazer é todo meu, minha menina. Beijos e até sábado.

— Beijo.

Após desligar, penso na reserva, mas, antes disso, tenho que ir ao banheiro. Não lembro da última vez em que me masturbei. Meu avô diz que há um momento na vida em que voltamos a agir como crianças. Bem, no meu caso, acredito que seja a adolescência, período em que nos masturbamos até com catálogo de potes plásticos. Manuela deve ter pacto com o diabo porque cada vez que penso em seus beijos... caralho! Se eu não for logo, vou gozar nas calças.

Depois de um banho e duas masturbações, volto para a sala. Já tenho toda a viagem planejada em minha cabeça. Agora, mãos à obra para que nada saia errado. Deixando a sala à meia-luz para não piorar a dor que está dando sinais de ir embora, sento na minha cadeira e instruo Maria Eduarda a fazer a reserva da melhor suíte no hotel de minha preferência na serra. Pensei em cada detalhe para que a nossa estadia seja perfeita. Também peço para que envie flores a Manuela, para que ela saiba o quanto a aprecio.

— Entendido. O senhor Arthur está aqui perguntando se pode entrar.

— Sim, pode. Obrigado, Duda. Certas horas eu não sei o que faria sem você – é pura verdade.

— Obrigada, senhor.

Nisso, Arthur entra em minha sala reclamando da escuridão.

— Estava com uma enxaqueca brava – respondo.

— Chegou um convite para a inauguração da boate do César – não frequento casas noturnas, todos sabem disso, mas César é nosso amigo de

infância, crescemos juntos, sei que deu o sangue nesse novo negócio.

— Certo. Passarei por lá para prestigiar.

Arthur joga um envelope colorido sobre a mesa e minha cabeça piora quando vejo os nomes escritos: *Rodrigo Alcântara e Castro e Bárbara Becker*.

— Seu convite. E meu convite – ele joga outro que tem seu nome e o de Érica. — Mamãe está pegando pesado.

— Não falo nada. Estou vendo o dia que chegarei na casa deles e terei um casamento todo montado, só esperando o noivo – falo com desgosto.

— Estou saindo. Programei um final de semana especial e tenho que trabalhar para que tudo saia nos conformes. Para isso, preciso começar hoje.

Levanto a cabeça e o encaro com desconfiança.

— Desde quando você planeja alguma coisa?

— Desde hoje – seu sorriso diz tudo o que eu não quero saber.

— Não sei quem é, mas diga a ela que conseguiu um fã depois de fazer o *playboy* rebelde planejar alguma coisa – a cara dele é hilária. Nunca se preocupou em dar café da manhã para quem dormiu com ele, agora planeja um final de semana inteiro. Seja quem for essa garota, ela tem a minha admiração. — Certo, boa sorte!

— Vou precisar.

— Eu sei – falo rindo.

Arthur me mostra o dedo do meio e sai. Meu irmão foi um *playboy* irresponsável durante anos, mas merece ser feliz. Segundo meu pai, Arthur era tudo o que eu deveria ter sido. O primogênito mimado que comandaria os negócios de família. Não eu! Ser fantoche dele nunca esteve em meus planos. Meu irmão não teve tanta sorte, até a ocasião em que foi praticamente obrigado a ficar noivo da Érica, ele surtou e sumiu durante dias, sem dar notícias. Tornou-se um mochileiro e viajou por meses. Até que apareceu em minha casa dizendo que cansou de não fazer nada. De lá para cá, ele é meu sócio e meu melhor amigo.

* * *

Assim que estaciono o carro em frente ao condomínio de Manuela, vejo-a linda à minha espera. A calça jeans realmente favorece algumas mulheres. Vou ao seu encontro e não resisto em abraçá-la. Demonstração de qualquer sentimento em público não faz parte do nosso acordo, mas, nesse momento, pouco me importo com isso. Beijo-a para matar a saudade que sinto dela e meu pau dá sinal de vida. Ao nos separarmos, Manuela está com sua sobrancelha esquerda arqueada.

— Isso é um elogio, caso não saiba. E quanto mais você ergue essa sobrancelha... – passo o polegar sobre o supercílio. — Mais duro fico!

Ela solta uma gargalhada deliciosa.

— Vamos lá, garanhão.

A viagem foi muito tranquila, conversamos, rimos, pensamos, e ela aceitou minha mão na sua perna acariciando-a. Após chegarmos ao hotel e fazermos o check-in, nossas coisas foram levadas para o quarto e nós passeamos pelos jardins do hotel que foi construído no século XIX. Ao final da visita, nos dirigimos ao restaurante para almoçarmos. Procuro o celular para bater foto e me dou conta de que ficou no carro.

Passamos no carro para pegar o celular antes de irmos para o quarto. Enquanto caminhamos para a suíte, olho o celular e vejo que tem muitas ligações.

— Tem oito ligações da Bia e cinco do Arthur. Estranho.

— Provavelmente, algo aconteceu e você deveria retornar – Manuela fala.

— Assim que chegarmos ao quarto, ligarei – passo meu braço pela sua cintura e dou um beijo em sua cabeça. Algo me diz que eu não deveria ligar e nem atender. Talvez eu deva desligar o maldito aparelho para não atrapalhar o meu final de semana perfeito.

A suíte é muito bonita, estilo colonial, capricharam nas flores. Manuela olha tudo maravilhada e abraça-me. Aproveito o momento e a beijo. Deito-a na cama e, enquanto tiro sua camisa, ouço o telefone tocar, mas ignoro.

— V-você tem que atender... – Manuela fala ofegante enquanto acaricio os seus seios.

— Deixe tocar – beijo seu pescoço e alcanço a sua boca.

— Rodrigo, pode ser a Bia – e assim ela me convence a parar.

Alcanço o maldito telefone e verifico que realmente é a Bia que insiste em atrapalhar o meu dia.

— Vamos ver o que aconteceu – atendo e coloco no viva-voz. — Oi, Bia. O que houve?

— Oi, Rô, está sentado? – sua voz não é nada boa e aquela sensação ruim volta.

— Sim.

— Ontem à noite, a Greice me ligou. Conversa vai e conversa vem, comentei que você está com alguém... – olho para Manuela que sorri timidamente e tenho certeza de que realmente estou com alguém. — Hoje pela manhã, a irmã dela me ligou dizendo que a Greice está no hospital – a voz de Bia fica estridente, mostrando-nos a gravidade da coisa. — Ela tentou se matar, Rodrigo. Disseram que foi overdose de medicamentos e...

Bia para de falar e Manuela vai até a janela. Encorajo Beatriz a falar:

— Continue, Bia.

— Ela deixou uma carta para você. Os pais dela insistem em conversar, Rodrigo. Querem saber o que levou a filha a isso.

Não sei como reagir. Fico triste em saber disso. Dói saber que ela atentou contra a sua vida por mim. Minha consciência pesa. Retiro do viva-voz e levo o telefone à orelha.

— Em qual hospital ela está, Bia?

— Naquele perto da casa dela. Desculpe-me por estragar o seu final de semana, Rô, mas eu tinha que ligar. Posso resolver as coisas por aqui sem que você venha.

— Eu estou indo – respondo e desligo.

Manuela vira-se para mim e ali meu mundo para. Seus olhos refletem a fragilidade desse relacionamento e dor. Vou em sua direção, mas ela se afasta.

— É melhor você ir...

— Você não vai comigo? – a ideia de deixá-la me dá calafrio.

— Não. Desculpe-me, mas isso não tem nada a ver comigo.

Tudo bem, posso lidar com a situação sem perder o meu passeio.

— Voltarei para jantar com você, Manu.

— Não. Você não voltará – encaro-a friamente. — Eu não quero que volte. Isso entre nós dois... – ela aponta o dedo entre nós. — Não dará certo. Chegou a hora de cairmos na real. Nos falamos quando eu voltar ao Rio. Desejo sorte a você e melhoras a ela.

Dou um passo em sua direção, e ela levanta a mão pedindo que eu pare.

— Manuela, as coisas não precisam ser assim. Greice...

Ela corta-me.

— Não! Apenas vá resolver a vida daquela menina – ela sorri, mas o gesto não chega aos seus olhos. — É isso o que você quer. Sua honra exige que esteja lá para ela. Por favor, vá. Eu não quero discutir. Na realidade, eu nem tenho forças para isso.

Ela entra no banheiro e tranca a porta. Sei que não sairá tão cedo. Alcanço a minha mala e saio do quarto. Passo pela recepção para tomar algumas providências e falo diretamente com o gerente. Quero que ela fique segura e tenha um passeio agradável.

— Senhor Castro, como vai? Há muito tempo não o vejo por aqui. Seu irmão não veio?

Retribuo o aperto de mão.

— Estou bem, Correia. Obrigado por perguntar. Arthur tinha outros planos. Bom, eu vim com a minha menina, mas tenho que descer ao Rio porque houve um imprevisto. Eu quero que cuide muito bem dela, todas as despesas devem ser faturadas no meu cartão. Provavelmente, ela só irá embora na segunda, providencie seu transporte, por favor. Qualquer dúvida, você tem os meus contatos – olho todo o lugar esperando que um milagre aconteça. — Cuide dela, ok?

— Pode deixar, seu Castro. Sua mulher será muito bem assistida.

Aperto sua mão e o agradeço novamente. No trajeto de volta ao Rio, a minha cabeça está em Manuela em Petrópolis sozinha. Gostaria de saber por que a vida traz situações assim no momento em que estou bem. Poderia ser tudo muito simples, mas não! A vida é irônica, se não tiver rasteira, não tem graça.

Depois de quase duas horas de viagem, trânsito infernal e nenhum humor, entro no hospital. Vou até a sala de espera e encontro Bia com um casal, devem ser os pais de Greice. Cumprimento-os, dou um beijo na testa da Bia. Nesse instante, Arthur aparece de algum lugar e abraça-me, dizendo que está comigo para tudo.

— Como a Greice está? – pergunto.

Seu pai responde:

— Ela está bem, fora de perigo. O médico disse que logo receberá alta.

— Bom saber. Vocês podem nos dar licença? – peço a Bia e Arthur.
— Gostaria de conversar com os pais de Greice a sós. Obrigado.

Aponto para o sofá para que eles se sentem e eu fico na poltrona em frente. Antes que eu possa abrir a boca, seu pai fala:

— Seu Rodrigo, sinto muito ter que tirá-lo do seu descanso, mas é que, como pais, estamos desesperados. Não sabemos o que pensar. O senhor é ou era namorado dela?

— Também lamento que meu descanso tenha sido interrompido. Mas acredito que eu tinha que vir aqui dar alguma satisfação a vocês, mesmo não tendo nada a ver com isso. Greice mora com vocês?

A mulher abatida balança a cabeça e responde:

— Não, com a irmã.

— Então chame-a. Vamos conversar todos juntos – a senhora levanta e sai, voltando logo depois acompanhada da filha. Assim que elas se acomodam, pergunto: Você é a Claudia, não é?

— S-sim, senhor – ela me olha com súplica. Era de se imaginar que os pais não fazem ideia do que fazem.

Pondero as minhas palavras antes de abrir a boca. A situação é muito delicada para dizer qualquer coisa.

— Greice e eu saímos por quase dois anos. Liberei-a porque não podia dar a atenção que ela desejava. Eu trabalho demais e namoros não são prioridade, não tinha planos para um relacionamento. A Greice sempre soube disso. Nos reencontramos há uns quatro meses e saímos algumas vezes. Nunca prometi nada, jamais prometo algo que não posso cumprir. As coisas sempre foram claras, e ela concordou. Tudo o que aconteceu até aqui

foi consentido por Greice. Sua filha Claudia pode confirmar isso – todos olhamos para ela, que acena com evidente alívio, confirmando. — Sinto muito por Greice chegar a esse ponto. Se algum dia eu fizesse ideia de que isso poderia acontecer, jamais teria me reaproximado dela. Ela é uma boa menina, gosto dela, mas não sou responsável por seus atos.

— Entendemos, senhor Castro. Sentimos pesar por isso tudo – sua mãe fala calmamente. Ela conhece a filha que tem.

— Procurem ajuda profissional para ela, pois vão precisar de orientação para lidar com isso. Quanto a mim, não vou incomodá-la mais. Mas quero que me deixem saber da situação dela através da Bia. Eu vou vê-la antes de ir embora e, se precisarem de alguma coisa, falem com a Bia e será providenciado.

Levanto e vou até Arthur.

— Como você está, irmão? – pergunta.

— Estou cansado – recosto-me na parede e fecho os olhos. — Não estou bem.

— Cadê ela? – sei que o meu irmão se refere a Manuela.

— Ficou.

— Quando ela voltar, vocês conversarão e tudo voltará ao seu lugar.

— Não sei – respondo exasperado.

Ele coloca seu braço em meus ombros.

— Vamos achar algum lugar que venda brigadeiro.

— Isso soa gay, cara – falo rindo.

— Certo, porque ser viciado em brigadeiro é coisa de homem.

Capítulo 14 – Manuela



— Assine o acordo de confidencialidade, Manuela.

— O que quer dizer com isso? Você vai fazer amor comigo esta noite, Rodrigo?

— Não, Manuela, não quer dizer isso. Em primeiro lugar, eu não faço amor. Eu fodo... duro. Em segundo lugar, temos muito mais papelada para arrumar. E em terceiro, você ainda não sabe do que se trata. Ainda poderia sair correndo. Quero te mostrar meu quarto de jogos.

— Jogos?

Quem quer saber de jogos a uma hora dessas?

— Manuela, há algo que você não goste no sexo?

Baixo a cabeça me sinto incomodada, olho minhas mãos...

— Diga-me, para isso dar certo, temos que ser sinceros um com o outro.

— Bom... nunca dormi com ninguém, então não sei.

Levanto a cabeça, ele me olha chocado.

— Nunca? – assenti. — É virgem?

Assenti com a cabeça e voltei a me ruborizar. Rodrigo anda de um lado para outro em seu apartamento, ele está bravo, não, furioso. Depois de um tempo, ele vem até mim, pega minha mão e fala:

— Venha.

— O quê?

— Vamos arrumar essa situação agora mesmo.

— Que quer dizer? Que situação?

— Sua situação, Manuela. Vou fazer amor com você, agora.

Fico ofegante, sinto que o chão se move.

— E-eu pensei que você não fizesse amor. Pensei que você só fodesse duro.

Ele lança-me um sorriso perverso e os efeitos dele percorrem todo meu corpo até chegar lá...

— Posso fazer uma exceção, ou talvez combinar as duas coisas, veremos. Eu realmente quero fazer amor com você.

Nesse momento, Rodrigo se aproxima mais e está cantando... cantando Shakira?

Começo a apalpar sem parar. Cadê você, gostosão? Me foda duro, vem neném... E a louca da Shakira continua cantando. Acho que é o toque do meu celular... O celular! Abro os olhos e me dou conta de que era um sonho. Nessas horas, eu odeio a tecnologia. Levanto e saio à procura do bendito que toca sem parar. Cadê essa porcaria? Quem está me ligando a uma hora dessas? E a amizade? E o amor no coração de não ligar para ninguém de madrugada?

Assim que eu acho o objeto perdido, atendo-o sem ver o nome da minha próxima vítima.

— Alô.

— Bom dia, Manu! – odeio gente feliz pela manhã.

— Bom dia, Alice – ela é secretária da Ideals e minha assistente.

— Qual é a bomba? – pergunto antes de bocejar.

— Trabalhou até tarde novamente, não é? Vi seus post-its em minha mesa. Manu, você tem que se cuidar, desde que entrou de licença, passou algum dia sem trabalhar? – gente, como essa criatura fala.

— Alice, resuma a ópera, por favor.

— Ok, ok, senhorita. Liguei só para avisá-la do jantar no Leme amanhã à noite. Posso confirmar?

— Primeiro, me diga o motivo do jantar – pergunto.

— O Beto Figueiredo está reunindo os amigos para um jantar de confraternização da Ideals. Você pode levar um acompanhante.

— Pode confirmar. Mais alguma coisa?

— Não. Você precisa descansar. Por favor, dê um tempo de trabalho. Estamos preocupados com você. É muito nova para ter um diagnóstico de estresse e pressão alta – sei que Alice quer o meu bem, mas um sermão, logo pela manhã, ninguém merece!

— Obrigada, Alice. Beijos, tchau.

Crueldade interromper meu sonho baseado em *Cinquenta Tons de Cinza* para falar de trabalho. Tinha esquecido desse jantar. Ultimamente, tenho esquecido de muita coisa. Bom, vou ligar para um milagreiro de plantão. Procuro o telefone de um dos salões mais disputados da cidade para ver se um amigo pode ser minha “fada-padrinho”.

— Victor’s Coiffeur, Julia falando, boa tarde – de onde esse povo tira felicidade a uma hora dessas da manhã?

— Bom dia, Julia. Vic está por aí?

— Para você ele sempre está, Manu.

— Obrigada, minha linda.

Victor Hugo é lindo, alto, cabelos repicados até o meio das costas, loirinho todo definido, sorriso lindo, cheiroso como poucos e muito, muito gay! Quem o vê não imagina que seja gay, afinal, tem a voz grossa e é sempre muito contido. Conheci Victor na fila de um supermercado. Conversamos durante uma hora e de lá para cá não nos desgradamos mais. O Victor’s é um dos salões mais requisitados do Rio, um horário com ele é quase impossível. Entre suas clientes estão atrizes, cantoras e modelos, algumas delas internacionais.

— Fala, minha diva! – se eu não soubesse que aquele armário é cheio de purpurina e paetês, eu poderia me apaixonar.

— Bom dia, Vic.

— Bom dia para quem, amor? Desde quando uma hora da tarde é bom dia?

— Sério? Já é tudo isso? – minha cabeça começou a doer logo que abri os olhos, agora está pior. Passo a mão pelas minhas têmporas enquanto falo com o meu amigo. — Liguei para ver se você dá um jeito na pessoa aqui. Não vou mentir, preciso de um milagre!

A risada escandalosa desse bofe entrega toda a figura, mas é uma delícia.

— Louca, o que vamos agendar? Para hoje ou para amanhã?

— Amanhã. Eu preciso de serviço completo, cabelo, unhas, depilação. Ah, sim. Preciso de um acompanhante para um jantar no Leme. A fim?

— Huumm... vamos ver. Kika pode começar com depilação às nove. O que vai fazer no cabelo, gata?

— Corte e escova – respondo.

— Faça o seguinte, pegue a maleta com suas coisas e venha passar o dia aqui. Depois, nos trocamos e vamos papar naquele restaurante maravilhoso, chiquérrimo! Na volta, passamos no McDonald's.

Rimos muito. Esses restaurantes são bonitos e finos, mas vemos mais prato do que comida. Nem podemos repetir, porque é feio. Despeço-me do meu amigo e desligo. Deito novamente e repasso as chamadas não atendidas. Minha vida nos últimos dias tem sido assim: acordo e durmo trabalhando. A primeira da lista que eu retorno a ligação é a Duda.

— Boa tarde, Duda. Ligou para mim?

— Boa tarde, Manu. Liguei, sim. O Arthur gostaria de conversar com você, mas ele teve que dar uma saída. Assim que ele voltar, eu ligo novamente. Manu?

— Sim?

— O Rodrigo pergunta por você a todo momento – ela fica em silêncio, acho que está tentando achar uma maneira de me convencer a vê-lo. — Ele não sabe mais o que fazer a seu respeito.

Respiro fundo.

— Aconselhe-o a não fazer nada, Duda. Eu não quero conversar ou qualquer tipo de aproximação com ele.

— Ok, *Ice Queen*. Beijos.

— Beijos.

Rodrigo e eu não nos falamos há quinze dias, desde que nos despedimos em Petrópolis. Cancelei as duas últimas sessões que tínhamos porque quero distância dele e do seu mundo. Tenho comparecido à construtora somente quando tenho certeza de que não o encontrarei. É melhor assim, se as coisas continuassem naquele rumo, eu cairia feio por

aquele homem. Não sou o tipo de mulher que tem disposição para ficar disputando algo, principalmente algo que não tem futuro.

Não é questão de sermos de mundo diferentes, até porque não somos. Todos vivemos no mesmo mundo, o que nos diferencia são os caminhos que tomamos. Ele é lindo, rico e tem a palavra “problema” tatuada em neon na testa. A família já escolheu com quem vai casar, sua posição social pede isso. Semana passada, vi em uma coluna social a foto dele com a Bárbara e o título da foto era *“Rodrigo Alcântara e Castro e sua futura noiva”*. Fazer o quê?! Não tenho paciência para aturar sogra insatisfeita. Agora, venhamos e convenhamos, só naqueles romances de banca que, de repente, todo mundo descobre que a mocinha era a mulher da vida do bonitão. Isso aqui é vida real e sogras reais são loucas.

Nesse tempo longe do Rodrigo, vivi a minha vida. Sai com Franz uma ou duas vezes. E vou te contar, Nossa Senhora das mulheres problemáticas, o cara é um tesão! O problema é que faltou aquele “Q”. Sei lá... Talvez umas cordas, palavras de comando... Tudo bem que o Senhor Fodão é o cara, com aquela voz grossa e tal. Ele tem um talento nato para dominar, tem horas que sou capaz de gozar só com aquele olhar. Ah, inferno! Já estou molhada.

Eu gostaria de ser uma daquelas mulheres que choram pitangas quando pensam em suas paixões não correspondidas. Que ficam sem comer, sem dormir, pelo menos, assim, eu emagreceria. Não consigo ser assim. Eu não fico em casa esperando que tudo se resolva, coloco os meus melhores saltos e vou à caça. Sim, à caça! Rodrigo não é o único que tem pau grande e é sexy como o inferno nessa cidade. Existem outros, e sair com esses “outros” é o meu jeito de sofrer. Você deve estar pensando: nossa como ela é sem-vergonha! Posso até ser, mas e daí? A vida e a Manuelita são minhas, dou para quem eu quiser.

Levanto para comer alguma coisa, tomar o remédio e um banho. Prometi a todos que iria me cuidar e assim tenho feito. Depois de alimentada e medicada, levo o meu notebook para a varanda com a maravilhosa vista e respondo os e-mails. Logo a noite vem e finalizo a minha sexta com pizza e livros.

* * *

— Que fome, Vic – reclamo sem parar.

— Calma, mona. Já foram buscar nosso almoço.

Adoro esse salão. Muito movimento, gente bonita, gente feia. Já ri

bastante, já ouvi o sermão do “você tem que se cuidar”. São essas pequenas coisas que deixam nossa vida mais leve. Depois de um dia de diva, chegou a hora de colocar a roupa para o bendito jantar.

Já tenho tudo planejado: chegaremos, ouviremos o discurso de boas-vindas do anfitrião, comeremos e partiremos. Para esse jantar, escolhi um conjunto de terno feminino com calça, brancos e sem camisa. O terno tem um decote generoso, como tenho seios fartos, tive que usar um truque para não ficar igual a uma atriz pornô. Sapatos e bolsa azuis completam o look juntamente com os acessórios. Simples, mas elegante! Victor está de calça jeans e camisa justas. Se esse homem fosse homem, seria um estrago.

— Vamos, gata – ele estende seu braço para mim.

— *Vielen danke* – respondo sorrindo.

Vic para e olha-me impressionado.

— Você fala alemão?

— Não. Apreendi isso para levar um alemão para cama.

— Garota, definitivamente, você é minha diva! Vamos.

Assim que chegamos ao bendito restaurante, a recepcionista nos acompanha até o salão anexo ao principal. O lugar está repleto de convidados bem vestidos e alegres já tomando algo. Passando os olhos ao redor, vejo um casal em que o homem é um famoso cantor e sua mulher, desconhecida. Há algumas pessoas que conheci no lançamento do condomínio e outras, nunca vi na vida. A recepcionista continua passando pelas mesas até chegar na central, meu lugar é ao lado do prefeito e sua esposa e em frente ao... Ah, não! Não, não, não! Sério? Joguei pedra na cruz? Lá está o senhor Rodrigo Alcântara e Castro e sua futura noiva *Barbie Patinadora*.

Beto, o anfitrião, e sua esposa Elisa vêm nos cumprimentar. Eles são muito queridos. Conheci o casal quando Beto estava desesperado, quase desistindo do seu novo empreendimento e seu casamento encontrava-se por um fio. Rodrigo e eu o ajudamos como podíamos no término da reforma do lugar. Elisa me abraça com sincero carinho.

— Que bom que veio, Manu. Por um momento, achei que não vinha mais.

— Imagina, Eli. Jamais perderia uma oportunidade de colocarmos o

papo em dia – como eu ia dizer a ela que eu nem lembrava do compromisso? Desvio a conversa para o meu acompanhante. — Quero lhe apresentar Victor Hugo. Victor, esses são Beto Figueiredo e sua esposa Elisa.

— Prazer, Victor, seja bem-vindo – Beto também o saudou de bom grado. — Por favor, sentem-se – Beto aponta nossas cadeiras e sentamos sem contato visual com o inimigo. Assim que sentamos, o anfitrião pede atenção a todos.

— Boa noite. De antemão, quero agradecer a todos que gentilmente vieram compartilhar esse momento conosco. Como sabem, na próxima semana, inauguraremos um spa urbano, empreendimento que será dirigido pela minha esposa. Mas, essa noite, quero agradecer especificamente a duas pessoas. Em um momento difícil, quando pensávamos em desistir, eles nos estenderam as mãos e disseram: “Estamos juntos!” Uma dessas pessoas é o Rodrigo Alcântara e Castro, meu amigo de anos, parceiro de tantos projetos, que nos apresentou a segunda pessoa, Manuela Vasconcelos. Você, Manu, não perguntou se queríamos ajuda, simplesmente foi lá e fez. Vocês fizeram! Não é à toa que esse cara está tentando roubá-la da Ideals, vocês formam uma parceria imbatível. A vocês devo meu casamento. A todos os outros que nos ajudaram indiretamente, meus sinceros agradecimentos. Obrigado.

Aplausos e cumprimentos nos cercaram, parabenizavam-nos pelo apoio e pelo projeto. Logo o jantar foi servido, comida italiana da melhor qualidade e de péssima quantidade. Gosto de volume, principalmente em meu prato. Evitei olhar para o Rodrigo durante todo o jantar. Ele também não se deu ao trabalho de falar comigo. A sobremesa chegou e a loira azeda resolveu abrir a boca. Não tenho nada contra loiras, só contra aquela ali.

— Victor, estou há tempos esperando um horário com você. Seria possível um encaixe para fazer luzes, gostaria de ficar mais iluminada.

Vic se engasga e, ao se recuperar, fala:

— Queridinha, se a iluminarmos mais um pouquinho, a Times Square perde o título – disfarçadamente levo o guardanapo até a boca para rir.

Enquanto Victor corta cada tentativa de Bárbara, observo o homem à minha frente. Por mais que o veja, não me acostumo com sua beleza. Ele é belo, elegante e onde quer que esteja sua presença preenche lugar. Ele

levanta a cabeça e seus olhos encontram os meus, tirando-me o fôlego. Rodrigo encara-me, meu corpo esquenta e minha cabeça gira. Mas não consigo desviar do seu olhar. Ele sorri de canto e pergunta:

— Boa noite, Manuela. Gosta do que vê?

Saio da minha nuvem de luxúria. Onde eu estava com a cabeça para ficar olhando-o?

— Boa noite, Rodrigo – ignoro a sua pergunta. — Eu estou bem, também. Obrigada por perguntar.

Ele abre um sorriso deslumbrante.

— Percebo que a ironia está intacta, senhorita Vasconcelos.

Pisco para ele.

— Assim como o seu ego.

Levanto e percorro todo a sala cumprimentando algumas pessoas. O prefeito fala sobre projetos que gostaria que analisássemos para garantir a viabilidade. O deputado que se mete na conversa dá a entender que quer apoio. Respondo que ele tem que entrar na fila, porque quero apoio também. Vic me chama, tirando-me daquela conversa chata.

— Diva, podemos ir?

— Sim! – respondo. — Só vou me despedir da Elisa e do Beto.

Afasto-me e despeço de todos. Enquanto eu caminho em direção à porta, alguém puxa-me pelo cotovelo e fala em meu ouvido:

— Precisamos conversar, Manuela.

Ao ouvir a sua voz, todo o meu corpo reage. Fecho os olhos ao sentir o seu corpo colado ao meu, fazendo um arrepio percorrer a minha pele.

— Olhe para mim, Manuela.

Quando abro os olhos, ele está à minha frente, muito próximo a mim. Rodrigo passa seu braço pela minha cintura e pressiona-me ainda mais contra ele. Estou completamente à sua mercê, imaginando sua boca na minha e o quanto senti saudades. Vic vem até nós.

— Algum problema, Manuela?

Acordo do meu delírio e afasto-me de Rodrigo. Dou um passo para trás na necessidade de me distanciar. Balanço a cabeça para sair desse

torpor. *Meu Deus, o que estou fazendo?*

— Não, Vic. Não há problema algum – respondo sem jeito.

Rodrigo olha entre mim e Vic com uma expressão nada boa. Por fim, se dirige a mim.

— Manuela, amanhã nos encontraremos para conversar – isso foi uma ordem direta.

— Não, Rodrigo. Não temos nada para conversar. Você tem seus compromissos... – aponto para Bárbara. — E parabéns pelo noivado. Espero que seja muito feliz.

Viro as costas para sair e novamente ele me segura.

— Eu não estou noivo dela – seu tom de voz não deixa dúvidas, mas... — E, sim, conversaremos amanhã.

Victor não gosta do rumo da conversa, entra no meio e encara Rodrigo.

— Cara, eu acredito que você entendeu o que ela disse, mas posso repetir caso necessite.

Eu achei que Rodrigo recuaria, ledor engano. Ele aproxima-se ainda mais do Vic. *Jesus, Maria e José, o tempo vai fechar!*

— Escute bem, Victor. Ela é minha! Vou permitir que você a leve embora para evitar que ela se estresse. Mas se você encostar um dedo nela vou atrás de você e o farei se arrepender. Entendeu?

Vic empalidece.

— Sim, senhor.

Rodrigo ajeita a gola da camisa do meu amigo ameaçadoramente e fala em um tom de voz gélido, arrepiando o cabelo da minha nuca.

— Então, Vic, vou repetir para que não haja dúvidas: não se atreva a encostar nela. Ela é minha.

Ele vem até mim, coloca uma mão em cada lado do meu rosto e beija minha testa.

— Boa noite, minha pequena.

Com isso, ele se afasta, e eu não espero mais para sair. Pego Vic pela mão e saímos em disparada. Nem esperamos o manobrista, corremos até o

estacionamento, entramos no carro e dou a partida saindo dali. Depois de andarmos algum tempo em silêncio, meu amigo o rompe.

— Manu, o que foi aquilo?

— Eu não sei – passo a mão pela a minha testa. — Por favor, Vic, me perdoe. Eu jamais pensei que ele teria uma reação daquelas.

— Garota, eu ovulei na hora que ele disse: Ela é minha! Quase gozei ali mesmo. E quando você ia me contar que está saindo com o Deus grego? – ele fala enquanto se abana.

— Eu não estou saindo com ele.

— Manu, ninguém tem uma reação daquela por uma amiga. Me poupe! E a bicha aqui arrumando bofes para apresentar a gata.

Continuo dirigindo em silêncio, mas Victor continua com a boca aberta.

— Doze entre dez mulheres do Rio de Janeiro são loucas por esse homem. Esse ar de mistério o deixa mais lindo, é para fazer qualquer uma descer a calcinha. Uma cliente disse que ele é chegado a um sexo nada ortodoxo. Ele amarra e chicoteia as mulheres. Ah, mas vamos ser sinceras, ele tem o poder. Pode me amarrar e chamar de cachorro à vontade – ele vira-se para mim. — E você curte isso de chicote?

— Rodrigo é um dominador, e eu sou uma submissa. Assim como a Duda e a Bia – olho para o lado e encontro Victor com a boca aberta. O mundo nunca se acostumará com pessoas que gostam das formas alternativas de prazer. Nem todo mundo gosta de ficar no “papai e mamãe”. — Eu estava o servindo, mas aconteceram algumas coisas e me afastei.

— Ok! Já estou recuperada do choque inicial. Posso fazer algumas perguntas, diva?

— Sempre – falo sorrindo.

— Ele te amarrou?

— Sim!

— Ele te vendou?

— Sim!

— Ele te comeu?

— Sim!

— Ele tem pau grande?

— Sim! – me dou conta do que respondi e caímos na gargalhada.

— Eu sabia que aquele boy magia era poderoso.

Depois de deixar Vic em seu condomínio, vou para casa e, no caminho, tento entender o que se passou no restaurante. Afinal, o que Rodrigo quer comigo? Eu sei o que ele quer, porque quero a mesma coisa. Sexo selvagem, suado e duro.

Chego em casa exausta. Coloco as minhas coisas no quarto, tiro a roupa, tomo um banho demorado e coloco uma camisola confortável. Sem sono, ligo o computador para ver o que anda acontecendo pelo mundo das redes sociais. Quem sabe uma das meninas está online? Há! Todos estão online. Duda, Bia, Arthur, Rodrigo e até Steban. Antes de chamar alguém para papear no chat, dou uma olhada no *feed*. Lá encontro vários posts do Senhor Fodão e os comentários da sua legião de fãs. Eca!

Uma de suas postagens chama atenção, foi há poucos dias. Leio várias vezes e, cada vez que faço, arrepio-me.

Pequena, há três maneiras de fazer algo: o jeito certo, o jeito errado e o meu jeito!

Algo me diz que aquilo foi um recado para mim. As meninas me chamam e começamos um papo muito empolgado sobre comida. Que fome! Eu deveria ter passado em uma lanchonete. Nesse momento, o meu telefone toca, assustando-me. Quem é a uma hora dessas? Olho o visor e vejo que é o Rodrigo. Será que aconteceu algo?

— Alô.

— Já está em casa? – sua voz está estranha, como se estivesse cansado.

— Sim, por quê?

— Avise na portaria que estou chegando – não mesmo! Esse homem será minha perdição. Quanto mais eu rezo, mais ele chega perto.

— Rodrigo, eu acho...

O cretino desligou. Desligou! O caralho que vou avisar na portaria! Vai vir e *dar com os burros n'água* porque não o deixarão entrar. Volto a conversar com as meninas online. Conto a elas sobre o jantar e que Victor ovulou ao encarar Rodrigo. Entre piadas e risadas, não vi a hora passar.

Então a minha campainha toca.

— Que susto! – coloco a mão em meu peito. — Quem bate na casa de alguém a essa hora?

Abro a porta e dou de cara com o par de olhos azuis que habita meus sonhos. Aquele olhar... Cristo! Ele me faz perder o prumo. Vejo Rodrigo mexer a boca e só então percebo que está falando comigo.

— Eu não posso mais ficar longe de você, Manuela – ele entra tomando conta de tudo e, como um furacão, fecha a porta e pressiona-me contra a parede. Prende as minhas mãos nas costas e diz em meu ouvido:

— Vou te comer agora. Pegarei o que quero e darei o que precisas.

Esse homem será o meu fim! Rodrigo me beija e percorre o meu corpo com a mão livre. Quando sinto uma picada de dor em meu mamilo, percebo que já estou nua. Aperto-me mais contra o seu corpo, querendo me sentir mais dele. Suas mãos acariciam o meu corpo e apertam os meus seios, chegando ao centro do meu prazer. Ele me invade com seus dedos, penetrando um, depois dois. Belisca o meu clitóris fazendo as minhas pernas fraquejarem e meu tesão elevar-se. Eu o quero tanto que chega a doer! De repente, um tapa na parte interior da minha coxa faz-me parar de mexer. Isso arde!

— Não dei permissão para pensar, só para sentir – já estou entregue, molhada, desejosa e sedenta.

Outro tapa. Ai! Ele puxa o meu cabelo, beija o meu pescoço até encontrar minha boca. Seu beijo é cru, puro desejo, loucura... Ele me solta e diz para ficar de quatro no sofá. Não lembro como cheguei aqui, mas estou. Rodrigo vem ao meu ouvido e diz:

— Vou fodê-la e tomarei tudo o que quero de você – respondo a ele com gemidos. — Seus gemidos me deixam louco, mulher! – outro tapa na bunda, outro, outro... Eu quero gozar. Ele me invade com seu pau, sem dó. — A quem você pertence, Manuela? – eu estava tão fora de mim que não ouvi, só senti a ardência de um tapa pesado em minha coxa. — Responda-me, a quem você pertence?

— A-a você...

— A quem você pertence, sub?

— A você, s-senhor. Só a v-você...

Então, ele toma posse de tudo o que sou.

— Sim. É minha menina, minha puta, minha para o que eu quiser. Entendeu? – ele me vira e coloca-me no braço do sofá de perna aberta. Olhando no fundo dos meus olhos, Rodrigo de Alcântara e Castro, decreta: Você é minha! Somente minha!

Com essa declaração meu orgasmo vem e devasta-me. Meu mundo para e as luzes se apagam. Quando abro os olhos, encontro seu olhar e percebo que... *aí foi que o barraco desabou!* Deitados no tapete da sala, cansados, ele beija minha testa e durmo como há muito não fazia.

Tento me virar, mas o peso sobre as pernas não permite. Abro os olhos e encontro um dos homens mais gostosos que já peguei. Com cuidado, levanto e visto a minha camisola que está no chão perto da porta. Vou ao banheiro, faço minha higiene, tomo banho e volto para a cozinha para preparar o café para o Senhor Fodão. Assim que fica pronto, arrumo a refeição na mesa da varanda.

Sentada, contemplando a manhã, penso no que aconteceu essa madrugada, pesando se vale a pena me entregar a isso. Sinto uma mão descendo pelo o meu pescoço, passando pelo meu seio, acordando o meu desejo. Como infernos esse homem consegue fazer isso comigo? Sou predadora, como homens no café da manhã. Os fracos não me servem, os fortes estão na minha escala mínima, mas ele consegue me fazer ajoelhar e pedir por mais.

— Bom dia, querida. Acordei com o cheiro do café.

Na minha frente está um homem com o corpo definido, com mãos de dar inveja a qualquer um, cueca boxer preta, pernas grossas e um... *Virgem Maria!* Me perdi logo abaixo da cintura. A visão desperta a minha fome, não de comida. Ainda apreciando a vista, passo a língua nos lábios por causa do desejo que aperta. Assim que consigo tirar os olhos do seu pau, foco na conversa que virá.

— Bom dia, príncipe. Sente-se, vamos tomar café e conversar sobre o que se passou esta noite.

— Sim, sou todo ouvidos – fala todo sorridente. Que ódio! Que lindo! Que gostoso! Olha a pomba gira descendo...

Coloco a minha xícara sobre a mesa e cruzo os meus braços.

— Rodrigo, não vou negar que gostei... muito. Mas isso não significa

que sou sua...

Ele interrompe-me:

— Você é! – ele morde o pão e olha para mim com a maior inocência.

— Não sou! O que você estava pensando quando chegou aqui me reivindicando? – falo já sem muita paciência. — A banda não toca assim, querido. Geralmente, as pessoas dançam a minha música, e não o contrário.

Ele leva a xícara de café aos lábios e, com toda a paciência, responde-me:

— Você pode negar quantas vezes quiser, mas é minha. Vou reivindicá-la toda vez que achar necessário, porque você é minha. E quanto a dançar – ele pacientemente toma mais um gole de café. Esse homem está me tirando do sério. — As pessoas dançam sua música e você dança a minha. É simples assim.

— Arrogante!

Ele solta uma risada deliciosa e isso faz minha raiva borbulhar.

— Ah, Manuela, com você não existe tédio. Entenda uma coisa, é minha. Você mesma admitiu isso essa noite. Não sou arrogante, Manuela. Sou realista. Você me pertence e isso é fato incontestável, conforme-se.

— O que aconteceu hoje, não acontecerá mais. Nunca mais, senhor Castro! – afirmo decidida.

E ele, claro, continua sorrindo e balançando a cabeça.

— Isso é o que veremos, Manuela.

Capítulo 15 – Rodrigo



A semana começou muito bem, depois de um ótimo final de semana. Antes de vir à empresa, pude correr na praia e tomar água de coco para hidratar o corpo. Sempre que posso, corro à beira-mar, isso me relaxa, esvazia minha cabeça e posso respirar. Cheguei à empresa cedo e pude trabalhar em um projeto importante.

Maria Eduarda entra em minha sala para repassarmos a agenda do dia.

— Bom dia, Duda. Como foi seu final de semana?

— Bom dia. Foi muito bom e, pelo jeito, o seu também foi – ela fala sorrindo e percebo porque o meu irmão está caído por ela.

— Foi excelente! Alguma coisa de importância hoje? – pergunto.

— Duas reuniões, uma, com o pessoal da prefeitura e outra, com os encarregados no final da tarde. Há alguns clientes agendados para atender. Sua mãe ligou e pediu para retornar assim que puder. Bárbara ligou e também pediu para retornar. Mais duas ou três ligações importantes a fazer.

— Certo. Quanto a minha mãe, se ligar novamente, repasse. Para a Bárbara, eu não estou. Pode me trazer café, por favor? – peço.

— Sim, senhor.

Volto para o projeto que ando batendo cabeça para recalcular. Sou minucioso, detalhista, talvez o sucesso dos meus empreendimentos seja por isso. Sou perfeccionista ao extremo e admito que não é fácil trabalhar comigo. Exijo demais e, para estar em minha equipe, tem que ser o melhor no que faz. Faço de tudo para evitar atrasos e erros são inaceitáveis. Há quem diga que sofro de TOC por causa da obsessão pela organização, mas acredito que é apenas por gostar de tudo no lugar.

Alguns dias depois, o telefone toca e Duda pergunta se Manuela pode entrar. Já está na hora de todos saberem que a mulher não precisa pedir permissão aqui, ela praticamente comanda. Instruo a Maria Eduarda sobre o livre acesso de Manuela a qualquer lugar do conglomerado e,

principalmente, à minha sala. Assim que desligo o telefone, a mulher que tem aparecido nas minhas mais loucas fantasias entra.

Há algo nela que me excita. Vendo-a caminhar, a analiso. Ela é uma daquelas mulheres que tem passos firmes, decidida e aquela sobancelha levantada? É sexy como o inferno. O meu desejo por Manuela é devastador, às vezes, assusto-me com a intensidade do que se passa entre nós e tenho medo de assustá-la com isso. Apesar de ter a impressão de que é mais fácil ela me assustar, pois ela é a personificação da mulher fatal, do tipo letal!

Ela coloca o meu café à minha frente e senta-se em uma das cadeiras.

— Bom dia e obrigado pelo café, senhorita Vasconcelos. Muito feliz em vê-la, mas um pouco chateado por não ter vindo me dar um beijo.

— Bom dia, senhor – ela me provoca. E um arrepio percorre meu corpo dos pés à cabeça.

Será que ela faz ideia do quanto mexe comigo quando fala senhor? Inferno! Se eu não for devagar, ela terá minhas bolas em suas mãos muito em breve. Você deve estar se perguntando, mas isso não é excitante? Não quando a mulher é do tipo da Manuela.

— Não acho que você deva misturar as coisas, Rodrigo.

Afasto a minha cadeira da mesa e sinalizo para que ela venha.

— A empresa é minha, você é minha e eu quero que você sente-se aqui. Vamos conversar, gostosa.

— E se alguém entrar? – ela pergunta enquanto vem até mim.

Encaro-a sério, mostrando o quanto detesto ser questionado. Se eu mando, é para ser feito! Mas ela tem seu ponto. Chamo Duda e peço que não nos incomode. Logo que desligo, Manuela vem e senta em meu colo. Acaricio sua nuca e a puxo para desfrutar da sua boca. MINHA! Quando se trata dela, não é amor, é possessão. Minha vontade é tomá-la aqui mesmo. Jogar tudo no chão, rasgar suas roupas e fazê-la gritar meu nome quando estiver gozando.

Com muita dificuldade, me afasto para falar:

— Se você continuar se mexendo, serei obrigado a fodê-la aqui e agora.

Sem jeito e muito contra a minha vontade, Manuela se levanta e, no

segundo seguinte, o meu pai entra na sala sem ser anunciado, fazendo Manuela envergonhar-se. Dou um sorriso tranquilizador porque eu não ligo se ele ver, pelo contrário.

— Bom dia, Rodrigo – o homem acha que, pelo fato de ser o meu pai, pode andar pela minha empresa como se fizesse parte dela. Mas não pode!

Tudo aqui é meu, conquistado com meu esforço, nada aqui veio dele. Talvez, só a vontade de vencer e mostrar que posso ser bem-sucedido como um pedreiro com diploma. Era assim que ele se referia sobre a minha profissão há pouco tempo. As coisas começaram a mudar de figura quando ele viu que a minha empresa saiu no topo do ranking das melhores construtoras do país, a décima primeira das Américas. Para os meus pais, o que importa é seu sobrenome e o que as pessoas possuem. Se não tiver os dois ou pelo menos o sobrenome, você não é nada.

— Bom dia, pai. O assunto que o trouxe aqui deve ser de extrema urgência a ponto de não poder esperar ser anunciado – levanto e apertamos as mãos. Ele olha para Manuela e os apresento. — Pai, essa é Manuela, ela é a minha consultora – sua postura fica tensa e seu rosto endurece. O que aconteceu? — Manuela, esse é Eduardo Brandão Castro, o meu pai.

Eles se cumprimentam e Manuela se despede.

— Só vim deixar essa papelada para você analisar, Rodrigo. Senhor Eduardo, foi um prazer conhecê-lo. Com licença – ela sai sem fazer qualquer contato visual comigo. O que aconteceu?

— Muito bonita a sua consultora. O que ela consulta, Rodrigo? – meu pai olha-me com aquele sorriso de quem acha que sabe algo.

— Ela foi responsável pela auditoria, remanejamento e reorganização. Manuela é muito competente no que faz, desde então a mantenho como consultora para mim e Arthur, ela é uma mão na roda – explico.

— Só isso? Porque, quando entrei, tive a impressão de que a conversa não era muito profissional.

Olho para o meu pai, ele tem mestrado em casos extraconjugais, tal assunto o doutor Eduardo Brandão de Castro domina.

— Seja o que for, pai, não é da sua conta. Então, o que traz o senhor aqui a uma hora dessas? – pergunto.

— Sua mãe insiste que fale com você sobre o seu noivado com a Bárbara.

Solto uma gargalhada e recosto-me na minha cadeira. Onde eles pensam que vão com isso? Sou um homem de trinta e oito anos, quem decide minha vida ainda sou eu!

— O senhor quer café, água? – ofereço.

— Café.

Alcanço o telefone sobre a mesa e peço para a Maria Eduarda trazer café para o meu pai e localizar o meu irmão. Logo que desligo, preparo-me para essa conversa desnecessária.

— Pai, eu não casarei com a Bárbara nem agora, nem nunca. Fale para a mãe se conformar com isso.

— Rodrigo, você pode casar com ela e ainda continuar saindo com a sua linda mulata.

Com isso, ele conseguiu esgotar todo meu bom humor. Quem ele pensa que eu sou? Encaro-o friamente.

— Eu não sou você, papai. O dia que eu me casar, serei fiel. E não se refira a Manuela assim nunca mais! Será melhor para todo mundo.

Arthur entra e percebe que o clima não está agradável.

— Bom dia, pai. Como está?

— Estou bem. É muito bom você ter chegado. Vocês são meus filhos, é minha obrigação exigir que vocês deem um rumo em suas vidas.

Arthur e eu nos olhamos e caímos na risada, para irritação do velho.

— Nosso pai veio me convencer a casar com a Bárbara – falo ao meu irmão.

— Não. Vim falar aos dois que tomem Bárbara e Érica como esposas. Elas os amam, isso é o suficiente para um casamento. Se quiserem, podem ter qualquer uma na rua, desde que não nos envergonhe. Vocês são homens de negócios, são Alcântara e Castro, não podem ser solteiros para sempre. Precisam de herdeiros sua mãe e eu queremos netos. Não podem casar com qualquer uma e nisso dou razão à sua mãe.

Arthur se levanta e anda pela sala. Tenho certeza de que está tentando canalizar sua raiva. Não somos apegados a sobrenome, classe

social, para nós tudo isso é besteira. E eu faço um grande esforço para não tratar isso com deboche.

— Pai, entendemos a sua preocupação com a imagem da família. Sei que está fazendo isso julgando o que é o melhor para nós. Mas não cabe a vocês decidirem isso – digo.

— Lembra-se da Débora, Rodrigo? – fecho meus olhos, respiro fundo e começo a contar até cem, porque dez é muito pouco.

— Como não vou lembrar, vocês fazem questão de tocar na ferida sempre que podem. Não vou pedir desculpas por algo que sofri, por uma coisa que não é da conta de ninguém – corto-o.

Arthur se coloca ao meu lado. Conosco é assim, um pelo outro, sempre. Mas meu pai não se dá por vencido.

— Eu não quero que aquele tipo de coisa volte a acontecer. Você quase envergonhou toda a família por causa daquela prostituta. Pense bem, Rodrigo, Bárbara é a melhor opção e, quanto a você Arthur, Érica é a única que vai aturar sua galinhagem e ainda recebê-lo de braços abertos quando voltar para casa. Elas são lindas, bem-nascidas, tudo o que um homem precisa – ele se levanta e vai em direção à porta. — Bom, só vim bater um papo de pai para filhos. Até mais.

Arthur e eu sabemos o que se passa na cabeça um do outro só pelo olhar. Começamos a rir e Arthur fala:

— Eles não podem nos obrigar a casar.

— A mamãe pode. Ela vai infernizar a nossa vida até não poder mais. Acho melhor você casar com a Érica e lhes dar netos. Assim, todos saem ganhando.

— Não brinque com uma coisa dessas – meu irmão faz o sinal da cruz várias vezes. — Casar não está nos meus planos pelas próximas duas encarnações. Rodrigo, até hoje não consigo entender como a mãe pode suportar todas as amantes do pai.

— Está falando o homem mais fiel de todo Rio de Janeiro – debocho. — Sinceramente, não sei.

— Eu tento ser fiel, só que as mulheres não ajudam!

Tenho uma crise de riso porque ele fala uma coisa dessas, sério.

— Até você encontrar uma que vai castrá-lo.

— Que porra é essa? – ele pergunta indignado. — Achei que jogássemos no mesmo time, cara!

Quando consigo controlar o riso, volto a falar:

— O que eu quero dizer é, o dia que você encontrar alguém que valha a pena, seus dias de Don Juan ficarão para trás.

Ele faz uma careta e senta-se.

— Trocando de saco para mala, final de semana o Cleiton Vargas estará no Rio, vamos combinar alguma coisa?

Cleiton é um amigo de infância a quem queremos muito bem.

— Certo. Só me passar uma mensagem com o local e hora.

— Onde você estava no domingo? Estive no seu apartamento e não o encontrei..

Sorrio com as lembranças do final de semana. Manuela com prendedores nos mamilos, de joelhos, me chupando... Se essas lembranças continuarem a passar pela minha cabeça, será um problema porque irei atrás dela.

— Rodrigo? – volto a atenção para o meu irmão.

— Sim?

— Onde infernos estava essa cabeça?

Sorrio.

— A pergunta correta seria, onde estava o pau?

— Não precisa nem responder. Está tudo bem entre vocês? – Arthur pergunta.

Respiro fundo e passo a mão pelo cabelo.

— Está ou estava, eu não sei – ele espera pacientemente que eu dê alguma explicação. — A hora que o pai estava aqui, ela simplesmente mudou.

— Sem motivo? – assinto.

— Que estranho.

— Mulheres! – falo com exasperação.

* * *

No fim da semana corrida que tivemos, Manuela e eu resolvemos almoçar juntos. A semana foi puxada e os únicos momentos que tivemos de paz foram no escritório, já que a minha menina insiste em não ir à minha casa. Passei a semana rodando pelas obras, e ela na Ideals, porque, mesmo de licença, a Rainha do Gelo não deixa de trabalhar. Após a refeição, voltamos para o escritório e passamos o resto da tarde deitados no sofá, conversando.

— Está abatida, Manuela?

— Cansaço. Essa semana foi muito quente, Rodrigo. E eu não estou me adaptando ao clima, tenho trabalhado muito e o trânsito também me deixa tensa.

— Já falei para mudar para Copacabana, o Recreio é longe de tudo – falo.

— Sim, mas fica perto da Ideals – seu cansaço me incomoda. Manuela deveria se cuidar, mas não se importa com a própria saúde.

— Planos para o final de semana? – pergunto.

— Dormir e você?

— Combinei com alguns amigos para jantarmos amanhã. Um amigo veio da Alemanha para visitar a família e os caras se juntarão para confraternizar. Não o víamos há muito tempo.

— Divirta-se, você merece. Está trabalhando demais e Arthur também – Manuela fala enquanto acaricia o meu braço.

— Gosto do que faço, Manu. A sessão pode ser na quinta-feira que vem?

— Sim. Estou ansiosa.

Acaricio seu rosto, passo o polegar pela sua boca, e ela me surpreende o chupando. Gosto dessa coisa de mulher decidida, ser uma submissa não a impede de ser sensual e demonstrar o que quer. Admiro as mulheres que sabem o que querem e não aceitam menos que isso. A conversa cessa quando a sua boca encontra a minha e todo o resto deixa de existir. Manuela Vasconcelos será a minha morte!

* * *

— Cara, vocês ainda amarram as garotas para foder? – Cleiton nunca entendeu por que gostamos do BDSM e vive perguntando sobre isso.

Rimos, porque sabemos que ele apenas não entende, mas não tem nada contra. De todos nós, Steban é o mais velho e o que tem mais tempo de prática, então, ele responde.

— Ainda somos obrigados a amarrá-las.

Fazia tempo que não nos encontrávamos, a vida nos levou para direções diferentes e pouco nos vemos. Essa noite, reunimos seis amigos. Igor e Cleiton são casados; Marcos, enrolado; Arthur, Steban e eu somos os solteiros convictos da turma. Hoje, aproveitamos para relembrar os velhos tempos, contar planos para o futuro e debochar um dos outros. Frequentávamos esse barzinho na época em que estávamos terminando o segundo grau, foi aqui que pegamos umas gatinhas e alguns deles perderam a virgindade no banheiro.

—Tsc-tsc-tsc. Depois do *Cinquenta Tons de Cinza*, a mulherada só quer saber disso. Outro dia, a Aline me pediu para bater na bunda – Igor fala sério. — Na hora, fiquei sem ação, depois acabei gostando e foi a foda da minha vida. Entendi por que vocês têm esse estilo – ele levantou o copo. — Viva o Grey!

— Viva! – brindamos todos juntos. É sempre bom sair com os amigos.

Marcos sempre foi o tarado da nossa turma, se há alguém que gosta de apreciar a beleza feminina, esse cara é ele. Alguma coisa desperta o seu interesse a ponto de ele não desviar o olhar. Depois de algum tempo, fala:

— Cleiton, duvido que na Alemanha tenha mulheres bonitas como no Brasil, vai dizer que há morenas como aquela?

Todos nós viramos para ver três mulheres com quatro caras bombados. Não dá para entender o que as meninas veem nesse tipo, acredito que até broxas são. Ao olhar o grupo novamente, vejo Manuela abraçada com aquele idiota que a levou no jantar do Beto. Então, começo a ver tudo vermelho e todo o resto acontece muito rápido.

Arthur sai em disparada na direção de outro rapaz que estava de braços dados com Maria Eduarda. Sem dar a chance de segurá-lo, soca a boca do cara. Steban o puxa de cima do rapaz enquanto todos pedem calma. Arthur se solta, indo para cima do cara novamente e Manuela se coloca na frente, fazendo o meu sangue gelar. No impulso de defendê-la, jogo-me na frente dele, que para abruptamente antes de se chocar conosco.

— Manu... – Arthur começa a falar, mas ela o corta.

— Cale a sua boca, Arthur! O que foi isso? Enlouqueceu?

O gerente do bar chega até nós rapidamente.

— Senhores, algum problema? – todos estão meio estáticos. Duda e Bia estão ao lado do rapaz que foi ferido, juntamente com os outros três amigos. Manuela nos encara com a palavra “morte” estampada em seus olhos. Ela estava tão nervosa que até Arthur se assustou, e eu... excitado. A mulher com a sua boa desenvoltura organiza toda a bagunça e repreende sem rodeios.

— Vocês, idiotas, sentem aqui para conversarmos – alguém assobiou e outro tentou argumentar, mas acredito que pensaram melhor quando viram a sobrancelha arqueada. Olho para as mãos do tal Victor no ombro dela e perco o resto do meu controle. Manuela pressente e se coloca em posição de defesa.

— Não, Rodrigo. Não você, por favor – nesse momento, ela parece tão abatida e isso puxa uma corda em meu peito. Ela continua a falar. — Há um monte de celulares apontados para cá, amanhã todos nós estaremos na internet.

Olho para o imbecil e dou um passo para trás. Sento e puxo Manuela para o meu lado enquanto todos os outros tomam os seus lugares. Aproveito que o gerente está parado sem saber o que fazer e peço para servir algumas coisas na tentativa de acalmar a dona onça.

— Traga gelo para o rapaz colocar na boca, duas águas, um balde de cerveja, uma *Coca-Cola* e uma dose de uísque.

Manuela retoma seu discurso de fuzilamento com Arthur.

— Vou perguntar mais uma vez, idiota. O que foi isso?

— Eu o vi abraçando a Duda e não sei... Quando vi, já tinha socado – Arthur se justifica.

— O nome disso é ciúme, animal! – Bia e sua delicadeza de elefante.

— Já passou pela sua cabeça perguntar quem é? – Manuela passa a mão na testa, isso significa que está com dor de cabeça. — Vou apresentá-los antes que eu mesma tenha que matar alguém – ela aponta para os rapazes que estão com elas. — Esse é Victor, namorado do Enzo. Aquele que o metido a Chuck Norris socou é o Jonas, namorado do Mateus.

Agora ela conseguiu chocar todo mundo. Os caras não têm nada de gays. Pergunto para me certificar, porque, se for verdade, devo um pedido de desculpas ao Victor. Apesar de que gay também tem pau, vai que tem uma recaída. Nunca se sabe.

— Eles são gays?

— Acabou de descobrir a pólvora, gênio! – o rosto da Bia está vermelho pimentão. Agora todas estão furiosas. Maravilha!

Nesse momento, o garçom chega com as bebidas, todos se desculpam e se cumprimentam, Steban faz sinal para Bia e os dois saem. Marcos aproveita a oportunidade para cantar a minha garota.

— Prazer, Manuela. Eu sou o Marcos – ele beija a mão dela. — Permita-me perguntar, onde você esteve todos esses anos? Porque eu acho que estou apaixonado.

Encaro-o com a promessa de todo o tipo de dor que posso infligir a ele. E quando Manuela sorri, o monstro do ciúme aparece, e eu cerro os dentes para não xingar o meu amigo. Trago-a mais para perto e acaricio sua perna sob a mesa. Por fim, conversamos, nos desculpamos, rimos e não tenho dúvidas de que surgiram novas amizades. Tarde da noite, a roda de amigos começou a diminuir. Ao olhar Manuela, vejo desejo em seus olhos, refletindo exatamente o que sinto. Mas sei que ela está com dor de cabeça e, nesse momento, ela parece cansada como jamais vi.

Meu instinto protetor fala mais alto que o tesão. Falo em seu ouvido:

— Vou acompanhá-la até o carro, anjo.

Ela concorda e já se levanta, nos despedimos dos remanescentes e saímos. O estacionamento está meio escuro, perigoso para uma mulher sozinha. Enlaço-a pela cintura e vamos em direção ao carro.

— Você está tensa. Quer algo para relaxar? – pergunto.

Dou o meu melhor sorriso e ela responde:

— Aqui não...

Assim que chegamos ao seu carro, pressiono-a contra ele.

— Não estou falando de sexo, menina – acaricio o seu rosto.

— Então, está falando do quê?

Viro-a de costas para mim e de frente para a porta do carro. Abro o

seu short e coloco minha mão sobre a calcinha, acariciando sua boceta. O gemido da mulher enfraquece o meu controle. Manuela rebola em minha mão enquanto beijo seu pescoço.

— Estou falando disso – ela geme alto. — Shhh... quietinha, pequena. Não se mova – coloco minha mão por dentro da calcinha e sinto sua abertura molhada. Esfrego seu clitóris e viro sua cabeça até encontrar sua boca. Beijo-a para abafar seus gemidos. Belisco o seu clitóris e falo sacanagens em seu ouvido tirando-a do sério, a deixo depravada, e eu adoro esse efeito nas mulheres.

Enfio um dedo e ela ofega. Penetro dois dedos em um ritmo acelerado enquanto a palma da mão bate diretamente em seu feixe de nervos. Manuela contrai a boceta em meus dedos já pronta para gozar. Palavras sujas fazem com que ela fique ainda mais excitada. Então, tapo a sua boca e a fodo com os dedos.

— Goze para mim, agora! – Manuela goza ao meu comando, gritando em minha mão. Suas pernas cedem, e eu a mantenho firme. Ficamos na mesma posição até que a sua respiração volte ao normal. Assim que ela se recompõe, viro-a para mim e chupo meus dedos que estavam dentro dela.

— Você é doce – beijo-a para que sinta seu próprio gosto. Com muito custo, separo minha boca da sua, fecho o seu short e abro a porta. — Dirija com cuidado – beijo sua testa. — Boa noite, menina Manuela.

— Boa noite, senhor meu – com isso, ela se vai. E eu tenho mais certeza do que nunca de que aquela mulher é minha.

Capítulo 16 – Manuela



Ando cansada, com fortes dores de cabeça e contabilizei várias idas ao hospital. Admito que tenho trabalhado demais, mas estou muito satisfeita. Tudo está indo tão bem. A Ideals está com novos clientes importantes que requerem a minha atenção. Rodrigo tem viajado constantemente por causa das obras e nossos encontros acontecem nas poucas vezes em que ele está no Rio. Não sou sua namorada, sou sua submissa, mas nossos amigos são os mesmos e não abrimos mão de nos encontrar sempre que possível. Gostamos da companhia um do outro.

Estamos juntos há um mês e, nesse tempo, não houve acontecimentos frustrantes, nem confusões, mas tive minha primeira punição. A punição física, para uma submissa, não é tão dolorida, na verdade, a maior parte é muito prazerosa. Mas o olhar de decepção do seu dono é o pior castigo que uma submissa pode receber.

Em uma das minhas crises de enxaqueca, peguei o carro e fui para o hospital de madrugada, mas quase o bati e, depois disso, não tive condição de dirigir até lá. Encostei o carro e terminei o percurso a pé. Lembro da entrada no hospital, eu estava muito mal e a pressão estava alta. Eles me atenderam e apaguei. Quando recobrei os sentidos, já estava em um quarto e Rodrigo assistindo-me. Recordo que sorri para ele, mas ele não se moveu, não me deu um beijo, nada. Sua expressão séria fez meu coração acelerar, ele não estava feliz.

— Como está se sentindo, Manuela? – pergunta friamente.

— Melhor – respondo.

Rodrigo levanta-se.

— Vou chamar o médico para dar uma olhada em você.

Estava frio, distante, não parecia o Rodrigo de sempre e isso incomodou.

— Rodrigo? – ele se volta para mim e, em seus olhos, vejo a pior

coisa do mundo, a decepção. — Por que você está agindo assim?

Observo-o respirar fundo e passar a mão no cabelo. Ele senta-se novamente e questiona-me:

— Por que não me ligou quando não se sentiu bem, Manuela?

— Porque era tarde, não queria incomodar – respondo.

— Sério? Preferiu quase se matar ao invés de me chamar ou chamar alguém para cuidar de você? – ele faz uma pausa para controlar a sua irritação. — Isso me incomoda, sabe. Essa sua autossuficiência, incomoda-me. Estamos em uma relação em que você precisa compartilhar. Eu preciso sanar suas necessidades, senão não viverei bem. Seu bem-estar é muito importante para ignorar essa situação. Quando a enfermeira me disse que você quase bateu o carro porque, provavelmente, seus reflexos estavam comprometidos por causa da forte dor de cabeça, senti-me inútil – Rodrigo volta a ficar em silêncio e não olha para mim. — Enfim, se você não mudar, nós não daremos certo. Eu quero você, Manuela. Só que a quero inteira e sem reservas.

— Perdoe-me, eu só não queria incomodar – tento me justificar.

— Agora, nesse momento, eu não consigo perdoar. Você colocou sua vida em risco, e eu não posso passar por cima disso – ele virou as costas e foi encontrar o médico.

Abaixo minha cabeça e lamento. É como se apertassem meu coração com a mão. A mente de uma submissa experiente já está condicionada a obedecer e a reconhecer seu mestre. Ver ele assim, decepcionado, frustrado e saber que é por minha causa é o maior castigo que posso ter do meu dono. As marcas de um chicote saem, mas as marcas dessa punição não, essas ficam para sempre, lembrando-me da minha falha.

Cada vez que eu fechar os olhos, verei seu rosto insatisfeito, isso não há como apagar. Nesse momento, eu preferia suas broncas, seus xingamentos, qualquer coisa, só não queria o silêncio. Dois dias se passaram até que ele me procurasse e conversamos novamente. Prometi compartilhar mais e pedir ajuda quando precisar. Foram alguns dos piores dias da minha vida.

Ser submissa não é para qualquer uma, se você não for segura, certas dos seus princípios e forte em suas decisões, não está apta para ser uma. Mulheres com almas submissas não obedecem a qualquer um. Elas só

se dobram perante aqueles que são mais fortes que elas. Aqueles que despertam a vontade de servir, coisa que não é para qualquer um. Ser submissa a alguém é mais que se colocar de joelhos e dizer “sim, senhor”, é saber esperar quando ele está longe, saber obedecer quando a ordena, é saber suportar suas punições calada e agradecer de coração, é ser recompensada, com amor, cuidado e proteção, é ter postura elegante, ser discreta e, acima de tudo, ser forte. Isso é ser uma submissa.

Nosso último encontro foi espetacular com uma sessão de *waxplay*, a prática com velas, foi quando conheci o seu apartamento que, por sinal, é lindo dos quartos com decoração clean à cozinha que é o sonho de consumo de qualquer mulher, mesmo das que não cozinham... O quê? Eu cozinho! Voltando ao apartamento do Senhor Fodão, o que mais me encantou foi o enorme terraço com piscina, há um deck com ofurô, sofás e uma mesa de vidro com seis cadeiras. E como Rodrigo mora à beira-mar em Copacabana, onde a vista é deslumbrante, o seu imóvel acaba tornando-se simplesmente divino.

Aceitar ir ao apartamento foi um passo muito grande para mim. Acredito que ter sessões em seu território nos deixaria mais íntimos, e eu não estava pronta, pelo menos, no começo. Agora, depois de um mês e seis sessões, chegou a hora de dar esse passo.

Rodrigo leva-me até o seu quarto, tão belo quanto o proprietário. O lugar é decorado em preto e branco, algo moderno e masculino. A cama king size possui uma cabeceira que acredito que tenha sido desenhada por ele, um painel todo trabalhado com argolas em alumínio. A parede à frente da cama é toda de vidro e dá acesso à sacada. Também há uma mesa de canto com cadeira e luminária. E ao lado, há uma poltrona preta diferente, com detalhes em alumínio, parece um divã... mas não é.

O quarto está banhado à luz de velas e um doce perfume no ar. Já nua, deito em sua cama e ele amarra minhas mãos nas argolas. A música que ele escolheu para esse momento dá um clima sombrio. O grupo Era com os seus cantos gregorianos me causa arrepios. Nua, amarrada, observada por aquele homem perturbadoramente lindo e ao som de Divano, eu já era um caso perdido, molhado e extasiado.

Rodrigo inicia uma massagem com óleo... *Céus! Isso é delicioso.* Ele dá uma atenção especial aos meus seios, massageando-os, chupando os meus mamilos até que ficam doloridos e coloca os prendedores. Continua com a massagem erótica até chegar em meu clitóris e, nesse momento, eu já não

estou pensando direito. O homem acordou todo o meu corpo com a massagem, cada ponto erógeno foi desperto, deixando-me à flor da pele. Quando percebe que eu já estou sensível, ele vem com a vela.

Essa prática é como compor uma obra de arte. Velas coloridas e específicas para isso exalam um perfume suave, tornando o jogo mais excitante. A cera não queima e o óleo faz com que a aderência na pele seja menor. Observo o meu dono concentrado, fazendo do meu corpo sua tela. Excitante! Elogiava-me, dizia coisas que me deixavam vaidosa e sentindo-me sexy. A sensação é diferente, quando cai na pele é uma ardência leve que logo é substituída por prazer. Rodrigo deixa as velas de lado e contempla o seu trabalho, acaricia os meus seios e entre as minhas pernas.

—Você está linda assim – ele desata-me. — Venha, vou banhá-la, pequena.

Com meu corpo todo colorido pelas velas, ele ajuda-me a levantar e me leva ao banheiro. Rodrigo liga o chuveiro, tempera a água para que esteja em uma temperatura agradável para a cera sair sem precisar esfregar a pele já sensibilizada. Ele estende-me a mão e entra comigo.

— Fica de costas para mim e coloca as mãos na parede – sob a ducha, ele passa o sabonete em meus ombros, descendo para os seios, massageando-os.

— Aahhh... mestre, e-eu preciso de mais – cada toque seu é um tormento.

— Seus gemidos me deixam fora de mim, Manuela. Sou capaz de gozar só ouvindo você gemer. Quietinha, menina. Logo lhe darei o que precisa – continuando a tortura, ele lava os meus pés, sobe para as minhas pernas, minhas coxas, até chegar ao meu clitóris. — Abra as pernas. Sim, isso.

Nada me preparou para aquilo. Rodrigo me lava entre as pernas... com a boca. Sugando, mordendo, penetrando... Ah, inferno! Minhas pernas cedem e seu ataque me leva a lágrimas. Gemendo alto de prazer e cada vez mais sobrecarregada, sinto o orgasmo chegar. Então, o homem que domina todo o meu corpo, para... parou por quê? Ele se levanta, vira-me e beija com gosto. Já falei que o infeliz beija bem? Não? Beijar bem é eufemismo, aquele beijo é sexo puro!

— Está pronta para mim, menina?

Pronta? Eu já passei do ponto! Se esse homem encostar um dedo em mim, sou capaz de ter orgasmos múltiplos.

— Sim, s-senhor.

— Então, chupa-me.

Com todo prazer do mundo! Ajoelho-me diante dele, beijo seus pés, percorro suas pernas com as mãos e tomo seu pau na boca. Seu gemido de satisfação deixa-me ousada. Ele controla a velocidade da minha boca segurando em meus cabelos molhados. Eu estava faminta e querendo mais, querendo tudo! Depois de foder a minha boca, Rodrigo levanta-me e desliga o chuveiro. Seca-nos e voltamos ao quarto novamente. Ele me leva até a tal poltrona.

— Essa é uma poltrona erótica, deite-se de barriga para cima com uma perna em cada lado – ele me toca assim que fico aberta e exposta aos seus caprichos. — Tão molhada... – ele me masturba enquanto se toca também. Eu tenho uma tara em ver homens se masturbando. Isso me deixa louca de desejo. — Confortável, pequena?

— Ah... s-sim, senhor...

— Agora, deite-se de bruços, a cabeça para cá – Rodrigo ajuda-me a ficar na posição que ele deseja. E, assim, a minha bunda fica empinada, na altura do seu pau. — Vamos deixar isso mais gostoso – ele bate em minha bunda e sai. Os cantos gregorianos voltaram a preencher o ambiente. Rodrigo se abaixa à minha frente e beija-me. Ao separar sua boca da minha, mostra o que trouxe. — Tenho aqui bolinhas tailandesas e uma palmatória. Colocarei as bolinhas em sua boceta e usarei a palmatória. Gosto de ver sua bunda vermelha, me excita.

Só dele falar assim, quase tenho um orgasmo. Isso não é com todos, é só com ele. Só ele tem o poder de me deixar nesse estado. E o fato de narrar o que fará comigo só torna as coisas mais intensas.

— Você está tão molhada que não precisará lubrificar as bolinhas – ele me beija mais uma vez e, sorrindo, belisca os meus mamilos e, após, se coloca atrás de mim. Enquanto acaricia minhas costas, a outra mão circula o meu clitóris. — Você sentirá muito prazer, Manuela. Mas quero que goze somente quando eu permitir. Se acontecer antes, eu aumentarei o número de palmadas. Entendido, submissa?

— Sim, mestre – respondo ansiosa.

Rodrigo é um dominador cuidadoso, muito preocupado com os limites e atencioso com as práticas. Ele estuda a sua posse, observa-me para saber se estou bem. Ele é do tipo que só usufrui do prazer após a submissa que está sob seus cuidados. Só me entreguei a ele porque sei que ele se preocupa com o meu bem-estar. Rodrigo é o dono e pode fazer o que quer comigo. Mas o fato de narrar cada passo seu, deixa-me despreocupada com todo o resto. Ele só é um mestre dominador, porque sabe o que faz e executa com maestria.

— Qual sua palavra segura? – pergunta.

— Vermelho – respondo afetada.

— Boa menina.

Ele penetra a primeira bolinha e esfrega meu clitóris. Em uma tortura sensual, ele enfia outra bolinha e, quando coloca a última, quase gozo. Ele abre minhas nádegas e acaricia minha entrada. Vou à loucura! O que sai de mim não são mais gemidos, são gritos de prazer.

— Gosto de você assim, entregue.

Vem a primeira palmada, fazendo-me contrair pelo susto, exercendo pressão nas bolinhas dentro de mim. *Misericórdia!* Eu já estava escorrendo, não suportaria muito mais. Cada palmada ou beliscão nos mamilos me leva cada vez mais alto. As bolinhas dentro de mim que se moviam a cada contração do meu corpo sobrecarregaram-me, e eu chorava de tesão. Estava completamente fora de mim, não pensava, apenas sentia, e o meu corpo estava prestes a entrar em um colapso orgástico.

Assim que o Rodrigo percebeu que as minhas forças se foram, largou a palmatória, tirou as bolinhas e o orgasmo que tinha me negado até ali, veio com força total. Lembro-me dele me penetrar com força, socando fundo e, após tanto estímulo, o meu corpo sofreu uma sobrecarga sensorial, vindo um orgasmo atrás do outro até ele gozar. Ali, eu era apenas uma massa nas mãos de um mestre.

Não lembro do que aconteceu em seguida, apenas de acordar em sua cama, em seus braços e sem restrições. Meu corpo parecia uma geleia, mas eu estava completamente saciada e feliz. Então, veio o choro. Não sei explicar ao certo o sentimento que tinha... acho que era a mistura de todos os sentimentos, como se eu precisasse chorar para colocá-los para fora. Não sei, eu só queria chorar agarrada a ele. Rodrigo me abraçou forte, disse para chorar e que me seguraria até me sentir bem. Por um bom tempo,

sussurrava coisas agradáveis, repetia que sou uma boa menina, linda e inteligente, disse que se orgulhava de ter-me para si.

Assim que me recuperei, ele me levou para mais um banho. Com cuidado e sem se afastar de mim, ligou o chuveiro e nos colocou sob a ducha. Esse banho não teve nada de sexual, ele nos lavou e saímos. Voltamos a deitar na cama e conversamos. Rodrigo disse que entendia o meu receio do *aftercare*, pois sou uma pessoa que não gosta de demonstrar fraqueza e que estou constantemente em alerta. Então, depois de uma sessão intensa como essa, todas as minhas defesas caem, deixando-me exposta. Esse cuidado pós sessão, é seu dever como dono. Ele é responsável por meu equilíbrio até que eu esteja novamente no comando das minhas emoções. Desde que entrei no BDSM, não me permiti vivenciar isso. É íntimo demais... intenso demais...

— Está com fome, Manuela?

— Ainda não – respondo.

— Eu estava pensando, tínhamos um contrato, mas está vencido. Você quer renovar?

— Sim.

— Olhe para mim, querida – levanto os olhos até encontrar os dele que brilham de orgulho. — Quero encoleirar você, Manuela. Quero que leve a minha marca. O que você acha?

Abro um sorriso maior que eu, se possível.

— Será uma honra e uma alegria sem par – respondo com as melhores palavras que encontro.

— Para isso, você sabe que tem a cerimônia que será feita em frente ao clã. Algum problema?

— Não, senhor, não será um problema. Gosto de todos.

Rodrigo acaricia o meu pescoço.

— Sua coleira será uma surpresa.

Volto à realidade depois de fazer um balanço dos meus dias até chegar ao de hoje. Olhando-me no espelho na casa de Steban, contemplo a visão de uma submissa real. Visto com uma túnica longa de seda preta, completamente aberta nas laterais e uma faixa larga vermelha de seda que une as partes, ela não permite que o meu corpo fique totalmente exposto,

visto que roupas íntimas não fazem parte do pacote. Meus cabelos foram presos em um coque frouxo para a colocação da coleira.

Essa cerimônia é muito importante no BDSM, é como se fosse a troca de alianças em um casamento. Aqui, estou me dando a ele, porque é isso que quero. Vou servi-lo, pois assim me sinto viva, completa. Os votos serão feitos na presença do seu grupo ou clã, que é formado por amigos praticantes do Rodrigo. Além de Duda, que é minha amiga e submissa e Arthur, mas não entendo o motivo dele estar aqui, já que ele nem curte essas coisas. A Bia é um membro desse clã, pois já foi submissa de Steban.

Bia e Duda entram no quarto em que estou, interrompendo os meus pensamentos.

— Está tudo pronto, Manu. Só falta você – Bia fala.

Aproximo-me das duas e as abraço. Estou feliz por viver esse momento e poder compartilhar com elas, a quem quero muito bem. Caminhamos até chegar ao jardim da casa onde muitos convidados esperam ansiosos para testemunhar tal rito. No momento em que chego à sala, as meninas se separam de mim para que eu percorra os últimos metros sozinha. Os cantos gregorianos ressoam pelo lugar dando um ar gótico à cerimônia. Ao som de Hymne, caminho até chegar diante do Rodrigo, coloco-me de joelhos e baixo os olhos em sinal de reverência. Então, cito os meus votos.

— Entrego-me a ti, Senhor meu, para que me guies e orientes. Meu maior desejo é pertencer a ti e seguir para onde quer que for – alcanço tua mão e a beijo. — A ti pertença de corpo e alma. Cada parte, cada célula do meu corpo é para servir-te. Serei tua sombra, tua extensão e teu porto seguro. Nesse momento, entrego a ti toda minha vida para que faças de mim o que desejas e como desejas. Deixo aos teus pés a minha subserviência, gratidão e devoção. Prometo ser fiel e digna, honrarei tua marca e tua casa. Peço que tenhas paciência com essa humilde serva que está exposta aos erros por ânsia de te agradar, mas tentarei ser o mais correta possível. Receberei cada palavra e correção com amor, pois sei o quanto me estimas. A partir de hoje, não mais viverei para mim, viverei como tua serva que tem como objetivo de vida fazê-lo orgulhoso e feliz. Meus olhos verão o mundo com teus olhos, pisarei onde pisares, levarei o que levores, pois esse foi o destino que escolhi, te servir. Senhor meu, grata sou por estar sob seu domínio, sob sua orientação e jamais me esquecerei que dentre muitas, me escolheste para servi-lo. Não há palavras que

expresssem a minha gratidão.

Rodrigo acaricia o meu rosto.

— Eu a aceito, menina. Comprometo-me a orientá-la e guiá-la pela vida. Prometo cuidar e protegê-la por toda a nossa jornada. Olhe para mim, pequena – levanto meus olhos para assisti-lo abrir um estojo azul e tirar uma pulseira. — Essa pulseira é o símbolo da minha posse para que todos que encontrarmos saibam que você pertence a mim.

Ele coloca a pulseira de ouro em meu pulso.

— Você assim o aceita? – pergunta.

— Sim, senhor. Prometo honrar a ti e a tua casa – reafirmo a minha promessa.

— A partir de agora, menina Manuela, você me pertence. É a extensão do meu corpo, minha alma e meu destino. Sua obediência e devoção serão somente meus. Suas dúvidas e anseios somente eu sanarei. Seus problemas serão meus problemas. Suas lutas serão minhas lutas. Suas alegrias serão as minhas alegrias. Seu bem-estar e felicidade agora serão o meu dever.

Rodrigo ajuda-me a levantar e emoldura o meu rosto entre suas mãos.

— Minha! – e me beija.

Todos aplaudem, e eu me emociono. É tudo tão lindo! Entre cumprimentos e conversas, risos e abraços, é tudo perfeito. Eles me recebem em seu grupo com muito carinho, apesar de que alguns deles cismam em me chamar de Domme. Eu sei que tenho talento para mandar, só não consigo mandar nele. Steban pede atenção:

— Pessoal, depois dessa linda cerimônia de vínculo, quero lhes informar que temos um novo membro no clã. Por enquanto, ele é um iniciante, mas participará dos nossos encontros para aprender com os mestres nas suas especialidades. Ele só foi admitido depois de todos os dominadores terem votado, o que foi unânime. Arthur Alcântara e Castro, seja bem-vindo! Que sua nova jornada seja de muito sucesso.

Choquei! “Tô bege”. Ele vira-se para mim e pisca, deixando-me de boca aberta. Filho de uma boa mãe! Não fazia a menor ideia de que ele estava nisso também. Acho que essa nova jornada tem nome e um par de

olhos verdes. Eu realmente queria que eles dessem certo. Mas Arthur ainda não se achou na vida, é outro que não quer envolvimento emocional. Mas a Duda... Sorrio ao olhá-la. Em seus olhos há paixão demais, ela não se contentará só com que ele pode oferecer no momento. E isso é mal, muito mal. Eu não quero que ela sofra.

— Manuela – viro-me na direção da voz. — Estou olhando você de longe há algum tempo. Você está esfregando sua testa sem parar, não conversa com ninguém por muito tempo e prefere ficar sozinha.

— Percebeu tudo isso? – pergunto.

Ele envolve-me em seus braços.

— Sem brincadeira, senhorita. Sua cabeça dói, já aprendi a ler você. O que quero saber é se você tomou remédio.

— Ainda não.

— Então, vamos para casa, você precisa descansar – ele começa a andar, e eu o paro.

— Não. Eu sei que depois vocês se reunirão para dar as boas-vindas ao Arthur, não o tirarei daqui agora. Por falar em Arthur, fiquei muito surpresa com a novidade.

— Estamos trabalhando nisso há algum tempo – Rodrigo explica. — Acho que tem algo a ver com a Maria Eduarda, mas ele não fala muito. Não desconversa, menina. Vou levá-la para casa.

— Não, não vai. Mas se o senhor não se importar, gostaria de ir – falo.

— Vá com o meu carro, e eu volto com Arthur. Tem certeza de que está bem para dirigir?

— Sim, estou bem.

Rodrigo fica olhando-me fixamente para constatar que estou bem.

— Manuela, sábado eu vou jantar na casa dos meus pais, e eu quero que vá comigo. Você fica com meu carro e vai com ele. O endereço já está configurado no GPS. Depois, ligarei para falar o horário.

— Sim, senhor – alcanço as suas mãos e as beijo. — Obrigada, por me proporcionar essa experiência. Foi maravilhosa.

Ele me beija com tanta doçura que meu coração se agita. As cosias

estão mudando e saindo do meu controle. Mas acho que...

— Não tem que agradecer. Estou muito feliz, Manuela. Desejo que a nossa parceria vá longe.

Meu pensamento feliz tropeça ao ouvir a palavra “parceria”. Por mais que eu fale que isso não é amor, ainda assim, o peito aperta ao ouvir que é somente uma parceria. Toda mulher quer mais, mesmo sendo uma simples *submissive*.

— O que foi, minha Manuela? Olhe para mim – Rodrigo chama a minha atenção.

— Minha cabeça dói mais. Posso ir, senhor? – desconverso.

Acariciando a minha nuca, ele me conduz para que me despeça de todos. Depois que o fiz, Rodrigo me acompanha até o seu carro. Abre a porta para mim e espera até que me ajeite.

— Manuela, eu não vou ligar para você para não correr o risco de acordá-la. Mas, preste bem atenção, isso é uma ordem e não um pedido: tome um remédio e durma, nada de computador, telefone ou qualquer coisa do tipo. Ficarei muito desapontado se não repousar. Então por favor, se desligue.

— Sim, senhor – fecho a porta e vou para casa.

* * *

Sábado à noite e eu com uma BMW pelo Rio de Janeiro, praticamente voando em uma nave. Não vou mentir, me vesti para andar nesse carro, e não para impressionar no jantar. Eu sei, pode me chamar de louca, mas é muito bom dirigir esse carro. Sou apaixonada por carros, a velocidade me excita tanto quanto música e sexo. Hoje optei pelo look básico, um vestido tubinho preto com decote generoso, bolsa preta e vermelha, assim como os sapatos altíssimos.

O endereço dos pais do Rodrigo não é nada nobre, um condomínio de luxo no morro do Joá. Por aqui o local é conhecido como a Beverly Hills do Rio de Janeiro. Se você perguntar por aí, responderão que é a favela dos ricos. As casas variam de dois a vinte milhões de reais, quase de graça, não é? Basta a gente dar entrada no “Minha Casa, Minha Vida” e compramos duas. Paro na guarita e o guarda sinaliza para que eu continue. Pelo jeito, o segurança já havia sido avisado. Segui as orientações do navegador até chegar à bendita casa dos Alcântara e Castro, que, por sinal, é linda demais.

Só agora a minha ansiedade resolve aparecer. Meu coração dispara ao tentar imaginar como serei recebida. Assim que desço do carro, Steban estaciona logo atrás de mim. Graças a Deus não vou entrar sozinha. Espero até que ele se aproxime.

— Boa noite, menina Manuela. Como está? –

Cumprimento-o com dois beijos no rosto, costume de carioca.

— Bia não veio? – pergunto mais para provocar do que para saber.

— Eu não estou com a Bia, Manuela – ele responde sério.

— Eu sei, mas achei que você a traria para me dar apoio moral.

— Só estou aqui para lhe dar apoio moral. Caso contrário, nem viria.

— Obrigada, Mestre – faço uma mesura.

— Boa menina. Preparada? – ele estende-me o braço.

— Sim! Não! Não sei! Sei lá...

Steban toca a campainha e, em seguida, a porta é aberta por uma empregada uniformizada. Ela nos acompanha até a sala onde as *Barbies* e... aquela que eu acredito ser a mãe dos meninos estão conversando. Arthur herdou os traços delicados de sua mãe, já o Rodrigo é a descrição perfeita de seu pai. Todos têm olhos claros, menos a mãe, que tem olhos pretos. A senhora vem em nossa direção com os braços abertos para Steban.

— Steban, que saudades. Faz tempo que não o vejo. Você deveria vir mais vezes nos visitar.

Ele beija ambos os lados do rosto da senhora e segura a sua mão.

— Muito trabalho, Rosita. Você está cada vez mais jovem. Nem parece que tem dois filhos feios e encalhados – ambos riem.

— Isso por muito pouco tempo, meu querido. As meninas estão aqui justamente para isso – a senhora declara.

Gelo. Olho para Bárbara e Érica que agem como se estivessem em casa.

Steban coloca a mão em minhas costas e traz-me mais à frente.

— Rosita, deixe eu lhe apresentar a Manuela.

Antes que a senhora possa responder, Arthur aparece.

— Manu, que bom que chegou – ele vem até a mim e beija-me no rosto.

O sorriso de sua mãe se torna uma careta. Sem humor, ela pergunta:

— Você a conhece? Achei que ela era acompanhante do Steban.

Como a mulher continua a me encarar, sinto-me obrigada a agir. Dou um passo à frente e estendo a mão.

— Boa noite, senhora. Sou Manuela Vasconcelos, amiga de todos eles e a consultora da construtora.

— Ah, sim, ouvi falar de você – ela segura a minha mão sem muita vontade. — Sua pessoa despertou a atenção de muitos na cidade, recebeu muitos elogios e dizem que é boa no que faz.

— Boa, não, a melhor! – Arthur intervém. — Vamos, Manu e Steban, estão nos esperando no escritório.

Dona Rosita segura-me pelo braço.

— Deixe-a aqui. Vocês só falam de negócios, tenho certeza de que Manuela está cansada disso.

Bárbara se mete.

— Rosita, ela é mulher de negócios – todas elas fazem careta. Ai, meu Deus! Trabalhar é uma doença contagiosa. Logo eu, a miss *workaholic*.

— Vamos – Arthur puxa-me.

Arthur faz um rápido tour pela mansão mostrando-me a belíssima casa. Em seguida, entramos no escritório, onde o seu pai está sentado atrás de sua mesa estilo inglês como um rei. E me recebe muito bem.

— Não acredito que você a trouxe, Rodrigo – como falei, muito bem.

Como assim, você a trouxe ela? Essa “a” sou eu? Visto minha máscara de executiva e desfilo como se fosse a minha passarela.

— Boa noite, senhor Eduardo. Fico encantada com a educação da alta sociedade carioca – sento-me na poltrona azul em frente a ele e ao lado de Rodrigo, que está com um sorriso de deboche estampado no rosto. Pelo jeito, a conversa com o papai não estava muito boa. — Então, senhor Eduardo, sou boa para frequentar a casa dos seus amigos, como o prefeito, mas não sou boa o suficiente para estar na sua? Que feio – encaro-o e levanto a minha sobrelanceira esquerda esperando uma resposta.

— Você entendeu errado, Manuela. Desculpe-me ser indelicado. Você é bem-vinda em minha casa – ele levanta e estende-me a mão.

— Não pareceu, mas tubo bem – retribuo seu cumprimento.

A conversa sobre negócios, política, economia, tomou um bom tempo. É sobre isso que gosto de discutir, porque falar sobre o horário no spa não faz meu tipo. Nesse momento, dona Rosita anuncia que o jantar será servido. Rodrigo levanta e estende seu braço a mim e saímos conversando.

— Como você está, minha menina? – ele leva a minha mão à boca e a beija.

— Estou bem, mestre – pisco para ele, que sorri, desarmando-me.

— Você está linda.

Chegando à sala de jantar que deixa qualquer cenário da Globo no chão, Rodrigo puxa a cadeira ao seu lado para mim, mas a digníssima mamãe leva-me pela mão e, delicadamente, coloca-me ao lado de Steban, que gentilmente me ajuda a sentar. Isso está ficando ótimo. O jantar foi simplesmente magnífico, com dois pratos e sobremesa. E, por incrível que pareça, as Barbies nem se deram ao trabalho de me provocar.

— Seu pai falou que você voltou a negar a corregedoria. Por que você não quer, rapaz? – o pai do Rodrigo se dirige a Steban.

— Meu negócio é ação, a burocracia fica para quando eu estiver me aposentando – ele responde.

Érica resolveu dar o ar da graça. Até que demorou.

— Você é policial militar?

— Não. Sou delegado da Polícia Federal.

— Creio em Deus Pai! Elas nos olham como se estivéssemos na classe D – resmungo sem sucesso, pois Steban ouve e cai na risada. Falo entre os dentes — Disfarça, criatura.

Todos nos olham sem entender nada, faço minha melhor cara de paisagem e dou de ombros. Dona Rosita não perde a oportunidade de ficar calada.

— Manuela, você, uma moça viajada e bem informada, olhe esses dois casais – ela aponta para Arthur e Érica, Rodrigo e Bárbara. — Você não

os acha lindos? Imagina nós seis em uma foto de família.

Rodrigo, tão desconfortável como o resto da mesa, intervém:

— Mãe, não começa.

Nesse momento, me sinto intrusa. Ele não me prometeu nada, sei bem o meu papel nessa história. Mas uma coisa é ser submissa dele e viver longe daqui, outra coisa é estar à mesa junto com a futura noiva dele. Concordando com a anfitriã, elogio os casais e entro na conversa de casamento. Mas a minha noite terminou. Conheço muito bem os meninos, eles não querem casar, mas, um dia, eles acordarão e satisfarão o desejo da mãe. E nesses planos, Duda e eu não entramos.

A mãe deles chamou somente as mulheres para tomar café na sala, e eu, como convidada, dessa vez não pude fugir. Entendi que a senhora vai casar seus filhos à força se necessário.

— É como falei, Bárbara, Eduardo e eu conversamos com o Rodrigo e ele nos garantiu que logo a pedirá em casamento – essa conversa está descendo cada vez mais difícil pela minha garganta. — Não quero que apareça outra Débora na vida dele e acabe manchando nosso nome. Outra coisa, minha filha, assim que ficar noiva dele, providencie um filho. Rodrigo é doente por uma criança, foi com isso que a vadia da Débora quase conseguiu prendê-lo.

Débora? Filho? Atenta demasiadamente, sigo fingindo tomar meu café só para saber mais.

— Quem sabe a Manuela não nos ajuda a convencê-lo? Ele a ouve demais nos negócios e seu casamento com a Bárbara trará mais frutos à empresa também – a vovó fala olhando em minha direção.

— Deus a ouça, Rosita – Bárbara diz também olhando para mim, e Érica se mete onde não é chamada, mais uma vez.

— Arthur e eu estamos nos acertando, agora é só uma questão de tempo.

E a minha cara de paisagem, que está mais para natureza morta, continua funcionando. Depois dos casamentos estarem planejados e eu de saco cheio, peço licença e vou ao encontro dos homens. No meio do caminho, encontro Steban.

— Você vai demorar aqui? – pergunto ansiosa. Ele percebe.

— Não, já estou indo. Por quê?

— Pode me dar uma carona? Vim com o carro do Rodrigo e sei que eles combinaram um passeio com as *Barbies* amanhã, ele precisará do carro. Não precisa me levar até em casa, só me deixe onde poderei pegar um táxi.

— Se você for comigo, a deixarei na porta de casa – Steban fala sério. Esse homem tem dificuldade em sorrir. Ele é muito sisudo.

Fomos onde eles estavam e me despeço do senhor Eduardo. Rodrigo insistiu para me levar embora, mas achei melhor não. Cada um no seu quadrado. Me despedi da matriarca da família e das futuras noivas Alcântara e Castro. Da casa até o carro, Steban e Rodrigo tentam me convencer a ficar com o carro de Rodrigo ou de Arthur. Mas eu não quero o carro sem o dono, ele não percebeu esse pequeno detalhe.

— Não, Rodrigo. Steban me dará uma carona – falo já ficando irritada.

— Certo, sem discussão. Segunda-feira de manhã viajarei para São Bernardo do Campo para ver como anda aquele projeto, devo voltar sábado ou domingo. Como a próxima terça-feira é feriado, todos nós podemos ir para a chácara no domingo e voltar na quarta de manhã. O que acha?

Rodrigo olha-me com esperança de que eu aceite o convite. E eu aceito, porque quero sair dali de uma vez.

— Uma boa ideia, mestre. Podemos ir, Steban? – nos despedimos e partimos.

Graças a Deus! Não aguentava mais tanta futilidade e egoísmo juntos. Essa realidade do Rodrigo não serve para mim. Mais uma prova de que a nossa relação não deve passar de D/s. Ter a vida que essas meninas tanto idolatram não me apetece.

Capítulo 17 – Rodrigo



De São Bernardo do Campo tive que vir até Campinas. Gosto dessa cidade, ainda faço planos para me mudar para cá. Estou aqui desde segunda negociando um novo empreendimento, um prédio com salas comerciais. Gosto do que faço, o que não gosto é de ficar em hotel, acompanhado é melhor, mas sozinho é chato. Meu telefone toca logo que saio de uma reunião. Olho o visor e vejo que é o meu pai. Preocupado, atendo:

— Oi, pai.

— Rodrigo, tudo certo por aí?

— Tudo indo conforme o esperado. Aconteceu alguma coisa? – se não aconteceu, vai acontecer. Meus pais nunca ligam por nada ou para saber como o filho está. Isso não faz o tipo deles.

— Quero saber se você estará no Rio amanhã. Temos um jantar importante com políticos e alguns deles querem ver você. O governador é um deles.

— Amanhã já é quinta... – penso por um instante se terei tudo resolvido para ir embora. — Ok, pai, eu irei.

— Obrigado, Rodrigo. Esse jantar é muito importante para nós.

— Tudo bem, pai. Até amanhã.

Com os meus pais é sempre assim, é sempre em prol deles. Vou, porque, se eu não aparecer, vão me encher o saco para o resto da vida. E com o meu pai entrando na política, a família tem que estar unida, segundo a minha mãe. Ligarei para a Manuela para convidá-la, em sua companhia tudo fica mais suportável. Tento ligar algumas vezes, mas o celular está desligado. Adiantarei as coisas para poder pegar o avião amanhã pela manhã. Mais tarde, tento novamente.

* * *

Vinte e quatro horas não são suficientes para mim, preciso que os dias se estendam em vinte e oito horas, no mínimo. Vim de Campinas ontem, cheguei em cima da hora para o bendito jantar. Sai da cama cedo para ir à empresa, mas tive que passar no banco e lá se foi minha manhã.

Chegando ao escritório, lembro-me de organizar o final de semana na chácara.

Ah, não, cacete! Esqueci de ligar para Manuela. Enquanto caminho para a minha sala, digito o número da minha menina, mas não obtenho resposta. Envio uma mensagem, mas não recebo uma resposta imediata também.

— Boa tarde, Duda – assim que passo, Maria Eduarda vem com a agenda e, provavelmente, já telefonou para a copa para providenciarem o meu café. Deixo as minhas coisas sobre a mesa e enquanto o computador inicia, instruo: — Antes de qualquer coisa, ligue para a chácara e veja se está tudo em ordem para receber os hóspedes. Depois de passarmos a agenda, localize Manuela, por favor. Estou tentando falar com ela, mas não obtive êxito. Outra coisa, terei que rever aquele projeto de Itaboraí e, provavelmente, levará a tarde inteira. Então, ligue para Arthur, Steban e Bia para confirmarem o final de semana. Você também deve confirmar.

— Sim, senhor. Ninguém o esperava aqui hoje, como o senhor não entrou em contato, mantive tudo como já estava.

— Certo. Muito obrigado – ela está impassível, o que acontece com ela? É sempre tão doce e conhecida como a rainha da paciência. — Algum problema, Duda?

— Nada, tudo está bem. Se me permite, voltarei à minha mesa para fazer essas coisas. – ela se levanta. — Senhor Rodrigo, já viu as fotos do jantar de ontem que saíram na mídia?

— Não, nem sabia que tinha saído – algo me diz que não gostarei do que estar por vir.

Maria Eduarda joga o jornal em minha mesa antes de sair da minha sala. Fico surpreso com a atitude dela, pois nunca age assim, deve ser TPM. Uma daquelas épocas em que as mulheres se tornam serial killers. Um conselho, jamais peça para uma mulher na TPM fazer algo para você com facas, jamais!

Olho para a coluna social e lá está uma notícia que ocupa duas páginas da porra do jornal. *“Rodrigo Alcântara e Castro, enfim, assume Bárbara Becker como sua noiva. As más-línguas dizem que o menino de ouro irá amarrar-se à bela socialite muito em breve... ouço sinos por aí”!* Esse colunista fofoqueiro estava lá ontem. Minha mãe resolveu pegar pesado. Que merda! Não vou casar, pelo menos não com a Bárbara. O telefone toca.

— Sim.

— Senhor Rodrigo, a Manuela está em reunião, mas disse que o final de semana está confirmado, já que foi uma ordem do senhor. Ela também disse que, como trabalhará amanhã, chegará somente à noite e irá com o carro dela. Já repassei o endereço a ela. O senhor Arthur e Steban também já confirmaram. Falta somente a Bia, ainda vou ligar. Sobre a chácara, está tudo pronto como o senhor mandou. Mais alguma coisa?

— Obrigado, Duda. Arthur está na sala dele? – pergunto.

— Sim, senhor. Quer que o chame?

— Não, obrigado.

Marcho para a sala do meu irmão para convencê-lo a ir para a chácara hoje ainda. Bato à porta, ele manda entrar. Sempre bato à porta antes de entrar porque podemos esperar tudo de dele. Assim que entro, Arthur já metralha.

— Rodrigo, eu não sei que porra a mãe está pensando, mas não vou fazer parte desses joguetes dela. Passei a manhã falando com o escritório de relações públicas, os telefones da empresa não param de tocar querendo saber do seu casamento e do caralho do meu casamento – ele anda de um lado para outro com a mão na cintura e outra na cabeça. Sento-me e o observo. — Inferno! A garota mal olha na minha cara e só o faz porque trabalha e é obrigada.

— São boatos, logo acontece outra coisa e ninguém mais lembrará disso. Vim convidá-lo para ir a chácara hoje à noite e podemos chamar Steban também. Teremos uma noite sossegada de homens e saímos desse inferno. Amanhã, quando elas chegarem, já estaremos melhor.

— Boa ideia. Vou ligar para ele.

Enquanto Arthur fala com Steban, envio outra mensagem a Manuela. Ela costuma responder logo em seguida, mas não é o que está acontecendo. A tal reunião deve ser importante. Arthur fala, tirando-me da divagação:

— Steban disse que estará na sua casa às seis. O que dá a você três horas para se organizar.

— Duda vai com você? – pergunto.

— Como? Ela nem fala comigo, como viajaria em minha companhia? – ele reclama. Mamãe marcou o seu ponto a ferro. — Ela irá com a Bia, as

duas devem chegar lá depois do almoço.

Volto para minha sala e me enterro no trabalho. No final de tudo, o que me resta é o trabalho. Mandeí mais duas mensagens para Manuela e todas sem resposta. Costumo falar que ela precisa trabalhar menos, mas nisso somos espelho um do outro. Nossa vida profissional vem antes de nós mesmos, amamos o que fazemos.

Final da tarde seguimos para a chácara que fica em Barra de Guaratiba, mais ou menos uma hora e pouco de carro. Esse lugar é um paraíso. Uma área de dois hectares, cercado por montanhas, vegetação nativa e não muito longe da cidade, mas distante o bastante para descansar. Há dois grandes jardins que eram as paixões da minha avó, uma grande piscina e o deck. A casa é um espetáculo, com oito quartos, seis banheiros, duas salas amplas e abertas.

Seu João vem nos receber, ele é caseiro aqui há mais de dez anos. Moram aqui, ele e sua esposa, dona Albertina, que prefere ser chamada de Bete e que cozinha maravilhosamente bem. Lembro que, muitas vezes, vim aqui somente para comer. Bons tempos em que a minha preocupação era somente com os estudos.

Sentamos na varanda para conversar, já que nos tem faltado oportunidade para isso. Nós estávamos mais cansados do que imaginávamos, fui o primeiro a despedir-me e ir para a cama. Enquanto tomo banho, penso em quanto tenho sentindo falta de Manuela. Pergunto-me por que ela não responde as mensagens ou as ligações. Por mais que ela esteja ocupada, sempre conseguia um tempo para mim. Logo que deito, apago.

Acordo com o canto dos pássaros, coisa estranha para mim. Olho para o telefone para ver se Manuela deu sinal de vida, mas, além de não ter nada dela, vejo que já são duas horas da tarde. Levanto nada disposto e faço a minha higiene. Visto-me e vou tomar café ou almoçar. Atravesso a casa e, pela cara amassada dos outros dois, vejo que acabaram de levantar também.

— Boa tarde, meu povo! Cruz credo, que caras são essas? – Bia. Não preciso nem falar mais nada, não é? Muitas vezes, não há como descrevê-la, então falamos “Bia é Bia” ou nossa... agora você foi Bia.

Vou ao seu encontro, abraço-a.

— Acabamos de acordar – dou um beijo em Duda. — Melhorou o

mau humor, Maria Eduarda?

Ela arregala os olhos.

— Quem? Eu? Não estava de mau humor, só estava chateada.

— Um conselho, senhores: não cheguem perto dela quando estiver chateada. Fiquei feliz que aquele jornal não era uma faca. Ela atirou em mim com a intenção de me fazer engolir – todos riem. Agora sei o que a deixou chateada.

Depois do café-almoço, todos acharam o que fazer. Eu fui olhar a propriedade com seu João. Passamos a tarde andando pelo lugar e vendo o que precisava de reparo. Mas, ao contrário do que pensava, o lugar está em perfeito estado. Volto para casa, tomo banho e deito para assistir ao jornal. Assusto-me e me dou conta de que cochilei. Visto-me decentemente para ir à sala e ver se Manuela já chegou.

Todos estão sentados à mesa para jantar e tomo o meu lugar na ponta, onde todo bom anfitrião deve sentar. Então, percebo que a minha menina não chegou ainda.

— Nada da Manuela ainda?

— Ela ligou e disse que tentou falar com você, mas não conseguiu – Duda fala. — As reuniões tomaram mais tempo do que deveriam e, como está com muita dor de cabeça, acha melhor vir somente amanhã.

Logo que ela termina de falar, vou ao quarto pegar o telefone e volto para a mesa. Vejo que ela me ligou apenas uma vez, mas não se deu ao trabalho de deixar uma mensagem. Estou preocupado com ela e impaciente.

— Liguei e, se ela quiser, vou buscá-la. Está desligado – merda! Essa distância tem mexido comigo. Eu a quero. Caralho! Ela é minha!

— Ela sofre com muitas dores de cabeça, alguém sabe a causa? – Steban pergunta.

— Pressão alta é uma das causas, mas o que causa o resto é o estresse – Bia explica. — Ela não para e, se parar, é capaz de morrer com depressão.

— Mas ela é nova demais para passar por isso. Quantos anos ela tem? Vinte seis, vinte sete anos? – Steban questiona.

—Trinta e um – respondo.

— Com aquela carinha? – meu amigo fala impressionado.

Esse passeio está quase chegando ao fim para mim. A ideia era que descansássemos, principalmente Manuela, mas ela não pensa dessa maneira. E eu continuo chateado por isso e pela sua ausência. Retiro-me para o meu quarto logo após a refeição.

Levanto pela manhã e vou caminhar para pensar, colocar algumas ideias em perspectiva: delinear novos projetos, quem sabe uma filial, e frear a minha mãe, porque a mulher tem como missão de vida me casar com a Bárbara. Quando volto para a casa, vejo Manuela saindo do carro. Apresso o passo, alcançando-a.

— Bom dia, senhorita Vasconcelos. Estava pensando seriamente em buscá-la – beijo sua boca deliciosa. Saudades disso... saudades dela. — Sua dor de cabeça melhorou?

— Estou bem, só preciso descansar. Cadê o resto do pessoal?

— Acho que estão dormindo ainda – passo por ela e alcanço a sua pequena mala. — Levarei suas coisas para o meu quarto.

Mal dou dois passos e ela para-me.

— Rodrigo?

— Sim.

— Você se importa se eu ficar em outro quarto? Quando estou com essas enxaquecas, prefiro ficar sozinha.

Encaro-a. Se me importo? Claro que sim! Não a entendo, mas ela não está bem e não discutirei.

—Tudo bem – levo-a até o quarto em que estou. — Faremos o seguinte, irei para o outro quarto e você fica nesse que é maior, a vista é melhor.

— Obrigada – ela responde suavemente, mas seus olhos não encontram os meus. Deixo suas coisas por ali e seguro o seu rosto entre minhas mãos.

— O que acontece, Manuela? Você está abatida, nunca a vi assim.

Ela sorri e coloca as suas mãos sobre as minhas.

— Cansaço, bonitão. Somente cansaço.

Sento na cama e a puxo para o meu colo. Arrebato sua boca e tento

aplacar a minha sede dela.

— Senti sua falta, minha menina – beijo seu pescoço, mordo o lóbulo da sua orelha, e ela geme. Tão responsiva e gostosa. Coloco minhas mãos por baixo da sua blusa, alcanço seus fartos seios e é minha vez de gemer. Do nada, ela fica tensa. — O que foi, Manuela?

Ela balança a cabeça.

— Nada, só estou com fome. Já tomou café?

— Ainda não – arrumo sua blusa, ajudo-a a se levantar e pego a sua mão. — Vem, vamos tomar café juntos.

O meu prazer é ver Manuela bem, preocupo-me com a minha menina. Ela não é do tipo que compartilha o que lhe aflige, guarda para si. Terei que trabalhar isso com ela, afinal, ninguém é uma ilha para viver só.

— Bom dia, dona Bete. Quero apresentar alguém especial. Manuela, essa é dona Bete, a pessoa que cuida desse lugar. E essa é a Manuela, a minha garota.

Beijo-a antes de sentar.

— Bom dia, seu Rodrigo. Muito prazer em te conhecer, dona Manuela.

Manuela vai em direção à dona Bete e a cumprimenta.

— Por favor, nada de dona, assim a senhora me envelhece uns pares de anos. Prazer em conhecê-la, dona Bete. E o café está muito cheiroso.

Se um dia eu fosse me casar, seria com alguém como Manuela, alguém que sabe o valor do trabalho duro e, principalmente, sabe valorizar as pessoas. Está sempre de bom humor e tem resposta para tudo. Ela é a companheira ideal, é do tipo que leva o marido para cima e não apenas um bibelô de clube... *Rodrigo, Rodrigo, pare com esse raciocínio, rapaz. Casamento não é coisa para você.*

Depois do café, a convido para dar uma volta. O pessoal ainda está dormindo e fico muito surpreso ao saber que a Duda e a Bia dormiram no mesmo quarto. Deduzi que Maria Eduarda ficaria com Arthur. Sabemos que Steban e Bia de vez em quando tem recaídas. Eles foram destinados um ao outro, mas preferem fingir cegueira.

Sentamos no balanço que tem na varanda de frente para a piscina.

— O que a incomoda, pequena? Compartilhe comigo – peço.

— Você confia em mim, Rodrigo?

— Confio a minha vida – aí vem bomba.

— Quem é Débora? – bum! — Desculpe a inconveniência. Se não quiser responder, sintá-se à vontade em não o fazer. Esqueço o assunto aqui.

— Não. Respondo sem o menor problema. Só diga-me como soube.

Manuela demora a responder.

— No jantar na casa de seus pais, sua mãe a citou.

— Imaginei – abro os braços e Manuela se coloca entre eles. — Há uns dois ou três anos, conheci Débora em uma festa, moça bonita e de sorriso fácil, me apaixonei. Saímos por três meses e então, ela disse-me que estava grávida. Nossa! Senti-me o homem mais sortudo da Terra. Um filho com a mulher que estava apaixonado – olho para Manuela para estudar sua fisionomia, mas estava inalterada, olhando para a montanha. — Eu a pedi em casamento, e ela aceitou. Até então, tinha sido o dia mais feliz da minha vida. Quando a apresentei aos meus pais, você já deve imaginar a reação deles. Não foi fácil. Minha mãe não se conformava por eu ter me apaixonado por uma mulher da zona Oeste da cidade, mas, para mim, era o de menos. Nem o fato de que iam ter um neto os deixou felizes. Bom, insisti para ela se mudar para o meu apartamento, mas ela não quis, dizia que era mais sensato se esperássemos até o casamento, mas sempre reclamava da sua companheira de casa...

Manuela deita a cabeça em meu ombro. Não sei por que, mas isso me dá uma sensação de paz. Volto para minha triste história.

— Arthur tinha um apartamento há duas quadras do meu condomínio, conversei com ele, que gentilmente cedeu, e ela se mudou. Eu estava em uma correria danada, a obra em Angra era a primeira das grandes. Tive que viajar em cima da hora, fiquei chateado, porque não queria deixá-la sozinha. Resolvi tudo rapidamente, passei em uma joalheria, comprei um par de brincos e voltei para casa antes do previsto. Como tinha a chave reserva do apartamento, fui direto para vê-la. Hoje, penso que não era paixão, era pela criança. Eu queria aquele filho, era tudo o que eu mais queria. Então, cheguei ao apartamento, e ela tinha reunido alguns amigos. Até aí, nenhum problema.

Respiro fundo antes da minha mente voltar a vagar pelas amargas lembranças do passado.

— O lugar estava cheio e Débora estava sentada no colo de um homem tomando uísque. Ninguém percebeu a minha presença até que eu sentei ao lado do casal apaixonado. A hora em que ela me viu, empalideceu e caiu do colo do cara. Quando se recuperou, veio com aquela velha história...

— Não é o que você está pensando – Manuela complementa.

Sorrio.

— Exatamente. Levantei e ordenei que desocupasse o apartamento em duas horas. Se por acaso ela ultrapasse o tempo, eu chamaria a polícia. Virei as costas e ia saindo quando ela se jogou no chão, segurou a minha perna e fez uma daquelas cenas dignas de novela. O cara falou que ela tinha que contar a verdade. Nessa altura do campeonato, nem precisava.

— Não existia criança.

— Não, não existia. Essa é a história da Débora – Manuela olha para mim. Esperava ver pena ou qualquer sentimento parecido com esse em seus olhos, mas não tinha nada. Talvez raiva e... ciúme?

— Depois disso, você a viu novamente? – ela pergunta. — Tentou saber o porquê de toda essa farsa?

— Não. Depois que saí daquele apartamento, nunca mais a vi. Não vale a pena ficar remexendo em coisas que não tem futuro.

— Verdade. Desculpe, mas sua mãe é fogo na roupa. Ela vai casá-lo de qualquer maneira.

— Isso é o que ela pensa. Não quero me casar, nem com Bárbara, nem com ninguém. Ela que se conforme. Hoje, eu só quero a minha menina assim, quietinha no meu colo – trago a boca de Manuela ao encontro da minha em um beijo quente, até todos aparecerem na varanda e atrapalharem tudo.

O dia foi assim, tranquilo, as meninas alternavam entre a piscina e varanda, eu dormindo e os outros se divertindo. Gostei muito deles estarem aqui comigo... de ela estar aqui comigo. Cai a noite e, logo após o jantar, as meninas se recolhem. A Bia mesmo estava quebrada. Elas deveriam ter em mente que não são mais adolescentes, mas, ainda assim, nos fazem dar

boas risadas. Arthur e Duda se acertaram também, pelo menos é o que parece, e que dessa vez dure!

Arthur, Steban e eu ficamos na varanda conversando sobre BDSM, trocando ideia, auxiliando Arthur em seus questionamentos e falando sobre a avaliação de novas submissas. Quando fui para cama, já era mais de duas horas da manhã, vou direto ao banheiro para um relaxante banho e, depois, cama. Assim que saio do banheiro enrolado na toalha, sou surpreendido por uma linda menina ajoelhada, com as mãos no chão e cabeça baixa. Manuela é uma submissa impecável e o fato de estar aqui, assim, faz com que meu orgulho aflore. Abaixo diante dela e levanto o seu rosto, ela me tenta com aquela expressão de garota má.

— Você quer algo, menina bonita?

Ela sorri e responde:

— Sim, senhor.

Acaricio o seu rosto, contornando o seu lábio inferior com o polegar.

— Diga-me o que quer, Manuela.

— Use-me – sua expressão fica séria e seus olhos prometem perversidade. — Todos esses dias sem o seu toque, sem seu perfume, foram difíceis. Eu só quero me sentir viva, senhor meu.

Um gemido sai do fundo da minha garganta e beijo-a loucamente. Será que ela faz ideia do efeito que tem sobre mim? Ouvir isso dela me faz sentir o homem mais poderoso do mundo. Não é para qualquer um ter uma mulher dessas aos seus pés. Tiro sua camisola e volto a beijá-la. Estico-a no chão e deito sobre ela, beijando o seu pescoço, seus seios... Essa mulher será o meu fim. Chupo um mamilo enquanto belisco o outro, e seus gemidos fazem-me insano. Continuo a descer em uma trilha de beijos úmidos pelo o seu corpo, abrindo as suas pernas e constatando que Manuela já está molhada. Ela responde muito bem a mim.

— Você está pronta para mim.

— S-sim, senhor... ah... ah...

Sem tirar os meus olhos dos seus, desço a minha boca até o meio de suas pernas e, com a minha língua, provooco o seu clitóris. Penetro-a com dois dedos enquanto sugo seu nervo sensível, fazendo Manuela gritar. *Perfeita!* Tomo todo o tempo que necessito para matar a minha sede.

Contemplo o seu corpo ondulando em uma dança erótica.

— Olhe para mim, Manuela – ela abre os olhos e vejo o tesão. — Diga-me o que quer.

— Quero que me use – seu tom de voz é firme.

— Quer que a use como, Manuela? – ela apenas geme. Então ordeno: — Diga-me o que quer.

Manuela levanta-se em seus cotovelos e, em tom nada submisso, ela fala:

— Quero que me foda sem piedade. Que tome posse de tudo que é seu!

E, com isso, a penetro forte e rápido. Quanto mais ela geme, mais fundo vou.

— Como você é deliciosa, menina – prendo suas mãos acima da sua cabeça e, beijando sua boca, continuo a fodê-la. Viro-a de quatro e volto a penetrá-la. *Céus!* Estar dentro dela é o verdadeiro paraíso. — Você me deixa louco... completamente louco!

Ainda dentro dela, levanto-a e trago sua boca para a minha. Levo uma mão até o lugar onde nossos corpos se encontram e estímulo o seu clitóris. Manuela goza, levando-me junto com ela, gozando como nunca gozei na vida. Deitados no chão, abraçados e ofegantes, acredito não ser capaz de levantar agora. Puxo a coberta da cama e, ainda dentro dela, caímos no sono.

Acordo com Manuela deitada ao meu lado e com a cabeça em meu peito, nua. Foi a melhor noite de sono que tive em anos. Levanto com cuidado, pegando a Manuela no colo e, ao colocá-la na cama, ela abre os olhos.

— Bom dia, menina bonita.

— Bom di...

Não espero ela terminar de falar e assalto a sua boca. Já estou duro e quero mais Manuela. Entro nela devagar, sem tirar os meus olhos dos seus, para que ela sinta cada centímetro meu invadindo sua boceta apertada e para que ela possa ver em meus olhos o quanto a desejo. Se eu continuar com isso, vou gozar antes de começar. Não há nada mais gostoso do que começar a manhã com uma boa transa.

Após o almoço, resolvemos sentar à beira da piscina. Enquanto Duda e Bia tomam sol para se bronzear, Manuela, que detesta sol, estava dentro da piscina de óculos escuros e de sombrinha para não ficar exposta aos raios UV.. Arthur e Steban ficam tão chocados com a cena que não desviavam o olhar da sombrinha verde da minha garota. Para entretê-los ainda mais, provoco-a.

— Vamos caminhar na praia, Manuela?

— Debaixo daquele sol de cinquenta graus? Nem pensar! Não gosto de praia, nem de sol – ela responde séria.

Arthur entra na conversa.

— E mora no Rio de Janeiro. Controverso, não?

Escorada na escada da piscina, ela dá de ombros.

— Fazer o quê, a vida nem sempre é justa.

— Mas se você não viesse, nós não nos conheceríamos – falo para constatar um fato, e ela acaba com minha empolgação.

— Como falei, nem sempre a vida é justa.

Os outros caem na risada. Não lembro de sair com mulheres com um senso de humor apurado ou de fácil convivência. Esses pequenos detalhes tornam a vida mais leve e me atraem. Vivemos uma realidade em que tudo é complicado, em que as pessoas problematizam demais e discutem por nada. Ouço meu celular tocar e saio à procura, o encontro sobre a mesa de centro da sala.

— Alô.

— Oi, gato – Bárbara. — Estive em seu apartamento, mas não havia ninguém. Onde está, docinho?

Estas são coisas que me incomodam: gato, docinho, lindinho e todos os “inhos” possíveis acabam com a masculinidade de qualquer homem.

— Oi, Bárbara. Não estou na cidade.

— Precisamos conversar, Rô.

— A hora que eu voltar, nos falamos – respondo secamente.

— Amor, eu preciso que você me dê uma chance, por favor! Diga onde você está e vou até aí. Tem alguém com você? – sua voz é estridente.

— Não, estou sozinho. Você quer a chance para quê, Bárbara?

— Chance para ganha-lo.

— Não precisa de chance, porque não há uma disputa. Quando voltar, nós conversaremos e colocaremos as coisas em seu lugar. Ok?

— Ok, gato. Esperarei ansiosa.

Despeço-me e desligo o telefone rapidamente. Era só o que me faltava! Bárbara quer vir aqui para estragar o meu final de semana. Não mesmo. Se eu falar onde estou, é capaz dos meus pais baterem aqui também. Quero descansar de tudo e curtir minha menina. Só isso. É engraçado que, às vezes, posso sentir quando Manuela está por perto, como agora. Viro-me para vê-la, mas não há ninguém. Estranho.

Então, volto para a piscina, mas ela não está com os outros. Procuro pelas outras salas e pelo jardim, mas não há nenhum sinal da Manuela.

— Algum problema, irmão? – Arthur pergunta.

— Viram a Manuela?

Então, Duda responde:

— Ela foi para o quarto. Estava com dor de cabeça, tomou remédio e foi se deitar.

Aceno e vou direto vê-la, mas dou de cara com a porta trancada. Bato algumas vezes e nenhuma resposta vem. Ela deve estar tomando banho ou deitada. Volto para sala e sento para jogar videogame. Sim, eu jogo! Bia e Steban se unem a mim. Mesmo jogando e me divertindo, não deixo de me preocupar com a Manuela. Ela não chegou bem, demorou para se soltar e novamente voltou a se distanciar.

As horas passam e Dona Bete nos chama para jantar. Nada da Manuela. Faço menção de ir chamá-la, mas Bia me barra, dizendo que, se acordarmos, ninguém suportará seu mau humor. Bem a contragosto, desisto de ir atrás de Manuela e sento para jantar. A conversa também não foi a das mais animadas, parece que estão cansados ou pressentem algo de errado, assim como eu. Antes de deitar, passo no quarto dela e nada. Deito para dormir com esperança de que, pela manhã, Manuela esteja melhor.

Depois da noite incrível que tive no dia anterior, acreditava que a dose se repetiria. Não foi o que aconteceu. Sono inconstante, permeado por pesadelos e preocupação. Não gosto de começar o dia assim. Então, para

mudar o rumo das coisas, vou direto ao quarto em que Manuela dormiu e bato à porta. Se ela não abrir, eu entrarei, nem que para isso tenho que arrebentar a porta. Levanto novamente, mas ela abre enquanto fala ao telefone. Manuela mostra o dedo indicador me pedindo um minuto. Não precisa ser gênio para saber que é trabalho.

Sento na cama enquanto ela discute algo sobre um contrato. Observo-a trabalhando e fico ainda mais encantado com a sua beleza. E fico excitado com aquele camisãõ branco aberto até a altura dos seios. Assim que desliga, volta-se para mim e sorri.

— Bom dia, mestre – ela faz uma mesura.

— Bom dia – aponto a cama para que ela sente de frente para mim.
— Estou preocupado com você. Está trabalhando excessivamente e suas dores de cabeça estão cada vez piores.

— Eu amo fazer o que faço e acabo me entregando demais – ela sorri. — Mas estou bem, não se preocupe. Ontem eu acho que foi o sol, muito calor...

Exasperado, levanto e estendo a mão a ela.

— Vim buscá-la para tomar café. Ontem você já não jantou e precisa se alimentar direito.

Manuela segura a minha mão.

— Aproveitando que está aqui, preciso avisá-lo que, depois do café, vou embora. Tenho que ver alguns arquivos e enviar documentos para a empresa. É importante.

— Tudo bem. Mas antes... – pressiono-a contra a parede e posiciono minhas mãos em cada lado de seu rosto. Aproximo-me dela e corro o meu nariz pelo seu pescoço, inalando o seu cheiro. — Quero um bom dia digno de um mestre.

Manuela segura o meu rosto entre as suas mãos e devora a minha boca. O meu corpo, que já estava em alerta, agora está prestes a explodir de tesão. Deslizo a mão pelas suas costas arqueadas e aperto a sua bunda para que sua boceta se esfregue em meu pau. Com muito custo, afasto-me dela.

— Que tal ser meu café da manhã, menina? Deitaria você sobre a mesa em frente a todos, abriria a sua camisa, ordenaria para ficar quietinha... – enquanto falo, desço meu dedo indicador pelo seu pescoço. —

E, quando você estivesse nua, eu abriria suas pernas e tomaria o seu gozo direto da fonte...

A respiração dela fica difícil, as pupilas dilatadas e o tesão em alta. Levo o meu dedo médio até sua abertura molhada e acaricio, fazendo as pernas de Manuela fraquejarem.

— Comería você inteira. Mas... – tiro o meu dedo dela e o levo à boca para saborear. — Por mais que eu quisesse tê-la como café da manhã, você está sem comer desde ontem e tomando medicamentos. Vamos.

— Jesus Cristo! Isso não é justo, Rodrigo. Mal consigo andar. Espere, vou colocar uma roupa – sorrindo, pisco para ela e seguimos para a mesa do café.

— Fique assim, só feche esses dois botões. Não quero ter que esmurrar meu irmão e meu melhor amigo por olharem a minha mulher.

Manuela paralisa.

— O quê? – ela olha-me com olhos estreitos.

— Não sou sua mulher.

Sorrio de canto.

— Quem disse que não? Antes de você ir, quero mostrar algo.

— Tudo bem.

Arrasto-a para tomarmos café. Sentamos à mesa juntamente com os outros, mas não consigo acompanhar a conversa animada entre eles. Estou concentrado em desvendar esse pressentimento que venho sentindo há algum tempo. Algo me diz para aproveitar esse momento, porque pode ser o último. Por mais que eu repita que ela é minha pelo tempo que eu quiser, sinto que Manuela pode escorregar entre os meus dedos.

Levo-a até o estábulo e fecho a porta principal, entramos em uma baia e caminho até o cavalete com sela pronto para o meu uso. Coloco um pelego de lã de carneiro para não a machucar e algumas cordas. Faço sinal para ela se colocar em posição de sub, o que graciosamente faz.

— Vamos brincar um pouco, querida. Tire toda a sua roupa e suba na sela – assim ela fez, sem questionamentos. — Vou amarrá-la porque quero tomá-la como uma boa potranca. O que acha, menina?

— Potranca, hein? – ela ri enquanto sobe na sela. — Eu adoraria,

senhor.

— Amarrei seus joelhos e suas mãos no cavalete – faço a amarração de uma maneira que não machuque a sua pele delicada e, quando termino o trabalho, tenho uma verdadeira obra de arte. Manuela aberta sobre o pelego branco que contrasta com a sua pele morena. Meu pau está dolorido, implorando para entrar nela. Acaricio suas costas. — Boa menina. Qual é a sua palavra de segurança, Manuela?

— Vermelho, senhor.

— Muito bem. Você está confortável? Seja sincera – confiro o aperto das cordas para ver se pode machucá-la.

— Não muito confortável, senhor.

Sorrio.

— Perfeito! – abaixo-me em frente a ela. — Você está tão bonita – beijo sua boca, belisco seus mamilos, e ela geme. — Seus gemidos são música para os meus ouvidos.

Coloco-me atrás dela e passo dois dedos pela sua abertura que já está pronta para me receber. Dou um tapa na sua bunda. — Logo, logo eu desfrutarei dessa sua bunda linda. – enfio o dedo úmido com a sua excitação em sua abertura. — Então, você será completamente minha.

Outro tapa. Penetro as suas entradas simultaneamente alternando com tapas. Sigo nesse ritmo até Manuela implorar.

— P-por f-favor... p-por favor, senhor... Não aguento mais... ah... ah...

Assim que deslizo o meu pau na sua boceta, ordeno:

— Goze, agora! – Manuela geme alto ao gozar, e eu sigo penetrando-a com força até um orgasmo avassalador tomar conta de nós dois. Curvo-me sobre ela até conseguir me equilibrar novamente e, quando o faço, desamarro-a. Sento no chão e a trago para o meu colo. — Boa menina.

—O-obrigaada, mestre.

Falo em seu ouvido:

— Foi um prazer, menina Manuela. Você é o meu prazer – e, assim, fechamos com chave de ouro o nosso final de semana. Eu poderia facilmente me apaixonar por ela. *Não! Nada de paixões, Rodrigo. Nós já assistimos essa novela uma vez.*

Capítulo 18 – Manuela



— Olha, Bia, eu preciso ir, Ok?

— Qual é o problema em se apaixonar, Manu? – Duda pergunta enquanto eu reviro os olhos. — Ninguém está livre disso acontecer. E, como bem sabemos, os irmãos Castro podem ser encantadores.

— Ele vai se casar – lembro-as.

Bia se ajeita na cadeira incomodada.

— Ele disse isso para você com todas as letras? Vai casar com aquela “subiscate”?

— Ela não é submissa – Duda fala rindo.

— Mas é biscate. O que dá no mesmo – Bia não tem jeito. É difícil não rir... é difícil ficar longe delas.

— Eu o ouvi no telefone enquanto estávamos na chácara. Ele disse a ela que estava sozinho e que, quando voltasse, colocariam as coisas no lugar porque não havia disputa. Isso já diz tudo, não acham? – baixo a cabeça para que as minhas amigas não vejam o quanto isso me incomoda. — Eu só preciso de um tempo para que essa sensação de estar prestes a cair em um precipício passe, antes que eu caia.

— Você já está apaixonada, Manuela. Não tem volta – Duda me olha com compaixão e isso dói. Ela alcança a minha mão e a segura entre as suas. — Vá e tenha o seu tempo. Quando voltar, estaremos aqui de braços abertos.

— Eu não estou apaixonada... ainda. É por isso que tenho que ir, preciso colocar a cabeça no lugar para, quando eu voltar, colocar um fim nessa relação. Ele me contou sobre a tal Débora, Bia.

Ela olha-me com a boca aberta.

— Mentira, pretinha! Ele não conversa sobre isso com ninguém.

— Quem é Débora, gente? – Bia conta a história resumidamente para a Duda, que também fica... — Chocada! Estou chocada com essa história.

— No ano passado, encontrei a puta no shopping – Bia encontrando a mulher que traiu seu irmãozão, será que a garota ainda está viva? — Não deu outra, voei nela. Minha mãe não conseguiu me tirar de cima dela, então vieram dois seguranças para me separar da piranha.

Isso me surpreendeu mais do que deveria.

— E quando Rodrigo soube, o que ele fez? – pergunto.

— Riu – ela responde como se isso fosse normal.

— Riu? Não fez mais nada? – questiono. O senhor da elegância e dos bons costumes não fez nada?

— Não – ela confirma.

— O papo está muito bom, mas acabou o meu horário de almoço – Duda alcança a sua bolsa e ajeita-se.

Pedimos a conta e, assim que pagamos, saímos abraçadas do restaurante onde almoçamos. Assim que chegamos na frente da construtora, despeço-me de Bia e prometo dar notícias da minha desintoxicação de Rodrigo, palavras dela. Entramos no andar da presidência e Maria Eduarda confirma que Rodrigo está em sua sala e que tenho passe livre para ir adiante.

— Boa sorte, amiga. Do jeito que seu dono é possessivo, vai odiar a notícia de que a pequena dele vai viajar – ela fala com uma careta.

— Isso é muito animador, amiga – dou ênfase na palavra amiga.

Bato à porta e espero permissão para entrar. Assim que o faço, Rodrigo levanta sua cabeça e dá um sorriso de foder qualquer psicológico.

— Boa tarde, senhorita Vasconcelos. Por um momento, achei que tinha abandonado o seu dono. Não nos falamos desde terça-feira.

— Hoje é sexta, não é para tanto. Podemos conversar um minuto? Estou com um pouco de pressa.

— Claro – ele me leva até o sofá e senta-se perto de mim. Assim é difícil me concentrar.

— Estou indo passar uns dias na casa dos meus pais. Meu pai não

está muito bem e, como estou de licença, vou ficar um tempo com ele. Vim avisá-lo porque é o meu dono e é meu dever informar o meu paradeiro.

— Seu pai está bem? – ele pergunta preocupado. — Tem algo que eu possa fazer?

— Ele está bem, não é nada grave. Eu só quero... ir.

Rodrigo me estuda à procura de prováveis respostas para essa viagem. Essa análise detalhada pode mostrar a ele mais do que eu queira demonstrar.

— Entendo. Tem data de volta? – sua tranquilidade é estranha.

— A princípio, não – tenho, sim, mas ele não precisa saber que daqui a quinze dias tenho uma reunião importante. Assim como ele não se preocupou em me informar quando voltou de Campinas antecipadamente.

— Então, a levarei até ao aeroporto. Quando é seu voo?

— Não se preocupe, Rodrigo. Já está tudo organizado.

Ele passa as costas de sua mão pelo meu rosto e contorna os meus lábios com o polegar sem pressa. — Sentirei sua falta.

Ele alcança as minhas mãos e as beija. Meus olhos começam a arder e eu pisco para evitar chorar. *Isso não está certo... Eu não me apaixono... Eu não deveria me apaixonar. Que inferno! Nunca amei e, quando amo, o homem está para casar. Amo? Não, não.* Recupero minha compostura e me levanto.

— Bom, tenho que ir.

Retiro as minhas mãos das dele.

— Qual é o problema, Manuela?

Sorrio, mostrando que não é nada. Mas, por dentro, um furacão de emoções me consome.

— Nada. Só tenho que ir.

— Sentirei sua falta, minha menina bonita – ele me beija docemente. Afasto-me e saio rapidamente. Abraço Duda e saio correndo da construtora. *Isso não é bom... não é bom.*

* * *

— O que adianta vir passear se você só trabalha, Manuela? Você chegou há dez dias atrás e não lembro de vê-la sem esse negócio por um

minuto.

— Mãe, esse negócio se chama computador. Vim descansar e trabalhar deitada não conta como trabalho – respondo a ela.

— Manu, seu pai e eu temos o maior orgulho da filha que temos. Com trinta anos, você já conquistou tanta coisa. É vice-presidente de uma grande empresa, mora sozinha há anos, não depende de ninguém. Mas não está na hora de pensar em ter uma família?

Vixi! Agora lascou. Começamos com o papo de casamento novamente. Todas as minhas tias me deram o sermão de ter família, querem porque querem que eu me reproduza. Um dos meus irmãos já é mais realista, “para que mais Manuela no mundo? Já é difícil aguentar uma, duas é impossível”. Ele me ama, pode não parecer, mas ama, mas o fato de amar não afeta seu bom senso.

— Mãe, o dia em que eu encontrar alguém que me arrebate com um olhar, eu me caso – sei o que estão pensando. E estão erradas. Eu não o amo, era só acúmulo de tesão, já estou recuperada. — Até lá, serei só Manuela, a executiva chiquérrima.

— Peço a Deus que a proteja e coloque uma pessoa boa em seu caminho, minha filha. Ninguém deve viver só – meu telefone toca nesse momento, salvando-me do sermão do casamento. Sou capaz de beijar de língua esse anjo. — Pelo amor de Deus, Manuela. Esse seu telefone toca dia e noite. O que adianta estar de licença se não param de ligar?

— É o Rodrigo, tenho que atender – às vezes, as mães não percebem que está na hora de sair. — Mãe, é importante.

Ela olha entre mim e o telefone. Esses olhares dela me assustam.

— Depois venha tomar um cafezinho.

Assim que ela sai, respiro fundo e atendo:

— Oi.

Aquela voz que frequenta as minhas fantasias eróticas ressoa em meu ouvido.

— Olá, minha pequena. Como está?

— Bem. E você?

— Melhor agora. Sinto sua falta, menina.

Esse tom de voz rouco me faz imaginá-lo deitado em sua cama, sem a camisa e mordendo o lábio inferior. Não resisto e entrego-me.

— Eu também – meu coração bate acelerado. *Calma, coração. Você tem que jogar no meu time!*

— Manuela, quando você volta para o Rio?

— Sábado. Por quê?

— Tenho uma festa no Jockey Clube no sábado à noite. Um jantar de gala em prol de alguma coisa. É um daqueles eventos sociais que tenho que comparecer durante o ano. Gostaria que fosse comigo, porque essas coisas são chatas e a sua companhia fará com que seja suportável – ele baixa ainda mais o tom, voz de sedução, isso não é justo. Qualquer coisa que esse homem me peça nesse momento eu darei.

— Horário? – pergunto para me fazer de difícil.

— Devemos estar lá às oito – antes que eu possa responder, ele continua. — Eu não vejo a hora de tê-la aqui nos meus braços.

Percorri mais de mil e quinhentos quilômetros para me livrar do poder que Rodrigo tem sobre mim. Então, ele liga e me fala essas coisas, fazendo-me saltar do maldito precipício.

— Um jantar de gala, não é? – pergunto para desviar a conversa.

— Sim – ele responde e tenho a impressão de estar sorrindo.

— Aceito ser sua acompanhante, senhor Castro.

— Buscarei você às sete. E, então, não a soltarei mais – esse homem fode com qualquer psicológico, mesmo o das lésbicas. Dou uma desculpa e desligo o telefone.

Sou uma mulher de trinta e poucos anos que trata o amor de forma prática, não acredito em contos de fadas. Esse negócio de coração acelerado e falta de palavras que os apaixonados dizem que sentem ao ouvir ou ver a pessoa amada não acontece comigo. O meu coração está acelerado e eu não tenho palavras nesse momento, mas no meu caso é vírus. Estou gripada, reconheci os sintomas assim que ele falou: “Olá”.

O meu celular toca novamente, tirando-me da divagação. Assim que atendo, um grito quase me deixa surda.

— SOCORRO! – chego a afastar o aparelho do ouvido.

— Jesus Cristo! Onde dói, criatura? – pergunto debochada para Maria Eduarda.

— Preciso de ajuda! Aceitei acompanhar Arthur em uma festa no...

Termino a frase por ela:

— No Jockey clube, sábado à noite. O Rodrigo acabou de me convidar para o evento – explico.

— Eu sei que você está muito longe daqui, Manu. Mas não sei o que vestir e nem onde ir para comprar um vestido desses que deve custar uma fortuna. Isso sem falar de maquiagem e cabelo. Me ajuda! – Duda pede.

— Acalme-se. Acho que posso ajeitar as coisas daqui. Farei algumas ligações e logo retorno para você com os detalhes. Sabe se a Bia vai nesse evento, Duda?

— Não vai e, quando perguntei o motivo, ela disse que já tem compromisso.

— Esse compromisso deve ser amarrado por um mestre que é o sócia do Bruce Willis – Duda ri e concorda com o meu raciocínio. Despeço-me dela e desligo.

A última vez em que estive no salão do Victor, conheci uma estilista. Ela é nova no mercado e vem lutando para conseguir o seu espaço. Vic a elogiou muito e disse-me que ela mesma desenha e costura suas peças para vender. Talvez ela possa nos ajudar nesse evento. Digito o número do salão e, ao atenderem, marco horário para Duda e eu darmos um jeito na carcaça e aproveito para pegar os contatos da estilista com o meu amigo que me deseja sorte na noite de gala.

Um arrepio percorre o meu corpo ao imaginar Rodrigo de smoking. Cenas eróticas invadem os meus pensamentos, onde eu estou nua à sua mercê. Estremeço ao imaginá-lo se aproximar e acariciar os meus sei...

— Manuela! Vem comer!

* * *

Conseguí embarcar na véspera do jantar. Saio do Sul que está debaixo de chuva e apresenta temperatura amena e desembarco no Rio que é o oposto. Dentro do táxi, tiro o meu celular da bolsa e o ligo. Logo que inicia, o trem não para de apitar. Ligações e mensagens não param de chegar. *Acabou a folga, Manuela!* Distraída com as mensagens, assusto-me

quando o celular toca. Alice, a minha secretária, já tentou falar comigo mais ou menos umas... dez vezes? Deve ser muito grave. Preparo-me psicologicamente antes de atender.

— Oi, Alice.

— Oi, Manu. Ainda está no Sul?

— Não, já estou no Rio. Tudo bem? Aconteceu alguma coisa? – pergunto logo, porque esse rodeio me deixa apreensiva.

— Não, está tudo bem. Eu gostaria de convidá-la para um jantar na quarta-feira. Franz e eu queremos agradecer por ter nos apresentado. E...

— E? – incentivo-a a continuar.

— E ele me pediu em casamento. EU VOU CASAR! – ela grita, e eu afasto o aparelho do meu ouvido. — Queremos convidá-la para ser a nossa madrinha, já que você nos apresentou e...

— Oh, meu Deus! Que coisa maravilhosa, Alice – fico surpresa, mas muito satisfeita. — Fico muito feliz por vocês, querida. Adoro o Franz, ele a fará muito feliz, Alice. Depois envie o local e o horário, quarta-feira nos encontraremos para comemorar.

— Nos vemos na quarta. Beijos – despeço e desligo.

Quem diria, hein? Apresentei os dois há pouco tempo e nem tinha a intenção de casar ninguém. Esse alemão é rápido... e lindo... e gostoso e tem um grande... carisma. Realmente fiquei muito feliz por eles. O carro para em frente ao condomínio, tirando-me dos pensamentos felizes. Agora, descansarei a beleza que já não é muita para depois receber a estilista. Só espero que ela tenha alguma coisa, senão amanhã terei que madrugar para sair à procura.

* * *

— Dona Manuela, o senhor Castro se encontra no *hall* de entrada.

— Diga que já estou descendo.

Volto para o quarto e vejo Maria Eduarda em frente ao espelho novamente.

— Você é linda, mas hoje você está magnífica, querida – elogio.

— Sério, Manu? Estou tão insegura... – ela está com um vestido longo azul-claro. O corpete é todo de renda e a saia de chiffon, sua cintura é

marcada com um cinto de paetês. Duda é linda e não precisa de muito para ficar deslumbrante. Seus cabelos foram presos em uma trança do tipo “espinha de peixe” com alguns fios soltos. — Será que o Arthur vai gostar?

Sorrio.

— Não, sinceramente, ele odiará! – ela olha-me com preocupação, e eu aproximo-me dela. — O que vai chover de homem em cima de você não será brincadeira. Arthur ficará deslumbrado. Por falar nele, estão nos esperando lá embaixo.

— Você está vestida para matar, senhorita Vasconcelos – rio ao ver Duda imitar Rodrigo. — Quando vi esse vestido, achei tão sem graça, até estranhei. Você sempre se veste para desfilas.

Enquanto arrumo a minha coleira no pulso, vou até o espelho. Olho-me de cima a baixo procurando alguma imperfeição. Ele realmente é simples, não há nada de extravagante ou marcante, mas é muito bonito. O vestido é longo, de um ombro só e um cinto do mesmo tecido marca e ajusta-se à cintura. A combinação das cores marrom e marfim o deixa clássico, mas as fendas que se abrem ao andar o torna sexy. Parada, a perna esquerda fica praticamente toda exposta e, para fechar o visual, pego uma sandália dourada de tiras finas. Não gosto de brilhos ou de muitas cores, prefiro ser sedutora na simplicidade.

Enquanto coloco os meus brincos que combinam com o bracelete que o Rodrigo me deu com a sua marca, Maria Eduarda se perfuma. Observo quantas vezes ela sai e volta para frente do espelho insegura. Eu entendo, não é fácil estar em um lugar desses sendo a assistente dele. Em mundo normal, não haveria problema algum, mas é o mundo dos ricos e lá nada é normal, acham que são uma raça a parte da Terra. Tem rico que é tão pobre de espírito que nem convém entrar em detalhes.

— Pronto, Duda? – ela assente, alcançamos nossas bolsas e descemos. Logo que saímos do salão, Duda envia uma mensagem a Arthur dizendo que está aqui. Ele responde que virá nos buscar com o Rodrigo, pois iremos em um carro só.

Assim que saímos do elevador, vimos dois homens pecadoramente lindos. Ambos de smoking preto, impecáveis, pegáveis e comestíveis. Arthur aproxima-se e beija-me no rosto.

— Você está fatal, general – ele vai até Maria Eduarda e beija sua testa. Gesto simples de significado importante. — Mas você, minha gatinha,

está simplesmente maravilhosa.

Rodrigo cumprimenta a Duda e a elogia, contido como sempre. Depois vem até mim e beija a minha mão.

— É incrível como você fica cada dia mais linda. Você está deslumbrante – ele puxa-me para si e fala em meu ouvido: — E sexy pra cacete! – seu tom de voz fica sério. — Lembre-se, Manuela, você é minha.

Ele afasta-se e me deixa um pouco atordoada com o seu perfume e, principalmente, por causa da intensidade de suas palavras. Logo recomponho-me.

— Vocês estão um pecado vestidos com smoking – aproximo-me de Duda e continuo. — Lindos e estupráveis.

Ela se engasga com a minha última palavra, e somos interrompidas quando eles nos estendem as mãos para partirmos. O trajeto foi um pouco demorado, mas Arthur nos divertiu com as suas loucas histórias. Enquanto isso, Rodrigo trocava olhares e carícias comigo. Eu deveria resistir a esse homem, mas essa noite não estou fazendo esforço algum.

Ao chegarmos, já fomos cercados por alguns colonistas que queriam saber algum furo dos irmãos Alcântara e Castro. Fomos cumprimentados pelos anfitriões e por alguns convidados impressionados. A cada oito passos, éramos parados para bater foto e Deus sabe o quando odeio isso. Os homens foram chamados por um grupo de amigos que estava próximo, Duda e eu preferimos ficar ali com uma taça de champanhe, testando o glamour dos bem-nascidos. Mal desfrutamos de nossas bebidas e a mãe dos herdeiros aparece à nossa frente com as duas candidatas a noras a tiracolo.

— Boa noite, Manuela – seu tom era desaprovador e seu olhar reforçava exatamente isso.

— Boa noite, dona Rosita. Boa noite, meninas. Como estão? – olho de relance para Duda, que está mais pálida do que nunca. A tia também mirou Duda, aí vem coisa.

— Estou bem. Apresente-me sua amiga – a sutileza é a marca dessa família.

Sorrio.

— A senhora não conhece a Maria Eduarda? – Érica, que está atrás da senhora, engasga-se.

— Maria Eduarda, a secretária do Rodrigo? – a senhora pergunta.

Isso não dará certo. Pondero a situação e vejo que o ataque às vezes é a melhor defesa.

— Maria Eduarda, a assistente do Arthur e do Rodrigo. Mas hoje ela está como acompanhante do seu caçula.

Duda a cumprimenta delicadamente, mas é ultrajada logo a seguir.

— Boa noite, Maria – a mulher se vira para mim e continua seu discurso. — Não sabia que era a noite da funcionária.

Minha vontade é de soltar os cachorros, mas seguro. Olho para a minha amiga que não está nada bem com isso. Ainda assim, sorri lindamente, mostrando que tem fibra para encarar a vovó. Volto a minha atenção para a senhora e continuo a ignorar os postes loiros atrás dela.

— Dona Rosita, quantos eventos como esse Arthur aparece durante o ano?

— Alguns – ela responde na defensiva.

— Alguns, não, nenhum – eu a corto. — E só veio a esse porque a Duda, gentilmente, aceitou vir. Sei o quanto esse evento é importante para a vida política do seu marido, então, agradeça a Maria Eduarda por ele estar aqui. E não se preocupe, ninguém aqui casará. Viemos só porque eles insistiram muito e somos amigos, queremos nos divertir juntos – esfrego a joia em meu pulso com o nome do Rodrigo.

Elas viram as costas e se vão. Logo depois, Rodrigo e Arthur voltam e nos escoltam até a mesa que foi reservada a nós. Para o desgosto da vovó, Duda e eu sentamos à mesa deles juntamente com o prefeito e sua família. E, para piorar toda a situação, todos ficaram encantados com a nossa presença. Fazer o quê, não é? Somos legais e o trio parada dura terá que entender.

Assim que a banda começa a tocar e as pessoas a dançar, Rodrigo se levanta e estende a sua mão em um convite.

— Quer dançar, Manuela?

— Será um prazer, senhor Castro – Sim, foi para provocar a mulher.

Assim que chegamos à pista de dança, as primeiras notas da música *Close to You* tomam conta do lugar. Rodrigo enlaça-me pela cintura e toma a minha mão, girando-me e trazendo novamente para si.

— Tive que me segurar algumas vezes para não arrebentar alguém – ele fala em meu ouvido. — Eles cobiçam o que é meu por direito.

Ele leva o meu pulso que está com o bracelete à boca e o beija.

— Calma aí, Senhor Fodão. Não é para tanto – falo, tentando quebrar o clima de romantismo que está se instalando em meu cérebro. — Estou somente apresentável. Nesse casal, você que é o colírio para os olhos.

Por um momento, achei que ele não tinha ouvido, pois demorou a falar.

— Você não se enxerga, não é, Manuela? Gostaria que visse o que eu vejo quando a olho.

Meu coração infla com tal afirmação. *Eita, coração vagabundo, nos meterá em confusão.*

— Assim me deixa sem jeito – falo.

Perco-me em seu olhar cheio de promessas. Sei que são por um curto período, mas por hoje... quem sabe eu me permita... talvez eu me permita ver essas promessas... de outra forma – (...) *Porque os pássaros de repente aparecem toda vez que você está por perto? Assim como eu, eles querem estar perto de você. Porque as estrelas caem do céu toda vez que você passa? Assim como eu, elas querem estar perto de você (...).*

Rodrigo acaricia o meu pescoço e nossos rostos ficam muito próximos. Sem desviar seus olhos dos meus, ele fala:

— Minha intenção é deixá-la excitada e sedenta por mim – ele morde o lóbulo da minha orelha e todo o meu corpo arrepia. Quando seus olhos voltam a me encontrar, percebo que toda o bom humor foi embora, dando lugar ao desejo. — Ficaremos por mais uns dez minutos, depois vamos embora. Essa noite, você dormirá comigo em meu apartamento – isso foi um aviso.

— Sim, senhor – é loucura ficar excitada com isso? Porque, por mim, iríamos embora agora.

— Boa menina.

Ao final dos dez minutos, Rodrigo me arrasta sem aviso prévio, e eu vou de boa vontade. Entrando em seu apartamento, ele coloca-me sobre o aparador onde estão as fotos e beija-me. Transamos na sala, no corredor e na cama. Os primeiros raios do dia já entravam pela janela quando ele

acariciou meu braço e disse:

— Durma, minha pequena – já abraçada por Morfeu e quase distante, ouço: Eu a adoro, Manu – então, adormeci.

Capítulo 19 – Rodrigo



— Bom dia, irmão. Já viu os jornais? Não dou mais uma hora para a sua mãe ligar surtando – Arthur coloca o jornal à minha frente. — Os sites de fofocas devem estar fervendo.

— O que tem de tão importante? – pergunto enquanto folheio o exemplar.

— Vá para as colunas sociais – ele responde.

Abro na página da coluna social, em que o responsável é um fofoqueiro de primeira linha, e encontro a matéria:

A noite no Jockey Clube foi marcada pelas belas pessoas que por lá circulavam, mas os herdeiros Alcântara e Castro e suas acompanhantes tiveram todos os holofotes direcionados a eles.

O príncipe playboy e sua linda acompanhante foram um dos destaques, segundo as más-línguas, nosso menino rebelde anda calmo demais. Será que a cinderela tem algo a ver com isso?

Agora, o nosso galã Rodrigo Alcântara e Castro desfilava com a belíssima executiva Manuela Vasconcelos arrebatando a todos. Eram só sorrisos. A jovem executiva é conhecida no bussines world como "ice queen". Mas, pelo jeito, o nosso menino de ouro derreteu seu gelo. Segundo amigos próximos a Rodrigo, eles são apenas amigos. Será que ela sabe que o galã é o prometido da loiríssima Bárbara Becker? Seja o que for, aquele casal estava digno de Hollywood. E cá para nós, as duas acompanhantes estavam à altura do red carpet.

— Elas estavam lindas mesmo – coloco o jornal de lado e tomo o meu café. — Amanhã passarei o dia em São Gonçalo para ver aquela reformulação do shopping. Preciso que faça a vistoria do prédio da Ataulfo de Paiva no Leblon.

— Ok.

— Como estão as coisas com a Duda? – pergunto. — Desculpe por ter ido embora sem avisar. Ultimamente, tenho agido por impulso e no evento não foi diferente.

— Tudo bem, raramente você se solta e, quando faz, nem podemos reclamar. Duda e eu estamos curtindo – ele senta-se. — Você e Manuela parecem estar bem também.

Recosto-me na cadeira com um sorriso incomum. A cada dia que passa, estou mais atraído por aquela mulher.

— Estamos curtindo – respondo com suas palavras e meu irmão ri.

Duda entra na sala para passarmos a agenda do dia. Como já imaginava, essa segunda-feira está cheia, ainda mais com a reunião com alguém da prefeitura. Penso no meu domingo com a Manuela e sinto pesar por não poder prolongar... Bem, eu posso. Volto a minha atenção para Maria Eduarda, que olha-me sorrindo, assim como Arthur.

— Por que me olham assim? – pergunto.

Maria Eduarda balança a cabeça e resmunga “nada” sem muita confiança, enquanto o meu irmão continua a sorrir abertamente para mim.

— Estávamos observando você perdido em pensamentos com o sorriso do Coringa no rosto – meu irmão implica.

— Idiota – agora é a minha vez de resmungar. — Sabe se a Manuela tem compromisso aqui na construtora hoje?

— Sim, ela tem uma reunião com o Arthur na primeira hora da tarde.

Assinto e continuamos a repassar os meus compromissos. Por mais que eu tente me concentrar, minha cabeça volta a Manuela. A única maneira de aplacar a fome por aquela mulher é possuindo-a por inteiro, sem que reste dúvidas de que ela é minha.

— Só para confirmar, Maria Eduarda, tenho uma reunião às duas da tarde com a coordenadora de Desenvolvimento Urbano, é isso? – pergunto.

— Exatamente – ela responde.

— Desmarque o que tiver depois dessa reunião. Obrigado, Duda – olho para o casal à minha frente. — Vocês estão dispensados. Arthur, não esqueça de ir ao Leblon.

Assim que os dois saem, ligo para Manuela.

— Oi, Rodrigo. Tudo bem? – a voz dela não é sensual, é sexual.

— Tudo certo. Além da reunião com o Arthur, tem mais alguma

coisa hoje à tarde? – pergunto.

— Não. Por quê?

— Gostaria de ser minha assistente por essa tarde?

— Hum... Isso soa como uma proposta quase indecente, senhor Castro – *indecente é o que eu farei com você, querida.*

— Prometo recompensá-la da melhor maneira possível, menina – falo.

Ela respira fundo e, quando fala, sua voz é baixa e sexy.

— Será uma honra servi-lo à tarde.

— Ah, minha menina. Assim, com essa voz, terminarei antes de começar – rimos. A sua risada é deliciosa — Eu a espero depois da reunião com Arthur. Quero que venha de saia e camisa.

— Sim, senhor. Beijos.

— Até mais.

Definitivamente, o dia será bom! Não lembro a última vez que me dei ao luxo de misturar prazer e trabalho, na verdade, não lembro de ter feito isso nunca. Boas ideias começam a fluir para deixar essa tarde mais divertida. Depois de tudo organizado em minha cabeça, foco-me no trabalho. Durante o almoço, providenciarei tudo o que preciso para provocar e incendiar a minha menina.

Volto do almoço em cima da hora para a reunião das duas e encontro Manuela conversando com a Maria Eduarda. Abro a porta da minha sala e aceno para Manuela entrar.

— Tenho uma reunião agora, não é? – pergunto a Duda.

— Sim, senhor.

— Manuela será minha assistente por hoje, Maria Eduarda. Tem algum conselho para ela?

— Não, senhor. Acredito que ela saiba se virar muito bem – Duda fala sorrindo para a sua amiga.

— Vamos trabalhar, assistente! – pisco para a minha assistente e entro.

Manuela espera-me no meio da sala com as mãos cruzadas na frente,

parecendo uma menina tímida. Passo por ela e sento em minha cadeira, colocando a bolsa sobre a mesa. Recosto-me e contemplo a bela mulher à minha frente cheia de expectativa. Ela é a visão dos céus.

— Tire a calcinha, assistente – ela levanta a saia devagar e desce a pequena peça branca de renda. — Agora, venha até aqui. Quero inspecioná-la e lhe dar um presente para tornar a tarde mais prazerosa – Manuela vem até mim e a instruo. — Suba na mesa, apoie-se em seus cotovelos e abra-se para mim, menina.

Ela faz como mandei e aprecio a vista. Acaricio suas dobras que logo estão úmidas para mim. Eu queria degustar, mas como receberei alguém daqui a pouco, acredito não ser uma boa ideia. Se eu encostar nessa mulher agora, ninguém me tirará daqui. Retiro os meus dedos dela e os chupo. Ela geme ao ver a cena.

— Dê-me a sua mão, querida. Desça – assim que Manuela está no chão, tiro os itens da bolsa e os coloco sobre a mesa. — Como sou um amo benigno, vou lhe dar a oportunidade de escolher o que quer.

Ela olha-me surpresa.

— Um *foxtail* ou um *plug* simples? Jesus! Você pensou em tudo.

— Ah, sim, eu pensei – encaro-a e sorrio maliciosamente. — Como agora planejo o seu castigo para essa língua afiada.

— Como andarei com um *foxtail*? Isso é um *plug* com um rabo de raposa. Estou de saia, o que pensarão quando me virem abanando o rabo por aí?

Controlo-me para não rir. Aponto para os itens.

— Escolha agora ou eu mesmo o farei, Manuela – advirto-a.

— O simples – ela fala sem emoção.

— Curve-se sobre a mesa e abra sua bunda para mim – passo lubrificante em sua abertura e no *plug*, acaricio sua boceta, preparando-a para o acessório. Se eu a excitar demais, logo que eu colocar o *plug* ela gozará. Assim que o coloco, arrumo a sua saia. — Vá e destranque a porta, depois volte aqui. Quero um beijo.

Ela desfila pela sala, destranca a porta e volta. Inclina-se sobre mim e me beija. Se eu for falar tudo o que quero fazer com essa mulher, será uma história só sobre essa foda.

— Você ficará ao meu lado para que eu possa tocá-la a qualquer momento. Só falará se eu permitir. Só fará o que eu ordenar – instruo.

— Sim, mestre.

— Boa menina.

Duda bate à porta e anuncia que a coordenadora chegou. Assim que a senhora entra, levanto-me para cumprimentá-la. Manuela, ao meu lado, apenas acena e sorri.

— Boa tarde, Soraia. Como está? – estendo a minha mão para ela.

— Boa tarde, Rodrigo. Estou bem. E você? – ela volta-se para Manuela. — Bela assistente. Boa tarde, moça.

Mas a mulher insiste em apertar a sua mão. Por mais que a minha menina queira, ela não pode fazer nada sem a minha permissão. É um jogo e há regras, o descumprimento delas nos levará ao castigo, que é a minha parte favorita. Mas Manuela olha-me à espera de permissão, e eu assinto. Vamos ver até onde a menina Manuela suportará se submeter.

A mulher inicia a exposição do seu projeto com gráficos e imagens. Discutimos sobre algumas melhorias que estamos dispostos a fazer em prol da cidade, parceria público/privado para a preservação.

— Soraia, gostaria de café? Água? – ofereço.

— Café.

Sem olhar para a assistente, ordeno:

— Manuela, providencie.

Enquanto ela cruza a sala, desvio a minha atenção até sua bunda. A coordenadora fala alguma coisa sobre os eventos que virão, mas a minha única preocupação, no momento, é planejar o que farei com aquela mulher quando essa reunião acabar. Manuela volta com o café e nos serve com um sorriso no rosto. Em seguida, coloca-se novamente em seu lugar.

Soraia quer a revitalização de duas praças, o que para nós não é difícil. Já fiz em anos anteriores. São coisas caras, vai um bom dinheiro, mas acredito que, se cada um fizer a sua parte, a cidade tende a melhorar. Em meio a negociação de valores, Manuela interrompe o seu silêncio para se manifestar. Eu sabia que ela não se aguentaria, só que acreditei que ela lembraria de me pedir permissão. Sua falta é minha alegria. Puni-la fechará a tarde em alto nível.

— Estão falando daquela praça que tem um casarão ao fundo dela?

— Sim – Soraia responde.

Manuela aproxima-se da mesa e escora nela.

— Aquela casa não pode ser reformada, só pode ser restaurada, pois foi tombada como patrimônio histórico. A restauração sairá mais cara que a revitalização das duas praças juntas – ela resolve olhar para mim e retribuo com o meu sorriso mais perverso. Manuela sorri até se dar conta do que planejo. Ela fica séria e vira-se para a coordenadora. — Infelizmente, não será possível. Até onde sei, o incentivo fiscal que a prefeitura oferece é mínimo. Muito dinheiro sairá dos nossos cofres para uma obra que vocês não fiscalizam depois de pronta para evitar vandalismo. O que podemos fazer, Soraia, é reformular a proposta do que pode ser feito.

Soraia olha para mim esperando que eu discorde da senhorita sabido, mas, infelizmente para ela e felizmente para mim, Manuela está com a razão.

— Como você pode perceber, Soraia, eu só jogo com os melhores. Continue, assistente.

— Bom, o que podemos fazer é revitalizar uma praça, a que contém a casa. Em contrapartida, queremos que o incentivo seja proporcional, ou podemos até ficar com as duas praças, desde que sessenta por cento do valor dos ingressos cobrados durante um ano e mais o incentivo fiscal, é claro, sejam nossos.

Soraia se engasga.

— Mas assim vocês não ajudariam a cidade.

Manuela a encara.

— Tem certeza? Com essa porcentagem, seremos responsáveis pelo local durante esse tempo. Isso significa que a prefeitura não gastará com nada. Minha cara, pense comigo, isso seria um investimento.

Ela convenceu a mulher de que é um investimento. É uma boa para as duas partes, mas longe de ser investimento. Desde que ela veio para auditoria, eu já sabia que era boa no que fazia. Mas, com o passar do tempo, vi que ela não é o que é à toa. De todas as suas qualidades, a habilidade na negociação é a mais espetacular. Talvez não seja má ideia tê-la trabalhando para mim.

Percebo que Soraia fala olhando para mim.

— Refarei a proposta e enviarei a vocês ainda essa semana. Tudo bem? – a senhora pergunta.

— Sim – respondo.

Acertamos os detalhes que seriam alterados no acordo e nos despedimos. Manuela acompanha Soraia até a porta, despede-se e volta ao seu lugar. Enquanto faço algumas anotações, falo:

— Você fez a minha alegria no momento em que falou com ela sem permissão. Não sabe o quanto eu desejo castigá-la – deixo a caneta de lado e viro-me para ela. — Gostei do seu raciocínio sobre as praças, mas não quero ganhar dinheiro com isso.

Encaro-a e assisto Manuela mexer as mãos nervosamente querendo falar, então lhe dou permissão.

— E não ganhará, só tirará menos do bolso. Assim que você fizer os cálculos, perceberá isso.

Levanto-me, retiro o terno e dobro as mangas da minha camisa. O olhar de desejo dela envaidece-me.

— Curve-se na mesa novamente – assim que ela faz, levanto a sua saia e acaricio sua bunda perfeita. — Serão dez tapas e quero que conte em alto e bom som.

Acaricio a sua boceta, estimulando-a. Manuela está ficando sobrecarregada com o estímulo excessivo sem a compensação, o gozo. O primeiro tapa...

— Um! Obrigada, mestre.

Outro.

— Dois. Obrigada, mestre.

Acaricio sua pele avermelhada para que a ardência se espalhe e desfiro outro tapa. Ela geme. Outro tapa. E assim foi até o último, ela agradeceu.

— O-obrigada-a... mestre...

Ajudo-a a levantar-se e a seguro até que ela se equilibre. Nesse momento, o telefone sobre a mesa toca.

— Oi, Duda.

— Senhor Rodrigo, a senhorita Bárbara Becker está aqui e disse que é importante.

Era só o que me faltava. Olho para Manuela e lamento a interrupção. Mas se eu não falar com a Bárbara, ela não me deixará em paz. E nem a minha mãe.

— Dê-me cinco minutos e mande-a entrar, Maria Eduarda.

— Sim, senhor.

Desligo o telefone e vou até a mulher que me olha com expectativa. Abraço-a e inalo o seu cheiro, beijo o seu pescoço e beijo a sua boca até não conseguirmos respirar.

— A Bárbara está aqui. Vá se refrescar e volte, logo ela entrará – aviso.

Ela dá um passo, mas volta-se para mim.

— Não é melhor eu sair, mestre?

— Não. Apenas vá se refrescar e volte. Você tem quatro minutos.

Antes dela entrar no banheiro, aviso:

— Não tire nada, querida. Deixe tudo exatamente como está, a não ser que queira mais um castigo, eu não me importaria de aplicar.

Enquanto Manuela ajeita-se, olho um importante contrato que devo fazer anotações para alterar. Manuela sai do banheiro como se nada tivesse acontecido.

— Abra a porta, receba Bárbara e volte para a sua posição – ordeno.

Ela assente e vai em direção à porta. O andar de Manuela denuncia o seu desconforto. Não sei se é o *plug* ou o tecido roçando sobre a sua pele sensibilizada, o que não é ruim, a mulher está pingando de excitação, e eu louco para possuí-la sobre essa mesa. Ela abre a porta.

— Boa tarde, Bárbara. O senhor Castro a receberá agora.

Bárbara entra com uma expressão nada satisfeita. Ela não esperava ser recebida por Manuela e demonstrou isso. Ao sentar-se à minha frente, ela fala com Manuela.

— Manuela, eu gostaria de falar com o Rodrigo em particular. Você pode sair.

Manuela me olha à procura de permissão. Eu sei que ela gostaria de ficar longe, mas quero-a aqui.

— Venha para a sua posição, Manuela – volto minha atenção a mulher à minha frente. — A que devo a honra de sua visita, Bárbara?

— Ela ficará? Eu não a quero aqui, Rodrigo! – Bárbara fala mais alto do que deveria.

— Ela ficará, querendo você ou não. Até porque quem decide alguma coisa aqui sou eu. Vou tentar mais uma vez. A que devo a honra de sua visita, Bárbara? – digo sem humor.

— Eu só queria saber como você está. Sua mãe falou que você irá ao jantar na quinta-feira e disse-me para vir acertar os detalhes com você.

O que a minha mãe acha que está fazendo?

— Bem lembrado. Só um minuto – ligo para Duda. — Por acaso eu tenho algum compromisso essa semana, Maria Eduarda? – enquanto ela responde, coloco minha mão sob a saia de Manuela, já que Bárbara não pode ver. Duda me informa que há um jantar na quinta-feira e outro no sábado à noite, instruo a confirmar ambos. Desligo e viro-me para a Manuela. — Não é que temos dois compromissos essa semana. Você está livre quinta e sábado à noite, querida?

Bárbara levanta da cadeira com agilidade.

— O quê? O que eu te fiz? – ela olha-nos com raiva. — Por que quer me humilhar?

Respiro fundo e ajeito-me na cadeira.

— Não estou humilhando ninguém, Bárbara. Baixe o tom de voz para falar comigo, aqui não é sua casa. E jamais esqueça com quem está falando.

Ela se cala e senta.

— Como você pode perceber, já tenho acompanhante. Outra coisa, minha mãe não decide as coisas por mim. Então, não vá pela cabeça dela, porque você se decepcionará. Como agora, por exemplo.

— Rodrigo, você insistirá nisso? Olhe para ela – Bárbara aponta para Manuela, e eu a olho, me faz bem ter a mulher aqui. — Você sempre disse que odeia mulheres de negócios, diz que são frias, ela não é diferente. Ela não liga em ser sua acompanhante, só quer usá-lo para galgar degraus na

sociedade. Fará com você o que fez com aquele alemão.

Minha paciência está por um fio. Sem alterar a voz, a corto:

— Respeite Manuela e respeite a minha empresa. Foi para isso que veio? Se você não tiver mais nada de útil para conversar, dê-me licença. Estou muito ocupado.

— Ocupado fodendo essa vadia?

Agora ela passou de todos os limites. Levanto-me e a encaro de cima.

— Peça desculpas, Bárbara.

— Nunca! – ela fala entredentes.

— Peça desculpas agora, caso não o faça, qualquer relação amigável que temos acaba aqui e a proibirei de estar onde eu estiver – a repreendo.

Bárbara olha com ódio para Manuela, que abre o sorriso mais debochado que já vi. Essa menina pode ser cruel quando quer e isso pode virar uma bagunça. A contragosto, Bárbara se desculpa.

— Desculpe-me.

Manuela olha para mim esperando a permissão que concedo.

— Sem problemas, Roberta...

A outra mulher surta e levanta-se para ir em direção a Manuela. Aproximo-me dela, e Bárbara para ao perceber o gesto de proteção. Então, sua raiva piora.

— Bárbara, idiota! Ela me provoca, Rodrigo. Que ódio! – Bárbara perde toda a compostura. — Vou embora porque cansei de ser humilhada por você, Rodrigo. Para mim já chega, agora você acertará com a sua mãe.

A mulher sai batendo a porta sem nem ao menos nos dar a chance de nos despedirmos. Eu não poderia me importar menos. Vou até a porta e a tranco. Volto à minha mesa e sento-me, abro a calça e a minha dolorida ereção salta para fora. Aceno para Manuela aproximar-se.

— Minha vez, menina – ela se ajoelha em frente a mim, fecha sua mão em torno do meu membro e o lambe como um picolé. Respiro entre os dentes controlando-me para não a jogar sobre a mesa e enterrar-me nela. Para o meu desprazer, o telefone toca. Ah, inferno! — Continue, minha pequena. Quero que você me foda com a sua boca – atendo o telefone e

Duda avisa que é a minha mãe. Isso é hora para ela ligar? — Pode passar...

Enquanto Manuela chupa-me, acaricio os seus cabelos. Perco-me em sua boca que é o paraíso. E, por um descuido, acabo desligando o telefone.

— Isso, menina. Assim... leva-me mais fundo... aahh... isso.

Meu telefone volta a tocar e atendo, Duda passa a ligação da minha mãe novamente.

— Oi, mãe – para me provocar, Manuela me suga com mais força. Ah... merda... não consigo raciocinar.

— Rodrigo, como assim Bárbara não vai com você nos eventos? Acha mesmo que aquela garota é melhor? – a minha vontade era de responder: a senhora não faz ideia. Mas tento me concentrar na conversa. — Você tem que honrar o seu compromisso com a Bárbara. E eu estou mandando, você tem que me obedecer!

Minha mãe me irrita. Sem paciência para os seus devaneios loucos, a corto:

— Mãe, meu único compromisso está aqui à minha frente – acaricio o cabelo da minha menina. — Só mais uma coisa, a senhora perdeu o direito de mandar em mim quando saí de casa há vinte anos. Tenha um bom dia – encerro a ligação da minha mãe e instruo a minha assistente.

— Duda, não passe mais nenhuma ligação – antes que ela possa responder, desligo.

Levanto Manuela, coloco-a sobre a mesa e a beijo com loucura. Essa mulher desperta a fera lasciva que há em mim, assim como desperto a sua. Tudo é carnal, cru e intenso, luxúria do tipo que não satisfaz nunca! Quanto mais a tenho, mais a quero. Levo-a até a suíte anexada ao meu escritório e a coloco no chão. Abro a sua camisa, baixo o seu sutiã e abocanho seus seios. Levanto a sua saia e penetro dois dedos, masturbando-a.

Tiro a camisa e a jogo de lado. Deito Manuela na cama, abro as suas pernas e a saboreio. Ela se contorce e geme clamando por mim. A essa altura, pouco me importo com o jogo, possuir Manuela é necessidade. Penetro-a com a minha língua e beijo os seus lábios íntimos assim como faço com a sua boca. Afasto-me o suficiente para baixar a minha calça e colocar o preservativo. Deito sobre Manuela e a penetro, beijando-a e bebendo de seus gemidos.

— Você. É. Minha! – declaro firmemente.

— S-sua...

Percorro o seu corpo com a boca, experimentando cada pedaço seu. Volto à sua boca e sinto ela contrair sua boceta em torno do meu pau, torturando-me.

— Olhe para mim, Manuela! – ordeno.

Nada me preparou para aquilo. Quando Manuela abre os olhos, perco-me no desfile de sentimentos profundos que tanto repeli neles. Não tenho dúvidas que são o reflexo dos meus. Beijo-a, belisco, chupo, mordo, puxo e, ainda assim, nada é suficiente. Estou perto de gozar e a trago comigo.

— Goze para mim, menina – viro-a de quatro e, duas estocadas depois, retiro seu *plug* anal e ela grita meu nome, o que me leva ao pico. Tiro meu pau da sua boceta e penetro em sua bunda apertada e gostosa. Pressiono o seu clitóris que já está bem sensível e logo ela chega a mais um orgasmo, levando-me junto com ela, recitando o seu nome como um mantra.

Quando Manuela está envolvida, o sentimento de posse e proteção são tão fortes que chegam a ser palpáveis. E isso tem me incomodado, ainda assim, não consigo me distanciar dela. Sempre a quero! Esse desespero por outra pessoa, assusta-me. Olho-a deitada e ofegante, dou-me conta de onde isso está indo e começo a me fechar. Eu não quero um relacionamento, não quero amor. Fico tenso e preparo-me para me distanciar. Manuela lê os meus pensamentos e, em silêncio, se tranca no banheiro.

Levanto e retiro o preservativo, descartando-o em seguida. Ajeito a minha calça, alcanço a camisa. Atordoados com o rumo dos meus pensamentos, vou ao frigobar pegar água e ouço meu celular tocar. Vou à minha sala e alcanço o celular, é Arthur.

— Fala.

— Pelo jeito, atrapahei sua tarde. Duda me avisou que você estava instruindo a sua nova assistente, mas precisamos resolver algo urgente.

— O que é? – essa é minha vida. Trabalho, trabalho, sexo, trabalho.

— Não por telefone, animal. Te dou dez minutos para colocar roupa

e estou indo aí.

Manuela sai do banheiro como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse me servido a tarde toda, ou como se não tivéssemos fodido como animais, ou ainda como se não a tivesse marcado. O que outras mulheres achariam uma declaração de amor para ela é nada. Isso me incomoda muito, eu deveria significar algo para ela. Tudo bem que nenhum dos dois quer mais que D/s, está no acordo. Mas é meio ofensivo para o meu orgulho saber que há alguém no mundo que não afeto o suficiente para marcar a vida de alguma maneira. Ser apenas mais um é chato.

Vou ao banheiro e tento colocar minha cabeça no lugar. Saio e ela está sentada no sofá conversando com Arthur como se nada tivesse acontecido. Sim, isso está me irritando! Sento-me na poltrona em frente aos dois.

— O que houve, Arthur? – pergunto sem humor algum.

— Lembra daquele projeto da reforma de um hotel em Miami? – assinto. — Então, eles ligaram e seu projeto foi escolhido.

Minha ficha demora alguns segundos para cair. Essa é uma conquista importante na minha vida profissional. Durante o último ano, trabalhei em projetos internacionais para conseguir atingir um segmento que carece de engenheiro projetista. E ter meus projetos fora do país é a melhor coisa que poderia me acontecer nesse momento.

Sem conseguir me conter, levanto e ando pela sala assimilando a notícia.

— Você tem que estar lá na terça-feira para uma reunião às nove da manhã – Arthur volta a falar.

— Miami? – pergunto ainda atordoado com a notícia.

— Não, na Índia! – e então o deslumbramento passa com essa sutileza.

— Idiota. Claro que estarei, só preciso me organizar.

— Mais uma coisa. Embarcarei para Natal no domingo à noite. Tenho que passar por todos os consórcios que participamos para rever os contratos. Não estarei de volta em menos de quinze dias e não podemos adiar. Na sexta-feira, tenho uma reunião em Brasília.

Agora complicou tudo. Apesar de a empresa funcionar sozinha, não

gostamos de sair ao mesmo tempo. Eu viajo muito mais que Arthur, ele sempre fica tomando conta de tudo. Acreditamos na ideia de que devemos manter o controle em nossas mãos para não termos surpresas. Manuela nos assiste em silêncio e eis que surge a resposta para o nosso questionamento.

— Manuela, você tem compromisso nos próximos quinze dias? – pergunto.

— Não? – ela nos olha apreensiva.

— Não há melhor pessoa para nos ajudar, você conhece a empresa e todos a conhecem. É só tomar algumas decisões e resolver algum problema que porventura venha a acontecer – Arthur explica.

— E prometo recompensá-la muito bem – concluo.

Manuela ri.

— Aí as coisas mudam de figura. Podemos negociar, realza.

Mesmo com a existência de um elefante branco depois da transa, ela responde muito bem a mim. Isso significa confiança, o que me honra muito. Acaricio o seu braço e beijo a sua mão.

— Gosto de ver como vocês fazem bem um ao outro. Separados são filhos da puta, mas juntos fazem uma boa parceria – Arthur fala com evidente agrado.

— Manuela, você assumirá a cadeira a partir de amanhã. Tenho que repassar todo o projeto, refazer alguns cálculos e terei que correr contra o tempo para deixar tudo certo até domingo.

Enquanto Arthur e eu falamos sobre o projeto de Miami, Manuela surpreende-me ao falar com a Duda, organizando a minha viagem. Olho-a de longe e sinto por não a levar comigo, sinto por ficar dias afastado dela.

* * *

Desde que soube que meu projeto fora escolhido, tenho trabalhado dia e noite para que tudo esteja, no mínimo, perfeito. Arthur também está preparando sua partida e nos próximos dias ele estará ocupado com os contratos dos consórcios que participamos. São coisas que requerem atenção e um acompanhamento bem de perto. Não queremos ser a próxima empresa citada em alguma operação da Polícia Federal.

Arrumo-me com esmero para mais um evento social. Não costumo

participar sempre, mas, com o início da vida política do meu pai, isso tornou-se uma exigência. A minha acompanhante está deslumbrante com um vestido preto de renda sem mangas acima do joelho, é muito comportado. Até ela virar e... Ah, inferno! O vestido é praticamente todo aberto nas costas. Quem diabos desenhou isso e chamou de roupa? Faltou tecido?

Desde o momento que chegamos, fomos abordados pela imprensa com especulações sobre o projeto de Miami. Cumprimentamos as pessoas e tiramos fotos, muitas fotos mesmo. Não sou muito de sorrir, mas até mostrei os dentes dessa vez. Manuela estava impecável e merecia um acompanhante à altura.

— Boa noite, Rodrigo – viro-me na direção da voz.

— Boa noite, pai. Como vão as coisas? – estendo a mão, e ele retribui.

— Está tudo indo bem. Consegui apoio de pessoas importantes para a minha campanha – ele volta-se para Manuela e a cumprimenta. — Boa noite, Manuela.

— Boa noite, seu Eduardo – ela retribui com elegância.

— Rodrigo, meu filho, achei que não cumprimentaria a sua mãe – essa mulher poderia ser atriz.

— Oi, mãe – dou um beijo em seu rosto. — Como a senhora está?

— Bem, mas poderia estar melhor. Se você me obedecesse, eu estaria reluzente. Onde já se viu não trazer Bárbara a esse evento. Poderíamos ter tirado um lindo retrato de família.

— Chega, mãe. Esse assunto acaba aqui. Cumprimente a Manuela – corto-a.

— Oh, Manuela, não tinha lhe visto. Boa noite.

Manuela sorri condescendente, até parece estar se divertindo.

— Boa noite, senhora Castro.

— Até mais tarde, pai. Com licença, mãe. Vamos, Manuela – sem assunto, coloco a mão nas costas nuas de Manuela e a conduzo para a pista de dança. — Desculpe pela minha mãe, ela não filtra o que fala.

— Ela só quer o seu bem. Os pais fazem isso, podem até errar, mas é

sempre com boa intenção – ela fala com sinceridade.

Respiro exasperado.

— Essa história já está me cansando – sorrio para a mulher em meus braços. — Ficaremos até servirem o jantar e depois partiremos. Ou podemos sair agora e passar naquela lanchonete que você gosta para comprar lanches. O que acha?

— Proposta tentadora, senhor Castro Filho – ela fala, rindo.

— Então, vamos.

Saímos do evento e, no caminho para o meu apartamento, paramos na lanchonete que serve *fast food* que Manuela tanto gosta. Quando chegamos em casa, comemos os nossos lanches enquanto conversamos. O final da nossa noite de quinta-feira foi assim, caseiro e sossegado. Manuela e seu computador foram para o quarto enquanto fiquei no escritório trabalhando. Tarde da noite fui para cama e Manuela já estava dormindo. Observo-a dormindo em paz e beijo seu delicado rosto. Deito e puxo seu corpo para encaixar no meu, pego no sono em poucos minutos.

— Rodrigo, acorda. Estamos atrasados! – impossível, acabei de dormir. — Rodrigo, acorda! – sinto me balançarem. — Rodrigo!

— Ah, mulher.... – viro-me para o outro lado.

— RODRIGO, ACORDA!

Sento atordoado e com as mãos nos ouvidos.

— Acordado. Só pare de gritar, por favor.

Ela sorri e sai saltitando como uma menina. Deus me ajude com essa mulher! Reúno as minhas forças e levanto, vou para o banheiro tomar banho. Assim que saio, Manuela está de costas fechando o zíper do seu vestido. Abraço-a por trás e coloco as mãos sob o vestido da noite anterior e aperto os seus seios, ela geme e meu pau endurece.

— Rodrigo, não começa – ela desvencilha-se de mim. — Assim eu me derreto e ninguém vai trabalhar. Já não basta o fiasco de ir para a construtora com esse vestido.

— Você está linda – vou ao closet vestir-me. Ao sair, levo-a comigo pela mão. — Vamos tomar café – fomos para a sala e encontramos Joana, minha empregada há anos. — Bom dia, Joana.

— Bom dia, seu Rodrigo. Bom dia, Manuela – minha assistente do lar cumprimenta.

Manuela a abraça, foi um caso de identificação instantânea.

— Bom dia, Jo. Perdemos a hora e não poderei trocar a roupa do jantar. – enquanto tomamos café, tento ler o jornal, mas Manuela tem outros planos. — Rodrigo, hoje vou mais cedo para casa. Sei que temos um coquetel amanhã e tenho que me preparar psicologicamente para isso. Sobre sua viagem, está tudo confirmado.

— Certo – digo, tentando me concentrar no jornal... ainda.

— Preciso que tire um tempo para vermos aquela papelada que precisa ser assinada antes de sua viagem. Também tem que apontar as mudanças que devo fazer naquele contrato de prestação de serviço da terceirizada do gesso. E o...

— Você é assim o dia inteiro, Manuela? Uma coisa após a outra sem dar chance de alguém respirar? – a questiono.

— Sou. Conforme-se!

Passamos o dia trabalhando intensamente, somos uma boa equipe. Enquanto eu terminava o levantamento do projeto e Arthur organizava sua papelada, Manuela cuidava de toda empresa. No meio da tarde, ela foi para casa e, ao final do expediente, Arthur e eu saímos da empresa direto para casa dos nossos pais.

No momento em que chegamos à casa dos meus pais, o sol já tinha se posto, meu pai nos contou como está indo a sua vida política e o que espera dali para frente. Quando sentamos para jantar, não tinha assunto para conversar, já que a minha mãe insiste em um único tópico, o qual Arthur e eu nos negamos a discutir. Concentro-me em minha lista de afazeres e mantenho-me em silêncio.

— É complicado os dois viajarem ao mesmo tempo, não é? – meu pai fala, trazendo-me a realidade.

— Não – Arthur responde, mas ele está mais calado que eu.

— Quem ficará à frente? – pai insiste.

— Sim – minha vez de responder.

— É complicado conversar quando a outra parte não está interessada. O que está acontecendo com vocês? – minha mãe sempre

dramatizando.

— Mãe, temos muita coisa para organizar. Estamos concentrados na viagem importante que faremos. – olho para o meu pai que provavelmente está com aquela cara porque não respondi sua pergunta. — Manuela ficará à frente da empresa.

Mamãe dá um de seus chiliques. Senhor Deus.

— Não acredito! Tudo é Manuela, Manuela, Manuela. O que essa garota fez para hipnotizar vocês dois?

— Manuela é muito competente e, graças a Deus, aceitou nos ajudar – Arthur responde.

Meu pai continua o ataque da minha mãe:

— Ela nem é nada nossa, não tem nenhuma ligação conosco. Também não entendo porque deixá-la à frente. O seu primo é bem competente também...

— E também tem a Bárbara – minha mãe complementa.

Toda minha paciência evapora. Levanto para sair, mas não antes de fazer meu discurso.

— Chega de falar em Bárbara, ela não faz ideia de como é gerenciar alguma coisa – encaro os meus pais. — A empresa é do Arthur e minha. Se nós decidimos que Manuela fica, ela ficará e pronto – ando em direção à porta. — Eu já estou indo, até a volta.

— Estou indo com você – Arthur me acompanha sem se dar ao trabalho de virar para o casal. — É por isso que evitamos vir aqui. Boa noite.

Minha mãe vem atrás de nós.

— Esperem, só falamos essas coisas porque queremos o bem de vocês. O dia que forem pais, saberão como é ter filhos ingratos.

Capítulo 20 – Manuela



Ao passar pela mesa da Maria Eduarda, a vejo folhear as colunas sociais do jornal.

— Boa tarde, Manu. Estava olhando as colunas sociais, você e o Rodrigo são o casal mais comentado da semana. Todo mundo quer saber se há algo – Duda encara-me com um sorriso maldoso. — Há?

— Só o que você já sabe – respondo.

— Em algumas fotos, parecem tão apaixonados, lindos de se ver. Mudando de assunto, programei a sua agenda para que hoje à tarde você estivesse tranquila para ir à consulta. Mas...

— Mas?

— Você tem visita – a expressão dela perde a serenidade.

— Pela sua cara, não é o Comendador da novela das nove – ela balança a cabeça. — Vou dar uma de Bia agora, qual é o grau de filha putagem da visita?

Rindo, Duda responde:

— Em uma escala de um a dez, está em oito e meio.

Quem pode ser?

— Minha dor de cabeça até piorou.

Minha vida sempre foi corrida, mas essa semana estou de parabéns. Não só por causa da construtora, mas também tenho a minha empresa que, apesar de estar de licença, ainda requer atenção. Sem perda de tempo, entro na sala do Rodrigo, que, por enquanto, é minha e dou de cara com o pai dele sentado na cadeira do presidente. Mas é muita folga do vovô.

— Boa tarde, senhor Eduardo – sento em uma das cadeiras em frente a ele. — Em que posso ajudar?

— Em nada. Só vim olhar como andam as coisas por aqui – o senhor

recosta-se na cadeira e cruza os braços, sentindo-se muito confortável. — Achava mesmo que o Rodrigo a deixaria aqui sem nenhuma supervisão?

Para mim, isso é um choque. Não pela supervisão, mas por não ter me falado nada. Se desconfia, por que me deixou responsável?

— Por que eu acharia outra coisa? – minha cara de "presidenta" continua intacta.

— Você é uma mulher brilhante, Manuela. Posso ver por que os meus filhos têm verdadeira adoração por você. Rodrigo então, nem se fala. Mas eu sei qual é a sua estratégia, você está tentando envolvê-lo de todas as formas possíveis para atingir o seu objetivo.

Sei que vou me arrepender, mas perguntarei assim mesmo:

— E que objetivo é esse?

— Ser uma Alcântara e Castro, não por amar, e sim por status.

Até onde vai a falta de bom senso das pessoas? Sem paciência e ofendida, repreendo-o.

— Antes de tudo, deixe-me tranquilizá-lo quanto a isso. Não pretendo envolver seu filho em nada e muito menos casar, isso é uma coisa que não está em meus planos. Quanto ao status social, bom, eu já tenho. Sou conhecida pelo meu trabalho, e não pelo seu sobrenome – ele abre a boca para falar, mas levanto a mão o detendo. — Minha vez de falar, senhor. A única relação que tenho com o seu filho, além da profissional, é a de dominador/submissa. Eu pertenço a ele, nossa relação é uma delícia, mas não somos namorados, noivos ou qualquer coisa do gênero. Só transamos, como duas pessoas saudáveis e livres. E, para finalizar, enquanto o seu filho está fora, eu sou a presidente da empresa. Isso está no memorando enviado a todo o complexo. É muita falta de bom senso o senhor chegar, entrar, sentar em minha cadeira sem a prévia autorização. Prezo muito pela condescendência, então o senhor tem permissão para andar pela empresa e entrevistar quem quiser – levanto e pego minha bolsa. — Agora, se o senhor me der licença, tenho um compromisso pessoal inadiável. Passar bem, senhor Castro.

— Até mais, Manuela.

Saio rapidamente sem nem ao menos falar com a Duda. Minha consulta é justamente sobre a pressão alta e fortes dores de cabeça. Parece que esse meu calvário não terá fim. Odeio tomar remédio, odeio ter que

repousar e vem esse homem e fala essas coisas. Poxa! Se eles não confiam em mim, tudo bem. Mas, se tivessem avisado que o seu pai estaria pela empresa, eu saberia a quem recorrer quando aparecesse um pepino.

A semana passada foi tão tumultuada, trabalhamos como loucos sem tempo para nada. Fomos ao coquetel e ficamos uma hora, voltamos para casa e caímos no sono. Domingo, ele viajou e nem uma despedida decente tivemos. Arthur e Rodrigo são muito especiais para mim, eu faria tudo por eles. Até mesmo suportar a arrogância dos seus pais. Minha cabeça dói demais, não vou conseguir dirigir. Aceno para um táxi.

Chego ao consultório muito mal. Minha cabeça dói tanto que chega a pesar sobre o pescoço e não estou enxergando direito. Assim que a secretária me vê, chama o médico desesperada e me deixa em pânico também, piorando a minha situação. O doutor não perde tempo, liga para a clínica particular ao lado que prontamente vem me buscar. Começo a ter dificuldade para manter minha cabeça em pé, até que as minhas forças se vão e o mundo apaga.

Abro os olhos e dou de cara com um médico lindo. Devo ter morrido e, como fui uma boa menina, Deus disse a esse belo anjo: Vá e cuide dela! Olho para o outro lado e levo um susto. De um lado, o céu com esse anjo gato e do outro, o inferno com essa enfermeira que parece descendente direta do anjo caído. Ouço meu nome por aquela boca do anjo... Que voz deliciosa...

— Senhorita Manuela, está me ouvindo?

— Sim... – Jesus! Essa voz é minha? — O-o que houve?

A enfermeira do mal fala:

— Quando a senhora estava dando entrada aqui, desmaiou. Seu médico, o doutor Nicolau, a trouxe direto para UTI. Sua pressão estava alta demais e você corria risco de um AVC.

— Eu sou o doutor Júlio César, neurologista, acompanharei seu caso junto ao doutor Nicolau – ele olha dentro dos meus olhos, dos ouvidos, da garganta. — O que está sentindo agora? Dor? Tontura?

— Fome e sede – tento limpar a garganta que está seca. — Meu corpo está dolorido, mas minha cabeça está bem, graças a Deus.

— A enfermeira providenciará algo para você comer. Enquanto isso, continuarei checando você. Estávamos preocupados em como você voltaria.

Sua pressão estava muito alta e tivemos que sedá-la até estabilizar.

— E isso foi há quantas horas, doutor bonito? – pergunto sem emoção.

Ele abre um lindo sorriso. O cara tem cabelos escuros, pele clara, olhos verdes, uma barba por fazer, é alto e médico!

— Obrigado pelo bonito. Isso foi há três dias, senhorita.

Empalideci. Faço as minhas contas rapidamente.

— Hoje é segunda? – pergunto incrédula.

— Sim.

— Eu preciso fazer algumas ligações – tento me levantar, mas ele me segura. — Cadê o meu celular? Tenho que ligar para construtora, avisar a Ideals e...

— Ei! Você acabou de acordar, estava praticamente em coma. Se você não manear, não darei alta. E, quando você sair, terá que ter muito cuidado. Você poderia não ter resistido. Vou liberar uma ligação porque os dois telefones que tem no seu registro estão desligados – ele vai até o armário embutido, pega a bolsa e me entrega. Retiro o celular da bolsa e vejo que está sem bateria. O médico estende o seu telefone para mim. — Uma ligação, Manuela.

Assinto e debato comigo mesma para quem ligar, Bia ou Duda? Digito rapidamente os números que vêm em minha cabeça.

— Alô, Duda?

— Manuela? Onde você se meteu? – ela praticamente grita ao telefone. — Quer nos matar do coração? Você sumiu na sexta-feira... SEXTA-FEIRA! Seu celular estava desligado e não tinha ninguém em casa. Já pensou em dar notícias?

— Calma! Contarei tudo, mas preciso que você desmarque meus compromissos pelos próximos dois dias e...

Ela me interrompe:

— Antes de qualquer coisa, você falará onde está – ela pede sem paciência.

— Estou naquela clínica particular na Barra – dou a localização correta e falo o que aconteceu rapidamente. — Traga aquele documento

para assinar. Que horas são?

— Duas e meia da tarde – o médico responde de cara feia.

— Merda! Venha com o motorista da empresa. Ele terá que levar essa documentação ao cartório. Duda, eu também preciso que você me traga escova e pasta de dentes, uma escova para pentear os cabelos e uma roupa decente. Não esqueça de ligar para Bia, por favor. Beijos, espero você.

Desligo o telefone e o devolvo para o médico bonitão.

— Senhorita Manuela, você está proibida de trabalhar. Pelo amor de Deus! Você ainda está no hospital – ele me repreende.

— Há coisas que não esperam, doutor – respondo.

Ele passa o dedo pela minha pulseira. Tateio minhas orelhas e vejo que os meus anéis e relógio sumiram, além dos brincos. A pulseira foi a única joia que ficou.

— Por acaso, esse Mestre Rodrigo é o Rodrigo Alcântara e Castro? – encaro-o surpresa.

— É sim. Você o conhece? – pergunto curiosa.

— Sim. Ele fez uma demonstração no clube que frequento – outro dominador. Por que eu não o identifiquei antes? Olho para ele que sorri pecaminosamente. Um arrepio percorre o meu corpo, mas não um arrepio bom. Talvez a palavra certa seja calafrio. — Você não tem atitude de uma submissa.

— Ninguém acha que tenho, mas sou – começo a mexer na minha bolsa, procurando minhas chaves e para cortar a conversa. Acho que o meu sexto sentido está tentando gaguejar alguma coisa.

— Enquanto estão providenciando algo para você comer, a levaremos para fazer alguns exames. Se tudo estiver bem, terá alta amanhã.

Nesse momento, entram dois enfermeiros que me transferem da cama para a maca e me levam para uma sala com equipamentos enormes. Após longos minutos, levam-me de volta para o quarto. Assim que me deixam sozinha, fecho os olhos e respiro fundo. Meu Deus! Não sei como cheguei a ficar assim. Meu peito aperta e a vontade de chorar vem, mas as minhas lágrimas não caem.

Rodrigo vem em minhas lembranças e o meu coração acelera. Que

saudade! Ser fechada para o mundo tem seu ônus, você acaba deixando o afeto de lado, o amor só existe para os outros e acabamos nos tornando mais frios do que deveríamos. Se Rodrigo estivesse aqui, será que eu o teria chamado? Será que estou pronta para derrubar a muralha que construí ao meu redor para deixar que as pessoas se aproximem? Eu o adoro, acho que adoro mais do que deveria, mas até onde estou disposta a me entregar? Porque ele é do tipo ou tudo ou nada! E eu?

— Manu?

Abro meus olhos e Duda está à minha frente. Meu primeiro impulso é abraçá-la, e ela retribui.

— Ah, minha amiga, estávamos tão preocupados com você. Steban está à sua caça a manhã inteira. O que aconteceu, Manu?

— Quando saí da empresa, não suportei a dor de cabeça, então peguei um táxi, mas eu estava mal e a minha vista já estava embaçada. Cheguei ao consultório e o médico já me trouxe para cá e apaguei. Acordei hoje, algumas horas atrás. Segundo o médico, tiveram que me sedar.

— Jesus Cristo! E o senhor Eduardo deve ter contribuído para que o seu quadro piorasse. Mesmo assim, a gente vive falando para você se cuidar...

O médico entra seguido por uma enfermeira trazendo um carrinho que, pelo cheiro, imagino ser a comida.

— Boa tarde, meninas. Aqui está sua refeição, Manuela. Posso conversar com você na frente dela? – pergunta.

— Sim, claro.

— Então, Manuela, você escapou dessa sem nenhuma sequela, como, a gente não sabe. Sua pressão estava muito alta, o seu corpo deve tê-la desligado antes de entrar em colapso, por isso o desmaio. Então, aqui vão algumas recomendações: Você precisa repousar pelo menos por oito dias, sem trabalho, sem correria, sem estresse. Deve manter uma alimentação balanceada e, se puder, faça exercícios ou procure uma terapia ocupacional. Mudamos alguns medicamentos que deverá tomar à risca. É sério, da próxima vez, você poderá não ter tanta sorte.

Duda segura a minha mão.

— Nós a amarraremos e a obrigaremos a tomar os medica...

Nesse exato momento, Bia entra como um furacão. Os olhos vermelhos indicam que estava chorando.

— Sua peste! Como você some assim e nos deixa desesperados? – ela me abraça com força e chora. — Coisas ruins passaram pela minha cabeça. O que você está fazendo aqui? – aponta para o médico. — Não deveria estar fodendo a vida de alguém por aí?

— Ana Beatriz, é sempre bom vê-la – o médico sorri. — E já vi que não perdeu seu senso de humor.

— Ele é um dos meus médicos, Bia.

— Manuela, já dei minhas recomendações. Amanhã pela manhã, você poderá ir para casa. Aqui está meu cartão, precisando, é só chamar – ele encara-me e segura o cartão. — Para qualquer coisa, qualquer dia e em qualquer ho...

Bia se mete e puxa o cartão.

— Já entendemos, doutor Júlio César! Dispensado.

Ele acena e sai. Viro para ela e a questiono:

— O que foi isso?

Bia senta-se ao meu lado e responde:

— Nada. Só não vou com a cara desse sujeito.

Na manhã seguinte, Steban faz questão de levar-me para casa. Ele e as meninas insistiram que alguém deveria ficar comigo, mas eu não sou o melhor ser humano no momento. Sinto-me cada vez mais sozinha e desanimada, minha vontade é só de dormir. Deitada em minha cama, olho aquele papel que diz que estou proibida de trabalhar pelos próximos dias e que deveria ficar deitada. Agoniada, levanto e caminho pelo meu apartamento sentindo falta de algo que não sei. Eu não sei como será ficar em casa com cabeça desocupada. Não sei...

E então, o meu isolamento começa.

Nos três primeiros dias, fico deitada apenas trocando os canais da televisão. Não quero receber ninguém e respondo as mensagens para que ninguém me ligue. Sinto-me vazia. Deixei de ter notícias do Rodrigo, pois ele não me responde e eu não o procuro mais. Eu não sei o que anda acontecendo, eu só não quero ninguém por perto.

Dez dias depois, volto à construtora para trabalhar somente no período da manhã. Eu estou bem e preciso manter tudo em ordem, mas ver as pessoas me poupando é a mesma coisa que me darem um tapa na cara. Sinto-me cada vez mais desanimada, vir para a empresa para olhar o teto incomoda-me. Não converso muito e, a cada dia que passa, não tenho vontade de mais nada.

E lá se vão mais oito dias. Hoje, particularmente, acordei estranha. Não fui à empresa, preferi ficar aqui quietinha. Fazer papel de estátua não está nos meus planos. Às vezes, aquele vazio que sinto no peito fica mais forte, como se faltasse algo, mas o quê? O que me falta?

A campainha toca e resolvo ignorá-la. *Deixe tocar, não quero ver ninguém!* Mas a merda da campainha não para. Desprovida de humor e vontade, levanto e grito:

— Já vou! – putz. Hoje em dia ninguém tem paciência nem com uma moribunda. Moribunda? Agora até eu ri.

De repente, um arrepio percorre meu corpo e olho-me no espelho. Não parece ser eu... Arrumo os meus cabelos e escovo os dentes para parecer menos com um zumbi. Coloco um vestido simples e vou atender a porta. Quando a abro, os meus olhos que outrora estavam secos resolvem expressar o que se passa em meu coração, lágrimas caem perante aquele que me possui.

Rodrigo não espera, entra pegando-me no colo, fecha a porta com o pé e me carrega até o sofá. Enquanto insisto em derramar-me em lágrimas, ele acaricia meus cabelos e beija minha cabeça. Sem dizer uma palavra, ele continua segurando-me firme e é nesse silêncio que me sinto a pessoa mais protegida do mundo.

Depois de alguns minutos ou horas, ele levanta o meu rosto e seca as minhas lágrimas.

— Chore, minha menina, chore. Você anda sobrecarregada, Manuela, precisa colocar todo esse peso para fora, anjo. Chore e, quando a última lágrima cair, se sentirá mais leve e pronta para seguir em frente – e assim eu fiz, chorei rios no peito desse homem. Como não chorar com essas palavras?

— Desculpe. E-eu não sei o que me deu... – falo ainda fungando.

Rodrigo emoldura o meu rosto entre suas mãos.

— Sinto-me muito honrado por você confiar em mim a tal ponto de só mostrar suas fraquezas em minha presença. Muito me orgulha a sua coragem, menina. Eu sempre estarei aqui para você.

— Quando v-você chegou?

— Antes de qualquer coisa... – ele beija-me com paixão. Um daqueles beijos dignos de cinema... ai, ai... Onde eu estava mesmo? Ah, o beijo... — Cheguei ontem tarde da noite. E fiquei sabendo de você um pouco antes de entrar no avião. Foi por isso que não atendeu minhas últimas ligações? – saio de seu colo e começo a andar de um lado para o outro. — Olhe para mim, Manuela.

— Eu não sei o que aconteceu comigo, Rodrigo. Depois que cheguei do hospital, me senti impotente, inútil. Não sei. Ver todos me poupando do trabalho que amo foi a mesma coisa que enfiar uma faca no meu peito – desabafo.

— Você precisa se cuidar, Manuela – ele abraça-me por trás e fala em meu ouvido. — Você está muito abatida. Já almoçou? – nego com a cabeça. — Quer almoçar comigo?

— Aqui? – não temos nada para comer... Bom, eu posso tirar a roupa e colocar-me sobre a mesa. Isso conta como refeição?

— Não. Em um restaurante – Rodrigo empurra-me em direção ao quarto. — Arrume-se, vamos tomar um ar.

Tomo um banho rápido e volto ao meu armário para escolher algo para vestir. Não tenho vontade de sair, tenho vontade dele, de estar com ele. Olho as minhas roupas procurando algo que me deixe confortável. Hoje não quero saber de elegância ou estar apresentável, quero apenas me sentir confortável. Alcanço um vestido de malha amarelo que nunca ousei vestir na vida e uma sapatilha azul.

Durante todo o trajeto, Rodrigo acariciava-me e beijava-me, demonstrando o quanto sentiu a minha falta. É engraçado que, nesse meio tempo, parece que a minha vida voltou ao normal, como se tudo voltasse a se encaixar novamente. Chegamos ao restaurante na Urca, tem uma vista linda para o mar. E eu não estava preparada para o que viria a seguir, achei que esse dia fosse nosso, apenas nosso.

Logo que entramos, uma Bárbara louca agarra Rodrigo pelo pescoço e tasca-lhe um beijo na boca. *Gentem* do céu! Sem jeito, olho ao redor e vejo

que todos estão aqui. Arthur, Bia, os pais deles, a louca beijoqueira, Érica, Steban, Duda e Paula. Paula? Só eu achei isso fora de contexto? Arthur me enlaça em um abraço de urso. Como pode ser tão lindo? É até pecado Deus colocar tanta beleza em uma só família. Por que não dividiu com outras, tipo a minha?

— Que bom que veio, linda general – ele beija a minha testa. — Senti sua falta. Como está se sentindo?

— Muito bem. Até vesti amarelo – aponto para a minha roupa. — Agora me diz uma coisa, bonitão, o que é isso tudo? Eu não esperava e nem estava a fim desse carnaval.

Arthur deu uma risada gostosa.

— Na verdade, era para ser só nós quatro, eu estava morrendo de saudades da minha menina. Mas, Steban ligou e Bia apareceu, meus pais surgiram do nada com Bárbara e Érica. E Paula, eu não faço a menor ideia.

Alguém chama Arthur e, mal ele vira as costas, e a mamãe coruja vem ao meu encontro.

— Soube que não estava bem, Manuela – ela me olha com cara feia.

— Estou melhor, dona Rosita. Obrigada pela preocupação – respondo com extrema educação.

Ela olha-me de cima a baixo.

— Eu não estava preocupada com você, estou preocupada com o fato do meu filho se sentir na obrigação de cuidar de você, coisa que não faço questão, você não é mulher para ele, e eu também não aceito outra que não seja Bárbara.

Depois de tantos dias ruins, hoje é o primeiro dia em que me sinto inteira e bem. Será que as pessoas não poderiam facilitar? Eu sei que ela quer Bárbara, mas sou uma pessoa tão ruim assim? Respiro fundo e digo

— Dona Rosita, ninguém precisa cuidar de mim. Só a relevo porque é a mãe dos meninos que adoro, mas não pense que pode falar comigo de qualquer maneira. Não sou essas mulheres... — aponto para os protótipos de *Barbies* — que a senhora pode manipular como bem entender. Com licença, vou sentar para descansar.

Vou te contar, a vovó declarou guerra abertamente. Se eu ficar ao lado dele, a vovó ali não vai me deixar em paz tão cedo. Sentei entre Duda e

Bia, abraçando-as. Já que estou aqui, vou aproveitar.

O almoço foi uma delícia, ficamos até o meio da tarde por lá. Rodrigo não tirou os olhos de mim e sempre que os nossos olhares se encontravam, ele piscava. Oh, *mô* pai! Esse homem será minha desgraça. Na hora de ir embora, aproximo-me dele, afinal, ele é minha carona, mas, a mamãe do príncipe tem outros planos.

— Manuela, não a quero perto do meu filho – novidade? Está na hora de virar o disco, senhorinha. — Se você insistir, se dará muito mal.

Nesse momento, Bia irrompe entre nós.

— Por um acaso você a está ameaçando, Rosita?

Tento apaziguar os ânimos.

— Calma, Bia. A dona Rosita só quer que Rodrigo descanse, ele acabou de chegar de viagem.

— Bárbara é a noiva dele e é com ela que o Rodrigo deve ir embora – a mulher também não ajuda. Até parece que não conhece a Bia.

— Algum problema aqui? – péssima hora para chegar, Rodrigo.

Tentando tirar *Maria, a louca*, do meu pé, arranjo uma saída.

— Não. Sua mãe só estava nos contando os seus planos quando a Bia veio me convidar para passar o resto da tarde juntas. Se importa se eu for com ela? – pergunto, torcendo para que ele concorde.

— Não, não me importo – mas seu olhar diz-me outra coisa e isso mexe comigo. — Mas você tem certeza?

— Sim... – tenho a absoluta certeza de que não quero deixar você. Rezo para que Bia mantenha a boca fechada.

— Tudo bem. Nos falamos mais tarde – ele me beija na testa. — Cuide-se, minha menina. Quero vê-la bem.

— Pode deixar. Até mais – pego Bia pelo braço e saímos.

— Você deixará aquela velha louca fazer isso com você? – ela estreita os olhos em minha direção. — Aquela toupeira de médico deu água sanitária no lugar do soro?

Entramos no carro dela e começo minha divagação em voz alta.

— Bia, eu não quero que esse tipo de situação seja recorrente em

minha vida. Eu cheguei agora, e eles já contavam com esse casamento. E mais, Rodrigo e eu não passamos de amigos.

— Eu soube que o pai dele esteve na construtora no dia em que você foi para o hospital. O que ele queria?

— Nada demais. Os meninos deixaram o pai para tomar conta de mim na empresa. Ele só estava fazendo o que os filhos pediram.

— Estranho – Bia faz uma careta. — Isso não faz o tipo deles, ainda mais sendo o pai.

— Normal. A desconhecida sou eu, e não o pai. Vamos deixar isso para lá – respondo cansada.

— Tudo bem.

A mulher que casar com Rodrigo estará ferrada! Bem, se ela não for a Bárbara. Todas as mães querem uma esposa boa, que cuide de seus filhos e que os façam felizes. Rosita quer uma que saia bem nas fotos. Vai entender. Se Rodrigo e Bárbara se casassem, seria um belo casal e os filhos seriam lindos. A foto de família seria digna de revista ou comercial de margarina.

E por que estou pensando sobre isso?

O fato é, se realmente vão assumir um compromisso, tenho que entregar a coleira. Não quero testemunhar isso, porque, só de pensar, a minha cabeça dói. Mas nisso tudo uma coisa é certa: Nenhuma mulher é boa o bastante para o Senhor Fodão, nem mesmo a própria Bárbara.

* * *

Alguns dias depois, um pouco antes do almoço, recebo uma ligação inesperada.

— Alô – a resposta vem daquela voz que me faz arrepiar só de ouvi-la.

— No meu apartamento em quarenta minutos, precisamos organizar aquela papelada – quando fui responder, ele já havia desligado.

Chegando em seu apartamento, ele recebe-me e leva-me diretamente ao escritório. Em meio a papéis espalhados, calculadoras e computadores, passamos a tarde trabalhando incansavelmente. Mais uma vez, pego-me admirando aquele homem concentrado próximo a mim. Rodrigo é o genro que toda mãe pediu a Deus. Ele é inteligente, bonito,

bem-sucedido e na cama... bem, vocês já sabem. Ele consegue molhar minha calcinha sem nem ao menos abrir a boca e aquele olhar... ah, aquele olhar.

— Vamos para cozinha? Estou com fome – Rodrigo está concentrado e pouco sorriu hoje.

Entrando na cozinha, digo:

— Sente-se, prepararei algo para você comer.

— Não – ele para-me. — Enquanto pego o que quero, levante a saia, tire a calcinha e deite-se na mesa.

— Oi? – pergunto novamente, mas o homem não me dá nenhuma chance de argumentação, ele vira as costas e vai até a geladeira. Vivemos em uma relação onde “Manda quem pode e obedece quem tem juízo”. Faço o que me mandou, nervosa, ansiosa e muito molhada.

— Deite-se na beirada da mesa e abra-se para mim, quero ter acesso total a você. Não se mova e mantenha-se calada – esse jeito sério faz-me desejá-lo mais. — Você gosta de morangos, senhorita Manuela? Eu, particularmente, gosto muito, principalmente dos grandes, pois são mais doces e suculentos.

Nesse exato momento, sem tirar os seus olhos dos meus, sinto algo gelado circular meu clitóris. Fecho os olhos e desfruto o momento... Ahhhh, o morango... Então ele para. Abro os olhos e assisto-o comer o morango que estava mim.

— Delicioso! Morango com Manuela, você deveria experimentar – o sorriso que brota em seus lábios promete todo tipo de pecado. Misericórdia!

Ele pega outro e faz um movimento de entra e sai... entra e sai... Cristo! Rodrigo está me fodendo com um morango. Não suportando as ondas de tesão, solto gemidos incoerentes e, de repente, sinto uma picada de dor. Ele dá um tapa sobre o meu tão sensível clitóris... com uma colher de pau?

Surpresa com o segundo tapa, grito. Outra colherada. Mais um ofego e outra colherada.

— Enquanto você se mexer e gemer, levará uma colherada com intensidade crescente, sempre mais forte que a anterior – abro a boca com indignação, mas antes que eu possa me expressar... outra colherada. Tentei

me manter o mais imóvel possível e mordi meus lábios. Não gemer seria uma árdua tarefa.

Sinto outro morango gelado entrando e saindo. Seu dedo circulando meu clitóris, uma vez, duas vezes, três vezes... Céus! Eu não vou aguentar. Quatro vezes, cinco vezes, seis vezes... Seguro a beirada da mesa o mais forte que posso e aperto meus lábios até doer. Dez vezes, vinte e quatro vezes, quarenta mil vezes... O tesão é tanto que não sei nem meu nome, contar então...

Dominada pela luxúria e cega de desejo, contorço-me sob a sua manipulação e gemo o mais alto que posso. Em seguida, sinto as picadas da colher nas coxas novamente e, em meio a ardência, a sua língua provoca-me. Ele chupa, morde, lambe, eleva-me... Céus! Dois dedos... dentro, fora... dentro, fora. Três dedos... dentro, fora... dentro, fora... morde meu clitóris. Fode-me com sua língua e com a sua mão. Ele acabará com a pouca sanidade que tenho.

— E-eu não a-aguento mais... por favor... – no lugar de sua língua e seus dedos vêm as colheradas fortes, precisas e ardidas que me levam até a borda e, mais uma vez, tudo para.

Lágrimas caem dos meus olhos por tamanha frustração. Deitada, trêmula, acompanho-o dar a volta na mesa e se colocar ao meu lado. Rodrigo fala ao meu ouvido:

— Gosto de vê-la assim, ofegante. Isso é excitante, mulher.

Ele abre a minha camisa e o meu sutiã. Amassa meus seios e, com fome, devora-os. *Esse homem será meu fim!* Ele toma minha boca como se dependêssemos disso para viver. Talvez dependêssemos mesmo... Ele encara-me e diz declaradamente cada palavra:

— Vou fodê-la até não ter forças para levantar. Passará dias sem poder sentar-se direito por estar dolorida, lembrando de tudo o que eu fiz. Olhará as marcas e lembrará que você pertence a mim – ele me toma e reivindica a sua posse. Penetra-me com força e agilidade. — Você pertence a quem, sub?

— S-sou sua.

— Boa menina – ele esfrega meu clitóris. — Goza pare mim.

Não precisou falar duas vezes, meu corpo obedece aos seus comandos, minha cabeça reconhece o seu poder sobre mim e sobre o meu

coração. *Nada de coração, tesouro. Não temos um e assim vamos continuar.* Rodrigo sai de mim, retira o preservativo e goza no meu corpo, marcando-me como sua.

— Tudo bem, minha menina? – ele acaricia o meu rosto.

— Tudo maravilhosamente bem.

Ele sai, retorna com uma toalha úmida e limpa-me em todos os lugares. Seu carinho e cuidado comigo não tem preço. Rodrigo beija-me com excessivo carinho.

— Eu nunca tenho o suficiente de você, minha pequena – e assim termina uma perfeita tarde de sexta.

Capítulo 21 – Rodrigo



Final de semana, Manuela e eu decidimos ficar em casa descansando. Banhos de piscina, sessão no terraço e belas refeições. Ela cozinha muito bem, o que para mim foi uma grata surpresa porque eu gosto de comer. Essa aproximação que geralmente me incomoda com Manuela é muito natural. Como se ela já fizesse parte desse cenário há muito tempo.

Estar com alguém que pensa como eu e, principalmente, alguém que vive como eu, é muito fácil. Nossa prioridade é o trabalho. Eu sei que já passou da hora de constituir família e ter filhos, tenho vontade, sim, mas não agora. O que me leva a pensar: como seria ter Manuela como esposa? Já sabemos a resposta. Ela não é do tipo mãe, dona de casa que cuida do marido e dos filhos. Ela é outra que não pensa nisso, talvez não pense nunca em ter filhos. Mas ela seria uma boa mãe, eu acho.

Passo a mão no peito por causa daquela sensação estranha novamente. Ultimamente tenho sentido um aperto, como se fosse premonição. Sabe aquela sensação de que algo está prestes a acontecer? É o que vem acontecendo nos últimos dias. Arthur entra em minha sala e tira-me da divagação.

— Estava muito distraído, o que anda acontecendo?

Recosto-me e passo a mão pelos cabelos.

— Só estava pensando que estamos ficando velhos, não temos filhos, ninguém para deixar nosso legado...

— Está pensando em ceder à loucura da nossa mãe? Se for, não conte comigo – meu irmão fala.

— Não é nada disso. Só... estava pensando.

— Vamos trabalhar, então – ele entrega-me uma pasta. — Aqui está o custo aproximado daquele projeto que você pediu. Não é só viável, como pode ser muito rentável.

— Certo. Tenho até quarta-feira para deixar esse projeto pronto.

Arthur sai e fico enterrado no projeto. Como posso pensar em ter família se ainda não tenho tempo para ninguém? É egoísmo da minha parte

colocar crianças no mundo e não ter tempo para elas. Meu pai não é e nem nunca foi um modelo exemplar. E realmente espero que minha esposa não seja como a minha mãe, senão estarei ferrado.

Passei três dias e duas noites praticamente isolado do mundo para terminar esse projeto. Manuela vem insistindo para que eu contrate assistentes para me auxiliarem. Até hoje, não tinha visto necessidade, mas agora acredito que não há saída. Pedirei a ela para providenciar isso o quanto antes. Nossa! Nessas horas me dou conta de como estou mal-acostumado com a Manuela resolvendo tudo para mim. Bem, ela é a melhor, essa dependência é normal.

Levanto e ando pelo o meu apartamento para esticar os músculos. Quando se é sozinho, trazer trabalho para casa às vezes é uma boa opção. Mas quando há alguém em nossa vida, essa rotina solitária, cansa. Penso em Manuela e alcanço o telefone para convidá-la para um jantar.

— Alô – ela atende no segundo toque.

— Oi, minha pequena. Tudo bem?

— Sim. Tirando esse calor, está tudo bem. Achei que teria que resgatar você de dentro do projeto. Rodrigo, é sério. Você precisa de, no mínimo, dois assistentes para projetar. Coloque em sua cabeça que já não está dando conta sozinho, querido. Você não deixará de ser o fodão das construções porque conta com ajuda de outros.

— Estava pensando nisso agora mesmo, só não queria trazer gente de fora. É complicado alguém se adaptar ao meu jeito, ainda mais se tratando dos projetos.

— Você tem quatro estudantes de engenharia na empresa. Dois são iniciantes, mas há dois que já estão mais adiantados. Desses, um foi designado ir a campo como auxiliar técnico, o outro está no escritório fazendo algo que não tem nada a ver.

— Boa ideia. Poderia fazer isso para mim? – peço.

— Claro.

— Quer jantar comigo hoje?

— Hoje é quarta, não é?

— Sim.

— Adoraria, querido. Mas não posso, já tenho um compromisso –

decepcionante.

— Certo. Devo me preocupar com alguém de olho na minha menina? Estou ficando mal-acostumado, Manuela. Tenho a necessidade de vê-la sempre.

— Sou toda sua e somente sua – a voz dela é sexy demais. Meu pau já dá sinal de vida.

— Perfeito. Nos vemos amanhã de manhã?

— Sim, senhor.

Despedimo-nos e desligo. O que me resta é voltar ao trabalho. Essa mulher fode com a cabeça de qualquer um. Há muito tempo não encontrava tanta satisfação com alguém. Eu estava em um momento em que tudo era igual, sem novidades e Manuela é um belo desafio. Mesmo sendo minha menina doce, tem uma personalidade de cão. Se eu baixar a guarda, ela toma o chicote da minha mão. Aqui, o que prevalece é a minha vontade!

Tenho que parar de trazer trabalho para casa. Quarta-feira, dez horas da noite e eu ainda nem jantei. Quando começo um novo projeto, esqueço que o mundo existe. Amo criar, projetar, ver as coisas tomar vida... O celular está tocando.

— Alô.

— Boa noite, mestre Rodrigo.

— Boa noite, Paula. Como você está?

— Estou bem. Não quero atrapalhar, só queria tirar uma dúvida, é possível? – pergunta.

— Sim, é.

— O senhor está com a Manuela? – que pergunta é essa?

— Sim, por quê? – algo me diz que eu não deveria levar isso adiante. Mas quero saber onde isso dará.

— Eu poderia contar, mas é capaz do senhor não acreditar. Então, estou enviando uma foto. Antes, quero que saiba que estou no Botequim aqui em Copacabana, onde a foto foi tirada. Boa noite, Mestre.

Antes que eu me despeça, ela desliga. O sinal de alerta acende em minha cabeça. Posso estar muito errado, mas o pressentimento que eu ando sentindo há alguns dias está mais forte agora. Algo me diz que o que

verei não será bom. Uma notificação de mensagem chega e abro-a para ver o que Paula insiste em mostrar. Nada me preparou para aquela foto.

Manuela sentada de frente para aquele alemão e segurando a sua mão. A ira escurece a minha vista e nubla a minha capacidade de raciocínio lógico. Tudo o que quero é extravasar... na cara daquele filho da puta, se for possível. Como Manuela pôde fazer isso comigo? Quem essa puta pensa que é? Ela me pertence, ninguém pode encostar nela sem a minha permissão. E eu não dei a porra da permissão a ninguém!

Mente na maior cara dura. Que compromisso é esse que tem que segurar a mão daquele desgraçado? E escolhe um lugar perto da minha casa para esfregar a porra na minha cara? Jogo tudo o que tenho a mão na parede para ter o prazer de ver quebrar em milhares de pedaços.

— INFERNO! INFERNO! Eu vou matar aquele alemão de merda.

Pego a chave do carro e saio apressadamente. Sou muito controlado, mas quando se trata de Manuela, perco toda a razão, não sei por que essa merda acontece. Ela é minha, porra! Soco o volante do carro, passo dois sinais vermelhos e buzino para os lerdos de plantão saírem da frente. Paro em frente ao cacete do restaurante e vejo a minha mulher abraçada com aquele alemão dos infernos. Respiro fundo algumas vezes e tento recuperar o meu autocontrole antes de descer do carro. Mas está difícil.

Assim que o faço, aproximo-me deles, aplaudindo.

— Olha que bonito, vê se não é o casal traíra mais bonito do Rio de Janeiro – falo com o sarcasmo pingando em cada palavra.

Todos olham para mim, inclusive o casal e uma ruivinha que está junto com eles. Deve ser outra cadela para fazer ménage. Ela está assustada e é para estar mesmo, foi pega no flagra junto com os dois. Manuela olha-me com preocupação. Mas a mulher é muito dissimulada mesmo.

— O que está acontecendo, Rodrigo? – ela atreve-se a perguntar.

— O que está acontecendo? Isso sou eu que pergunto, senhorita Vasconcelos. O seu compromisso era foder com esse imbecil? – o alemão dá um passo para frente e Manuela o para. — O quê, Manuela? Está com medo que eu parta a cara desse idiota? Não, não vou sujar minhas mãos.

Ando de um lado para outro atormentado. Por fim, volto a falar:

— Você é a minha maior decepção, Manuela. Eu confiei em você, eu

lhe dei a minha marca. Como você pôde me trair? Dei-lhe o meu melhor e é isso que recebo? Traição? Estão certos quando falam que você não liga para os sentimentos dos outros. Você é fria, não merece ser minha. Aliás, não merece nem estar onde estou...

Nesse momento, Paula aparece de algum lugar e segura-me.

— Calma, Mestre. Não vale a pena discutir com essa aí. Todos sabem que ela não liga para ninguém além dela mesma. Venha.

Olho para Manuela e ela está com a porra da sobrancelha levantada, olhando entre mim e Paula. É tão fria que não esboça nenhum arrependimento. Nenhum sentimento. Como eu pude me enganar tanto com uma pessoa?

Viro as costas e vou para casa, Paula vai comigo. Provarei a todos que tenho quem eu quiser, na hora que eu bem entender. Sou Rodrigo Alcântara e Castro, posso tudo o que eu quiser! Por dentro, estou adormecido. A raiva e a decepção são tão grandes que me amorteceram. Para ser sincero, nem sei como cheguei em casa, não lembro de ter percorrido o caminho até aqui. Subo com Paula para o meu apartamento e, assim que fecho a porta, tiro sua roupa e a fodo sem emoção.

De hoje em diante, Manuela não existe mais.

Acordo com uma dor de cabeça de cão. Viro-me na cama e sinto um corpo macio. Manuela... Puxo-a para mim encaixando os nossos corpos. Passo o meu nariz pelo seu pescoço e seu perfume é deli... forte. Espere. Abro os olhos e vejo que é Paula quem está em meus braços. Afasto-me dela e saio da cama. Toda a lembrança da noite passada volta como uma enxurrada. Manuela e aquele alemão babaca... Sexo com a Paula... Remédio para dormir... Que horas são? Olho para o relógio na mesa de cabeceira e vejo que são dez e quinze da manhã. Merda!

Visto uma bermuda, vou para a cozinha e dou de cara com a Joana, minha empregada.

— Bom dia, seu Rodrigo. Até estranhei quando vi as suas coisas aqui na sala. O senhor está bem? – ela pergunta com preocupação.

— Bom dia, Joana – minha cabeça não permite falar mais que isso.

— Seu celular está tocando sem parar, senhor. Já ligaram da empresa também.

— Certo, obrigado. Vou para o escritório retornar as ligações, traga uma caneca de café forte, por favor.

— Sim, senhor.

Olho o meu telefone cheio de ligações da empresa, do Arthur e do meu pai. Ligo para a empresa.

— Bom dia. Presidência da Alcântara e Castro, em que posso ajudar?

— Bom dia, Duda. Liguei para avisar que vou para a construtora à tarde.

— Está tudo bem? – outra preocupada. Não, não está bem. A sua amiga cadela me traiu.

— Só uma dor de cabeça do caralho. Arthur está por aí?

— Sim, senhor. Está com o cliente da Rebouças.

— Certo, avise-o que estou bem e que à tarde nos falamos.

— Sim, senhor.

Tomo o café que Joana acaba de trazer enquanto olho o jornal. Sem conseguir me concentrar, deixo tudo de lado e vou para o banheiro fazer a higiene e preparar-me para uma corrida. Movo-me pelo quarto sem olhar para a cama onde a mulher está dormindo. Passo na cozinha para falar com Joana.

— Joana, tem alguém no meu quarto. Assim que ela...

— Estava com saudades da Manuela, doida para falar com ela para pedir a receita...

— JOANA! – falo mais alto do que gostaria, e ela se assusta. — Desculpe, eu não estou muito bem e não é Manuela. Assim que a moça acordar, antes de servir o café, chame um táxi para ela. Quando terminar tudo, pode ir embora. Vou sair para correr e não tenho hora para voltar.

— E o seu almoço?

— Comerei na rua. Até mais.

Sob o Sol escaldante, corro mais do que deveria, alternando com banhos de mar, e só paro porque não tenho mais forças. Volto para casa depois de uma da tarde e me arrumo rápido para ir ao complexo. Não sou o tipo de homem que deixa seu trabalho de lado, levo minhas responsabilidades muito a sério.

Assim que entro no andar da presidência da construtora, Maria Eduarda recebe-me de bom humor.

— Boa tarde, senhor – até o seu sorriso me irrita hoje. Ela faz menção de se levantar, mas eu a barro.

— Não, Duda. Agora não. Só providencie um café.

— Sim, senhor.

Vou direto para minha mesa, dou uma olhada na papelada do cacete e vejo o que tenho que assinar. Arthur entra com o meu café.

— Está de copeira hoje? – pergunto amargamente.

— Boa tarde para você também, irmão! O que aconteceu, Rodrigo?

— Passei a noite em claro – respondo.

— Ah, sim. Por isso ela também chegou aqui tarde.

— Eu não quero falar...

Nesse instante, alguém entra e fecha a porta com tanta força que o meu café balança. Olho para xingar o infeliz, mas, para a minha surpresa, é Manuela que vem andando em minha direção. A cara dela é o reflexo da minha.

— Que bom que o galã resolveu aparecer – ela fala com desgosto. Isso não vai dar certo.

— O que você quer, Manuela? – pergunto sem nenhuma paciência. Afinal, esse lugar é meu. Ela não pode invadir e achar que está tudo bem.

Arthur olha entre mim e ela.

— É melhor eu sair...

— Não! O seu irmão gosta de plateia, faço questão que fique. O que eu tenho para tratar aqui é rápido – ela se volta para mim. — Então, seu bastardo, se divertiu com a ceninha de ontem? Como é o sentimento de humilhar alguém? – abro a boca para argumentar, mas ela levanta a mão. — Não ouse abrir a boca, seu imbecil. Hoje só eu falo! Eu realmente não sei o porquê daquele show.

— Não sabe? – questiono sarcasticamente.

— Em algum momento você pensou em perguntar antes de sair por aí tirando conclusões? O que você ganhou me fazendo passar vergonha?

Meu Deus! Eu passei a noite em claro tentando entender e a única conclusão que cheguei foi que você estava procurando um motivo para terminar essa relação e encontrou o caminho mais fácil. Sabe Rodrigo, você vive acusando a sua mãe de se sentir superior, mas você é igual a ela e tem a mesma concepção, ninguém é bom o suficiente para o Senhor Fodão. Ninguém é digno do bebê real dos Alcântara e Castro.

Perco a paciência.

— Você não pode falar assim comigo!

Manuela desafia-me.

— E quem vai me impedir, idiota? Você e mais quantos imbecis?

Arthur se mete na conversa para falar o que não deve.

— Calma! Vocês estão muito alterados, para quem passou a noite juntos em claro...

Ela o corta.

— Como é? – seu olhar volta para mim com amargura. — Eu não estava com seu irmão essa noite.

— Não? – Arthur pergunta sem jeito.

Manuela balança a cabeça decepcionada. E, quando volta a falar, seu tom de voz é... triste.

— Aposto que era a Paula. Acertei, Senhor Fodão? E ainda me chama de traidora? Céus! – ela limpa as lágrimas que caem de seus olhos. — C- como fui idiota. Claro, Paula o ajudou nesse planinho de merda.

Passo a mão pelo cabelo, frustrado. Uma mania que adquiri depois de conhecer Manuela. Coincidência? Fico calado e ela continua:

— Eu já imaginava. E-eu... Cristo! Eu estava começando a me apaixonar por você – apaixonar por mim? Manuela está apaixonada por mim? Meus pensamentos são interrompidos ao vê-la tirar o bracelete que representa a nossa relação, ela o joga sobre a mesa. — Pode dar para uma das suas fãs – Manuela passa a mão pela testa. Deve estar com dor de cabeça. — Você poderia ter perguntado, Rodrigo. Poderia ter conversado e não estaríamos decretando o nosso fim.

— Manuela... – tento falar.

— Não. Eu não quero pessoas como você perto de mim, são muito

nocivas à minha saúde mental. Até nunca mais – ela sai e fecha a porta. Meu peito aperta pela perda, mas é assim que deve ser.

— O que você fez, animal? – Arthur me questiona. — Você sabe que ela não pode ficar nervosa dessa maneira.

Agora minha consciência pesou. Eu estava tão afundado no ódio que esqueci da saúde dela.

— Foi ela quem pediu por isso, e não eu – falei mais para convencer a mim mesmo do que a ele. — Ontem a peguei abraçada com aquele alemão imbecil – só de lembrar meu ódio ferve.

— Franz?

— Sim – levanto e encosto a cabeça na vidraça fria. Olho toda a minha empresa, mas essa sensação ruim não quer passar.

— Deixe-me perguntar uma coisa – Arthur insiste em manter sua boca aberta. — Eles estavam sozinhos? Por acaso não tinha uma ruiva baixinha com cara de boneca por perto, tinha?

— Tinha. Por quê?

— A ruiva é a secretária da Manuela na Ideals, ela e o alemão vão se casar. Só um minuto – ele pega o telefone e fala qualquer coisa com a Duda. Ela entra com um envelope verde claro e o coloca sobre a mesa com cara de poucos amigos. — Fale para ele Duda.

— O nome da ruiva é Alice, ela é secretária da Manuela na Ideals e esteve aqui ontem à tarde para me entregar o convite de casamento dela com o Franz. Eles, os três, iam jantar juntos ontem à noite para pedir a Manu que fosse a madrinha de casamento, já que foi ela quem os apresentou.

Nesse momento, tudo ao meu redor para. Minha garganta fecha e uma fraqueza inesperada obriga-me a me escorar no vidro.

— Então, irmão. Provavelmente, o abraço que você viu foi por causa disso – meu irmão esclarece o meu erro.

— Rodrigo? – Duda chama a minha atenção. Reúno toda a minha força e viro-me para ela. — Eu preciso desse trabalho, mas isso não significa que deixarei você fazer a minha amiga sofrer. Quando ela saiu agora pouco, vi dor nos olhos dela e doeu em mim. Então, não chegue perto dela novamente, eu não gostaria de ter que pedir demissão.

Quando Maria Eduarda fecha a porta, joga-me na cadeira e coloco as duas mãos no rosto.

— O que foi que eu fiz?

— Pela primeira vez, você fodeu com alguma coisa. Para mim, é um dia quase feliz. Porque prova que você é um idiota como todo homem na face da Terra. Não era fácil concorrer com o senhor certinho.

— Cara, o que foi que eu fiz? – minha ficha enfim tinha caído. — Eu a perdi.

— Ligue e peça perdão. Isso já é um começo.

Arthur sai e alcanço o celular para ligar para Manuela, mas o telefone dela cai na caixa postal. Depois de muitas tentativas, deixo uma mensagem:

— Manuela, por favor, me perdoe. Eu nem sei por onde começar. Sei que não sou a pessoa que você mais ama hoje e não sei como explicar a situação. Mas é que, quando se trata de você, anjo, perco a razão. Você mexe com o meu mundo, Manuela. Tudo é mais intenso. Fale comigo, por favor. Eu... eu a adoro.

Foi aí que o meu inferno astral começou.

* * *

Estou há dezoito dias sem conseguir falar com Manuela. Tudo o que eu podia fazer para alcançá-la, eu fiz. Mande flores, presentes, liguei, enviei e-mails e SMS. Tentei persuadir Duda e Bia para me ajudarem, mas estão irredutíveis. Cheguei a um ponto de desespero e resolvi segui-la e surpreendê-la. O que me traz até aqui, parado em frente ao seu condomínio.

Desço do carro e pergunto na portaria se ela se encontra, disseram que sim. Então, dou uma desculpa qualquer sobre acompanhá-la para me certificar de sua segurança. Realmente espero que essa desculpa idiota tenha colado e eles não a alertem.

O tempo passa, talvez uma hora e meia ou duas horas até que Manuela sai. Acompanho-a à distância. Se eu contar, ninguém acreditará. Rodrigo Alcântara e Castro seguindo uma mulher. E essa mulher quer ver o diabo, mas não quer ver o Rodrigo. O Senhor Fodão, aquele que ninguém dispensa. Estou perdendo meu *sex appeal* mesmo, deve ser a idade

apertando, a velhice chegando.

Manuela entra em um shopping da Barra da Tijuca. É agora ou nunca! Perco-a de vista e agora sou obrigado a caçá-la pelo shopping. Caminho olhando atentamente pelas lojas. Qual é a graça de olhar vitrines como as mulheres fazem? Onde essa mulher se meteu? Vou em direção à praça de alimentação. Ah, sim, lá está ela. Aproximo-me de sua mesa.

— Posso sentar com você? – peço.

Percebo o seu corpo ficar tenso, mas Manuela não se dá ao trabalho de olhar para mim.

— Não!

Sento-me mesmo assim. Vim aqui para falar-lhe e serei ouvido de qualquer maneira.

— Manuela, acho que já está na hora de conversarmos. Você tem que me perdoar, eu estava cego de raiva. Recebi uma ligação da Paula...

— Chega! Eu não vou ficar aqui ouvindo você falar que desconfiou de mim, porque recebeu uma ligação da sua ex-sub – ela faz menção em se levantar, mas eu a seguro pelo braço. — Solte-me, Rodrigo.

Ela tem pavor de escândalo, por isso fala comigo olhando para os lados, vendo se alguém nos observa.

— Se você não sentar, comer o que pediu e me ouvir, farei um escândalo. As colunas sociais vão bombar com isso – ela se senta muito a contragosto. O garçom traz o pedido dela. — Coma. O que eu fiz não tem desculpa, só quero que você entenda que, quando se trata de você, perco a razão. Quando vi você abraçada com aquele alemão dos infernos, eu fiquei cego de raiva. A minha vontade era de quebrar a cara dele e arrastar você de lá – passo as mãos nos meus cabelos, frustrado e cansado. — Eu não sei mais o que fazer para você me perdoar.

Ela coloca um pedaço de peixe em minha boca. Desconfio que seja para me calar, então se instala o silêncio enquanto Manuela divide a comida comigo. Em nenhum momento, os seus olhos encontraram os meus. Ao que parece, ela está pesando seriamente a situação. Quando termina o último pedaço, ela fala:

— Eu poderia passar por cima de tudo isso, poderia relevar toda essa putaria. O problema é que não consigo esquecer de você gritando

comigo. Rodrigo, você me humilhou na frente dos meus amigos e de estranhos. Você dormiu com a... dormiu com a Paula para se vingar de uma coisa que nem aconteceu. Infelizmente, não consigo esquecer. Meu perdão você tem. Não se preocupe, já passou.

Alcanço a sua mão, mas ela a afasta.

— Eu a quero de volta, Manuela.

Ela se levanta.

— Isso não será possível. Pelo menos, não agora.

Com isso, a mulher que trouxe cor à minha vida se vai. E não acredito que ela volte.

Capítulo 22 – Manuela



(...) As cicatrizes do teu amor me fazem lembrar de nós me fazem pensar que nós tínhamos quase tudo. As cicatrizes de seu amor me deixam sem fôlego e eu não consigo parar de sentir. Nós poderíamos ter tido tudo amando incondicionalmente. Você teve o meu coração na palma de sua mão e você brincou com ele de acordo a batida (...)

Ao som de *Rolling in the Deep*, fico em frente ao meu armário decidindo com que roupa sairei. Um vestido preto ou saia e blusa? Poderia ir com aquele macacão azul e sandália... Não! Não sei se a minha indecisão realmente é sobre a roupa, talvez seja sobre o compromisso.

Hoje vou ao clube de BDSM que o doutor Júlio César frequenta. Há quase um mês atrás, eu o encontrei na saída do shopping, justamente naquele dia em que Rodrigo me fez ouvir sua ladainha. De lá para cá, nos falamos diariamente. Ele é meio estranho e, apesar de ser lindo, não faz o meu tipo. Mas é muito querido e parece ser um excelente dominador, tudo o que eu preciso nesse momento para dar outras lembranças ao meu corpo.

Depois daquele dia, Rodrigo e eu não nos vimos e nem nos falamos mais. Foi o dia mais difícil da minha vida. Tive que reunir todas as minhas forças para levantar daquela cadeira e ir embora. Eu sou louca por ele, mas não quero e nem estou disposta a passar a minha vida tendo que suportar situações como essa. Não sou obrigada a suportar tudo porque o amo. A escolha é minha, e o meu coração tem que entender que nem tudo o que ele quer é viável. Rodrigo tem uma mãe obcecada por casamento de sobrenomes, uma “subsuicida”, outra “subvenenosa” e uma pretendente descontrolada. Eu não quero entrar nessa lista, eu só quero viver em paz.

Aquela relação estava fadada ao fracasso com tantas pessoas nos cercando. A prova disso? Olha onde estamos agora. Não foi justamente uma dessas situações que nos trouxeram aqui? Pois é! Com o Júlio César é só uma questão de dominação, não teremos uma relação homem/mulher, somente D/s que, ao acabar a sessão, irei para casa. Ele está disposto e

interessado, então vamos tentar.

Meu celular toca, olho o visor e vejo que é Rodrigo. Justamente hoje? Não tinha dia melhor para ligar? Quer saber, o que você tem a dizer hoje poderá dizer amanhã quando eu estiver novamente encoleirada por outro dominador. Ignoro a ligação e volto- a me vestir cantando Adele.

(...) Jogue sua alma em cada porta aberta. Conte as suas bênçãos para encontrar o que procura. Transformou minha tristeza em ouro precioso. Você me pagará tintim por tintim e colherá o que plantou. Nós poderíamos ter tido tudo (...)

Decido pelo vestido, para combinar com o meu humor, e sapatos vermelhos. Alcanço a minha bolsa e parto para o clube. *Vamos fechar um contrato, gata!* Meu telefone não para de tocar e minha vontade é desligar. Mas prometi às meninas que o deixaria sempre ligado. Assim que chego ao Ocult Club, encontro Júlio César esperando-me na porta. Ele leva-me até uma mesa, sentamos e começamos a conversar sobre a negociação.

— Como você sabe, eu sou sádico. Mas, no começo, pegarei leve com você. Testaremos os seus limites – ele pega a minha mão. — Manuela, eu estou muito interessado em você. Se me deres a oportunidade de guiar-te, serei o dominador mais feliz do mundo.

Acabei de broxar. O que está acontecendo comigo? Cadê a merda da libido quando precisamos dela? Papo vai e papo vem, algum tempo passa e nosso assunto é o meu sim que não quer sair. E a porra do meu telefone volta a tocar, mas dessa vez não é o Rodrigo. Peço um minuto para Júlio e atendo o telefone.

— Alô?

— Boa noite. A senhora é a Manuela? – pergunta o desconhecido.

— Sim. Em que posso ajudar?

— A senhora conhece o senhor Rodrigo de Alcântara e Castro? – antes da pessoa terminar de falar, eu já sabia que algo de mal havia acontecido.

— Sim, o conheço – respondo cautelosa.

— O senhor Rodrigo sofreu um acidente há uma hora. Trouxeram-no para o hospital no Leblon. Seu número é o primeiro da lista de últimas ligações.

Com o telefone na orelha, pego a minha bolsa e já vou para a saída.

— Ah, meu Deus! Como ele está? – meu coração acelera. — M-me diga que ele está vivo, moço. Pelo amor de Deus, diga que ele está vivo! – o desespero toma conta. Por que eu não o atendi, por quê?

— Ele está bem e fora de perigo. Teve algumas fraturas leves e, no momento, está sedado. Se a senhora puder vir para cá, nós agradecemos.

— Estou perto, eu acho. Já estou indo.

Desligo o telefone e respiro fundo algumas vezes para controlar o pânico. Tenho que ser forte, o Rodrigo precisa de mim e o meu coração precisa dele bem. Afundada no desespero, não ouço Júlio se aproximar.

— Tudo bem, Manuela?

— Não. O Rodrigo sofreu um acidente e me chamaram...

— Eu não quero que você vá – oi? Ele não quer o quê? Perdi algum capítulo dessa minissérie? Começou a mandar desde quando?

— Estou indo, outro dia nos falamos – abro o carro e Júlio segura-me pelo cotovelo mais forte do que deveria.

— Eu não permito que a minha cadela vá atrás de outro macho.

Ao contrário do que ele pensa, a sua postura, ou a falta dela, não me assusta. Homens como ele não me intimidam. Aproximo-me e encaro Júlio.

— Como é, Júlio? Eu sou o quê?

Ele me solta um pouco sem jeito.

— Desculpe-me. Eu só não quero você perto dele.

— Ah, sim. Você não me quer perto dele... – debocho. — A questão é que você não tem o que querer quando se trata de mim. Eu não sou sua e, depois desse showzinho patético, nunca serei. Lembre-se de que não é porque sou uma submissa que você pode sair por aí latindo ordens para mim. Se eu não aceitei ser sua, então não tem direito algum. Aceite um conselho, Júlio: não trate as mulheres assim, é triste e feio. Passa a imagem errada do que realmente é o BDSM e isso não é bacana. Passar bem.

Entro no carro, coloco o nome do hospital no GPS e vou. *Senhor Jesus, fazei com que ele esteja bem.* Eu não sei como, mas chego ao hospital em velocidade recorde, estaciono e corro para recepção. Enquanto caminho, faço mil promessas a Deus, pedindo por ele.

— Boa noite. Estou aqui para ver o Rodrigo Alcântara e Castro. Ele se acidentou agora pouco.

— A senhora poderia preencher a ficha dele? Aqui estão os pertences dele – ela entrega-me o telefone, a carteira e os tênis. — Foram obrigados a cortar as roupas dele, senhora.

Respire, Manuela... respire e não entre em pânico.

— O-obrigada. Poderia transferi-lo para um quarto particular?

— Por enquanto, ele ainda está na unidade semi-intensiva. Assim que terminarem os exames e o médico autorizar, o encaminharemos para um quarto particular.

— Obrigada.

Tento preencher a papelada o mais rápido possível, mas tremendo as coisas ficam um “tantinho” complicadas. Espero uma hora até que me levam onde ele está. Lágrimas turvam os meus olhos ao vê-lo machucado, oxigênio no nariz e fios por todo lado. Acaricio o seu rosto bonito e peço a Deus que me permita ver aqueles olhos azuis novamente.

— Senhorita? – o médico me chama.

— Sim...

— Não se preocupe, ele ficará bem. Teve uma costela fraturada e alguns arranhões. Ao que parece, bateu com a cabeça no volante, mas a tomografia não acusou nada. O manteremos sedado até de manhã.

Sento na poltrona ao lado de sua cama e inicio a peleja de avisar a família. Começarei pelo Arthur e pedirei que ele avise os seus pais, já que não tenho o telefone. Procuro o seu número entre os meus contatos e o aciono. Droga! Chama e ninguém atende, deve estar com a Duda, que também não atende. Tento a Bia, também não. Por fim, apelo para Steban, que está fora da área de cobertura. Onde esse povo se meteu? Sem saber o que fazer, tiro os meus sapatos e ajeito-me da maneira mais confortável possível. Conforme as horas passam, tento falar com alguém, mas infelizmente ninguém atende.

Acaricio o braço do menino adormecido.

— Tão lindo... Deus, obrigada por livrá-lo naquele acidente. Só o traga inteiro para a realidade – oro.

Saio do quarto e encontro o médico de conversinha mole com a

enfermeira gostosona. Típico!

— Com licença, doutor – atrapalho mesmo. — Não há nenhuma possibilidade de ele acordar, não é?

— Não há. Se você quiser ir para casa, pode ir tranquila.

— Tenho que pegar algumas coisas para ele. Obrigada – viro as costas e vou em direção à saída. Ah! Viro-me novamente para ver o médico tocar o seio da enfermeira utilizando aquela mão que tem uma aliança enorme. — Desculpe atrapalhar o casalzinho novamente, minha entrada é liberada? Posso entrar e sair a hora que eu quiser?

A enfermeira muito sem jeito responde:

— Sim, senhora.

— Obrigada! Juízo, vocês dois. A esposa dele não vai gostar de saber que tem alguém dando banho de língua no marido dela – viro as costas e saio.

Pego o carro e vou para o apartamento do Rodrigo pegar alguns itens necessários. Assim que entro, sinto o cheiro do seu perfume. Meus olhos umedecem, mas controlo imediatamente. Não tenho tempo para chorar. Como já conheço tudo por aqui, é fácil localizar as coisas que ele precisa e colocá-las em uma pequena mala. Enquanto faço isso, continuo a saga de contatar alguém, mas as pessoas resolveram se desligar do mundo essa noite.

Volto para o hospital e sento-me novamente na poltrona. Os primeiros raios do dia já cortam o céu quando o ouço gemer. Aproximo-me, passo a mão pelos seus cabelos.

— Está tudo bem. Só descanse, príncipe. E volte para mim – chamo a enfermeira e ela aplica mais medicamento no soro.

Vou até a janela e penso na besteira que quase fiz querendo ser submissa de outro. Será que o Júlio achava mesmo que poderia exigir qualquer coisa de mim? Continuo tentando ligar, ninguém atende. Sigo andando de um lado para outro no quarto até uma generosa enfermeira trazer o café para mim. Já era meio da manhã quando consegui falar com o Arthur.

— Bom dia, Arthur. Antes de qualquer coisa, onde você estava que não atendeu o telefone a noite toda? – questiono.

— Bom dia, general. Estava ocupado com a boca no meio das pernas da Duda. Por quê? O que é tão importante a ponto de eu ter que parar o que estou fazendo?

— Poderia ter me poupado dos detalhes. Seu irmão sofreu um acidente ontem à noite...

— O QUÊ? – agora fiquei surda. — Onde ele está? Me diz que ele está vivo!

— Ele está bem, não corre risco nenhum. Venha para o hospital no Leblon e avise os seus pais, por favor.

— Estou indo – antes que eu possa me despedir, ele desliga.

Uma enfermeira entra e verifica todos os equipamentos. Ela retira o oxigênio e troca o soro. No fim da inspeção, ela volta-se para mim.

— Ele está bem, senhora. Logo acordará e retomará a vida normalmente.

— Obrigada.

Ela olha-o por um bom tempo e depois fala:

— Com todo o respeito, seu marido é muito bonito. As enfermeiras estão disputando a chutes quem dará banho de esponja nele.

Engasgo-me quando tento rir.

— Ele é lindo mesmo, mas não é meu marido, só um amigo muito querido. E se eu fosse enfermeira, também me candidataria.

Ela se retira e deixa-me ali com os meus pensamentos. Casamento e Rodrigo na mesma frase não me fizeram coçar. Como seria ser casada com ele? Será que teríamos filhos? Como seriam? Aconchego-me na poltrona e fecho os olhos. Não sei quanto tempo se passa até sentir um toque em meu braço.

— Manu? – só então me dou conta de que dormi sentada. — Bom dia, gatinha.

— Bom dia – estico-me dolorida por ter ficado de mal jeito.

— Ele está bem? – seu irmão pergunta com a preocupação nadando em seus olhos.

— Está sim, Arthur. Segundo o médico, foi só uma costela fraturada e algumas escoriações. Mesmo com esse galo na testa, a tomografia não

acusou nada. Ele está bem. Agora é esperar acordar.

— Você foi a sorteada? A única que atendeu ao telefone? – ele fala sorrindo.

E, ao contrário de Arthur, lágrimas brotam dos meus olhos.

— A-acho que o acidente foi culpa minha. O Rodrigo insistiu nas ligações desde a tarde de ontem, mas eu não o atendi. E, mais tarde, recebi a ligação do hospital. Eles disseram que a última chamada foi para mim.

Arthur me abraça.

— Não pense assim, gatinha. Passou a noite aqui?

— Sim – de repente, os pais entram no quarto. Jesus! Parece que a mulher perdeu o filho. — Arthur, acalme a sua mãe antes que ela ressuscite os mortos.

No instante em que Arthur se aproxima de sua mãe, eu me afasto e fico perto da porta assistindo tudo de longe. O médico vem e informa seu parecer, acalmando a todos. Continuo de canto enquanto o casal me ignora por completo. Eles se instalam na beira da cama de seu filho e ali pajeiam o seu sono. Algum tempo se passa e Rodrigo acorda. *Amém, Senhor! Obrigada por ter cuidado dele.*

Esse é um momento de família, eu sei. Mas quero certificar-me de que tudo está bem de verdade. Quando me movo para aproximar, ouço o inesperado.

— Sabe, cheguei a uma conclusão. Eu não quero morrer sozinho, quero constituir uma família. Quase morri e, se o pior tivesse acontecido, a quem restaria meu legado? Então decidi assumir um compromisso com Bárbara, mas não me pressione, mãe.

Congelo. Um tapa na cara não doeria tanto quanto as suas palavras. E em que momento esse infeliz teve tempo de pensar nisso? Será que era isso que ele queria falar comigo ontem? De qualquer forma, tenho que sair daqui agora! Antes de fechar a porta, ouço Arthur se dirigir ao irmão.

— Enlouqueceu? Eu nunca vou perdoá-lo por isso, seu idiota!

Saio em disparada pelo hospital. Não era isso que você estava fazendo, Manuela, vivendo sua vida? Por que ele não pode fazer o mesmo? É fácil falar quando a realidade é outra. Arthur me alcança.

— Manuela, espere. Eu não sei o que deu naquele filho da puta...

Eu interrompo:

— Ei, está tudo bem. Ele passou por uma experiência traumática, é natural que queira dar um rumo em sua vida. E-eu eu estou bem – tento sorrir. — Só me senti intrusa.

— Você não é intrusa. Não pode dirigir depois de passar a noite sem dormir. Vou levá-la.

— Não. Você vai ficar com o seu irmão que sofreu um acidente e precisa de você. Ah, quase esqueci, aqui estão os pertences dele – passei os itens que estavam em minha bolsa para Arthur. — Dei um pulo no apartamento e peguei roupas e produtos de higiene. As roupas que ele estava na hora do acidente foram cortadas. E tem uma mala no armário.

— Obrigado, Manu.

Vou para o carro e, assim que fecho a porta, choro. Choro por todos os meus trinta anos, por nunca ter amado antes, por ter amado agora e não ser correspondida. Meus soluços eram por tê-lo conhecido e por tê-lo deixado ir. Chorei pelo vazio, pela dor e chorei por chorar.

Capítulo 23 – Rodrigo



— Aqui estão as chaves e o documento do seu carro novo – Arthur joga tudo sobre a minha mesa.

Desde o acidente, ele não é o mesmo comigo. Evita-me de todas as maneiras e ignora sempre que possível. Já pensei e repensei tudo várias vezes em minha cabeça, mas não consigo entender o porquê. Será que é por causa da Bárbara? Se for, era para ele dar graças a Deus. Se eu casar com ela, Arthur estará livre para fazer da sua vida o que quiser.

— Quer almoçar comigo, Arthur? – convido.

— Não, obrigado. Já tenho compromisso.

Ele sai da minha sala e volto a repassar aquela noite. Steban havia me ligado no final da tarde para contar que Manuela se submeteria ao imbecil do Júlio César, que é o maior escroto do Rio. Arrumei-me e entrei no carro para seguir até o Leblon. Lembro-me de ter ligado para ela algumas vezes, mas ela não atendeu. Saí de casa já em alta velocidade e, na estrada, ultrapassei os cento e vinte quilômetros por hora. Assim que avistei o carro parado à frente, consegui reduzir a velocidade, mas o carro que vinha logo atrás de mim não. Então, apaguei.

Lembro-me de tentar abrir os olhos algumas vezes, mas não conseguia. Acho que delirei, pois quando ouvia uma voz suave, acalmava-me. Em meio a esses devaneios, pouco a pouco, fui dando conta da realidade: não adianta correr atrás da Manuela, ela deixou bem claro que não terá volta, e eu precisava começar a pensar em mim. Foi quando decidi casar com a Bárbara. Abri os olhos e contei o que decidi, não entendi o surto dele. De lá para cá, ele me trata com indiferença.

Quer saber? Vou atrás dele, Arthur me deve explicações sobre o seu comportamento. Vou até sua sala e o encontro ao telefone, de cabeça baixa e com mão na testa. Meu irmão não estava com aquele ar jovial de sempre, algo sério acontece. Sento-me e o aguardo desligar. Assim que o faz, pergunto:

— Aconteceu alguma coisa?

Ele se assusta. Estava tão distraído que nem se deu conta da minha

presença. Agora estou preocupado.

— Não. Pelo menos, não ainda.

— O que é, Arthur? – insisto.

— Quer saber mesmo? – ele pergunta com um tom acusador. Apenas o olho, esperando que conte de uma vez. — Manuela está indo para Nova York.

Meu coração falha uma batida. Mantenho uma fachada fria, mesmo que por dentro as coisas não sejam assim.

— Qual é o problema? Logo ela estará de volta – falo.

Arthur me olha como nunca me olhou durante toda nossa vida. E aquilo me machuca.

— Ela está indo para morar, Rodrigo. Como todos nós sabemos, ela não está totalmente bem, ainda está em tratamento – ele ri com desgosto. — Por que estou me dando ao trabalho de falar para você? Você não se importa com ela.

Eu não posso acreditar que ela está indo morar longe de mim. Por mais que não estejamos juntos, eu ainda a desejo.

— Se ela está feliz, você tem que apoiá-la – digo.

— Eu vou apoiá-la. Ela é muito mais que amiga para mim, sou grato por tudo o que ela fez por nós. Sempre nos ajudou sem pedir nada em troca – desconfio que ele me acusa de algo.

— Quando ela embarca?

— Daqui a quinze dias, no dia seguinte ao seu aniversário – ele muda de assunto. — Tenho certeza de que você não veio aqui para falar dela. O que quer, Rodrigo?

Balanço a cabeça triste. Antes de sair, falo:

— Quero o meu irmão de volta.

Saber que Manuela está indo embora mexeu comigo. Ainda sou louco por ela a ponto de sentir o seu cheiro, desejar o seu corpo. Excito-me só em pensar naquela mulher que provoca um turbilhão de emoções em mim. Manuela desperta em mim o que nenhuma outra consegue.

Nunca entendi o porquê de ela não ir ao hospital ou em casa para me ver. Por vezes, esperei que ela viesse à minha sala quando voltei a

trabalhar. Também nunca ligou ou fez qualquer tipo de contato. Sei que todos montaram um esquema para não nos esbarrarmos aqui, mas isso não me impediu de vê-la. Outro dia, ri muito a vendo tirar o couro do pessoal do setor de compras. Ela é sexy para caralho quando está brava. Seria bom ter Manuela como companheira, tenho certeza que o tédio não faria parte da nossa vida.

Meu aniversário está chegando e decidi assumir um compromisso com a Bárbara. Se você me perguntar se estou animado, minha resposta é não. Ela é uma mulher muito bonita, elegante, mas com voz estridente. A mulher é apaixonada por mim desde a adolescência, nossas famílias fazem muita questão desse cruzamento de sobrenomes. Admito que já a levei para a cama, mas era sem compromisso até agora. Mandeí Duda comprar um anel do gosto dela. Se deixasse por conta da minha mãe, ela não só compraria o anel como prepararia todo o casamento, mesmo antes do noivado.

Rodrigo Alcântara e Castro, bem-vindo ao começo do seu fim!

* * *

Hoje completo trinta e nove anos. Por mim, não haveria comemoração alguma, mas minha mãe não pensa dessa maneira, para ela tudo é um evento social. Detesto isso. Garantiram-me que seria apenas uma reunião de amigos, mas assim que cheguei, já havia mais de cinquenta convidados. Metade deles nem sei quem são. As pessoas vão chegando, Bárbara e minha mãe confabulando e Arthur me evitando. Perfeito!

— Estou gostando de ver sua animação – olho Steban com expressão séria, não compartilhando o seu sarcasmo.

— Estou pensando na melhor maneira de ir embora sem chamar a atenção – falo.

— A festa é sua.

— Não, a festa é da minha mãe. Eu só quero tranquilidade – Bia vem até nós e Steban a beija. Muitas novidades essa semana. — Iam me contar quando? – questiono.

— Contar para quê, Rô? Desde o bendito acidente, você não é mais o mesmo. Não nos procura, só quer saber da... – ela aponta para Bárbara. — Da biscate ali.

— Bia, eu realmente preciso do apoio de vocês – peço com carinho.

— Eu estou perdido durante todo esse tempo, tentando entender por que vocês me viraram as costas. O meu irmão trabalha comigo, mas mal olha na minha cara.

— Olha, cara, sempre pode contar comigo. Só não acho certo abrir mão de quem você é para satisfazer os caprichos da sua mãe – Steban diz.

Bia fala olhando para algo atrás de mim.

— Comigo você não vai contar. Até porque sua futura esposa não vai permitir a nossa amizade.

— Vocês têm notícia da Manuela? – pergunto curioso.

— A única coisa que sabemos é que ela embarca amanhã no início da noite – os olhos de Bia enchem de lágrimas. Dou um passo à frente e a abraço. Se há uma coisa que odeio, é ver Bia sofrendo.

— O que está acontecendo aqui? – Bárbara pergunta.

Bia fica tensa e desvencilha-se de mim.

— Estou chorando a morte do meu irmãozão. E dando meus pêsames ao senhor Rodrigo – Steban passa o braço pela cintura dela, protegendo-a. Eu amo a Bia como se ela fosse do meu sangue.

— Prometo que cuidarei bem dele, Ana Beatriz – Bárbara, para piorar a situação, a chama pelo nome completo.

— Até parece. Vamos, Steban. Se eu olhar mais um pouco essa “supiranha”, vou fazer uma paella de frutos do mar com a cara dela – Bia dá dois passos e para. — Diga-me uma coisa, Bárbara, não ensinaram a você a diferença entre se maquiar para uma festa e para um circo?

Bárbara já estava abrindo a boca para revidar, mas a calei.

— Não fala nada, Bárbara. Eu a proíbo de falar assim com a Bia.

— Mas amor, ela me provocou...

— Você quer ser minha mulher?

— É o que eu mais quero!

— Então entenda, não vá contra os meus amigos, eu não pensaria duas vezes antes de acabar com todo esse circo. Se eu souber que você teve mais algum atrito com ela, fique você sabendo que, independentemente de quem tenha errado, ficarei ao lado dela.

Bárbara me abraça.

— Tudo bem, amorzinho. Você é tudo o que importa para mim.

— Outra coisa, mude esse perfume. É forte demais – digo.

— Mas é francês!

— E? – não estou com saco para aguentar fricote de mulher mimada. Se ela pensa que sou como esses idiotas que se jogam no chão por uma mulher, está muito enganada. Aqui é a minha música que ela vai ter que dançar.

— Meu filho – ah, não! — Bárbara, me empresta o Rodrigo por um momento? – minha mãe puxa-me para o canto. — A que horas você fará o pronunciamento? Já está ficando tarde.

— Mãe, qual parte do “não pressione” a senhora não entendeu? Não sei se o farei, mas, se o fizer, decidirei a melhor hora.

— Rodrigo, você disse...

Levanto a mão para interrompê-la.

— A senhora quer que eu cancele?

— Não!

— Então estamos conversados.

Saio em direção ao terraço e fecho a porta para que não corra o risco de me acharem. Essa reuniãozinha é na casa dos meus pais. Essa varanda fica nos fundos, onde pode-se ver todo o pátio, o jardim e a piscina. Lá no canto, poderia colocar um playground, falta um trampolim na piscina e tiraria aquela cascata horrenda.

Percebo que não estou sozinho. Eu estou tão irritado que devo ter trancando alguém aqui fora comigo sem perceber. Olho para o lado e encontro a linda mulher que há meses habita os meus sonhos.

— Olá, Rodrigo – ela cumprimenta-me timidamente.

— Oi, Manuela – não consigo deixar de sorrir.

— Parabéns! Desejo a você tudo de maravilhoso que a vida pode oferecer. Você merece! – ela fala sinceramente.

— Obrigado. Eu não a vi lá dentro. Chegou agora?

— Não. Já faz algum tempo.

Viro-me para ficar de frente para ela.

— Sei que embarcará amanhã para os Estados Unidos. Desejo toda sorte e sucesso a você – *mesmo que a sua partida me mate por dentro, quero que seja feliz.*

— Obrigada! Desejo o mesmo a você. Ah, quase esqueci... – Manuela entrega-me uma pequena caixa. — O seu presente.

— Obrigado – abro e encontro um anel de ouro branco trabalhado em baixo relevo e frisos pretos. — É lindo, minha pequena. Eu sempre quis comprar um anel, mas nunca achei um do meu gosto. Esse aqui... esse é justamente o que eu procurava – nossos olhares se encontram. — Obrigado, Manuela.

— Assim que vi, não tive dúvidas. É a sua personalidade em forma de joia.

Coloco o anel que encaixa em meu dedo perfeitamente.

— Ficou bonito? – pergunto enquanto levanto a mão.

— Sim – encaramo-nos em silêncio por um longo tempo. Como se o feitiço tivesse quebrado, ela desvia o olhar. — Eu já tenho que ir. Posso dar um abraço de parabéns?

— Não precisava nem pedir – puxo-a para os meus braços e seu perfume golpeia-me sem piedade. Tudo o que sentia por ela renasce com força total. Essas sensações são tão intensas que não resisto e a beijo, ela corresponde. Pressiono o seu corpo ao meu e controlo o beijo segurando sua nuca. Respondo os seus gemidos com os meus. Céus! Que saudade dessa mulher. O beijo dela é pura luxúria, e eu quero me perder.

Com muita má vontade, separo minha boca da sua.

— Você está de carro? – pergunto.

— Sim...

— Então, vamos – pego sua mão e descemos as escadas do terraço rapidamente. Vou levá-la para o meu apartamento. Tenho que avisar alguém. Tiro o telefone do bolso, mas desisto ao lembrar que o meu irmão não me atenderá. Peço o de Manuela e ligo.

— Oi, Manu.

— Sou eu, Arthur. Estou indo para casa...

Ele me corta:

— Por que você está com o telefone da Manuela? – ele questiona.

— Ela está indo para casa comigo.

Ele fica em silêncio mais tempo do que eu gostaria.

— Você está bem, Rodrigo?

Sorrio ao olhar para Manuela.

— Muito bem, irmão.

— Divirta-se. Deixe as coisas por minha conta – agradeço-o e desligo o telefone.

Aumento os passos, mas os saltos de Manuela afundam no gramado, dificultando que me acompanhe. Jogo-a em meus ombros e atravesso os jardins quase correndo com a minha menina rindo e pedindo para descer.

— As chaves, pequena – ela entrega a sua pequena bolsa para mim e pego o que quero.

Fazemos todo o percurso em silêncio. Se eu abrir a boca, corro o risco de estragar esse momento. Então mantenho silêncio e seguro sua mão, beijando-a sempre que posso. Estaciono na garagem do meu prédio e dou a volta para abrir a porta para ela. Quando Manuela sai, encosto-a no carro e a beijo desesperadamente. Eu a desejo como nunca desejei alguém em toda minha vida! As portas do elevador abrem, e eu a puxo comigo. Assim que fecho a porta do apartamento, pego-a no colo e a levo para o seu lugar de direito, a minha cama.

Tiro a sua roupa e adoro o seu corpo com as minhas mãos e boca. Ajoelho-me e tiro os seus sapatos, beijo os seus pés e acaricio as suas pernas com devoção. Baixo a sua calcinha, beijo o seu monte entre as pernas e subo pela a sua barriga, fazendo uma trilha úmida de beijos. Se eu esperar mais um pouco, explodirei. Levanto e tiro a minha roupa o mais rápido que posso. Deito Manuela na cama e me coloco sobre ela, beijando-a.

Beijo o seu pescoço, depois desço para os seus deliciosos seios. Chupo cada mamilo, dando a atenção devida até ficarem rijos. Passo a língua pelo seu estômago, contorno o seu umbigo e abro as suas pernas. Beijo a parte interna de suas coxas, sua virilha e chego em sua doce boceta. Ela geme e se contorce sob o meu ataque. Penetro dois dedos e sincronizo com a minha língua até Manuela gritar de prazer. Assim que ela goza, subo

e beijo sua boca para que ela sinta o seu gosto em meus lábios.

Levo as suas mãos até as argolas da cabeceira e, em um pedido silencioso, ela as segura. Coloco-me entre as suas pernas e a penetro com o meu pau, tomando conta de seu corpo enquanto Manuela toma conta da minha alma. Quanto mais força faço, mais ela geme e eu bebo cada um, satisfazendo-me. Viro-a de bruços e acaricio as suas costas até que ela empine a sua bunda tão linda. Entro nela por trás e trago seu corpo para encaixar no meu. Puxo seus cabelos para colocá-la onde quero, belisco os seus mamilos, beijo seu pescoço e sua nuca. Tão responsiva a minha menina.

Aproveito-me de Manuela a noite toda sem trocarmos nenhuma palavra e caímos no sono com os primeiros raios do sol. Ao contemplar Manuela exausta em meus braços, descubro que é isso que quero para mim... quero essa mulher para mim... para a vida inteira. E, com esse pensamento, adormeço.

Quando acordo, sinto o frio da sua ausência. Procuro aquele corpo macio, mas encontro um bilhete de despedida em seu lugar.

Obrigada pela noite maravilhosa. Desejo toda a felicidade em seu casamento. Eu jamais o esquecerei.

Manu.

Decepção não é a palavra correta, é fraca demais. Estou machucado e de coração partido. Como ela pôde fazer isso? Levanto, faço a minha higiene e vou para a sala somente com a calça do pijama. Sento para tomar café e encontro Joana com os olhos inchados e vermelhos.

— Bom dia, Joana.

— Boa tarde, seu Rodrigo.

Boa tarde? Olho para o relógio sobre o balcão e vejo que já passou de uma hora da tarde.

— Quando você chegou, Manuela ainda estava aqui? – pergunto enquanto ela coloca a xícara de café à minha frente.

Ela funga. Ah, não, outra pró-Manuela?

— Sim, senhor. Ela saiu um pouco antes do meio dia. Não quis comer nada e disse que estava atrasada.

Querendo fugir da tristeza, pego a minha xícara de café e vou para o terraço. Sento na cadeira que um dia a amarrei e, com o bilhete na mão, tomo o café que hoje está especialmente amargo. Eu sou muito idiota mesmo. Não acredito que passava pela minha cabeça que ela largaria todo o seu sonho profissional para ficar comigo. Manuela não é dessas, é mulher de negócios. Para essas mulheres, os sentimentos mais fortes são o poder e o tesão.

Arrumo-me e vou para a empresa, mesmo que eu esteja desolado, o mundo continua a girar. Chego à construtora e evito conversar o máximo que posso. Passo pela mesa de Duda e vejo uma das recepcionistas do andar térreo. Vou até a sala de Arthur, mas está vazia. Quando volto, pergunto a ela:

— Sara, sabe o paradeiro da Maria Eduarda e do Arthur?

— Não, senhor Castro. Ela deixou alguns nomes de pessoas que eu deveria passar a ligação para o senhor e disse que logo estaria de volta.

— Obrigado.

Duda jamais sai sem um bom motivo. Tiro o terno e sento-me em frente à mesa de desenhos e lá desligo-me do mundo. Sem conseguir me concentrar, giro o anel em meu dedo. Ele me lembrará todos os dias que nem tudo o que queremos podemos ter. Meu foco agora é o trabalho, tenho novos projetos em mente e chegou a hora de colocá-los no papel.

Depois de não sei quanto tempo, Arthur entra na minha sala.

— Eu preciso que você dê uma analisada nesse projeto para ver se os números são esses mesmo. Que cara é essa?

— A única que tenho. Onde você e Duda se meteram?

— Fomos nos despedir da Manu no aeroporto.

Passo a mão pelo meu cabelo e suspiro.

— Como ela estava?

— Bem – ele dá de ombro. — Um pouco abatida. Eu não deveria me meter, mas tenho que falar. Achei que vocês se acertariam. Caralho, Rodrigo! Você deixou sua festa de aniversário e o possível noivado para trás por causa dela. Achei... achei que ela ficaria.

— Não a Rainha do Gelo- resmungo. — Eu também achei a mesma coisa, Arthur. Mas a carreira profissional vem antes mesmo da saúde dela.

Ele passa a mão pelo cabelo frustrado.

— Pensei que ela estava indo embora pelo que aconteceu no hospital. Sei que aquilo mexeu com ela.

— Que hospital? – pergunto.

— Quando você se acidentou.

A pancada na cabeça deve ter sido grande, porque eu não sei do que ele está falando.

— Você terá que ser mais detalhista, irmão. Porque, até onde sei, ela não foi ao hospital, coisa que nunca entendi, por mais que me odiasse naquele momento, eu esperei que ela se mostraria superior e me visitaria.

Arthur encara-me perplexo.

— Quando acordou, não a viu lá?

— Vi você, o pai, a mãe, o médico e as enfermeiras...

— Puta que pariu! Manuela estava lá quando você fez a porra do anúncio de que assumiria a Bárbara – ele explica.

— Ela estava?

— Quando você se acidentou, o hospital ligou para ela. Manuela correu para lá e passou a noite acordada tentando falar com alguém para avisar nossos pais. Inclusive, ela foi ao seu apartamento para buscar algumas coisas para você e voltou ao hospital. Manuela se manteve naquela poltrona a noite toda. Uma das enfermeiras nos contou que ela falava em seu ouvido cada vez que você se agitava.

Ando pela sala tentando assimilar toda aquela informação. Eu não a vi, mas lembro-me da voz. Era ela... Como não me dei conta disso?

— Por isso você me ignorou todo esse tempo? Achava que eu tinha a visto ali e feito para me vingar? – pergunto ao meu irmão.

— Sim.

— Arthur, eu não a tinha visto. Para mim, ela nunca estivera ali. Quando recuperei a consciência, pensei: por que correr atrás de alguém que não me quer? Então cheguei à conclusão de que casar com a Bárbara e constituir uma família poderia ser a melhor opção.

— Você realmente acredita nisso? – ele pergunta chocado.

— Sim.

— Eu o amo demais para apoiar uma loucura dessas – Arthur fala indignado. — Mas sou seu irmão, então, se em algum momento você quiser fugir, me liga. Estarei mais que disposto a ajudar.

Nos abraçamos como há muito não fazíamos.

— Se você não estiver comigo, acho que não conseguirei. Já não tenho Manuela – se soubessem o quanto dói...

— Estaremos juntos, sempre!

Capítulo 24 – Manuela



Amo o frio, mas isso aqui é demais. Brasileiro não nasceu para viver na neve, minha gente! Estou curtindo Nova York há mais de trinta dias. Aqui é o lugar onde tudo acontece, o sonho de todo executivo. Vim a convite de uma empresa parceira da Ideals para reorganizar a companhia que caiu no colo dos filhos logo que o pai morreu. O presidente da Ideals, Richard Stevenson White, é americano, pelo nome vocês não adivinhariam nunca, falem a verdade.

Estive por aqui algumas vezes, mas a negócios, em breves visitas. Agora, morar aqui é um luxo. A empresa se encarregou de tudo para a minha chegada. Estou hospedada em um apartamento do Richard que fica na Quinta Avenida, de frente para o Central Park. Já conheci pessoas e sai algumas vezes, tenho aproveitado meus momentos de folga para passear.

Antes que me perguntem se vou correr no Central Park, esqueçam! Só vou ao famoso parque caminhar, se preciso tomar decisões importantes ou apenas esfriar a cabeça. Mas, nos últimos dias, tenho me sentido muito mal, devo ter comido alguma coisa que não caiu bem. Tenho vomitado constantemente, um mal-estar interminável, a fraqueza é tanta que quase desmaiei no escritório ontem. É por isso que estou aqui nesse consultório hoje. Vim para que o médico me desse um remédio, estou há dias sem me alimentar e coloco para fora o pouco que como.

— Senhorita Vasconcelos, seus exames ficaram prontos.

— Pode falar, doutor, só não faça rodeios. Deve ser só uma virose ou qualquer coisa desse tipo, não é? – tem que ser.

— Você mora sozinha aqui em Nova York? – os médicos e seus rodeios.

— Sim. Vamos, doutor, desenrole.

— Você está grávida, Manuela. Está de mais ou menos sete semanas.

— Estou o quê? – aponto para o meu ouvido. — Acho que fiquei

surda.

O médico sorri.

— Você terá um bebê.

Abro a boca para falar, mas nada sai. A enfermeira entra e entrega-me um copo com água enquanto o afere minha pressão. Quando volto a ser uma pessoa normal, faço outro papel de ridícula.

— Existe alguma possibilidade desse exame estar errado?

Ele me olha com humor.

— Existe alguma possibilidade de há sete semanas você não ter feito sexo sem preservativo?

— Fodeu! – enterro o rosto entre as minhas mãos.

— Literalmente! É assim que os bebês são feitos – o médico emenda.

— O senhor está vendo alguém rir aqui, doutor? Eu não – falo irritada.

— Desculpe, senhorita. Vi que foi um choque para você.

Saio do consultório antes que eu mate aquele infeliz. Durante o caminho para onde estou hospedada, tento digerir a notícia de que estou grávida. E agora? Nunca pensei em casar ou engravidar. Pior do que estar grávida, é estar grávida do Rodrigo. Assim que chego em casa, deito no sofá e apago.

Acordo com um daqueles enjoos horríveis, olho-me no espelho e me assusto com o que vejo. Pois é, meu bebê, se você ver a cara da sua mãe nesse momento, não vai querer sair daí nunca. Por isso a sensibilidade nos mamilos, meus seios andam um pouco doloridos e sinto-me inchada.

Gravidez não é o que eu queria no momento, não fazia parte dos meus planos, mas aconteceu, agora há alguém dentro de mim. Passo a mão pela minha barriga. Estou feliz, não há questionamentos do tipo: por quê, meu Deus?, O que farei?. Sou adulta e minha vida é bem resolvida. Minha única preocupação é se serei uma boa mãe.

Bia e Duda vêm em minha cabeça, elas vão mimar essa criança como se fosse delas. Bia vai ensinar todo tipo de palavrão e modos de responder alguém à altura. Duda vai enfeitar como uma boneca. Arthur será um tio babão, Steban será um homem perdido, mas não duvido que vá amá-la

como sobrinha. E o seu pai... Nesse instante, toda a história dele com Débora cai em mim como um soco no estômago. Meu enjoo piora e coloco para fora até aquilo que nunca coloquei para dentro.

Tenho que decidir o que fazer para tomar as providências necessárias. Posso continuar a morar aqui sem que ninguém saiba de nada ou posso voltar e ter essa criança perto de pessoas que a amarão incondicionalmente. Não há dúvidas quanto a isso, agora não é apenas EU, agora somos NÓS! Ligo para Richard e Marilyn, sua esposa, e explico tudo. Eles recebem a notícia tão bem como se fossem parte disso.

Posteriormente, ligo para os meus pais para prepararem o meu quarto. Não há nada melhor que um papo de mãe para filha quando a filha será mãe. Em seguida, ligo para as meninas, avisando que estou voltando para o Brasil, mas ficarei um tempo com os meus pais. Não ligarei para o pai desse bebê. Ainda não! Em algum momento, contarei a ele, mas não agora.

Começo a providenciar a minha volta para casa. Indo à cozinha para comer, sorrio ao pensar na criança dentro de mim e paro abruptamente. Jesus Cristo! Eu serei mãe! Saio correndo para o banheiro para vomitar... novamente.

* * *

Demorei três dias para organizar tudo no escritório e mais três para arrumar minhas coisas e despachar. Meu coração pesa por deixar meu sonho, mas estou feliz porque tenho um novo projeto, ser mãe. Só de lembrar que tem um bebê aqui abro um sorriso. Sinto-me mais bonita e, tirando o mal-estar, tudo está mais agradável. Admito que não tinha vontade de ser mãe até a consulta, mas, depois que soube, acho que nunca quis tanto uma coisa em minha vida.

De volta ao Brasil, desembarco em Porto Alegre e toda a minha família me espera no aeroporto. Muito choro da parte da minha mãe, muitos abraços por parte das cunhadas e muitos beijos por partes dos sobrinhos. Será que eles sentem que há algo diferente?

Depois de tomar um bom banho e descansar, chega a hora de conversar com os meus pais. Encontro-os na mesa tomando café da manhã. Café da manhã? Quantas horas eu dormi? Isso já não é sono, é desmaio.

— Sente aqui, Manu, você precisa se alimentar direito. Fiquei espantada quando a vi abatida dessa maneira – minha mãe fala com aquele

olhar estranho.

— Oi, pai – beijo-o no rosto.

— Oi, minha filha. Descansou?

Minha mãe coloca um prato de bolo à minha frente.

— Descansei, sim. Não dá para comer, mãe. Eu não ando passando bem.

— Eu sei – novamente aquele olhar.

— É melhor abrir o jogo de uma vez – falo. — Estou grávida!

— Eu sei – meu pai e eu a olhamos enquanto a senhorinha continua a tomar o seu café tranquilamente.

Essa coisa de mãe pressentir as coisas é verdade. A minha mãe sempre teve pressentimento quando se trata dos filhos. Quando ela chega com um papinho de “sonhei com você, o que anda acontecendo?” Ela sabe o que está acontecendo, só quer que a gente confirme. Ela volta a falar:

— Minha filha, nada tiraria você daquele lugar se não fosse tão sério. Cada vez que você ligava dizendo que seu estômago não estava bem, minha certeza só aumentava – ela se levantou e veio até mim de braços abertos. — Parabéns, meu bebê. Nada é tão especial como ser mãe e nada é tão precioso quanto um filho.

Sinto-me tão protegida e então, choro. Esses hormônios acabam com a gente.

— Obrigada, mãe. Eu tento ser forte para que o meu bebê saiba que a mãe dele fará qualquer coisa para protegê-lo. Mas, às vezes, a insegurança e o medo são mais fortes que eu.

— Isso é ser mãe, querida – ela beija-me no rosto. — Você será uma ótima mãe.

Meu pai me abraça forte.

— Nenhuma criança será tão esperada quanto essa, minha Nequinha.

— O que eu faria sem vocês? – deito a cabeça em seu ombro e recebo conforto. — Estou tão perdida, não sei o que fazer.

Minha mãe é sempre muito direta.

— Já contou ao pai?

— Não – respondo insegura.

— Então conte o mais rápido possível. Todo homem tem o direito de saber que é pai. Você vai nos contar quem é? – eu aceno afirmativamente com a cabeça. — É o tal que saiu nas notícias com você?

Encaro-a de boca aberta.

— Como a senhora sabe?

— Pelos olhares apaixonados dos dois – Quê? De onde ela tirou isso?

— Não estamos apaixonados.

Minha mãe ri juntamente com o meu pai.

— Jovens!

— Aff! – reviro os olhos.

— Nada de aff para sua mãe, mocinha! E nem sobrancelha levantada.

Pais!

— Ele vai se casar – falo baixinho.

Minha mãe segura a minha mão.

— Tudo acontece por um motivo. Se o caminho de vocês foi separado pelo destino ou pela teimosia, agora não importa. Vocês terão um filho e isso é mais importante que tudo.

Volto para o meu quarto para pensar. Tenho que criar coragem para contar ao Rodrigo, mas e se ele pensar que é um golpe? A louca da mãe dele é capaz de colocar isso nos jornais para que eu seja apedrejada em praça pública. Não vou permitir que ela ou qualquer um faça mal ao meu bebê.

Ao completar oito dias no Sul com a família pensando no que fazer e como fazer, decido voltar ao Rio. Minha vida se resumiu a comer, vomitar, dormir, vomitar, vomitar, comer e assim por diante. Quero muito rever os meus amigos, sinto muitas saudades, acho que já chegou minha hora de ir. Reservo minha passagem para daqui a dois dias, ligo para a Célia limpar o apartamento para mim e telefone para as minhas lindas para me pegarem no aeroporto. Tudo pronto, tudo certo, agora é só criar coragem para contar ao Rodrigo. Corro para o banheiro...

* * *

— Ai que saudades de casa! Saudades de vocês! – olho para os meus amigos que tanto amo. Bia, Duda, Steban e Arthur.

— Você vai nos contar o que a trouxe de volta ao Brasil? – Steban com aquele olhar investigativo questiona-me.

Suspiro e sento-me na poltrona da minha sala .

— Estou grávida.

Primeiro ato: bocas abertas e perplexidade. Segundo ato: palmas, risos, parabéns e abraços. Terceiro ato: meu choro compulsivo. Arthur vem embalar-me em seus braços e, quando paro de chorar, ele pergunta:

—Vou ser tio? – mais lágrimas caem enquanto eu afirmo com um aceno. — Quanto tempo?

— Nove semanas. Essa semana terei que marcar uma consulta médica e fazer minha primeira ultrassonografia...

Bia interrompe-me.

— E contar para o pai.

— Pois é – falo sem convicção.

As conversas giram em torno dos planos para essa criança. Eu não tinha dúvidas quanto a voltar para cá, meu bebê estará perto de quem o amará e o apoiará. Ri muito e não comi quase nada, apesar da comida que a Duda fez estar deliciosa. Recebi muito carinho, atenção e lágrimas caíram novamente. Estou desidratando.

Bia abaixa-se à minha frente.

— O que foi, querida? Não chore – ela seca as benditas lágrimas.

— Desde que eu descobri que serei mãe, eu não paro de chorar. Conformem-se – falo entre riso e choro.

Todos riem e Duda fala:

— Temos que começar a nos revezar aqui, Bia.

Oi? Começaram a fazer planejamentos sem nem ao menos me perguntar o que acho. Paro a conversa das comadres.

— Ei. Nada de revezamentos. Estou muito bem, voltarei a trabalhar na segunda-feira...

Um “não” em coro se forma e volta toda aquela confusão. Todo mundo falando ao mesmo tempo, deixando-me tonta. Senhor, como falam! Steban cala todo mundo.

— Acha mesmo que é uma boa ideia voltar a trabalhar, Manu?

— Sim, é. Gravidez não é doença e minha vida vai continuar normal até quando for possível. Só peço que mantenham segredo – falo esperando compreensão.

— Podemos conviver com isso, Manu. Mas viremos mais vezes aqui, querendo você ou não. Quando estiver conosco, a mimaremos. Conforme-se também! – diz Bia.

— Combinado! Agora vão me contar como estão? Estou vendo quatro carinhas felizes. Pelo jeito, tudo certo no paraíso.

Duda me interrompe.

— Manu, tem preferência por obstetra? Tenho a lista desses que são altamente recomendados.

Olho a lista e reconheço um nome, doutor Jorge, é o obstetra da Elisa, ouvi muitos elogios sobre ele. Aponto o nome para Duda e, em poucos minutos, tenho uma consulta marcada para segunda-feira à tarde. Pessoa eficiente é outra coisa. Observo Arthur, que só tem olhos para a doce Duda. Isso vai dar em casamento e a Maria I, a louca, terá um infarto. Duda me dá um copo com água e senta da mesma maneira que Bia, aos pés de seu dominador.

Para nós, sentar aos pés do dono é um símbolo de devoção. Existe toda uma simbologia em torno dos gestos, sentar aos pés não demonstra rebaixamento, e sim que ele é seu apoio a todo tempo. Se você virar, vai escorar as costas em suas pernas, se for levantar, usará suas pernas como apoio. O dono gosta de tocar sua posse em todos os momentos, um carinho, uma carícia. Então, quando ver uma mulher sentada aos pés de um homem e perceber que é uma submissa, não faça pouco-caso dela. Porque, diante de você, está a relação mais íntima a que os seres humanos podem alçar.

Arthur acaricia os cabelos de Duda e responde:

— Nós estamos muito bem – só aquelas carinhas já respondem tudo.

— Vocês não sabem como fico feliz em vê-los bem.

Bia e Duda pulam sobre mim e gritam:

— Estamos mais felizes ainda por sermos tias!

Eram mais de nove horas da noite quando eles resolveram ir para casa. Minha noite foi bem tranquila, acredito que o medicamento que o médico americano receitou está ajudando. Logo que levanto da cama, vou para a varanda com um copo de *Soda Limonada*, que, segundo os médicos, ajuda muito a manter alguma coisa no estômago. Minha campainha toca. Será que essas meninas caíram da cama? Elas terão que aprender a se controlar.

De camisola e um roupão de malha, cabelos desarrumados e cara amassada, atendo a porta.

— Bom dia, Manuela – Rodrigo está com uma cara de poucos amigos, mas está mais lindo do que nunca. Veste uma calça jeans e uma camiseta da cor dos seus olhos. Eu devo estar muito estranha, porque ele entrou e fechou a porta, pegou-me pelo braço e fomos para o sofá. — Você está bem? – fico encarando-o. O homem é lindo demais, e ele tem essa coisa de macho alfa que... — Por favor, fale comigo.

Balanço a cabeça para voltar à realidade.

— Desculpe-me. É que eu não estava esperando ninguém e estou com essas roupas – as benditas lágrimas aparecem do nada. — Toda despenteada e amassada. Estou muito feia...

Ele senta ao meu lado e passa os braços pelos meus ombros.

— Calma, pequena. Você é bonita de qualquer maneira.

Choro ainda mais.

— Não me chame assim – fungo como uma criança. — Vou me ajeitar, depois farei um café para a gente.

Ele abre aquele sorriso lindo, e eu me derreto. Viro-me e vou para o quarto para ele não ver como sou patética. Percebo que não está com aliança, mas usa o anel que lhe dei. Não estar de aliança não quer dizer nada... ou quer? Logo que cheguei ao Brasil, corri para internet para ver os babados da *high society* carioca, Rodrigo apareceu pouco, mas, sempre que o fazia, Bárbara estava a tiracolo. E todos escreveram a mesma coisa: *A futura senhora Rodrigo Alcântara e Castro*.

Depois de colocar um vestido decente, arrumar os cabelos e escovar os dentes, volto para a sala.

— Desculpe pelo drama. Eu ando muito sensível ultimamente.

Ele segura a minha mão e uma onda de calor invade o meu corpo. Estou... excitada?

— Eu acho bonito vê-la chorar, nos lembra que você tem sentimentos – ele ri, ficando ainda mais sexy. — Sensibilidade combina com você. Deveria usar mais vezes.

— Bobo – viro as costas e vou para cozinha. Alguém pode me dizer como uma mulher grávida que só vomita pode se excitar dessa maneira? Agora lascou tudo!

Faço café, pego alguns biscoitos e levo a bandeja até a mesa de centro na sala. Quando vou servi-lo, o cheiro do café me golpeia e corro para o banheiro. Depois de colocar minha alma para fora, — *só para que vocês saibam, nossa alma é verde* — lavo o rosto e, quando me olho no espelho, assusto-me com Rodrigo atrás de mim. Pois é, senhorita Manuela, agora você não tem para onde correr. Terá que contar ao Senhor Fodão que ele será papai! Escovo os dentes rapidamente e saio.

Encontro-o na sala sentado na poltrona de frente para o sofá, onde me sinto melhor em sentar. Ele olha-me sério, o infeliz está me analisando. Do nada, ele aperta meu mamilo e eu grito.

— Isso dói! Por que fez isso? – cruzo os braços para proteger-me.

— Tem alguma coisa para me contar, Manuela? – sua expressão é assustadora.

— E-eu estou grávida.

Ele empalidece e faz uma careta. Isso não é bom... não é.

— Você está grávida? Foi por isso que voltou ao Brasil? – ele se levanta e fala mais alto do que eu esperava. — E veio até o Rio para jogar na minha cara?

— Rodrigo, por favor...

Ele ignora-me.

— Desejo toda felicidade do mundo a você, a essa criança e ao pai dela. Adeus, Manuela.

Minhas lágrimas voltam a cair e as minhas forças me abandonam. Sentada, acaricio a minha barriga.

— Pois é, meu bebê, seremos você e eu contra o mundo!

Capítulo 25 – Rodrigo



Passei o final de semana remoendo a gravidez de Manuela. Chamei Bárbara para uma transa, mas meu pau não endurecia de modo algum. A Manuela sempre dá um jeito de acabar comigo, ela me tira do sério, da normalidade, a porra da mulher tira até minha ereção.

— Steban, ela está grávida. GRÁVIDA!

— Calma, Rodri...

Eu o corto:

— Calma o cacete! Como ela teve coragem de se deitar com outro depois daquela noite? Puta que pariu! Ela está grávida de outro filho da puta!

— Cara, ficar repetindo não vai mudar nada. Você perguntou o nome do cara? – não sei se gosto do Steban nesse momento. Para que diabos eu quero saber o nome do idiota?

— Quero mais é que ele se foda!

— Nos dê licença, Steban – olhamos em direção à porta para ver quem é a intrusa e lá está Manuela em um vestido justo azul e seus inseparáveis sapatos de salto alto. Ela caminha com um olhar estranho, até parece que quer me devorar.

— Ok... hum – meu amigo limpa a garganta. — Você está bem, Manuela?

— Estou bem. Obrigada, Steban.

— Então, devo esperar na recepção? – ele pergunta para ninguém enquanto caminha para fora da minha sala.

Logo que ele sai, Manuela tranca a porta e fecha as cortinas, deixando a sala iluminada somente pelo brilho da televisão no outro extremo. Muito surpreso e um pouco assustado com a sua atitude, ajeito-me na cadeira e a questiono.

— O que está acontecendo, Manuela?

Ela aproxima-se, debruça sobre mim e diz:

— Mulheres grávidas têm desejos e o meu é você! – ela me beija, levando-me em seu jogo. Vamos ver até onde a mamãe vai? — Rodrigo...

Essa voz é como droga e acende algo dentro de mim. Trago-a para o meu colo, sentando-a de pernas abertas. Continuando o nosso beijo louco, esfrego seu clitóris por cima da calcinha que já está encharcada. Tiro seu vestido, seu sutiã e chupo seus mamilos. Sei que estão sensíveis, tenho o máximo de cuidado.

— Como senti a sua falta, gostosa... – ela geme e puxa os meus cabelos.

— Beije-me...

Ajeito-me na cadeira para abrir a minha calça, coloco a sua calcinha de lado, e ela desliza no meu pau sem aviso. CARALHO! Vou acabar gozando. Ela geme enquanto cavalga e pede por mais. Chupo, mordo e passo a língua sobre a marca que faço em seus seios. Estou perto de gozar, mas quero que ela venha comigo. Esfrego o seu clitóris, e ela explode em um orgasmo intenso, ordenhando o meu pau, levando-me a gozar também. Manuela deita a cabeça em meu ombro e ficamos assim até as nossas respirações voltarem ao normal. Que loucura foi essa?

— Posso usar seu banheiro? – ela pergunta depois de invadir o meu escritório e praticamente me estuprar.

— Sim.

Sem mais, ela sai de cima de mim e vai para o banheiro. Sai de lá cinco minutos depois como se nada tivesse acontecido. Abre minhas cortinas e abre as janelas para aliviar o cheiro de sexo no ar.

— Obrigada pelos seus serviços, Senhor Fodão.

Saio da minha cadeira arrumando a calça e a seguro pelo braço antes de sair.

— O que foi isso, Manuela? Por que você veio atrás de mim? Deveria ter ido atrás do pai dessa criança.

— Meu desejo era comer você. Nunca falaram que não se pode negligenciar os desejos de uma grávida? – ela altera sua voz e lágrimas caem. Ah, meu Deus. O que eu fiz?

— Eu não queria te chatear, Manuela.

Ela sai sem olhar para trás. E aqui fico eu com a calça na mão sem

entender absolutamente nada. Isso é normal? Tenho que pesquisar. Vou para o computador e digito no navegador: o que esperar de uma mulher grávida? Fiquei abismado com o pouco que li. Os homens sobrevivem a isso? Como?

Nesse instante, Steban entra questionando-me.

— O que você falou para ela, seu idiota?

— Nada!

— Então, por que ela saiu chorando?

— Ela entrou, te expulsou e fechou as cortinas. Me beijou, sentou no meu colo e me fodeu. Foi quase um estupro. Depois de gozarmos, perguntei o porquê daquilo, ela começou a chorar e se foi. E, pelo que estou lendo aqui, mulher grávida é uma montanha-russa de hormônios.

— Foda. Ela contou quem é o pai? – ele pergunta com uma expressão estranha.

— Não – eu não quero saber, porque, o dia que isso acontecer, acabarei com a raça dele.

* * *

Passei a noite pesquisando sobre mulheres grávidas. Eu não tenho nada a ver com a vida dela, mas eu preciso entender o que ocorreu ontem. Se ela se deitou com o cara, é porque gostou dele, não é? Então, deveria ter ido até o imbecil, e não até mim. Mas foi bom saber que ela ainda me deseja. Agora estou com sono e essa tarde não acaba nunca.

— Rodrigo.

Arthur entra com pressa, coloca o seu celular à minha frente e um som desconhecido soa.

— O que é isso? – pergunto. — Parece som de coração, mas bate rápido demais.

— Só vou lhe dizer porque acho que você tem o direito de saber. Esse som... – ele aponta para o aparelho. — É o coração do seu filho.

— Do meu o quê? – fico confuso, até meio tonto. Que filho? Nem estou fodendo, como posso ter um... espera. — Manuela está grávida de um filho meu?

— Sim, irmão. Eu vou ser tio!

Levanto e ele me abraça. O som do coração do meu filho ocupa toda a minha sala, ocupa toda a minha vida. Eu não lembro a última vez que chorei, se é que algum dia chorei. Mas não existe nada que se compare ao som do nosso filho. Recomponho-me e já alcanço as minhas coisas para sair.

— Onde ela está?

— Deve estar no shopping com a Bia. Ligue para a Bia e não para Manuela para confirmar o paradeiro delas. E vá cuidar da mãe do seu bebê.

Saio correndo e encontro a Duda no corredor, pego-a no colo e a giro.

— Eu vou ser pai!

Ela ri.

— Eu sei. Parabéns!

Minha vontade é gritar aos quatro ventos que serei pai.

— Vou ser pai – digo isso a cada funcionário e colaborador que encontro pelo caminho, todos riem e me felicitam. Ligo para Bia e descubro que estão em um dos shoppings da Barra da Tijuca. Sem perder tempo, corro para o carro. Quero a mulher que amo e o meu filho... Eu a amo? Céus! É claro que amo. Se já era louco por ela antes, agora eu sou desvairado. Eu vou ser pai!

Entro no shopping e quase corro pelos corredores em direção à praça de alimentação. A hora que liguei para a Bia, ela disse-me onde encontrá-las. Ainda me informou que seus enjoos melhoraram e que ela sente mais fome agora. Darei a ela absolutamente tudo o que quiser. Saber que Manuela está grávida de um filho meu é a confirmação de que nascemos um para o outro.

Elas estão em pé conversando com uma senhora que se despede e sai. Aproximo-me e beijo Manuela na boca desesperadamente. Ouvimos palmas, risos e assobios. Estou tão eufórico que viro para a concentração de pessoas e grito:

— Eu vou ser pai! – mais aplausos e assobios. Olho para Manuela. — Eu sou louco por você, pequena – e volto a beijá-la. Não me contenho, abaixo, levanto sua blusa e beijo sua barriga. É surreal.

Levanto e Bia me abraça.

— Parabéns, papai! Eu amo tanto vocês dois, eu nem acredito que serei tia.

— Vocês já comeram? Você tem que se alimentar, Manuela – falo sério.

— Ainda não – Bia responde. Ela abraça Manuela. — Bom, vou aproveitar que você está bem acompanhada, mamãe, e vou para casa.

Assim que a Bia se vai, levo Manuela até a mesa mais próxima. Passo pelos principais restaurantes da praça de alimentação pegando cardápios para que ela escolha a sua refeição. Assim que ela o faz, providencio o seu alimento e volto a sentar para conversarmos.

— Por que não me contou que essa criança que você espera é minha? – tento ser o mais sutil possível.

— Eu estava com medo, Rodrigo.

Medo de que eu rejeitasse o nosso filho? Bom, pela minha reação, eu também teria.

— Estou muito arrependido daquela reação que tive ao saber que estava grávida. Não dei oportunidade para contar a mim ao explodir de raiva – alcanço a sua mão. — Quando acordei na manhã seguinte do meu aniversário, acreditei que tudo entre nós estava resolvido e então, você tinha ido embora. Fiquei ferido, achando que não representava nada para você. Passei dois meses de cão tentando esquecê-la. Então, você volta grávida. A minha vontade era arrebentar a cara do filho da puta que havia feito isso com você, porque deveria ser eu.

Ela baixa a cabeça e cruza as mãos em seu colo.

— Não é fácil para mim, Rodrigo. Você já passou por isso uma vez, e eu não queria que pensasse que estou interessada no seu dinheiro. Bens materiais não me importam, só quero um pai que ame o meu filho.

— Olhe para mim, minha menina. Você só quer um pai que ame o seu filho? Eu tinha esperanças de que você quisesse um homem louco por você também.

Ela ri entre lágrimas.

— Seu bobo.

Nesse momento, a refeição chega e a incentivo comer. Enquanto almoçamos, conto sobre os clientes que perguntavam sobre ela e sobre

algumas situações engraçadas com Arthur, como os funcionários pegarem Maria Eduarda e ele aos beijos. Em certos momentos, percebo o seu olhar de fome, mas não de comida. Manuela olha-me como se quisesse me devorar. Li que, em algumas mulheres, a libido pode ser mais intensa que antes. Por isso, aquele dia a mulher praticamente me estuprou. Se eu gostei? Não, eu adorei!

Após comermos, fomos para o meu apartamento. Precisávamos conversar sobre a nossa vida e matar saudade. Percebo que Manuela está excessivamente sensível, coisa que é difícil imaginar. Assim que chegamos ao meu apartamento, sentamos no sofá da varanda para vermos o fim da tarde. Ficamos em silêncio curtindo um ao outro.

— Que tal você vir morar comigo, Manuela?

Ela olha para mim surpresa.

— Eu não acho uma boa ideia...

— Eu acho. Assim, eu acompanharia a gravidez, fora que é perto da construtora e Joana estará aqui para auxiliá-la. Arthur mora aqui perto e...

— A Ideals fica longe daqui.

— Você trabalhará mais um ou dois meses, Manuela. E, para isso, terá um motorista à sua disposição. Tenho oito motoristas na empresa, escalarei um para você. É bom que será também seu segurança.

— Mister exagero, segurança para quê? Defender-me da sua doce mamãe? – ela coloca a mão na boca. — Por favor, perdoe-me. Eu não queria falar isso. Eu queria, mas não queria que saísse assim...

— Calma! – falo rindo. — Eu sei que a minha mãe não é fácil. Dela eu me encarrego mais tarde. Minha prioridade é você e o nosso filho.

— Ou filha – ela complementa.

— Também, desde que venha com saúde – levanto-me e a pego pela mão — Vem, vamos tomar um banho.

Fomos para o quarto e assistimos um ao outro se despir. Mulheres grávidas são bonitas, têm luz própria, e Manuela tornou-se ainda mais linda. Abaixo-me diante dela, acaricio e beijo a sua barriga.

— O papai vai dar banho na sua mamãe. Se algo de estranho aparecer por aí, não se assuste. É o papai fazendo a mamãe feliz.

Ela dá uma risada deliciosa.

— E o Senhor Fodão ataca novamente. Sério, Rodrigo?

— Eu li que não machuca, mas não acredito.

Ela continua a rir sem parar. Como consegui viver tanto tempo longe dela?

— Certo, certo, garanhão. Cada vez que você me fode, seu pau sai pela minha garganta.

— Eu sou grande! – retruco.

— Ok, Kid Bengala. O banho sai hoje?

Pego-a pela cintura e entramos no banho. Trouxe comigo uma banqueta alta do barzinho da sala. Ligo o chuveiro e entramos sob a ducha de água morna, pois Manuela não gosta de água fria. Ela alcança o sabonete e começa a me lavar, aproxima-se do meu ouvido e diz:

— Tenho um desejo nesse momento.

— E qual é?

— Te chupar, mestre.

Ela abaixa-se sem tirar seus olhos dos meus. Com maestria, ela pega meu pau passa a língua no topo e vai o tomando na boca.

— Aaahh... Assim não durarei muito, menina.

Com uma de suas mãos nas minhas bolas e outra me masturbando, ela segue seu ritmo. Seguro os seus cabelos para ditar a velocidade com que ela me fode. Ela toma todo o comprimento em sua boca, levando até o fundo da garganta, engasga-se e isso me leva ao pico. Ela está me fodendo, literalmente. Eu não quero gozar em sua boca e peço para parar, mas ela não para, pelo contrário. Ela acelera e eu seguro seus cabelos mais forte.

— Aaah, sim. Manuela... Manuela... Manuela... vou gozar, gostosa – meu gozo vem sem demora, e ela toma tudo sem deixar nada cair.

Levanto-a e a coloco na banqueta. Agora é a minha vez de baixar.

— Coloque suas pernas em meus ombros e segure-se ali – beijo-a intensamente enquanto enfio meus dedos na sua boceta apertada. Ela geme. — Isso, minha pequena. Desço a minha boca em seu nervo sensível e o chupo. Seus gemidos me estimulam a intensificar o meu ataque. Aumento meu ritmo e logo ela goza. Ainda não estou satisfeito.

— Quando você se toca é o homem mais delicioso do mundo. Por favor, mestre. Masturbe-se para mim.

Jamais negarei um pedido de uma grávida. Encosto-me no box diante dela e começo a me masturbar. Ela fica deslumbrada a ponto de seus olhos brilharem com luxúria. Manuela umedece os lábios e diz:

— Por favor, mestre. Foda-me!

Não penso duas vezes, entro nela sem dar chance de respirar. Ela grita o meu nome sem parar, enquanto beijo o seu pescoço, chupo os seus mamilos e tomo a sua boca enquanto a fodo. Ela crava suas unhas em minhas costas, excitando-me ainda mais. Belisco o seu clitóris...

— Goze comigo, Manuela – e ela goza ao mesmo tempo que eu.

Manuela fica sem forças após o orgasmo e escora-se em mim. Tomamos banho e a levo para a cama. Cubro-a e vou colocar uma cueca, quando volto, ela já está dormindo. Visto um short e vou para a cozinha ver o que Joana deixou para comer. Retiro da geladeira uma lasanha, coisa que Manuela adora e, assim que ela acordar, esquentarei.

A campainha toca e apresso-me para abrir a porta antes que acordem a minha mulher. A portaria não permite ninguém subir sem ser anunciado. Quem será? Abro a porta e lá está Bárbara.

— Boa noite, amor – ela levanta uma bolsa que deduzo ser de roupa.
— Vim passar a noite com você.

— Não é um bom momento, Bárbara. Nós conversamos sobre isso, você tem que me ligar antes de vir. Não gosto de surpresas – a repreendo.

— Não vai me deixar entrar? – ela faz cara de choro.

— Não.

— Ai, amor. Desculpe, eu só queria fazer um agrado, afinal somos noivos.

— Não, não somos. Ainda não assumi compromisso nenhum – Bárbara arregala os olhos para algo que está atrás de mim. Não precisa ser muito esperto para saber o porquê. Eu a sinto quando está por perto e, cada vez que ela se aproxima, o meu corpo, por vontade própria, quer chegar até ela. — Como falei, Bárbara. Não é um bom momento.

Viro as costas e vou em direção a Manuela, que está com seu vestido, cabelos ainda úmidos e descalça. Ela faz parte desse cenário. Não caberia

outra pessoa em seu lugar. Achei que Bárbara ia embora, mas as mulheres não têm talento para passar por cima de alguma coisa, não. Elas gostam de dramas, choros, confusão.

— O que essa vadia está fazendo aqui, Rodrigo?

Olho para Bárbara desejando matá-la.

— Se eu não estou enganado, já a proibi de ofendê-la. Peça desculpas a Manuela – ordeno.

— Eu venho na casa do meu noivo e encontro uma... uma... mulherzinha aproveitadora e você quer que eu peça desculpas?

— Rodrigo, por favor – Manuela intercede por ela.

— Deixe-me corrigir a sua colocação, Bárbara – encaro-a com raiva.
— Você vem na casa de um homem sem avisar, xinga a mãe do seu filho e acha que não deve desculpas?

— Mãe do quê?

Passo meu braço pela cintura de Manuela.

— Mãe do meu filho, minha mulher... – digo.

— Como assim? – Bárbara se escora na parede mais próxima, pálida, olhando com descrença para nós. Depois de ter o seu tempo, ela se recupera e destila o veneno. — Acredita mesmo que ela está grávida? E que o filho é seu? Como você é idiota, não enxerga que é outro golpe? Essa aí deve ter trabalhado no mesmo prostíbulo que a Débora – Manuela fica tensa ao meu lado. Beijo sua cabeça e acaricio seu braço. Quero que ela sinta que nada do que a cobra diz me afeta.

Manuela se solta dos meus braços e vai em direção a ela.

— Quem sabe eu não sigo o conselho da dona Rosita. O que era mesmo, Bárbara? Assim que ele assumisse o compromisso, você teria que engravidar, porque foi assim que a Débora fez, não é? Conte a ele os seus planos com a mãe dele.

Bárbara começa a gaguejar palavras nada coerentes. Eu deveria ficar chocado, mas tendo minha mãe envolvida só me faz lamentar. Não quero Manuela nervosa, e nem batendo boca desnecessariamente.

— Já chega. Por favor, Bárbara, se retire.

— Vou falar com a sua mãe, ela não aceitará isso. E, quando você

cair em si, me procure – ela, enfim, sai.

Fecho a porta e ligo para a portaria.

— De hoje em diante, ninguém, além do meu irmão ou Steban, sobe sem minha autorização. Se isso acontecer novamente, eu despeço todos.

Olho para Manuela esperando ver lágrimas ou uma carinha triste. Mas a mulher está nua. Sim, nua! Andando em minha direção, ela fala:

— Fiquei excitada vendo o Senhor Fodão em ação.

Não estou chocada, estou assustado.

— Você não quer comer primeiro? – pergunto.

— Quero, por isso já estou sem roupa. Quero comer você! Ou ser comida, tanto faz – ela me puxa ao chão e ali transamos como loucos. Depois de nos comermos e descansarmos, levantamos e tomamos outro banho. Separados. Pelo andar da carruagem, os coelhos não terão chance nesse páreo.

Depois de jantarmos, ela vai responder alguns e-mails na sala enquanto vou para o escritório separar alguns papéis para levar amanhã. A vantagem de estar com alguém que é tão viciada em trabalho quanto eu é justamente essa, trabalhamos, cada um leva seu tempo e não há cobranças. Já na cama, voltamos a conversar sobre morarmos juntos.

— Ok, Rodrigo. Vamos combinar assim, eu venho morar com você como uma experiência. Meu apartamento continuará lá, ainda vou me encontrar com as meninas uma vez por semana lá e não quero motorista.

— O motorista não é negociável. Não permitirei que você grávida fique no trânsito se arriscando. Todo o resto, eu concordo.

— Eu não vou discutir – ela fala.

— É o mais sensato. Amanhã pela manhã, pegue as suas coisas no apartamento e volte para cá, quero-a em casa quando chegar. O motorista estará aqui com mais duas pessoas para ir ao apartamento e pegar o que precisa. Também não quero você fazendo força desnecessária.

— Sim, senhor.

— Reconheço seu sarcasmo, Manuela. Faço isso, porque você é incapaz de atender um pedido. As coisas têm que ser à sua maneira, o que me desagrada, já que você não se cuida.

— Eu não sou criança e, por favor, não me trate como uma inválida – ela reclama. — Boa noite.

— Tudo vai depender de você, anjo. Boa noite – logo ela cai no sono tranquila. Acaricio o seu rosto e seus cabelos. Eu sou louco por essa mulher, ela me completa. Tão diferente de mim, mas é perfeita para mim. E com esse pensamento, durmo.

Na manhã seguinte, tomamos café juntos, conversamos e sincronizamos as nossas agendas. Facilmente, Manuela e Joana se entendem em decidir as coisas da casa. Apresento a ela o seu motorista e os rapazes que vão ajudá-la na mudança, todos estão muito bem instruídos. Tive o cuidado de escolher um motorista que é segurança na empresa. Ela acha que é exagero, eu não acho. Ela já passou por aquele assalto, tudo pode acontecer. Prefiro prevenir do que remediar, ainda mais quando minha mulher e meu filho estão na jogada.

Vou para o escritório para trabalhar, o dia será cheio e agora, mais do que nunca, tenho que ganhar o leitinho das crianças. Tenho que começar a planejar os meus horários, pretendo chegar mais tarde na empresa e sair mais cedo. Nada de levar trabalhos para casa. Lá agora é o lar da minha família.

Gostei disso: a minha família.

— Bom dia, Duda – a cumprimento de ótimo humor.

— Bom dia. Como está nossa mamãe teimosa?

Sento em minha cadeira, Duda já vem com meu café para passar a agenda.

— A nossa mamãe está bem. Ela se mudará para o meu apartamento. Quero saber se aquela sala do canto está vazia e qual a condição dela, pois será a sala da Manuela. Ela trabalhará por um bom tempo, melhor que seja aqui perto de nós. Não gosto da ideia dela ter que ir à Ideals até parar de trabalhar definitivamente.

— Tudo bem. Hoje você tem...

Minha mãe escolhe essa hora da manhã para chegar. Entra em minha sala como se fosse a sala de estar da casa dela.

— Bom dia, mamãe. O que a traz aqui a uma hora dessas? – não lembro de vê-la levantar antes do meio dia. Algo deve ter acontecido.

— Mocinha, poderia nos dar licença? Tenho algo importante para discutir com o meu filho.

— Sim, senhora.

— Duda, sente-se, por favor. Mãe, a senhora não pode chegar aqui dando ordens, muito menos falando dessa maneira com os meus colaboradores. Até porque, aqui, a senhora é somente visitante. Tenho um dia cheio e minha agenda nesse momento é mais importante. Se quiser sentar-se ali – aponto para a cadeira ao lado da Duda. — E esperar eu terminar, será bem-vinda. Caso contrário, não poderei lhe escutar.

— Tudo bem. Eu aguardo – vejo a minha mãe engolir o seu orgulho.

Às vezes, sou obrigado a lembrar meus pais de que eles não têm autoridade em nenhum segmento da minha vida. Gosto que meus funcionários se sintam importantes, que sejam bem tratados como todo trabalhador deveria ser. Claro, isso não herdei dos meus pais, e sim dos meus avós, a quem devo tudo.

Duda e eu passamos todos os assuntos e compromissos. Organizamos os meus horários de maneira que fique livre do meio da tarde em diante. Ao terminar com Duda, volto toda a minha atenção à minha querida mãe.

— Em que posso ajudá-la, mãe?

— Fiquei sabendo sobre aquela mulher.

Continuo olhando-a com paciência. Não adianta discutir com ela.

— Que mulher? – pergunto fazendo-me de desinformado.

— Não tenho tempo para joguinhos, Rodrigo. Fiquei sabendo sobre a gravidez da Manuela.

— Ah, sim. Já imaginava que seria sobre isso. Veio parabenizar-me?

— Não. Vim para abrir seus olhos. Esse filho não pode ser seu, ela nem estava no Brasil e agora me aparece dizendo que está grávida? Por favor, só sendo muito burro para acreditar nisso.

— Não vou discutir com a senhora, hoje estou muito feliz para isso – digo.

— Rodrigo, esse filho não é seu, e ela não é mulher para você. É do mesmo nível da Débora, dá o golpe da barriga para viver às custas do pobre

coitado.

— É melhor a senhora se acostumar com a ideia de ser avó. Pode ser sua única oportunidade de ter um neto, já que Arthur não está muito motivado a casar e ter filhos. Não quero a senhora ofendendo a Manuela, ela é minha mulher e mãe do meu filho, tenha respeito. E mais, ela tem uma coisa que a senhora desconhece, caráter.

— Jamais aceitarei isso! Não os reconhecerei como Alcântara e Castro. E se você insistir, vamos lhe deserdar.

Solto minha melhor gargalhada.

— Desde quando começou a contar piada, mamãe? Deserde, faça esse favor a nós, por favor. Não preciso nem do nome e nem do dinheiro de vocês. Não sou rico, sou milionário! Graças a vocês, comi o pão que o diabo amassou. Enquanto estudava durante o dia, virei muitas noites trabalhando. Orgulho-me disso, tudo o que tenho é graças a mim. Se mudar o nome da construtora, o sucesso será o mesmo. Porque não foi o sobrenome que ergueu isso, foi o meu sangue e suor. Então, poupe-me dos seus devaneios.

Minha mãe baixa o tom de voz.

— Meu filho, se você quer tanto esse filho, tenho certeza que Bárbara o criará com carinho. Ou, quem sabe, você espere essa criança nascer para fazer o teste de paternidade.

Minha paciência está por um fio. Levanto e vou em direção à porta.

— Mãe, não vá por esse caminho. E, para mim, essa conversa já está encerrada. Se a senhora puder me dar licença, tenho muita coisa para fazer – abro a porta. — De hoje em diante, irei para a minha mulher e meu filho mais cedo.

Antes de sair, ela fala:

— Ela já fez sua cabeça, é inútil ficar falando sobre isso. Depois não diga que não avisei. Até mais.

Cresci praticamente sem pais e sobrevivi. Não serão meus filhos que sofrerão por falta de avós. Eles terão os pais de Manuela que, até onde sei, estão mais que feliz. Isso me lembra de um detalhe: eu não os conheço. Já que engravidei a sua filha, o mínimo que devo fazer é apresentar-me formalmente. Ligo para Duda.

— Duda, reserve duas passagens para Porto Alegre na sexta-feira que vem. Reserve também um carro parecido com o meu para o mesmo período.

— Sim, senhor.

Vamos nos organizar para ir ao Sul do país. Espero que Manuela goste da surpresa. No momento, só quero fazê-la feliz.

Capítulo 26 – Manuela



Quanto mais o tempo passa, mais pesada e cansada fico. São cinco meses e parece que estou de oito. Deito na rede que Rodrigo colocou para mim na varanda, é deliciosa. Começo a pensar na minha vida maravilhosa que tive nesses últimos meses. Estou quase pegando no sono quando a campainha toca. Tento levantar, mas sem ajuda está ficando quase impossível. Parece que tem uma ninhada, e não um bebê. Joana vem ao meu encontro com cara de poucos amigos.

— Quem é, Joana?

Ela faz uma careta.

— A mãe do seu Rodrigo.

Suspiro e vou em direção à sala, esse encontro já estava demorando. Eu a aguardava desde o dia em que Bárbara saiu daqui bufando.

— Boa tarde, dona Rosita. Como está?

Ela olha-me de cima a baixo com cara de desgosto. Realmente não esperava outra coisa.

— Poderia estar melhor, Manuela. E, pelo que vejo, você está muito bem instalada aqui.

Essa conversa será difícil.

— Joana, nos traga um café, por favor – sento-me na poltrona e aponto o sofá para ela. — Sente-se, por favor.

— Quantos meses?

— Cinco.

— Manuela, vou direto ao assunto. Quanto você quer para deixar meu filho em paz?

Fico olhando para ela, decidindo se dou risada ou solto os cachorros. A mulher é avó do meu bebê, consideração é o mínimo.

— Dona Rosita – falo pausadamente, escolhendo minhas palavras.
— Eu não quero e não preciso de dinheiro. Quanto a deixar o seu filho, o dia que ele me disser que não me quer mais, eu irei embora.

— Todo mundo tem um preço, quanto é o seu? Um apartamento, uma viagem pelo mundo, roupas caras, status?

Não me contive e ri.

— Eu não preciso disso. Tenho meu dinheiro, sou muito bem de vida. Tenho imóveis, carro, uma coleção de estilistas famosos que saio do Brasil para comprar e tudo isso com o meu dinheiro. Se a senhora acha que é um golpe, engana-se. Se eu não quisesse seu filho, poderia dar o mundo a essa criança. E, com isso, meu filho não precisaria carregar o fardo que é o sobrenome do pai.

Joana serve o café e deixa a sala.

— Eu não acredito que essa criança seja dele – a senhora tenta me ofender.

— Nisso, senhora, infelizmente não posso ajudá-la.

— A mulher perfeita para ele é Bárbara! Se você o ama, vai deixá-lo ir, porque é assim que o amor é. Eu dou o que você quiser para deixá-lo. Quando essa criança nascer, eles terão prazer em criá-lo.

Me engasguei com o café. Essa mulher é louca!

— Então, eu não sou boa para o seu filho? Por que, dona Rosita? Por que sou negra, não venho de uma família tradicional ou por que não sou fútil?

— Larga de besteira, menina, não me importo com cor. Para mim, você e Bárbara são iguais, a diferença é que ela tem berço e você não.

— Graças a Deus, somos muito diferentes. Orgulho-me de onde vim e de quem sou.

Ela se levanta.

— Quero deixar uma coisa bem clara, Manuela. Eu não faço gosto disso, nós não reconheceremos nem a você e nem ao seu filho como Alcântara e Castro.

— Faça-me esse favor, dona Rosita – a desafio. Levanto e vou até a porta. — Se a senhor me der licença, tenho mais a fazer do que ser

insultada.

A senhora sai sem nem ao menos se despedir. Fecho a porta e a fraqueza repentina tira-me o equilíbrio e escore-me na parede. Essa mulher trouxe uma péssima energia para a minha casa. Credo!, Joana vem em meu socorro.

— Me ajude a chegar no quarto, por favor – ela ajuda-me a deitar. — Joana, não conte nada ao Rodrigo. A última coisa que ele precisa saber é que a mãe dele é uma vaca do mal.

— Fique tranquila, Manu. Quer que eu traga algo para comer ou beber? Você está pálida. Quer que chame um médico?

— Não, minha flor. Só me deixe dormir.

— Tudo bem. Qualquer coisa, aperte o botão. Virei correndo.

— Obrigada.

Rodrigo instalou um sistema que, segundo ele e Arthur, chama-se “socorro da Manu”. Em todos os cômodos, há um botão que, quando acionado, faz barulho na cozinha e, como o escritório fica perto, também ouve-se lá. Resumindo: é um botão para deixar todo mundo em pânico.

Meus pensamentos voltam para a mãe de Rodrigo. Como pode uma mãe não se importar em conhecer o próprio neto? Por um momento, pensei que ia me pedir para tirar o bebê. É tudo tão diferente da minha realidade. Me sinto em uma novela mexicana.

No final de semana em que estivemos na casa da minha família no Sul, fomos tão bem acolhidos. Somos pessoas de classe média, meu pai batalhou muito para que todos nós tivéssemos profissão e dignidade. Minha família adorou o Rodrigo e jamais faria o que a mãe dele fez. Meu pai o pegou e disse:

— Eu não me importo com quem você é, não me importo se é rico ou pobre, o que importa é se você a ama e fará o meu bebê feliz. Ela está esperando o seu bebê, mas ainda é minha caçula, meu bebê. Se você a fizer feliz, você ganhará uma família que o acolherá de todo coração. Se você a magoar, vai encontrar Jesus Cristo mais cedo – os olhos de Rodrigo brilharam com admiração. Meus irmãos saíram com ele dizendo que iam testá-lo e voltaram todos felizes e fazendo planos para a próxima vez com o cunhado.

Mas o que a mãe dele me disse, “se você o ama, vai deixá-lo ir”, incomoda-me. Se ele quer Bárbara, eu sairei do caminho dele, eu o amo. Amo? Sim, amo! Como jamais amei alguém em toda a minha vida. Passando a mão na minha barriga, lembro-me que ele me deu o presente mais precioso, meu filho. Não tem como não amá-lo.

* * *

Três dias de reuniões, andar entre a Ideals na Barra e a construtora em Copacabana está me matando. Tenho a impressão de que a barriga está cada vez maior. Com quantos quilos essa criança pretende nascer?

— Boa tarde, Duda.

— Boa tarde, mamãe. Está pálida, quer alguma coisa?

— Água, por favor. O Rodrigo está ocupado?

— Está em uma reunião.

— Sabe se vai demorar?

— Acredito que sim, Manu. Acabaram de entrar e o projeto é grande.

— Tudo bem, vou para casa descansar. Só diga a ele que preciso dele em casa essa noite.

No caminho para casa, vou bolando uma noite excitante para nós dois. Com a gravidez, trabalho e viagens do Rodrigo, temos pouco tempo para desfrutarmos um do outro e, quando temos tempo, preferimos dormir. Triste! Hoje pensei em algo especial, falei para Joana que poderia ir para casa mais cedo. Assim, eu poderia fazer um jantar especial para nós, uma sobremesa que ele ama e uma surpresa.

Chego em casa, tomo um banho e coloco um vestido fino. Descalça, vou para cozinha, preparo um risoto de frutos do mar e uma salada de folhas verdes. Para sobremesa, faço brownie com calda de chocolate com avelã. Agora vou para o quarto preparar a surpresa. Espero que ele goste. Solicitei à portaria que, quando ele chegasse, me avisassem rapidamente.

Rodrigo tem uma rotina imutável quando chega em casa. Ele coloca suas coisas ordenadamente no aparador que está na entrada, vai para o quarto e lá toma seu banho demorado. É a mesma coisa todos os dias. Deixei tudo apagado e um bilhete sobre a cama.

Tome seu banho e me encontre na varanda.

Por favor, não demore. Preciso de você!

As luzes do terraço estão apagadas, o ambiente é iluminado por um caminho de velas. Ao final desse caminho, próximo ao pilar, sobre um confortável tapete, estou eu, em minha posição submissa. Ao meu lado, está uma mesinha com todos os acessórios que couberam. Cordas, algemas, *flogger*, cinto, entre outras coisas. Em meu pescoço está a coleira de sessão que sustento com orgulho.

Como estou de cabeça baixa, não o vejo, mas o sinto. Um arrepio de antecipação percorre meu corpo. Seus pés descalços entram em meu campo de visão, e ele acaricia os meus cabelos.

— Linda menina, olhe para mim – assim o faço. — Você está confortável com isso? Venho lhe poupando porque tenho receio pela gravidez – balanço minha cabeça em negação. — Fale comigo.

Quero que ele sinta exatamente o que quero lhe dizer.

— Senhor meu, eu preciso que me tome, preciso sentir que ainda estou viva. E isso só é possível em suas mãos. Não me poupe de nada, por favor. Eu...

— Eu?

— Eu só preciso – *só preciso dessa ligação íntima que temos, em que entrego a você tudo o que sou e você me recompensa com tudo o que é.*

Ele acaricia minha barriga, meus seios e me toma em um beijo apaixonado. Pega minha mão e ajuda-me a levantar. Como eu já estava nua, não precisa de muito, ele me toca, e eu molho. Simples assim.

— Sempre pronta para mim.

Ele liga o som e um belíssimo canto gregoriano ressoa pela a nossa casa. Ele encosta-me no pilar, pega as cordas e começa a trançar por mim. Seu shibari está cada vez mais perfeito. Muito concentrado, executa sua arte na mais profunda concentração. Eu sei que para ele isso é uma forma de relaxar. Rodrigo passa a corda envolta dos meus seios, deixando-os apertados. Meus braços presos para trás, posição um pouco desconfortável, mas nada que não dê para aguentar. Olhando daqui, é como se fosse uma espécie de colete trançado.

Ele sorri contemplando sua obra.

— Você fica muito bonita assim – vindo em minha direção, ele aperta meus mamilos e os suga enquanto me toca lá embaixo. — Seus gemidos me deixam louco, pequena – continua seu caminho pelo meu corpo, acaricia minha barriga e sorri de satisfação. Desce acariciando as minhas pernas, minhas coxas, minha... Ah, sim... bem aí. Ele alcança o *flogger* e começa a passar pelo meu corpo, atíçando-me. Esse acessório não marca a pele, o que é uma pena. Amo suas marcas em mim. Ele me açoita nos seios, nas coxas e passa sua mão entre as minhas pernas, deixando-me desejosa. Penetra-me com dois dedos, açoita-me. Três dedos, açoite. Sim... sim... sim...

— Por f-favor, Rodrigo... – nada que sai da minha boca é coerente. — Preciso de... aaahhhhh...

— É isso o que você quer, mulher? – ele pergunta em seu modo dom.

— Oh, sim, mestre.

Ele continua a me foder com seus dedos e a chupar meus mamilos.

— Quer mais alguma coisa, submissa? Diga-me o que quer.

— Eu preciso de você, por favor – Rodrigo aplica um tapa sobre o meu clítoris e isso leva-me ao ápice — Aaaahhhh!

— Diga-me, sub. O que você quer?

Com todo o atrevimento que possuo, ordeno:

— Foda-me!

Ele levanta as minhas pernas e as coloca em torno de sua cintura, para o meu deleite, Rodrigo entra em mim. O desejo e o prazer são tão intensos que gozo de imediato. Ele continua a bombar sem parar.

— Ah... sim... Deus. Dê-me mais, eu quero mais – e assim foi. Ele me fodeu desesperadamente como há muito não fazíamos.

Rodrigo me desamarra e leva-me até o sofá. Ele se senta e coloca-me em seu colo.

— Você vai cavalgar, gostosa – deslizo pelo seu pau até estar todo dentro de mim. — Ofereça-me seus seios, Manuela – no subir e descer, levo os meus seios até sua boca. Minha mente há muito tempo está longe do meu corpo. Quando estou à mercê do Mestre, tudo o que sou pertence a ele: meu corpo, meus sentidos, meus pensamentos e meu coração.

Ele me coloca de quatro sobre o sofá.

— Vamos lá, bebê. Goze comigo – ele pede.

Ele entra deliciosamente lento para que eu sinta cada centímetro seu tomando conta de mim. Penetra a minha bunda com dois dedos, sincronizando as entradas e saídas com seu pau. Delícia de homem, delícia de foda. Não demorou muito para o meu orgasmo vir e, com mais duas ou três estocadas, ele goza também.

— Eu gostaria de mais, mas não vou abusar da minha mulher grávida – ele puxa-me para seu colo e beija minha boca. — Adorei a surpresa, estava tudo perfeito. Mas nada se compara a sua imagem em posição, amarrada com essa barriga linda exposta. Senti-me o homem mais poderoso do mundo e o mais feliz também. Sou louco por você, Manuela.

— Eu também, querido – ele ajuda-me a levantar. — Enquanto você toma uma ducha, eu vou colocar a mesa para jantarmos.

— Combinado – Rodrigo me dá um tapa na bunda e sai falando. — Gostosa.

Enquanto ele guarda tudo o que estava na varanda e toma a sua ducha, eu sirvo o jantar. Nos adaptamos muito bem à rotina um do outro, parece que vivemos assim há anos. Tudo é muito normal e simples.

— Aproveitarei que você e as meninas irão para Itaipava esse final de semana e colocarei a banheira – ele anuncia.

— Já falamos sobre isso, não precisa – outro dia, cai na besteira de contar o quanto gosto de me deleitar na banheira.

— Vocês irão sexta à tarde?

— Sim. Amanhã à tarde – falo.

— E quando voltam?

— Domingo. A Duda precisa dar um tempo dessa loucura com Arthur. Ele a enlouquecerá. Sinto falta de dirigir, então serei a motorista – digo.

— Nem pensar! Não vai dirigir e o assunto está encerrado. Sobre Arthur, é complicado. Nenhum de nós lida bem com sentimentos. Ele talvez seja ainda pior. Voltando ao assunto da banheira, minha equipe chegará aqui amanhã logo que você sair. Acredito que dois dias seja o suficiente para arrumarmos tudo.

— O que vai fazer além de colocar uma jacuzzi para sua alegriazinha? – pisco para aquele homem que é gostoso demais para o meu gosto. É um crime tanta beleza em um único ser.

Sua risada é deliciosa.

— Não sei de onde você tira esses apelidos. Então, minha alegriazinha, além de instalar sua banheira, dormirei. Preciso descansar – ele olha para mim sério. — Vou sentir sua falta, Manuela.

— Eu também, garanhão – rimos. — Desculpe, é incontrollável. Ando convivendo demais com a Bia – justifico.

— Percebe-se.

* * *

O hotel é localizado na serra, um lugar lindo, digno de novela. Mas tenho uma preocupação, será que só servirão comida natureba? Mesmo para uma grávida?

— Estou com fome – falo.

— Conta uma novidade – Bia me olha com deboche. Ela parece uma boneca de tão linda, e tem a boca mais suja que conheço.

Duda, com cara de poucos amigos, diz:

— Bia, é melhor esse lugar ter comida boa. A ideia de vir para cá foi sua.

Ernesto, nosso motorista, não para de rir. Deve pensar que somos completamente malucas.

— Vai rindo, Ernesto – olho com cara de brava para ele. — E fique a postos, “tiozin”. Talvez seja necessário comprar comida com sustância para mim.

Considero todo funcionário como um amigo. Ordeno, instruo, faço o que devo fazer, mas, se convivem comigo, tem que entrar no meu jogo. Ernesto tem sido meu motorista nos últimos meses, viu e ouviu muitas coisas particulares. Não há motivos para tratar de outra forma.

As meninas e eu gostamos de ficar juntas e, dessa vez, não foi diferente. Momentos assim tem sido necessário para mim e para elas. Depois que me mudei para o apartamento do Rodrigo, nossas noites de fofocas ficaram raras. E, quando uma de nós está chateada, damos um jeito

de escapar juntas.

— Só para deixar vocês ligadas, nos escrevi na ioga e em uma massagem relaxante – Bia e suas ideias mirabolantes.

— Estou adorando as atividades, Bia – Duda fala.

— Nem pensar! Ninguém me tirará da cama – não vou mesmo. Vim só para fazer volume e planejar a morte do Arthur. — Duda, eu não vou me meter na sua relação com Arthur. Só me avise quando eu tiver que matá-lo. Estou com fome! Essa criança é realmente do Rodrigo e deve ser um menino. Estou de cinco meses e parecem oito.

Bia, muito concentrada em seu celular, fala:

— Eu digo e repito, envolver coração nas relações é só para dar merda. Em vez de ser só fodida, você se fode inteira.

Duda começa a rir.

— Falou a experiente. Depois de cinco anos, continua com o papo furado com Steban.

— Eu não quero você ensinando meu bebê a falar palavrão, Bia. Ainda mais se for menina – a repreendo.

O final de semana foi basicamente dormir, comer e rir das loucuras da Bia. Elas se empenharam nas atividades que o lugar oferecia, eu apenas descansava. Duda nos falou pouco sobre os seus problemas com o Arthur, mas é sempre a mesma coisa, o rapaz tem um sério problema em assumir um relacionamento. Voltamos para o Rio no domingo à tarde. Deixamos as meninas em suas casas e fomos para a minha. Estou morrendo de saudades do Rodrigo e dos seus carinhos. Estou ficando mal-acostumada.

— Ernesto, amanhã ficarei em casa o dia todo, pode tirar o dia de folga. E não se esqueça de comprar um presente para sua namorada, cabeção. Sei que homens não são apegados a datas, mas, poxa vida, custa lembrar de vez em quando?

— Não era nada demais, era só para comemorar seis meses que estamos juntos.

— Cabeção! – ele dá risada.

Ernesto sobe comigo, deixa a minha mala e se vai. O apartamento está todo escuro, o Rodrigo deve estar no décimo quinto sono. Vou para o quarto louca por um banho. Quando abro a porta do quarto, paraliso com a

cena à minha frente. Bárbara e Rodrigo deitados na nossa cama. As roupas dela estão espalhadas pelo chão e ambos parecem estar em um sono profundo.

Sento na poltrona que fica aos pés da cama e penso nas possibilidades para acabar com a dor que está me dilacerando. Penso em dar um escândalo, matá-los, chamar o tal do Macarrão para dar um fim como fez com a garota do jogador. Mas do que adiantaria? Essa dor vai continuar comigo.

Meu Deus, por que ele fez isso comigo... conosco?

Observo-os. Ele está virado para o lado direito e ela com o braço sobre ele em nossa cama... Não! Em sua cama, na sua casa. Nada aqui é meu, a não ser minhas roupas. Apesar dos meses que vivi com ele aqui, apesar dos momentos felizes que tivemos, apesar de todo amor, nada é nosso.

Fico mais de uma hora assim, divagando sobre a minha dor. Rodrigo acorda e olha diretamente para mim, abre um sorriso lindo e isso faz com que minha dor aumente.

— Já chegou, minha menina. Deite aqui – ele apalpa sua lateral e vê que ainda há um corpo ali. A reação dele foi digna de um ator.

— O que... quem... Bárbara? – a vadia se levanta e o lençol cai, deixando seus seios à mostra. — O que você está fazendo aqui?

Eu não consigo falar nada, meu único movimento é passar a mão na minha barriga para proteger o meu filho de sofrer também. É tudo o que posso fazer no momento. Ele sai da cama rápido e vejo que está de cueca. Menos mal, não que isso faça a diferença, mas... Rodrigo ajoelha-se à minha frente.

— Manuela, eu juro a você que não aconteceu nada. Eu nem lembro dessa maluca ter entrado aqui.

— Assim você me ofende, amor. Você disse que iria dispensá-la para ficar comigo.

Isso é um pesadelo, só pode ser. Levanto minha sobrancelha e encaro-o. Por um momento, esperei um milagre, que tudo isso não passasse de um sonho. Mas essa é a realidade. Essa é a realidade que espera por meu filho. Rodrigo levanta e joga as roupas de Bárbara sobre ela.

— Bárbara, cale a boca. Nós conversaremos de perto e com a polícia

junto. Isso é invasão, eu não lembro de tê-la convidado para vir aqui – calmamente, me levanto e saio em sentido da sala. — Onde você vai, Manuela? Você precisa me ouvir, acreditar em mim...

Solto uma risada mais que amarga.

— O pior é que acredito. Ela pode ter entrado aqui e simulado tudo. Já vi os mesmos filmes e novelas que ela... – reúno todas as minhas forças para não estourar, tenho que preservar o bebê. Eu aponto para ela. — Eu não quero viver assim e não quero que o meu filho viva assim, em meio a intrigas e confusões, isso não é saudável, Rodrigo. Admito que o amo, mas meu amor não é tão forte a ponto de me anular para ter você. Seja feliz.

— Volta aqui, Manuela. Por favor, você não pode ir embora e levar meu filho.

— Não só posso como vou. Assista! Amanhã peço para alguém vir buscar as minhas coisas. E se quiser ver o seu filho, procure meus advogados. Não quero a mesquinha da sua família perto dele.

— Manuela, por favor... – Rodrigo continua a implorar.

Fecho a porta e saio. Vou para a garagem, entro no meu carro e deixo para trás o lugar em que um dia fui feliz. Novamente, sinto-me como se estivesse dormente, nada me atinge. Ao chegar em meu apartamento escuro, sento na varanda e assisto o dia amanhecer orando para que um dia essa dor passe.

Capítulo 27 – Rodrigo



— O que é isso? Uma intervenção?

— Chame do que quiser. Estamos preocupados com você – Arthur fala sério.

Olho para as quatro pessoas que estão na minha sala.

— Como vocês estão vendo, estou muito bem. Se me derem licença, tenho coisas para terminar – cada um toma um lugar. Pelo jeito, esse circo foi planejado. Eu não tenho tempo e nem paciência para aguentar conversa fiada.

Um Steban nada simpático abre a boca.

— Olha aqui, seu imbecil, bem que eu queria virar as costas para você e ir embora. Mas não posso. Então, preste atenção nessa conversa, viado dos infernos.

Recosto-me na cadeira, cruzo os braços.

— Certo. O que vocês têm a me dizer? – pergunto.

— Rô, estamos muito preocupados com você – Bia fala. — O que aconteceu entre vocês foi há um mês e você está cada vez pior ao invés de superar.

— Eu estou bem...

Duda corta-me:

— Não está bem! Você fez seu assistente de vinte e oito anos chorar como uma menina. Todos estão com medo de cruzar o seu caminho. Alguns clientes estão reclamando que não conseguem falar com você.

Arthur continua a lista.

— Você se isolou, não sai, a não ser para trabalhar, emagreceu para caralho. Há quanto tempo você não tem uma boa noite de sono? Você tem que superar, irmão.

Levanto-me.

— Superar? Acha que quero superar a perda da mulher que amo?

Acha mesmo que quero superar e não poder acompanhar a gravidez? Vocês não sabem de nada! Enquanto vocês ficam brincando de gato e rato com esses joguinhos, perdem tempo em não estar juntos. Perdem a oportunidade de serem felizes com alguém. Eu tive e perdi e o pior disso tudo é que não tive culpa – passo a mão pelos meus cabelos. — Eu a amo tanto. Não me conformo de acordar e não tê-la ali. Não fazem ideia do quanto dói.

Bia me abraça.

— Nós sabemos que você não tem culpa, a cadela deve ter armado tudo. Mas você tem que reagir, bonito. Se quer reconquistá-la, tem que estar pelo menos apresentável.

— Ela não quer saber que eu existo – *a mulher que tem o meu coração em suas mãos não quer saber de mim.*

— Mas também com a mãe que vocês têm, nem eu quereria... – Duda arregala os olhos. Do que ela está falando?

— O que tem minha mãe, Duda?

Arthur coloca a mão em seu ombro e a encoraja a falar.

— Há uns meses, sua mãe foi falar com ela em seu apartamento. Ofereceu dinheiro para Manuela o deixar.

— E? – estou impressionado com a cara de pau da minha mãe.

— Manuela disse que no dia em que você se cansasse dela, ela o deixaria. Antes disso, não haveria dinheiro no mundo que a fizesse lhe deixar. Então, a sua mãe apelou ao dizer que, se ela o amasse, iria deixá-lo ir, porque Bárbara é a mulher certa e todos sabem disso.

Bia continua:

— Fora a louca da Greice, todas as idas e vindas de vocês. Ela cansou. Qualquer uma cansaria, garanhão.

— Eu sei – falo resignado.

— Rodrigo, se de alguma maneira isso o conforta, ela acredita que você não a traiu – Duda tenta me animar.

— Se ela acredita, Duda, por que ela não volta para mim?

— Porque ela está cansada, acredita que toda a vida de vocês será assim – Duda carinhosamente fala.

— Vocês podem me dar licença para conversar com o meu irmão em particular? – Arthur beija a testa de Duda, ela se levanta e sai com os outros. — Não contei nada sobre a mãe porque só soube disso ontem. Você tem que dar um jeito de pará-la, Rodrigo. Você não pode ficar empurrando essa situação com a barriga.

— Eu sei. Como ela está, Arthur? – ele sabe de quem falo.

— Está bem. Assustada com o tamanho da barriga, mas levando em consideração o tamanho do pai, está tudo certo. Ela ainda não fez a ultrassonografia para saber o sexo, diz que não está preparada.

— Eu a tenho visto de longe, sei que ainda vai à Ideals. Sempre que posso, acompanho-a de longe para ver se chegou bem. Ela parece cansada. E a barriga está grande mesmo – antes que eu perceba, já estou com um grande sorriso. — Ela está linda!

— Sim, está. E com um mau humor do caralho. Tenho pena de quem cruza o caminho dela. Só melhora quando toma sorvete, está viciada.

Continuo sorrindo.

— Sêrio? Bem o jeito dela mesmo.

Posso ver o amor nos olhos do Arthur. Todos os que estavam aqui a amam, mas não como eu a amo.

— Na última vez, levei para ela um pote de creme. É o sabor preferido do momento.

Tenho que fazer algo, preciso me sentir útil nessa fase de sua gestação. Alcanço o telefone e ligo para Duda.

— Localize Ernesto para mim e peça para ele vir à minha sala imediatamente, por favor. Mais uma coisa, lembra daquele rapaz do escritório de decoração de interiores que veio fechar parceria conosco? Ligue e agende um horário com ele o mais rápido possível. Obrigado, Duda.

Arthur me olha sério.

— O que você vai fazer?

— Só vou dormir tranquilo se souber que ela está segura. E vou começar a arrumar o quarto do meu filho.

— Ela dispensou o Ernesto.

— Ela não precisa saber. Desde aquele assalto, ando meio paranoico.

A segurança dela e do bebê são muito importantes para mim – digo.

Alguns minutos mais tarde, Ernesto entra.

— Com licença, seu Rodrigo. Queria falar comigo?

— Sim. Sente-se aqui – aponto para cadeira ao lado do Arthur. — Gostaria que você voltasse a ser segurança da Manuela. Só que, dessa vez, sem que ela saiba. Quero ela e o meu filho em segurança.

— Para mim, será um prazer, senhor. Com todo respeito, eu adoro aquela menina. Ela se tornou uma grande amiga.

Anoto algumas coisas em um papel e entrego a ele.

— Aqui estão os telefones do médico dela. Meu número você já tem. Qualquer coisa, nem que seja mínima, quero que ligue para mim imediatamente.

— Sim, senhor.

Despeço-me de ambos e vou para casa tentar dormir, há muito tempo não faço isso, dia após dia questiono os fatos da minha vida. Ao entrar no carro, olho para o relógio, pela hora, Manuela deve estar saindo da Ideals. Dirijo-me para lá e, assim que chego em frente à empresa, vejo-a saindo. Observo-a de longe, zelando pelo seu bem-estar e acompanhando o meu filho. Sou louco por essa mulher. Nos últimos meses, ela transformou a minha vida. Volto para casa depois de vê-la chegar em casa em segurança.

Ao colocar os pés em meu apartamento, a tristeza e frio da ausência dela voltam a atormentar. Desde que Manuela saiu por essa porta, não fui mais o mesmo. Fui atrás dela, tentei tudo o que eu pude e prometi que me afastaria dos meus pais, mas nada adiantou. Não tenho vergonha de dizer que sou completamente apaixonado por Manuela, também assumo que estou destruído por não estar perto dela nessa fase de nossa vida. Estou cansado... de tudo. Caminho em direção ao banheiro já tirando a roupa pelo meio do caminho. Pela primeira vez, usarei a banheira que coloquei para ela.

Deitado na água morna, uma doce lembrança vem. Lembranças de uma tarde de domingo em que eu estava no escritório repassando alguns papéis e Manuela andando de um lado para outro arrumando alguma coisa. Ordenei que tirasse toda a roupa e ela fez sem hesitar. Fui até o armário que guardo os acessórios e tirei um *foxtail* e uma orelhinha de gato. Brincamos de *petplay*, um jogo erótico em que a submissa caracteriza-se

como um animal. A ideia é que ela seja obediente... Sim, a ideia é que Manuela seja obediente e sinta prazer nisso. Minha menina adora... ou, pelo menos, gostava de jogar.

Manuela veio até mim e ficou de quatro. Para mim, a graça do plug anal está em colocá-lo. Enquanto passava o lubrificante em sua deliciosa bunda, estimulava-a com dois dedos. Estando excitada, a colocação do plug é muito prazerosa para ambos. Assim que coloquei, dei um tapa em sua bunda, e ela ronronou. Minha vontade era de acabar com a brincadeira ali, porque, ver aquela mulher de quatro gemendo, era a minha fraqueza. Ela se deitou aos meus pés sobre o tapete ao lado da minha mesa, onde eu podia tocá-la sempre que quisesse. De vez em quando, ela acariciava minha perna, eu sabia que ela queria algo. Algumas vezes, acariciava sua barriga; outras, os seus seios. A ideia é deixar em ponto de ebulição, já estávamos quase lá.

Levantei-me da cadeira e fui até o sofá e lá vinha a minha gatinha manhosa com carinha de safada engatinhando lentamente.

— Minha gatinha está com fome? – ela miou. O tipo de fome que ela sentia brilhava em seus olhos. Desejo. Apontei para a minha cueca. — É isso o que quer, kitty? – ela mia mais alto. Sim, é! Abaixei minha boxer, meu pau que já estava dolorido ficou exposto. — Venha gatinha, alimente-se – e assim ela fez. Minha menina é mestre em chupar-me. — Assim... Aahh, isso, gatinha.

Com muito esforço, afastei-a do meu pau. Minha vontade era de gozar em sua linda boca, mas eu tinha que fazer isso ser tão prazeroso para ela quanto para mim. Tirei toda a papelada da mesa e apontei onde a queria.

— Suba, kitty. Isso, boa menina – ajudei-a a subir e a se colocar de quatro sobre a mesa. Passei a mão pelas suas costas e forcei seu torso para baixo. Enquanto a sua bunda ficou no ar, sua boca alinhou-se à altura do meu pau. Esfreguei seu clitóris e movimenteí seu *plug*, ela gemeu. — Eu sei que a minha gatinha gosta disso.

Manuela estava louca de tesão, trouxe a sua boca até a minha e a beijei. Senti o meu gosto em sua boca e foi um prazer inenarrável. Para ela, eu dou meu tudo. Manuela tem o poder de me fazer um louco descontrolado. Sentir o seu cheiro e o gosto da sua excitação me deixa alucinado.

Desci-a da mesa e a mantive curvada, mas com a barriga fora da mesa para proteção de nossa gravidez. Belisquei seu clitóris inchado e penetrei dois dedos. E assim que senti sua excitação escorrendo pelos meus dedos, alcancei o lubrificante e passei em meu pau. Tudo pronto para desfrutar de sua bunda, pressionei o seu clitóris e, enquanto Manuela gemia, substitui o *plug* pelo meu pau em sua bunda, nunca deixando de estimulá-la. Ela se contorceu, gemeu, começou a falar palavras desconexas, e eu a fodendo, dizendo-lhe o quanto era especial e que era o meu orgulho. Para mim, isso era o paraíso e queria que ela viesse junto comigo. Enfiei três dedos em sua apertada boceta e sincronizei com meu pau em sua bunda. Delícia de mulher.

— Goze comigo, Manuela. Agora! – falar palavras sujas e ordenar leva qualquer mulher ao pico. Eu sei que as minhas ordens são a fraqueza dela. É assim que acontece com as almas gêmeas.

Lembrar-se dela aqui faz o meu coração doer. Pesando tudo, chego à conclusão de que nunca amei alguém. Tudo o que senti por outra mulher não era nada comparado ao que sinto por Manuela. Ninguém fez nada para amar, ninguém fez nada para ser amado, apenas aconteceu. Eu sei que ela me ama e esse sentimento foi multiplicado depois que soube que estava grávida. Como eu sei? Simples, é exatamente o que sinto. Sei que Manuela precisa de um tempo para pensar, para colocar as coisas em perspectiva. Ela será uma excelente mãe, e eu farei de tudo para ser um bom pai.

Está na hora de dormir. Amanhã tenho uma pequena viagem a fazer. Trabalhar ainda é o melhor remédio.

* * *

Passo pela mesa de Duda e vejo Sara lá.

— Boa tarde, Sara. Está tudo bem com a Duda?

— B-boa tarde, senhor Rodrigo. E-ela está bem, só tinha um compromisso importante.

Por que ela está gaguejando?

— Algum problema, Sara?

—N-não, senhor. Desculpe, é que o senhor anda muito estressado e tenho medo de errar e ser demiti... Como foi sua viagem?

Peguei pesado. Duda tinha me alertado sobre isso.

— Sara, peço desculpas pelo meu comportamento dos últimos dias. Minha viagem foi produtiva, obrigado por perguntar. Traga um café para mim, por favor. Eu acho que tenho algumas ligações importantes a fazer. Se achar a agenda, eu agradeço.

— Sim, senhor.

Meu Deus, aterrorizei meus funcionários, perdi peso a ponto das roupas caírem e estava em um estado lastimável, quase irreconhecível. Tenho que voltar a ser o mesmo de antes, só não sei se conseguirei sem Manuela.

Concentro-me nos meus afazeres, entre telefonemas e documentos, passo a tarde ocupado. Com essa crise econômica, temos que ser o melhor dos melhores para sobrevivermos. Não é fácil manter-se no mercado sem ceder aos atos ilícitos. Deixamos de participar de muitas obras por não aceitarmos termos ilegais. Hoje agradeço por conseguir chegar onde chegamos de forma limpa.

Arthur entra em minha sala correndo e, pela cara dele, as notícias não são boas. Levanto antes mesmo que ele fale alguma coisa.

— Aconteceu alguma coisa com Manuela?

Ele joga um DVD sobre a minha mesa.

— Assista agora. Eu falei a ela que não iria mostrar, mas não é justo, então roubei dela. Assista logo, animal.

Coloco o DVD no meu computador e uma imagem estranha abre, não dá para entender o que é até ver... uma mãozinha.

— É o meu bebê? – uma lágrima corre do meu olho. Mesmo que seja uma imagem borrada, é a coisa mais linda que já vi. A imagem continua estranha porque o bebê parece um polvo.

— Não é seu bebê – vou matar esse filho da puta! Antes que eu possa esboçar qualquer reação, ele continua. — São os seus bebês.

Não entendo.

— Meus bebês?

— Parabéns, irmão. Você será pai de gêmeas – ele me abraça e choro como uma criança. Afinal, vou ser pai, não qualquer pai, serei pai de gêmeas!

Assisto as imagens que passam na tela, é o filme mais importante da minha vida e a trilha sonora não poderia ser mais perfeita, seus coraçõezinhos fortes anunciando vida. Manuela não sabe, mas me deu o melhor presente do mundo. Ainda emocionado, alcanço o telefone.

— Duda, ligue para aquela floricultura e envie todas as flores possíveis para Manuela. Fale para passar aqui e pegar os cartões. Ainda tem aqueles cartões aqui? Então me traga para assinar quantos forem necessários. Mais uma coisa, quero que mande uma cesta de café da manhã para ela também.

— Você não vai atrás dela?

Maria Eduarda pergunta e faz o meu coração doer.

— Eu gostaria muito, Duda. Mas, se ela me quisesse por perto, teria me chamado para a ultrassonografia. Como sabemos, não foi o que aconteceu. Também não quero insistir e acabar deixando-a nervosa.

— Eu o admiro muito, Rodrigo – minha assistente resolve me confortar. — Mesmo ferido por não acompanhar a gestação, ainda coloca o bem-estar de Manuela acima de tudo. Não desista dela, Manuela é durona mas, às vezes, até os mais fortes precisam de colo.

Um silêncio se estende.

— Obrigado, Duda. Suas palavras são importantes para mim. Eu gostaria de sair daqui correndo, pegá-la no colo e não soltar nunca mais – rio sem humor. — Às vezes, tenho a impressão de que fomos destinados a sermos um do outro e que a qualquer momento tudo se resolverá.

— E vai, meu amigo. Tudo se resolverá – ela fala e desliga.

Volto-me para o meu irmão e aponto para o telefone.

— Essa menina vale ouro! Não a deixe escapar, irmão – ele sorri. Volto a falar sério. — Ela está com sete meses exatos?

— Oito meses exatos – ele passa o seu braço pelos meus ombros. — Então, quer comemorar?

Abraço meu irmão que está muito empolgado em ser tio de gêmeas.

— Não. Vou para casa. Obrigado, cara! Te devo uma para o resto da vida.

— Eu sei e vou cobrar!

Tiro o DVD do computador, pego as minhas coisas e vou para casa. Chegando em meu apartamento, permito-me sofrer. Sob a ducha fria, choro copiosamente, lágrimas de felicidade e tristeza misturadas com frustração. Felicidade por ser pai, tristeza por não estar com ela e frustração por doer tanto. Onde foi que errei? Não acho que mereço um castigo tão cruel assim.

Após me lamentar sob a água fria, visto-me e vou para sala. Coloco o DVD no *home theater*, desligo todas as luzes e jogo-me no sofá. Fechos os olhos e todo o meu mundo se resume só aos corações das minhas filhas. Corações esses que são parte de mim. A campainha toca atrapalhando o meu momento. Ignoro. Seja quem for, pode voltar outra hora. Mas a porra é insistente. Também pode ser algo sério.

Decido levantar e conferir. Abro a porta e a última pessoa do mundo que quero ver está diante de mim.

— Meu filho...

— Hoje não, mãe. O que a senhora quer?

— Nossa Rodrigo, só quero saber como meu filho está.

Viro as costas e ela me segue, fechando a porta. Acendo a luz e sento no sofá. Bom, ela escolheu o dia errado para me infernizar.

— Diga, mãe, o que a senhora deseja?

— Parece que você está me evitando, faz mais de dois meses que não nos vemos. Eu sou sua mãe, preocupo-me! Não liga, não dá notícias, não sei se está vivo ou morto...

— Então, a senhora está preocupada, *huh*? E essa preocupação a trouxe aqui hoje.

— Sim.

— Responda, mamãe, foi com a mesma preocupação que a senhora esteve aqui na minha casa e ofereceu dinheiro para minha mulher me deixar?

Ela empalidece e começa a gaguejar.

— Rodrigo, e-eu só queria...

— Poupe-me desse discurso ridículo – sem conseguir me manter quieto, levanto e ando de um lado para outro enquanto despejo tudo em minha mãe. — Desde quando vocês fazem alguma coisa por amor? Querem

que me casar com aquela puta dos infernos para perpetuar uma aliança de sobrenomes na política. Em algum momento parou para pensar que Manuela é a mulher da minha vida? Eu sou muito idiota mesmo. Claro que não! Você não pensa em ninguém, só em si mesma.

Ela se levanta e se finge de ofendida.

— Rodrigo, eu não aceito...

— Senta, mãe. Não veio até aqui porque estava preocupada? Então, me ouvirá até o fim. SENTA! – ela se senta assustada. — Vocês nunca ligaram para mim ou para Arthur, desde muito cedo, nos largaram com babás. Enquanto eu crescia, tive que cuidar dos meus problemas e dos dele porque não tínhamos pais para isso. Nos jogavam para qualquer lado, para qualquer um. Fui expulso de casa sem nenhum real, lutei, estudei, tinha dois empregos e ainda a faculdade. Em algum momento vocês se preocuparam? Não – passo a mão pelo cabelo, minhas forças já se foram há muito tempo. — E então conheci Manuela. Ela se tornou minha amiga, minha parceira, sempre trabalhando comigo para resolver qualquer tipo de coisa. Ela está grávida... Puta que pariu, mãe. Eu a amo!

Com essa declaração, quebro-me em lágrimas e sento-me no chão.

— É desesperador saber que ela não me quer por perto. Eu nunca senti uma dor como essa, nem mesmo com a morte dos meus avós.

Minha mãe se aproxima e coloca minha cabeça em seu colo.

— Eu não sabia que você a amava tanto – fico em silêncio enquanto ela passa a mão em meus cabelos. — O que é isso na televisão, Rodrigo?

— Minhas filhas – viro-me para a tela e depois volto-me para a minha mãe que está pálida.

— Suas o-o quê?

— Minhas filhas, mãe. Manuela está grávida de gêmeas – surpreendo-me ao ver lágrimas caindo dos olhos dela. Pela primeira vez, vejo a fragilidade da minha mãe. — Nossa família tem muitos gêmeos. Já era de se esperar. Elas serão as primeiras gêmeas. Só tem casais e meninos.

— Elas não serão as primeiras.

— Não?

Ela nega com a cabeça. A mulher tenta bravamente enxugar o rosto, mas as lágrimas insistem em cair.

— Não. Houve gêmeas há muito tempo – ela fala entre lágrimas.

— Eu não sabia, nunca ouvi falar. Gêmea da tia Lucimar? – pergunto curioso.

— Não. Era minha irmã gêmea, o nome dela era Odília. Morreu afogada quando tínhamos quinze anos. E nunca superei – agora minha mãe chora abertamente. Jamais pensei que ela guardasse alguma coisa assim.

Sento ao seu lado e a abraço.

— Calma, mãe. Shhi...

Ela se solta dos meus braços e ajoelha-se à minha frente.

— Me perdoe, meu filho. Eu achei que estava fazendo o melhor para você. Eu só queria o seu bem. Eu não sabia... P-por favor, me perdoe. Por favor! – ela vai até a televisão e passa a mão sobre as imagens. — Minhas netas... minhas meninas... perdoem essa vovó horrível.

Fico paralisado assistindo a cena à minha frente, minha mãe parecia muito mais velha do que é. Vou até ela, ajudo-a a levantar e a abraço novamente.

— Calma, mãe.

Meu pai aparece e entra sem pedir licença. Eita, família mal-educada. Ao ver a minha mãe em lágrimas, ele a afasta de mim. Nunca vi tal demonstração do meu pai por qualquer outra pessoa que não seja ele mesmo.

— O que aconteceu, Rosita? – ele olha para mim. — O que você falou para sua mãe?

Ela aponta o dedo para a televisão.

— Olhe a televisão, Eduardo. Olhe ali.

— Estou vendo... uma mão?

— São as nossas netas, meu querido. Seremos avós de duas meninas – e minha mãe volta a chorar.

Meu pai, visivelmente emocionado e chocado, encara-me.

— É verdade?

Estamos cheios de primeiras vezes. Vendo os meus pais assim, algum lugar dentro de mim é tocado.

— Manuela está esperando gêmeas.

Ele solta a minha mãe e vem em minha direção com braços abertos.

— Parabéns, meu filho. Eu vou ser avô de verdade? – ele pergunta entre lágrimas. — De duas meninas? E cadê a Manuela? Quero abraçá-la.

Minha mãe toma a frente.

— Eles não estão juntos – ela coloca as mãos no rosto e chora. — Foi tudo minha culpa. Por favor, meu filho, perdoe essa velha.

— Já perdoei, mãe – meu celular toca e o alcanço. Olho para o visor e o nome Ernesto estampa a tela. — Aconteceu alguma coisa?

— Seu Rodrigo, a Manuela está sentindo muita dor, e estou levando-a para o hospital.

Recebi a notícia como um soco no estômago.

— Chamou o médico?

— Ainda não. Enquanto dirijo, o senhor poderia fazer isso? – ouço Manuela chorar ao fundo e isso acaba comigo.

— Já estou ligando – assim que desligo, caço o número do obstetra e o aviso do estado da minha menina. Olho para os meus pais. — Manuela está com dores e Ernesto está levando-a para o hospital.

— Estamos indo também – minha mãe anuncia já recomposta.

— Trocarei de roupa e farei algumas ligações. Podem ir na frente, ela vai para a Perinatal lá na Barra.

Corro para o meu quarto e visto-me. Saio de casa já telefonando para avisar a todos. Pode não ser nada, mas pode ser a vinda das minhas filhas ao mundo. No trajeto, oro... Peço a Deus que guarde a minha mulher e as minhas filhas. Sorrio. Minhas filhas...

Estaciono o carro em qualquer lugar e corro para dentro procurando pela minha mulher. Encontro Manuela gemendo de dor sendo deitada em uma maca. Aproximo-me.

— Estou aqui, pequena. Vai ficar tudo bem, ok?

Ela olha-me assustada e, por um momento, apavoro-me. Se ela me pedir para sair, meu mundo acaba.

— Ro-rodrigo... – e começa a chorar.

Beijo o seu rosto e acaricio o seu cabelo enquanto a levam para algum lugar do hospital.

— Calma, minha pequena. Vai ficar tudo bem. Estão todos aqui para apoiar – em volta estavam Duda, Bia, Steban, Arthur e meus pais mais atrás. Acredito que com receio dela surtar.

— R-rodriigo, nossas filhas. Aaii... – ela solta um grito aterrorizador, gelando-me as veias. Todos entram em desespero. Será que ninguém percebe que tem que ser forte por ela? — N-não me deixe sozinha. Aaii... – vê-la com essa dor acaba comigo. Cadê a porra do médico?

— Olhe para mim, minha menina – beijo seus lábios. — Vai ficar tudo bem. Eu só sairei desse hospital com você e nossas filhas. Confia em mim, menina bonita?

— S-sim – vejo o medo nos olhos de Manuela e as minhas lágrimas se juntam as dela.

Levam-na para a sala de exames assim que o médico chega. Ando de um lado para outro até que um enfermeiro se aproxima.

— O senhor é o pai?

— Sim.

— Siga-me, por favor – todos ao meu redor disseram palavras de força. Temos um exército de boas energias.

Ele me leva a uma sala onde o médico se prepara. Enquanto o doutor fala comigo, o enfermeiro ajuda-me a colocar um traje cirúrgico.

— Rodrigo, nós faremos o parto da Manuela agora. As meninas estão grandes demais para ficar ali – ele sorri. — Elas já querem sair.

— Mas Manuela ainda está de oito meses e se acontecer alguma coisa? – questiono.

— Suas filhas estão prontas para nascer, nossa equipe está pronta para qualquer coisa que possa vir acontecer, mas é improvável. Sua mulher está iniciando o oitavo mês, a gestação de gêmeos nem sempre chega ao nono mês. No caso de vocês, as meninas estão grandes demais. Manuela já está pronta para o parto. Vá e apoie a sua esposa, ela precisa de você.

— Obrigado, doutor.

A cada passo que dou em direção ao centro cirúrgico, mais nervoso

fico. Dizem que as mães ficam nervosas antes do parto, os pais entram pânico. Entro na sala onde Manuela está deitada em uma cama ao centro com vários aparelhos para monitorá-la. O lugar está cheio de enfermeiros, dois pediatras, o anestesista e o obstetra. Aproximo-me dela que está pálida e com um olhar temeroso. Alcanço a sua mão e a beijo.

— Rodrigo, se acontecer alguma coisa... – ela engole em seco. — Se você tiver que escolher entre mim e as meninas, escolha as nossas filhas – lágrimas escorrem de seus olhos.

— Não vai acontecer nada, meu amor – conforto-a.

Manuela insiste.

— Prometa-me, por favor.

Para acalmá-la, eu aceito.

— Prometo. Agora fique tranquila. Em breve estaremos com as nossas meninas – ela aperta minha mão. — Estamos juntos nessa, querida.

O médico anuncia:

— Vamos começar.

Da onde estou não posso ver nada porque há um pano fechando toda a visão para a barriga dela. Manuela chama a minha atenção.

— Algum dia poderá me perdoar, Rodrigo?

Acaricio os seus cabelos.

— Perdoar pelo quê, vida?

Lágrimas caem abundantemente. Seco-as, vê-la chorar me faz triste.

— Por ser tão idiota e te manter longe. Eu te amo, Rodrigo.

Beijo-a.

— Não há o que perdoar. Eu tam...

— Papai, venha receber sua primeira menina.

Eu já passei por muita coisa nessa vida, mas nada me preparou para esse momento. Ver a minha filha ser tirada da mãe com todos aqueles procedimentos e o choro... Ah, o choro... é música.

— Aqui, papai.

Pego minha filha nos braços, emocionado com tamanho milagre e

levo o pequeno pacote para Manuela. Eu não enxergo nada, as lágrimas não permitem. Ela é linda! Mostro à mamãe e logo a enfermeira me chama porque a minha segunda princesa vem ao mundo, é tão perfeita quanto a primeira. Estou muito emocionado, volto para ficar ao lado de Manuela e dizer que a amo quando percebo que algo não vai bem.

Alguns aparelhos começam a apitar e os profissionais a correr, olho para Manuela e vejo seus olhos vidrados. Não está certo... isso não...

— Manuela, olhe para mim. Por favor, meu amor, olhe-me – ela faz um movimento com a boca. Algo dentro de mim diz que é a nossa despedida, mas ela não pode morrer... — Eu a amo, Manuela. Fique comigo, minha menina.

Alguém toca em meu braço para tirar-me dali, mas não sairei. Grito para que eles a salvem, esse é o trabalho deles, e não me tirar daqui. Ouço o médico mandar que me tirem, os sons dos aparelhos estão cada vez mais altos. Quando alguém começa a me arrastar dali, vejo Manuela revirar os olhos como em uma convulsão. Gritavam para segurá-la. Minhas filhas já não estavam mais naquele lugar e tudo era um caos. Eu não posso perder a minha mulher.

Deus, por que está me punindo dessa maneira? O que inferno eu fiz para ser tão infeliz? Eu não quero viver em um mundo onde ela não exista.

É tudo muito rápido, os enfermeiros e médicos rapidamente mudam de posição. Continuam a me levar para longe dela e a última coisa que ouço antes da porta se fechar é:

— Estamos perdendo ela! – e a minha vida acaba naquele momento.

Capítulo 28 – Rodrigo



“Um ano depois...”

— Vem cá com o papai, princesa. Papai já explicou que você não pode sair por aí subindo nas coisas.

— Papa...

Eu sou o Dominador mais dominado que existe na face da Terra. Sou dominado por duas meninas de um ano. São lindas, morenas como a mãe e com os belos olhos azuis do pai. Pois é, não será fácil quando crescerem.

Rafaela é a mais velha por três minutos. Ela é um bebê tranquilo, tem hora para acordar, dormir, comer. É mais quieta também, chora pouco, dorme muito. É interessante como ela brinca concentrada em seus brinquedos. Não tenho dúvidas de que essa puxou a mim.

Isabela é o oposto da irmã. Não para quieta, chora demais, mimada demais. Minha espoleta aprendeu a subir nas coisas antes de andar. Aos dez meses, a menina subia em qualquer lugar. Apelidei-a de mulher-aranha, bastava piscar e lá estava a menina subindo na cômoda. Chora demais, come demais, não gosta de dormir e acorda Rafaela. Se você me perguntar se eu mudaria alguma coisa nela, eu responderia: absolutamente nada! Isabela tem a personalidade da mãe, é inegável.

Toda a minha rotina foi reformulada por causa delas. Comprei uma casa para que elas tenham espaço de sobra. Na empresa, tenho Arthur cuidando de tudo e mais dois assistentes para que eu possa vir para casa a hora que eu quiser. Minhas mulheres são a prioridade.

Depois de um ano, ainda me pego pensando no dia em que as meninas nasceram, foi o pior dia da minha vida e o mais feliz também. Não gosto nem de lembrar, passei um inferno na Terra. As meninas ficaram no hospital até respirarem melhor, o que resultou em quinze dias sofridos. Nasceram grandes e pesadas para gêmeos. Ainda assim, todos os cuidados foram tomados.

Escolher as babás não foi uma tarefa fácil, também tive o cuidado de adaptar toda a casa para crianças. Minha menina-aranha é perigosa. Moro perto dos meus pais que não abrem mão de conviver ao máximo com as

netas. Minha mãe se dedica na tarefa de avó e acaba compensando sua falha como mãe. Meu pai é um avô babão tanto quanto o titio Arthur. O cara é rendido aos encantos das sobrinhas.

Há pouco tempo, descobrimos que as meninas são um chamariz de mulheres. Hoje em dia, Arthur, Steban e eu frequentamos o shopping constantemente. Todas as atenções se voltam para os homens bonitos com bebês ainda mais bonitos. Steban gosta de sentar com Isabela para jogar videogame e a pequena gosta tanto que chega a dormir. Bia e Duda as tratam como bonecas, mas Bia insiste em dizer palavrões perto delas. Por causa dessa mulherada, fui obrigado a fazer um closet para as meninas.

O aniversário delas foi comemorado há dois dias com uma linda festa. Os avós e tios maternos vieram, a família é fora do comum, são todos especiais. O avô não esconde o amor incondicional pelas netas, Isabela gosta de dormir no colo dele. É uma ligação tão forte vista desde cedo. Rafaela e sua avó materna tem uma ligação especial também. Todos eles, assim como eu, vemos miniaturas de Manuela.

Todos no escritório conhecem as minhas filhas. Por causa delas, montei um berçário. Toda mãe que amamenta seu bebê pode trazê-lo no horário de trabalho. E agora, apresentaram-me um projeto de creche que estou pensando seriamente em realizar, vamos ver.

Eu tenho dado o meu melhor para ser um pai digno. Quero que elas se orgulhem do pai que tem e que os garotos me temam! Se elas ousarem a falar em namorar antes dos trinta, as colocarei de castigo pelo resto das suas vidas se for necessário.

— Cara, essa ideia de fazer a reunião aqui na sua casa foi a melhor ideia do ano – Arthur apressa o passo para pegar Isabela que está subindo na cadeira. — Princesa do tio, assim você nos fará ter um infarto cedo. Rodrigo, tudo certo para semana que vem?

— Tudo certo. Será nos jardins da casa da mãe.

— Legal. Não acha que deveria falar com a principal interessada antes?

Abro um sorriso.

— Eu falarei na hora certa.

— Vocês dois estão de brincadeira comigo, não é? – essa é a mulher da minha vida. Aquela que colore os meus dias, aquece minha cama e é

minha fonte de prazer inesgotável.

— Oi, florzinhas da mamãe. Senti saudades de vocês – ela levanta aquela sobrancelha e fica sexy para caralho. — Posso saber o que a realeza está fazendo em casa?

— Tivemos uma reunião... – Arthur começa a explicar, mas ela o corta.

— Uma reunião aqui. Não sei mais o que fazer com vocês dois, não podem largar a construtora e vir para casa a hora que quiserem. As meninas podem esperar você chegar em casa, Rodrigo.

— General está com tudo – meu irmão a provoca. — Achei que você estava na empresa.

— Não. Estava com a mãe de vocês – vocês podem estar surpresos, mas desde que Manuela saiu do hospital, a minha mãe mudou completamente. A vida dela são as netas e a adorável nora. Tudo o que faz tem que ter a aprovação da minha mulher.

— O quê? Vai comprar mais coisas para as meninas. Serei obrigado a construir outra casa só para guardar as coisas delas – falo debochado.

— Não. Ela me pediu ajuda com os jardins. Parece que vai haver um evento lá e ela queria minha opinião sobre as flores – minha mãe, enfim, joga no meu time.

— Tem certeza que existe uma hora certa? – Arthur pega a Rafaela do meu colo. — Vamos, meninas. O titio vai usar vocês para amolecer o coração de pedra da Duda.

Abraço Manuela e a beijo apaixonadamente.

— Duda está por aqui, Rodrigo? Tenho que falar com ela.

— Sim, está fugindo do Arthur – puxo seu cabelo da nuca e tomo sua boca, ela geme e aproveito para aprofundar o beijo.

— Isso é golpe baixo, Senhor Fodão – ela sussurra.

— Eu amo você, Manuela – ela me olha com amor.

Como pude viver tantos anos sem essa mulher?

— Eu também amo você, querido.

— Tem tempo para uma conversa? É coisa rápida.

— Claro. O que é? – Manuela encara-me com preocupação.

— Não aqui, precisamos de privacidade. Existem certos assuntos que ninguém deve ouvir – falo enquanto a levo pela mão. — Vem, vamos para o quarto.

Assim que entramos em nosso quarto, tranco a porta. Fiz algumas modificações quando adquirimos essa casa. A nossa suíte conta com ambientes especiais como um closet que se reverte em um pequeno parque do prazer. A maioria dos cômodos, tem cortinas automatizadas, sistema de luz especial e é toda climatizada. Usei a tecnologia a nosso favor. Alcanço o controle para baixar as cortinas e ligo o ar-condicionado. Toda essa preparação é necessária, porque ela vai precisar, o negócio será quente! Ela sai do banheiro e pergunta:

— Tudo isso para uma conversa? O que você quer me falar, Rodrigo?
– a mulher estreita os olhos em minha direção.

Aproximo-me dela e começo a tirar sua roupa. Ela reluta, desde que ganhou as meninas, tem sido uma tarefa árdua vê-la nua. Manuela se acha feia, diz que está flácida e gorda. Mulheres! A melhor forma de calá-la, é beijá-la. Quando ela se dá conta, já está nua, e eu a tocando. Deito-a na cama e amarro suas mãos na cabeceira. Nosso quarto é adaptado e também tive o cuidado de colocar isolamento acústico. Gosto de ouvir Manuela gemer alto e não quero me preocupar com minhas filhas ouvindo sua mãe gritar o nome do papai delas. Passo a mão por todo seu corpo.

— Linda, minha menina.

— Por favor, Rodrigo, eu imploro. Estou tão feia, tão gorda e essa cicatriz enorme. Se você ficar me olhando assim, pode parar de me desejar.

Passo a mão por todo seu corpo.

— Não quero que você fale isso nunca mais, Manuela. Você é linda, eu a desejo e sempre a desejarei – passo meus dedos pela cicatriz da cesariana. — Isso aqui não é uma cicatriz, e sim a doce lembrança. É a prova de amor mais linda que tive em toda a minha vida, nossas filhas – passo a língua pela marca que a atormenta. — Cada vez que eu a olhar, vou agradecer a Deus por ter me dado você.

Acaricio entre as suas pernas e logo ela está molhada. Vou ao armário e pego um acessório que ela não gosta muito. O vibrador em forma

de borboleta que vibra bem em cima do clitóris. Volto até ela, coloco o brinquedo onde quero e ligo.

— Rodrigo eu não consigo... p-pensar... ah... tira... ahhhh...

— Agora podemos conversar – sento na beira da cama e a contemplo se remexer. — Você quer casar comigo, Manuela? – desligo o vibrador.

— Novamente esse assunto? – ela está ofegante. Ligo o vibrador. — Já somos casad... ah... Deus... P-para... aaahhh...

Desligo. Estou muito excitado assistindo a isso.

— Eu quero casar de verdade, no papel, com juiz de paz e uma bela cerimônia.

Ligo o vibrador.

— Ah... Oh, céus... ah... Sim... ah... Eu me caso! Caso! Só me coma, por favor – desligo o vibrador.

Tiro a minha roupa rapidamente e entro nela, beijando-a com paixão. Já a perdi uma vez, não perderei outra.

— A quem você pertence, Manuela?

— A v-você...

Tiro todo meu pau e volto a penetrá-la com força.

— A quem você pertence, Manuela?

— A você. Só a você!

Com isso, a desamarro. Manuela liberta a fera em mim e a possuo de todas as formas possíveis e inimagináveis. Ela geme, grita, pede por mais e, principalmente, pede por mim. Eu sou um animal faminto por seus desejos, estar dentro dela me faz me sentir poderoso. Ao olhar em seus olhos, tenho a certeza de que ela é minha. *Minha para sempre!* Logo que gozamos, coloco-a em cima de mim para relaxar.

— Isso não foi um pedido de casamento. Foi uma declaração de posse – ela fala, rindo.

— Exatamente. Cansei de pedir e você dizer não. Então, resolvi tomar o que é meu por direito.

— Parabéns! Agora temos que decidir a data.

— Já está decidida – eu a comunico. — Sábado que vem.

— Não!

Ela se levanta pronta para brigar.

— Sim. Sem discussão – seguro-a sobre mim.

— Os casamentos não podem ser organizados em quinze dias, Rodrigo.

— O meu pode e será. Sem discussão, Manuela. Das poucas vezes que ousamos a conversar sobre isso, você disse que queria algo pequeno. Chegou a mencionar de ser só no civil com Arthur, Duda, Bia e Steban de testemunhas. Pensei em algo especial e pequeno que nos marcasse. O BDSM foi o que nos uniu, então, faremos a cerimônia das rosas, terá um juiz de paz e nossas famílias.

— Deixa eu adivinhar, nos jardins da casa da sua mãe?

Sorrio, confirmando as suas suspeitas.

— Sim. Sua obrigação será só com o seu vestido e o das meninas.

— Vai ter um jantar depois? – ela pergunta.

— Uma festa! Casamento só é casamento se tiver festa. A cerimônia acontecerá no centro do jardim, montaremos uma tenda à direita. Tudo decorado com as flores que você escolheu hoje.

—Tudo bem, Rodrigo – ela parece chateada.

Manuela sai dos meus braços e caminha em direção ao banheiro. Antes que ela possa se afastar muito, a puxo de volta.

— Manuela, para viver bem, eu preciso me assegurar que é minha em todos os sentidos – coloco minhas mãos em cada lado do seu rosto. — Eu a amo. E se eu tiver que fazer mil cerimônias para assegurar-me disso, eu farei.

— Eu sou sua.

— Eu sei, meu amor. Mas isso tudo é por mim, entende? É importante para mim.

Manuela beija as minhas mãos. Ela sempre faz isso em sinal de devoção.

— Eu sei, vida. E sou a mulher mais sortuda do mundo.

Ela se levanta e vai em direção ao banheiro.

— Anjo? – a chamo.

Ela se vira para mim.

— Sim?

— Encontro você no altar, minha Manuela.

* * *

— Ansioso?

— Preocupado, Arthur – ajeito a minha roupa pela décima vez.

— Com o quê?

— Que ela fuja – ele ri, mas é a pura verdade. Se tratando de Manuela, podemos esperar o pior. Arthur sai e Paula entra em meu quarto.

— Parabéns, mestre. Vim desejar toda felicidade ao casal.

— Obrigado, Paula.

— Posso abraçá-lo? – antes que eu pudesse responder que era má ideia, Paula ataca minha boca e Manuela aparece. Pelo amor de Deus! Quando isso vai terminar? De novo, não. Ao olhar Manuela parada ali, preparei-me para outra batalha. Porque, se preciso fosse, eu me arrastaria atrás da mulher.

Às vezes, me surpreendo com a minha menina, ela não é a mulher da minha vida à toa, ela tem talento natural para colocar cada um em seu lugar. Com Paula não foi diferente. E nosso dia especial assim segue. Indo para o jardim com as minhas filhas no colo, percebo o quão afortunado sou. Demorei a chegar aqui e não aceito nada menos que isso.

Decidimos fazer a cerimônia no final da tarde, perto do sol se pôr. O lugar está muito bonito, as pessoas estão animadas, os familiares, o clã e os amigos mais próximos. Eu estou ansioso e minha mulher não aparece. Nossas mães aparecem e levam as meninas, deixando-me no altar ainda mais ansioso.

Há flores brancas por todos os lados e de vários tipos. Não será um casamento normal com padre ou pastor, será celebrada entre mim e ela na presença de um juiz de paz. Será uma cerimônia tradicional do BDSM, a Cerimônia das Rosas, em que o casal assume um vínculo eterno, comprometendo-se a amar e cuidar um do outro para o resto de suas vidas.

Minha roupa é um conjunto de terno e calça creme, camisa branca, e descalço. Os outros convidados se vestiram como bem lhes aprouvessem. Minhas filhas estavam com vestidos floridos e sapatos prateados, exatamente como princesas. Olho para os meus pais, os pais dela e fico satisfeito ao ver todos sorrindo felizes. Essa festa é a concretização da minha família.

Em minhas mãos, uma rosa vermelha aberta. A rosa vermelha totalmente aberta significa a Dominação. O vermelho significa a paixão e desejo de protegê-la e possuí-la. A rosa está aberta simbolizando o amadurecimento e que estou pronto para assumir minhas responsabilidades. Ao fim da cerimônia, picarei meu dedo com o espinho da rosa e derramarei gotas do meu sangue na pétala, isso significa que a protegerei e a amarei a todo custo, mesmo que seja necessário derramar meu sangue.

A música *Bolero de Ravel* começa a tocar e, no final do tapete, está a mulher mais sexy do mundo. *Onde ela pensa que vai com aquela abertura mostrando toda a perna?* É um casamento, deveria estar toda fechada do pescoço para baixo. Seu vestido é longo, marfim e, pelo que percebo, está descalça. Seus cabelos presos com o prendedor de diamantes e Garnet Azul, uma das pedras preciosas mais raras do mundo, é perfeita para Manuela, porque a descreve muito bem, rara! Com ela, vêm seus pais e, em suas mãos, um botão de rosa branca. Meus pais se levantam e se colocam ao meu lado. A rosa branca ainda não aberta simboliza a submissão. A cor branca representa a pureza de seu presente. E o fato de ainda não ter aberto significa que a sua submissão ainda não atingiu seu total limite. A submissão pode ir sempre mais fundo, sempre crescendo e a submissão nunca vai chegar a um ponto em que não possa dar mais um pouco a seu Dominador.

Assim que seus pais a entregam a mim, todos eles se sentam. Arthur e Steban se colocam ao meu lado, assim como Bia e Duda se colocam ao lado dela. A cerimônia começa. De frente um para o outro, alcanço a sua mão e pronuncio o meu voto:

— Quando eu a conheci não foi amor à primeira vista, talvez segunda. Chegou com esse jeito Manuela de ser. Nariz em pé, tomando conta do lugar, isso me irritou. Não, na verdade, o que me irritou foi que você chegou tomando conta de mim. Agradeço a Deus por ter me dado você e agradeço a você por ter me dado o maior presente da vida, minhas filhas.

Então, Manuela Patrícia Vasconcelos, minha menina, de hoje em diante, eu sou sua força, seu escudo e seu tudo. Todas suas dúvidas, anseios e problemas serão meus. Resolverei e sanarei cada um. Verá o mundo pelos meus olhos, escutará os passarinhos pelos meus ouvidos, porque é uma extensão minha. Ninguém chegará até você sem que antes passe por mim, sou sua fortaleza, seu abrigo. Comprometo-me a amá-la enquanto viver, zelar pela nossa família e fazê-las felizes.

Arthur me dá a aliança e coloco em seu dedo enquanto falo:

— Com esta mão, espantarei as suas tristezas, sua taça nunca estará vazia, pois eu serei o seu vinho. E, com esta aliança, declaro que você é minha – com o espinho da rosa vermelha que seguro, pico o seu dedo anelar, onde coloquei a aliança, e pingo uma gota de sangue dela sobre a rosa branca. — A partir desse momento, tomo seu destino em minhas mãos e para sempre a protegerei e guiarei por toda a eternidade.

Manuela, visivelmente emocionada, diz seus votos:

— Você é o homem mais maravilhoso que já conheci. Um pouco teimoso e, às vezes, chega a ser arrogante, coisas que somadas ao resto o transformam nesse perfeito *gentleman* que é...

Eu a interrompo.

— E gostoso. Não pode esquecer esse detalhe muito importante – todos riem.

— Ah, sim, como pude esquecer disso, e é também muito modesto. Enfim, meu príncipe...

— Você disse que não acreditava em príncipes, querida – ela está ficando brava, e eu excitado.

— Posso continuar? – eu aceno afirmativamente. — Muito obrigada. Jamais imaginei que pudesse ser tão feliz assim. Deus o colocou em meu caminho um homem especial que tem prazer em me orientar, ajuda-me a crescer como ser humano e está sempre de braços abertos para me receber sem julgamentos. Muito enfrentamos até chegarmos aqui, passamos por muita coisa para sermos felizes juntos. Mas tudo isso só me deu a certeza de com quem quero estar e onde quero estar. E, cada vez que me toca, sinto-me viva. Cada vez que me beija, mata a minha sede. Cada vez que me toma em seus braços, realizo-me por inteira. Cada vez que me olha, tenho a certeza de que aqui é o meu lugar – ela coloca a aliança em meu dedo e

beija a minha mão. Sua devoção em frente a tantas pessoas me comove. Não há como não me emocionar. — Rodrigo Alcântara e Castro, amei- quando você sorriu, amei-o quando você me mostrou como viver. Amei-o desde o primeiro olhar.

Ela me entrega sua rosa branca e eu pico meu dedo anelar e deixo cair gotas do meu sangue sobre a flor. Unimos nossos dedos cortados e decreto a nossa união:

— Faço desse ato o símbolo de nossa união. E, nesse momento, que toda a energia de nossos corpos se unam fazendo eterno nosso amor.

Nesse momento, as rosas são entregues aos padrinhos que tiram pétala por pétala e guardam em uma pequena urna de vidro, simbolizando que são testemunhas e guardiões da nossa história. Entregam a urna para Manuela que fala:

— És mestre de toda minha vida, és dono de tudo o que sou. A ti entrego os meus dias, minha vida e minha devoção. Guardarei a união dessas rosas como símbolo da união do nosso coração.

Todos aplaudem e o juiz de paz declara em alto e bom som.

— Rodrigo Alcântara e Castro e Manuela Patrícia Vasconcelos, neste momento, eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Eu a beijo com todo amor que um homem pode sentir por uma mulher. Depois das assinaturas e algumas fotos, seguimos para a tenda onde acontecerá a festa. Em meio a cumprimentos, carinho e choro, Arthur pede a palavra. Nada bom... nada bom.

— Boa noite a todos. Fizemos um sorteio entre os padrinhos para ver quem faria o discurso. Admito, eu roubei. Não queria perder a oportunidade de falar deles. Todos sabem que foram feitos um para o outro, não pode existir na face da Terra duas pessoas tão chatas e certinhas assim, só poderiam ser almas gêmeas – todo o lugar ri. — Brincadeiras à parte, o Rodrigo cuidou de mim a vida inteira. No momento mais conturbado, ele me acolheu e deu um caminho a seguir, papel de irmão mais velho. Cara, eu amo você! Suas filhas terão orgulho do pai que tem, poucos são como você, e eu sou privilegiado por tê-lo como exemplo de vida – esse filho da puta sabe como falar. — General Manuela, você não foi um presente só para ele, mas para todos nós. Você chegou chegando, quem a conhece sabe do que eu estou falando. Quando você levanta essa sobancelha do mal, nossa vontade é de bater continência, não é verdade,

peçoal? – alguns concordam e outra onda de risos toma conta do lugar. — Bom, eu a amo por ser minha amiga, conselheira, por não se importar em puxar minhas orelhas e nem me ameaçar de castração. Isso é sério, meus senhores. Obrigado por fazer meu irmão feliz, obrigado por nos fazer felizes e, o principal, obrigado por me dar lindas sobrinhas. E antes que alguém grite “serão minhas noras”, saibam que já estou treinando MMA. Malandro não vai se criar com as minhas princesas. Enfim, obrigado aos dois por existirem e serem parte da nossa vida.

Assim que ele termina seu sério discurso, Manuela pula em seus braços. Se eu não soubesse o caso de amor fraterno que liga os dois, eu já teria matado meu irmão há muito tempo. Eu o abraço.

— Eu que sou feliz e agradecido por ter um irmão caçula como você.

Alguém anuncia a dança dos noivos e então levo a minha esposa a pista de dança. As primeiras notas da nossa música *Kiss From a Rose* soam, fazendo os seus olhos brilharem. Beijo a sua mão e a trago para mim. Beijo o seu pescoço e canto em seu ouvido.

(...) Há tanto que um homem pode te dizer. Tanto que ele pode falar, tanta coisa por dentro. Você continua a ser minha força, meu prazer, minha dor. Para mim você é como um vício crescente que eu não posso negar. Você não dirá se isso é saudável, querida? Mas você sabia, que quando neva os meus olhos se tornam maiores e a luz que você emite pode ser vista? Querida, eu comparo você com um beijo rosa sobre o cinza (...).

— Você é um romântico incurável, Senhor Fodão.

— Você faz isso comigo – e quando estou pronto para me esfregar nela, o DJ troca a música. Outras pessoas tomam conta da pista. Minha mãe vem me tirar para dançar e perco minha esposa de vista.

Depois de dançar com quase todas as mulheres presentes, procuro a minha esposa e, em meio aos convidados, a encontro dançando absolutamente linda! E no meio daquela dança sensual, em que ela remexe e contorce todo seu corpo, Manuela pisca para mim e meu pau dá sinal de vida. Vou ao seu encontro e a agarro. Minha intenção é clara.

— Quero-a agora, Manuela.

— Sou toda sua – essa mulher será minha morte.

Capítulo 29 – Manuela



Há certos momentos na vida que requerem que o filme de toda nossa trajetória passe em nossas cabeças, e esse momento é um deles. Estou com o microfone nas mãos para fazer uma surpresa ao Rodrigo e tudo o que passamos até chegarmos aqui volta em minha lembrança. Não foi fácil, em certos momentos, achei que não suportaria ficar longe dele. Essa distância foi necessária para provar a mim mesma que sou completamente louca por esse homem.

Meu parto foi bem tumultuado, muitas pessoas, muitas informações, uma dor lancinante que ia e voltava. Logo depois que vi as meninas, comecei a passar mal. Parecia que algo me apertava por dentro, minha cabeça doía, tudo muito estranho. Tentei pedir ajuda, mas não consegui e minha última lembrança foi ouvir “eu amo você” do Rodrigo.

Quando acordei, sabia que estava no hospital, só não contava ver a mãe dele velando meu sono. Ela estava tão abatida, parecia que não dormia há dias. E, pela primeira vez, a vi despojada de toda a sua pompa e circunstância.

— O-oi – essa voz é minha? Minha garganta está seca, minha boca machucada. Assim que ela me ouve, se coloca ao meu lado.

— Oi, Manuela. Oh, minha filha, que bom que acordou – eu via real preocupação em seus olhos.

Passei a mão pela minha garganta e vi que estava ligada a vários aparelhos. Quando ela ia apertar o botão para chamar a enfermeira, perguntei:

— O que houve, Dona Rosita? Por que eu me sinto como se um caminhão tivesse me pego em cheio?

— Está com dores? Vou chamar a enfermeira.

— Por favor, me responda primeiro.

Ela pega minha mão.

— Você fez quadro de eclampsia logo após o parto. Os médicos não esperavam por isso. Induziram você ao coma para estabilizar sua pressão para não correr o risco de graves sequelas.

— E as meninas? – minhas lágrimas caiam. — Diga-me que elas estão bem.

— Calma, filha. Elas estão muito bem. Nasceram grandes, fortes e lindas.

Uma enfermeira aparece.

— Bem-vinda de volta, mamãe!

— Obrigada. Posso ver as minhas filhas?

Ela respondeu enquanto checava as máquinas e removia meu oxigênio.

— Assim que o médico vier examiná-la, você poderá ver suas filhas. Que, por sinal, são lindas.

— Por quanto tempo fiquei apagada?

— Por oito dias – a enfermeira respondeu.

O médico entrou. Ah, não! Ele não! Cadê o meu obstetra?

— Olá, Manuela. Bom tê-la de volta.

— Oi, Júlio César – Dona Rosita olha com estranho interesse. Deve estar bolando um plano para me jogar em cima do médico para livrar o filho. — Você já conhece a mãe do Rodrigo? – aponto para a senhora.

— Sim, já. Sua sogra é bastante famosa pelos corredores do hospital – levanto a minha sobrelanceira. Desculpem, é algo incontrollável. Meu supercílio tem vida própria. Continuo sem entender, até que ele continua. — Estavam disputando a atenção do seu marido a tapas, mas ela se fez bem clara com o quanto ele é bem casado e que você acordaria a qualquer momento – olho para ela e sorrio. Essa é minha sogra! *Ê lelê!* — Está sentindo alguma coisa? Dores, náuseas, tonturas?

— Sinto meu corpo dolorido e minha boca machucada – respondo.

— O corpo é normal. Vou administrar um remédio e ficará tudo bem. Quanto à boca, você deve ter mordido quando convulsionou, logo melhora. Mandarei remover os aparelhos e trazer uma refeição para você.

Assim que se ajeitar e estiver satisfeita, a levarão para ver suas filhas.

— Obrigada – gostaria de ver o Rodrigo. Será que ele se arrependeu de dizer que me ama? Será que ainda vai me amar?

E como se ele lesse meus pensamentos, aparece.

— Eu não suporto aquele cara! – ele entregou o café para mãe, e eu estou quase saltando da cama para abraçá-lo, até que ele me olha. — Acordou, anjo – ele sentou na beira da minha cama e acariciou meu rosto. — Você está bem, Manuela?

Lágrimas caíam sem ter permissão. Desde quando fiquei tão chorona?

— Sim.

— Eu amo você, Manuela. E você me assustou depois do parto. Nunca mais faça isso, por favor. Envelheci uns dez anos – seu celular tocou e ele olhou o visor. — Arthur liga mais ou menos cem vezes por dia para saber se você acordou, fora a Bia, Steban e Duda que passam todos os dias por aqui. Vou atender lá fora enquanto você come, pode ser? Tenho que repassar o valor de um projeto – ele me beijou. — Quero resolver isso de uma vez, depois a levarei para ver as nossas princesas, tudo bem?

— Sim – Rodrigo saiu, deixando sua mãe e eu... sozinhas.

Ela se aproximou.

— Manuela, eu sei que não é o melhor momento, mas... – ela se quebrou em lágrimas. — Quero o seu perdão por todo mal que causei. Sei que errei muito com você e minhas netas. E, enquanto eu viver, mesmo que eu as compense todos os dias, ainda não será o suficiente.

Alcansei a sua mão.

— Calma, dona Rosita. Já passou.

— Não. Eu preciso me redimir de tudo o que fiz e falei a você. Quando você chegou de viagem e encontrou Bárbara na cama do Rodrigo, foi armação. Eu dei a ela a chave que tinha do apartamento e disse para ela usar da melhor forma possível. Fiquei sabendo através do Arthur que você viajaria e repassei essa informação a ela.

— Eu sabia que era armação, mas o meu afastamento do Rodrigo foi por medo de que toda nossa vida fosse dessa maneira. Assim como a senhora quer o melhor para os seus filhos, quero para as minhas filhas.

Quero que a senhora saiba que amo seu filho, todo esse tempo em que estávamos separados, eu sofri muito. Eu sou louca por ele.

— E ele por você – ela sorriu. — Eu sei de tudo isso, minha filha. E, sinceramente, eu peço a Deus que você me perdoe algum dia. Eu já vou ter que conviver com a culpa de quase ter destruído a vida dele. E preciso que você me perdoe, Manuela.

— Já está perdoada – em algum momento, algumas atitudes nossas mudam. Paramos de nos preocupar com coisas pequenas para aproveitar o que realmente importa. Por que não a perdoar? Ela será uma avó maravilhosa para as meninas. Assim espero.

Ela me abraçou e continuou a chorar. Entendo que ela precise desabafar, não é fácil reconhecer que foi uma cadela. Rodrigo entrou no quarto e me disse:

— Obrigado.

Ela se afastou e falou:

— Obrigada a vocês dois por me darem uma segunda chance.

— Dona Rosita, a senhora pode fazer um favor para mim? Eu comprei muitas roupinhas de cor neutra, mas não contava que seriam duas pessoinhas. A senhora poderia comprar algumas roupinhas para as meninas? Rodrigo, sabe onde minha bolsa foi parar? Preciso pegar o cartão...

— Não! Estou indo às compras. Para minha nora e para as minhas netas, é o mínimo que posso fazer.

Depois que saí do hospital com minhas filhas, ela já tinha uma série de babás para entrevistarmos, não aceitou a ideia de ficarmos no apartamento e nos levou para a casa dela. Nesse meio tempo, compramos uma casa a uma quadra da deles. Desde lá, nossa relação tem sido muito harmoniosa. Hoje, um ano depois, posso dizer sem medo, eu amo a minha sogra.

Rodrigo e eu vivemos muito bem, ele se adaptou às meninas muito rápido. Mudou toda a sua rotina por nós. Sai mais tarde de casa e volta mais cedo, isso quando ele e Arthur não fogem para fazer reunião em nossa casa. Que, por sinal, é enorme! Não entendi por que comprar uma casa deste tamanho. Adorei a ideia das meninas terem espaço, só que é grande demais e linda. Tem seis quartos, sete banheiros, duas salas enormes, uma cozinha

que deixa qualquer chef eufórico. Um quintal maravilhoso, um jardim lindo que precisa de cuidados. Tive que me adaptar a ter empregados, amo meus colaboradores domésticos, eles fazem parte da família.

Saí da Ideals, mas continuo na construtora, agora como diretora-geral. Tenho a liberdade de fazer meus horários, minhas filhas sempre vêm em primeiro lugar. Fizemos um berçário na empresa e, se tudo der certo, ampliaremos e será uma creche para crianças até quatro anos. Estou à frente desse projeto e logo sairá do papel.

Minhas filhas são... ai... ai... procuro palavras para descrever todo amor que tenho. Impossível. É inexplicável! São morenas como eu, mas com os olhos azuis do pai. Se vocês as verem no colo dele, verão como são a cara dele. É impressionante! Isabela é fogo na roupa. A menina começou a escalar antes de andar, Rafaela não. Ela é metódica como pai, engatinhou, andou e não sobe em nada, provavelmente porque acha deselegante. Isabela não quer nem saber, sobe e pronto.

Há dentes e machucam, ainda amamento as duas pelo menos duas vezes ao dia. É o meu maior prazer, é o momento em que o mundo se resume a nós três... ou quatro quando o pai vem assistir. Produzo muito leite e os meus seios aumentaram muito. As atrizes americanas de filmes pornô não são nada comparadas com a mamãe aqui. As meninas já estão parando de mamar, uma pena. Depois que descobriram leite no copinho, estou perdendo o lugar, pelo menos com elas. Ao contrário do pai.

Outro dia, meus seios empedraram, fui tomar banho morno para me ordenhar, coisa feia de se dizer, mas qual a palavra correta para isso? Bem, lá estava eu com os meus seios doloridos demais quando meu amoroso marido entrou para me ajudar. Rodrigo se colocou atrás de mim e disse-me para deitar a cabeça em seu ombro. Dessa maneira, somente os meus seios ficaram sob a ducha. Com óleo, ele começou a massagear em círculos e o que era para ser dolorido e nada erótico Rodrigo tornou prazeroso. Depois que eu estava miando como uma gata no cio, ele veio à minha frente e chupou cada um para que saísse leite. Ele experimentou e, pelo tempo que ficou, deve ter gostado. Enquanto ele alternava entre um e outro, sua mão foi para meu clitóris. Que experiência foi aquela. Surreal e extraordinariamente sexy!

Há meses, Rodrigo vinha falando insistentemente em casamento. Moramos juntos e fizemos tudo juntos há um ano. Nunca pensei em casar, entrar na igreja, muitos convidados, a maioria que a gente não conhece ou

não vê desde que nasceu. E mais, acredito que assinar um papel não fará diferença. Até o dia que ele me pegou de jeito no quarto com aquele vibrador horroroso. Só de pensar, já aqueço... aquele aparelhinho é do mal.

Depois que aceitei me casar por livre e espontânea pressão, Dona Rosita apresentou-me um organizador de casamento fantástico e muito gay, do tipo “bafônico”. Cada vez que Guilherme ou Gui, como gosta de ser chamado, aparece, Rodrigo arranja uma desculpa e logo sai. Não é preconceito. É que outro dia aconteceu um fato interessante, Gui entrou no meu quarto sem bater e pegou Rodrigo nu. De lá para cá, Gui é um homem apaixonadérrimo pelo meu bofe. O que ele tem de “bafônico”, tem de bom gosto. O lugar ficou um espetáculo.

Mas, momentos antes da cerimônia, tive um contratempo. Alguém bateu à porta do quarto em que eu estava me arrumando e disse-me que o Rodrigo precisava falar comigo urgentemente. Como ainda não estava com o vestido, saí correndo de roupão. Achei que tinha acontecido alguma coisa com as meninas, já estava ficando desesperada. Quando entrei no quarto que ele estava, dei de cara com uma cena digna de novela. Paula, a ex-submissa venenosa, agarrada ao meu futuro marido, aos beijos. Ela o soltou e virou-se para mim.

— Ops!

Rodrigo, mais que depressa, explica:

— Manuela, não é o que você está pensando. Essa maluca...

Eu a imito e dou de ombros.

— Ops! É muita falta de noção mesmo – fico olhando entre um e outro. Meu Deus! Isso aqui parece novela das oito, o galã gostosão que arrasa os corações do elenco inteiro, a mocinha chorona e a vilã doida de pedra. Precisava ser no dia do meu casamento? E olha que eu nem queria casar. Com toda paciência que Deus não me deu, trato o assunto da melhor maneira possível. — Flor, você já beijou meu marido, está esperando o que para sair daqui? Que eu desista desse casamento?

Ela me olha e fala debochadamente:

— Só vim dar meus parabéns ao noivo e acabou...

— Minha querida, acha mesmo que eu vou cancelar meu casamento por causa de um beijo? Gente, vocês andam vendo muita novela! Amada, para desistir desse casamento, eu teria que ter pego vocês dois na cama, ele

a fodendo loucamente enquanto fala o seu nome. Ainda assim, duvidaria.

— Mas...

Ela está vermelha de raiva. O que a criatura esperava?

— Paula, não tem “mas”. Acabou! Ele me escolheu, é meu marido. Perdeu, gata.

Ela saiu furiosa batendo a porta. Rodrigo me abraçou e me beijou.

— Eu a amo, minha Manuela. E cada vez a amo mais.

— Eu também o amo, bonitão. Só, por favor, pare de desencavar mulheres doidas pelo menos no dia do nosso casamento?

Quando tomei conhecimento do que Rodrigo queria para a cerimônia, o vestido perfeito veio logo à minha cabeça. No jantar do Jockey Club, quando estive com a estilista, ela me mostrou um vestido que estava terminando. Ele se tornou meu sonho de consumo. Fui falar com ela e, por uma daquelas coisas inexplicáveis da vida, ela não o tinha terminado e ninguém tinha o visto. Então, ela o terminou para o meu casamento.

O corpete é todo de renda com um decote generoso. A saia é abundante em chiffon com uma fenda na frente que vai do começo da coxa aos pés, deixando toda a minha perna de fora. Escolhemos casar descalços para simbolizar que estamos firmando nosso compromisso com os pés no chão. Meus cabelos estavam presos em um coque frouxo com uma presilha de diamante e Garnet azul que ganhei do Rodrigo. Meus brincos eram simples com um diamante e combinava com um bracelete do mesmo conjunto.

Andei em direção ao altar segurando apenas um botão de rosa branca e na companhia dos meus pais. Assim que iniciou a música, os pais de Rodrigo se levantaram e se colocaram ao lado dele. Rodrigo é um homem que a palavra “lindo” não é certa para descrevê-lo. O homem é um Deus da beleza, aqueles olhos azuis puxam qualquer uma para o abismo. Alto, forte, tudo nele exala virilidade e o sorriso é de fazer qualquer uma gozar. Ele está de terno e calça marfim e camisa branca, um espetáculo da natureza.

Foi emocionante percorrer aquele corredor ladeado por pessoas que amamos e que estavam ali para serem testemunhas de um dia importante da nossa história. Nem em meus melhores sonhos, poderia imaginar casar com o homem da minha vida e que esse homem seria o

Rodrigo. Nunca imaginei que teria duas pequenas e lindas meninas que preencheriam os meus dias com muita cor.

A cerimônia foi linda, os votos dele me fizeram chorar como uma boba. Arthur, Duda, Bia e Steban que também participaram da cerimônia que a maioria das pessoas não compreendeu como testemunhas da nossa história. Minha família não está preparada para ouvir que a pequena Manuela gosta de apanhar no sexo. Porque é assim que as pessoas veem o BDSM. Mas, na verdade, esse estilo de vida é muito mais que isso, é mais que apenas sexo. É amor, compromisso, é permitir-se ser livre e servir a quem se ama.

A tenda estava repleta de pessoas, tudo muito branco como pedimos. Se via muito pouco de cores, alguns verdes e lilases, mas nada que tirasse o foco do branco. As louças, os talheres, tudo minuciosamente escolhido para dar esse ar de luxo. Não tem uma mesa de destaque para os noivos se sentarem. Achamos melhor uma mesa maior no centro da tenda, onde sentaram-se conosco nossos pais e irmãos. A pista de dança, o palco para o DJ e a banda se apresentariam estava à esquerda. Tudo perfeito!

Rodrigo planejou muita coisa do que aconteceu, a nossa dança foi ao som de Seal foi uma delas. Ele cantou em meu ouvido, fazendo-me sentir a mulher mais amada do mundo... e quase gozei. Eu tenho uma quedinha por aquele homem... Julguem-me! Ele só não esperava que eu tivesse uma surpresa para ele. E agora aqui estou, com o microfone na mão, nervosa para caramba.

A banda começa a tocar a música *I Have Nothing* e todos se voltam para me olhar no palco. Rodrigo encara-me com aqueles olhos azuis e o sorriso de canto, hipnotizando-me. *Concentre-se, Manuela! Vamos lá, garota, agora é tudo ou nada.*

— Senhor Fodão, essa é para você – aponto para ele. (...) *Compartilhe a vida comigo. Aceite-me pelo que sou, porque nunca mudarei todas as minhas cores por você. Pegue, meu amor. Eu nunca pedirei muita coisa, apenas aquilo que você é e tudo aquilo que você faz.*

Eu não preciso realmente olhar muito longe. Eu não quero ter que ir aonde você não me acompanhe. Eu quero segurar de novo esta paixão aqui dentro. Não posso fugir de mim, não tem onde me esconder. Não me faça fechar mais uma porta, eu não quero mais esse sofrimento. Fique em meus braços se você tem coragem. Ou devo eu imaginar você aí? Não fuja para

longe de mim, eu não tenho nada, se eu não tenho você.

Você vê direto em meu coração. Você derruba as minhas paredes com a força do seu amor. Eu nunca conheci o amor como o que conheci com você. Será que nossas lembranças vão sobreviver? Uma eu posso segurar. Eu não preciso realmente olhar muito longe. Eu não quero ter que ir aonde você não me acompanhe. Eu quero segurar de novo esta paixão aqui dentro. Não posso fugir de mim, não tem onde me esconder. Você é o amor que vou me lembrar para sempre (...).

Depois de cantar, entre minha emoção e os aplausos, continuo o meu discurso:

— Obrigada. Bom, eu não sou uma pessoa muito boa com palavras, ainda mais aquelas que falam de sentimentos, mas farei o meu melhor. Todos esses anos, achei que poderia viver sem amar, pensava que amar era para os fracos, tola. Todas essas certezas caíram por terra assim que o conheci – encaro o meu marido que está visivelmente emocionado. — Você me ensinou tantas coisas, derrubar barreiras, ultrapassar os meus limites, fez-me crescer como mulher e como ser humano. Você me ensinou o que realmente é pertencer. Muitos não entendem o que significa “pertencer”. Pertencer não é só conviver com uma pessoa, não é só amá-la, não. Pertencer é se doar para alguém e saber que você só existe para agradá-lo, é tomar como tarefa de vida e fazer com prazer. Muitos devem ter ficado um pouco chocados em saber que você é meu Dono, não faço nada sem sua prévia autorização, não falo, não me movimento...

— Esse homem opera milagres, é um santo. Vamos canoniza-lo, cunhado – meu irmão se mete onde não é chamado, e todos riem.

— Posso continuar? Obrigada. Hoje em dia, o amor é tão frívolo, falar “eu amo você” se tornou banal. Fazer juras de amor eterno se tornou clichê, porque ninguém acredita mais. Para nós, existe uma expressão que é mais do que o “eu amo você”. É mais que “sou sua”... – ajudam-me a descer do pequeno palco e ando até o meu marido. De frente com o homem da minha vida, declaro. — A partir de hoje, sou Manuela Vasconcelos Alcântara e Castro. Menina, submissa e esposa do Mestre Rodrigo Alcântara e Castro, Dono de mim!

Epílogo

Entrevista com o senhor Mestre Dominador Rodrigo Alcântara e Castro, mais conhecido como o Senhor Fodão.

Rodrigo foi gentil em receber a autora em sua casa. Sentada na sala de estar em frente ao homem, Katherine nos proporciona um bate-papo interessante.

Katherine: Obrigada por participar dessa entrevista, Rodrigo. É um prazer poder conversar com uma figura ilustre.

Rodrigo: Imagina. O prazer é todo meu.

Katherine: A Manuela e as meninas estão bem?

Rodrigo: Estão muito bem, obrigado por perguntar. Tenho que agradecê-la por ter me dado uma mulher incrível e duas meninas lindas. Obrigado, Katherine.

Katherine: Imagina. Poderia responder algumas perguntas sobre o BDSM?

Rodrigo: Quantas perguntas quiser, senhora Laccom't.

Katherine: Se você não parar de sorrir assim, essa entrevista não sairá hoje. Vamos lá. A maioria das pessoas não sabem como definir o BDSM, algumas dizem que é violência contra a mulher, outros dizem que é doença, os praticantes dizem que é um estilo de vida. Poderia nos dizer, em uma explicação simples, como definir isso?

Rodrigo: O BDSM é a busca do prazer em uma espécie de jogo onde os participantes jogam sob as regras do SSC, que é a sigla para São, Seguro e Consensual. Há aquele que será o dominante e há quem se submeterá, lembrando que tudo é consentido e as partes devem conhecer a fundo os limites do outro. Buscar prazer de formas variadas não é doentio. Só demonstra que sabemos exatamente o que queremos. O BDSM condena a violência de qualquer forma, quando se é contra a mulher, é ainda pior.

Ninguém anda com um chicote na cintura surrando tudo o que se move. Longe disso. Só nos envolvemos quem, em sã consciência, aceita a jogar com segurança.

Katherine: Liga-se o BDSM a dor. Realmente é assim?

Rodrigo: Não é assim. Primeiro, temos que deixar claro que há quem goste de dor para estimular a sua libido e há quem não goste, isso é respeitado. A maioria das pessoas não gosta de sentir dores, eu não gosto de sentir e nem de infligir em alguém. As práticas giram em torno do prazer, então há pessoas que devem ser estimuladas sexualmente para depois desfrutar da prática, como o spanking, por exemplo. Spanking é prática de bater, pode ser com acessório ou não. E segue parâmetros, como partes que são proibidas, até onde se pode aplicar para que não se torne algo ruim para os jogadores, lembrando sempre de que é algo para ambas as partes desfrutarem. Quando uma pessoa está estimulada sexualmente, essa picada de dor pode elevar o desejo. Agora, há aqueles que preferem a dor como estimulação. Esse grupo procura pessoas que combinem com eles, é algo restrito. Mas também não devem ser condenados, pois cada um faz da sua vida o que bem entender.

Katherine: Onde a palavra segura entra?

Rodrigo: A palavra de segurança é importante principalmente para a parte que se submete, pois é ela que tem o poder, é ela quem decide os limites dessa parceria e ela quem controla com a palavra segura ou *safeword*.

Katherine: Hoje vemos um cenário de BDSM romantizado, onde as partes confundem os papéis, abrem mão de sua segurança para conquistar um amor e, às vezes, se colocam em risco para experimentar esse mundo de prazeres. Você, como um dominador que está nisso há anos, o que acha?

Rodrigo: O meio BDSM é o último lugar do mundo que alguém deveria buscar um amor. As pessoas estão em busca de prazer e satisfação pessoal. Não há romance, há carinho e proteção, há atenção. Mas amor, não. Abrir mão da segurança por causa de uma conquista não é só errado, é absurdo. Falo isso como conselho para a vida, jamais abra mão de quem é ou do que protege, para conquistar alguém. Se a outra parte exigir tal coisa, fuja! Isso não pode ser bom. Por mais que muitos queiram experimentar, não é aconselhável. Nem todos são fortes ou decididos o suficiente para levar esse tipo de relação adiante. É daí que vem a frustração e,

consequentemente, a ruína. Cuidado e atenção sempre!

Katherine: Você assistiu os filmes daquele livro que fala sobre a temática, em que o protagonista tem problemas na infância e descobre nesse mundo de fetiches um modo de fuga para os seus traumas e, por fim, ele encontra na protagonista o amor que o redime?

Rodrigo: Minha esposa me obrigou a assistir aos filmes. De antemão já falo, não fazem o meu tipo. Então, vejo a ilusão que montaram ao redor dessa história. As pessoas, principalmente as mulheres, devem entender que um cara como aquele, cheio de traumas e com ideias de perseguição obsessiva, em um mundo real, provavelmente seria um psicopata. O filme é um romance em que um cara comum que gosta de praticar BDSM se apaixona e encontra a redenção, o tema do filme não é BDSM. Ele não é referência para o meio. Fora que a maioria de nós não é rico, nem bonito e nem pilota um helicóptero. Você assistiu, Katherine?

Katherine: Claro que sim! Aquele homem... viu o corpo dele? Não revire os olhos, Rodrigo.

Rodrigo: Só queria entender como ele sobrevive a uma queda de helicóptero, perde o telefone e ainda continua com a bendita caixa de presente. E o cara nem é tão bonito assim, sou muito melhor que ele em todos os sentidos.

Katherine: Sobre a queda do helicóptero, só tenho algo a dizer: ele pode tudo! Quem é o Super-homem perto daquele homem? Ninguém! Eu não lembro de tê-lo criado tão modesto assim, Senhor Fodão. Voltando ao assunto, existe mesmo essa coisa de contrato?

Rodrigo: Sim, há. O contrato não tem valor jurídico, mas ele ajuda a manter a relação dentro dos limites em que as partes fiquem confortáveis. Não precisa ser tão detalhado como aquele do filme/livro, mas deve conter coisas importantes, como os limites que não deverão ser ultrapassados em hipótese alguma.

Katherine: Falando de submissas, vimos que Manuela não possui nada de submisso, mas, ainda assim, ela se submete a você com alegria. Para alguns, isso não é compatível, como uma mulher que manda pode ser mandada?

Rodrigo: A minha mulher é um exemplo das mais sublimes submissões e é linda. Muitas pessoas não entendem a submissão, acreditam que as mulheres que se submetem a isso são sem personalidade, carentes,

o que na realidade não é. As praticantes de BDSM que são submissas são mulheres fortes que sabem o seu lugar no mundo. Sabem o que querem e não aceitam menos do que a satisfação dos seus desejos. Há advogadas, médicas, empresárias, executivas que são submissas, que se submetem a alguém que despertou a sua submissão. Assim como há homens poderosos que gostam de se submeter a Dominadoras. Como já falei, o BDSM não é lugar para buscar amor, não entrem nisso achando que encontrarão um amor eterno. E, por favor, não entrem nisso para se encontrar.

Katherine: Suas últimas palavras lembram contraindicação de bula de remédio, Rodrigo.

Rodrigo: Podemos encarar exatamente assim, contraindicação. Para pessoas carentes que estão em busca do amor, pessoas frustradas que estão em busca de se encontrar no mundo, pessoas com depressão ou que estão passando por uma fase ruim, o BDSM é contraindicado. Estamos falando de um jogo entre adultos, onde há regras exigentes e pessoas de mente aberta em busca de satisfação pessoal e sexual. Minha esposa é executiva, comanda a nossa construtora com mais de dois mil funcionários, em que a maioria é homem. Ainda assim, Manuela se submete a mim. Só a mim. Porque conquistei a sua submissão. Esse tipo de conquista não é recorrente, acontece uma vez entre cem. Leva tempo conhecer e conquistar a confiança, mostrar quem é você, para que a outra parte confie o suficiente para entregar-se. Não tenho dúvidas de que só conquistei Manuela porque sou tão forte quanto ela. Outro homem... outro dominador, não teria o mesmo sucesso.

Katherine: Algum conselho para quem ficou deslumbrado com o BDSM?

Rodrigo: Tenham cuidado! O BDSM não é a mesma coisa que nos livros, não há romance. Os que leem em livros de ficção, é ficção! Geralmente, são homens pensados por mulheres, ou seja, é a personificação de tudo aquilo que elas desejam. O mundo real é diferente e não perdoa.

Katherine: Obrigada por sua paciência, senhor Alcântara e Castro. Desejo felicidades a você e a sua linda família.

Rodrigo: Eu que agradeço por contar a nossa história.

Continua...

